

TRABALHOS PÔSTERES ELETRÔNICOS APRESENTADOS

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P001>

P-001 – BUSCA ATIVA DAS PARCERIAS SEXUAIS DE GESTANTES COM SÍFILIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE DE RAPOSA (MA)

Livia Cristina Sousa¹, José Adailton Roland Diniz¹, Paulo André Melo Oliveira¹, Gláucia de Oliveira Costa¹, Antonia Yara Moreira Lima Silva¹, Alessandra Coelho Vivekananda Meireles², Marconi Relnner Mesquita Viana³

¹Secretaria Municipal de Saúde

²Centro Universitário do Maranhão, Universidade CEUMA

³Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Livia Cristina Sousa

E-mail: livia4dotora@gmail.com

Introdução: A falta de tratamento dos parceiros sexuais é um dos principais entraves para o controle da sífilis. As parcerias sexuais das pessoas acometidas pela sífilis têm um importante papel na transmissão da doença. **Objetivo:** Relatar as atividades desenvolvidas, bem como os resultados da busca ativa para tratamento das parcerias sexuais em Raposa (MA). **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência tendo como referencial as ações de busca ativa desenvolvidas pela ESF. Realizou-se um levantamento das parcerias sexuais não tratadas para sífilis a partir dos casos notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Realizou-se convocação para testagem e tratamento das parcerias. As ações foram desenvolvidas nos anos de 2017 a 2019. **Resultados:** A busca ativa por meio de ação de testagem permitiu-nos localizar 7 dos 13 parceiros sexuais de gestantes com sífilis não tratados. Durante a abordagem dessas parcerias, realizou-se testagem, e os casos positivos iniciaram o tratamento conforme o protocolo clínico de manejo da sífilis e foram encaminhados para coleta de sangue para o Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas e seguimento clínico em unidade básica de saúde escolhido pelo contato. Aproveitando-se a oportunidade, verificaram-se a situação vacinal em relação à hepatite B e o rastreamento das outras infecções sexualmente transmissíveis e realizaram-se ações de educação em saúde sobre a sífilis e mandala de prevenção combinada do vírus da imunodeficiência humana. Durante as ações de testagem foram encontrados casos suspeitos para sífilis, nenhum caso reagente para hepatite B e C, e todos sem a comprovação vacinal para hepatite B. Para as outras parcerias sexuais não encontradas durante a busca, agendou-se posterior comparecimento à unidade básica de saúde ou nova busca ativa. **Conclusão:** É significativo o benefício gerado pelas ações de busca ativa das parcerias sexuais, uma vez que fornece subsídios para a identificação de possíveis focos da doença e elaboração de estratégias para seu controle, além de promover o diagnóstico precoce, evitando-se as sequelas do diagnóstico tardio.

Palavras-chave: sífilis, parceiros sexuais, atenção primária de saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P002>

P-002 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE COINFEÇÃO POR VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS E TUBERCULOSE NO SISTEMA PRISIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Melisane Regina Lima Ferreira¹, Glauber Palha dos Santos¹, Nanci Michele Saita¹, Pedro Augusto Bossonario¹, Rafael Oliveira Bonfim¹, Ana Julia Gonçalves Camillo¹, Rubia Laine de Paula Andrade¹, Aline Aparecida Monroe¹

¹Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Apresentador: Melisane Regina Lima Ferreira

E-mail: melisane1206@gmail.com

Introdução: Entre as pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids, a tuberculose se configura como uma doença oportunista com elevada morbimortalidade. Além disso, essas condições de saúde apresentam alta prevalência no sistema prisional, demandando estudos sobre as características inerentes a tal coinfecção no referido contexto. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico dos casos de coinfecção por vírus da imunodeficiência humana/aids e tuberculose no sistema prisional do estado de São Paulo. **Métodos:** Estudo descritivo e exploratório, cujos dados foram coletados do Sistema de Notificação e Acompanhamento dos Casos de Tuberculose do estado de São Paulo, referentes aos anos de 2008 a 2017, a partir de variáveis sociodemográficas, clínicas, de tratamento e desfecho dos casos de tuberculose em detentos com a coinfecção pelo vírus da imunodeficiência humana/aids. Foram excluídos os casos cujos desfechos do tratamento estavam em branco. Os dados foram analisados por estatística descritiva a partir da distribuição de frequência absoluta e relativa. **Resultados:** No período selecionado, foram notificados 1.706 casos de coinfecção por vírus da imunodeficiência humana/aids e tuberculose entre detentos, dos quais 93,7% eram do sexo masculino, com idade média de 35,4 anos, 41,3% autodeclarados pretos

ou pardos, 34,5% com quatro a sete anos de estudo, 60,5% casos novos, 85% possuíam a forma clínica pulmonar e apresentavam comorbidades, como drogadição (14,8%), tabagismo (8,7%), alcoolismo (7,9%), agravo mental (1,1%) e diabetes (0,9%). Destaca-se que 77,2% estavam sob tratamento diretamente observado. Quanto ao desfecho, 72,9% tiveram cura, 14,4% evoluíram para óbito, 10,8% abandonaram o tratamento para a tuberculose e 1,4% tiveram falência ou resistência medicamentosa. **Conclusão:** O perfil encontrado revela sua interrelação com os determinantes sociais da saúde e indica necessidade de uma estratificação de risco para a identificação de vulnerabilidades, visando à integralidade do cuidado e, sobretudo, um desfecho satisfatório dos casos.

Palavras-chave: HIV, tuberculose, coinfecção, prisões, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P003>

P-003 – APLICAÇÃO DA ESCALA DE AUTOEFICÁCIA DO PRESERVATIVO EM POPULAÇÃO LGBTI+

Izabel Cristina de Souza¹, Gilmara de Lucena Beserra¹, Carlos Eduardo Arruda Lima¹, Luanna Ribeiro do Nascimento¹, Isael Cavalcante Silva¹, Richardson Lopes Bezerra¹, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Samila Gomes Ribeiro¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Izabel Cristina de Souza

E-mail: izabelsouzaenf@gmail.com

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis podem cursar de forma assintomática e o uso do preservativo é uma estratégia que pode assegurar sua prevenção. No Brasil, a distribuição de preservativos masculinos e femininos (externos e internos) é feita de forma massiva (mais de 370 milhões em 2020). No entanto o número de casos de infecções sexualmente transmissíveis cresceu mais de 60% entre os jovens na última década. **Objetivo:** Verificar a autoeficácia para o uso do preservativo em lésbicas, gays, transexuais/travestis e intersexuais (LGBTI+). **Métodos:** Pesquisa observacional, de abordagem transversal, quantitativa e descritiva. Amostra composta de 217 participantes. Os critérios de inclusão foram: ter idade igual ou maior a 18 anos; considerar-se lésbica, gay, bissexual, transexual/travesti, queer, intersexual, assexual, entre outros; ter tido ao menos um encontro sexual no último ano. A coleta de dados foi realizada de outubro a dezembro de 2019 em Fortaleza, sendo a pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará. Após assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi aplicada a escala de autoeficácia do preservativo, instrumento traduzido da Condom Self-Efficacy Scale já validado no Brasil em 2018. **Resultados:** Das 14 questões do instrumento utilizado, todas tiveram a opção muito seguro como sendo a mais prevalente. O maior motivo de insegurança dos participantes foi o fato de portar preservativo sempre que precisasse utilizá-lo (5,9%), seguido da insegurança quanto à forma correta de retirar o preservativo (5,2%) e da possibilidade de conversar com o parceiro sobre uso do preservativo antes do envolvimento sexual (5,2%). **Conclusão:** A autoeficácia para uso do preservativo na população LGBTI+ foi menor no que diz respeito ao porte, à retirada do preservativo e à negociação com o parceiro sexual. O estudo evidenciou as principais necessidades do grupo analisado, possibilitando a elaboração de estratégias específicas, como a abordagem do tema e educação em saúde para essa população.

Palavras-chave: preservativos, autoeficácia, sexualidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P004>

P-004 – TESTE DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS FREQUENTADORES DE SAUNAS

Jéssica Karen de Oliveira Maia¹, Antonio Jose Lima de Araújo Júnior¹, Reângela Cíntia Rodrigues Oliveira¹, Nikaely Pinheiro Mota¹, Maisa Leitão de Queiroz¹, Marli Teresinha Gimeniz Galvão¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Jéssica Karen de Oliveira Maia

E-mail: jessikarenmaia@gmail.com

Introdução: A elaboração da diretriz 90-90-90 pela Organização Mundial da Saúde indica relevância para a testagem rápida para o vírus da imunodeficiência humana. Nesse contexto, deve-se reconhecer a forma com que os homens que fazem sexo com homens vivenciam suas práticas sexuais de modo a identificar os locais que esses costumam frequentar para que se possa redirecionar as ações de diagnóstico e redução de danos nessa população. **Objetivo:** Identificar a prevalência da testagem para vírus da imunodeficiência humana e características dos homens que fazem sexo com homens frequentadores de saunas. **Métodos:** Estudo

transversal desenvolvido em saunas no estado do Ceará em novembro de 2019. Estudaram-se homens que fazem sexo com homens adultos *in loco* (saunas). Inquiriu-se acerca da testagem e dados de caracterização sociodemográficas. Os participantes foram investigados quanto às variáveis sociodemográficas e clínicas, estas analisadas pelo *software* R. **Resultados:** Participaram 72 homens que fazem sexo com homens, a maioria >30 anos (60,0%), com ensino superior incompleto (37,1%), sem relacionamento afetivo (25,7%), negros (60,0%), com mais de três salários mínimos (34,3%), sem filhos (85,7%), que faziam uso de álcool (51,4%) e não fumavam (91,4%). Entre eles 80,0% realizaram teste rápido para vírus da imunodeficiência humana alguma vez na vida. **Conclusão:** Observou-se que houve uma relevante aceitação dos homens que fazem sexo com homens à realização do teste rápido para vírus da imunodeficiência humana. Isso demonstra a necessidade do oferecimento e oferta da testagem em diversos locais usuais de agrupamento de homens que fazem sexo com homens, além dos serviços de saúde, promovendo a acessibilidade e contribuindo para a identificação do vírus e, portanto, redução da cadeia de transmissão.

Palavras-chave: HIV, prevalência, testes sorológicos.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P005>

P-005 – SUCESSO VIROLÓGICO APÓS SWITCH PARA ESQUEMAS ANTIRRETROVIRAIS CONTENDO DOLUTEGRAVIR EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS, SALVADOR-BAHIA, EM 2018

Beatriz Tejo Dantas¹, Monaliza Cardozo Rebouçes², José Adriano Góes Silva², Ciro Chang Carvalho Santana¹, João Marcelo Bahia Bacellar Souza³, Maria Fernanda Bahia Bacellar Souza³, Marina Tejo Dantas¹, Talita Andrade de Oliveira², Miralba Freire de Carvalho Ribeiro da Silva², Fabiana Márcia Maranhão Bahia²

¹Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

²Centro Estadual Especializado em Diagnóstico Assistência e Pesquisa

³Universidade Salvador

Apresentador: Beatriz Tejo Dantas

E-mail: beatrizdantas17.2@bahiana.edu.br

Introdução: O dolutegravir é um antirretroviral com diversos estudos mostrando sua eficácia, segurança e tolerabilidade. Nesse cenário, o Ministério da Saúde do Brasil instituiu a nota técnica 03/2018, que recomenda a substituição (*switch*) de esquemas antirretrovirais em pacientes infectados pelo vírus da imunodeficiência humana, estáveis e com supressão viral, para esquemas baseados em dolutegravir. Entretanto existem fatores que podem comprometer tanto a segurança quanto a eficácia dessa estratégia. **Objetivo:** Avaliar a resposta virológica, a taxa de eventos adversos e descontinuações após o *switch* para esquemas baseados em dolutegravir. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, observacional, de dados secundários, que incluiu pacientes positivos para o vírus da imunodeficiência humana acompanhados em um centro de referência da Bahia, Brasil, que realizaram *switch* para esquemas baseados em dolutegravir em 2018. Foram avaliadas as cargas virais do vírus da imunodeficiência humana, contagens de linfócitos T-CD4+, peso, entre outras variáveis, antes e após um ano do *switch*. Variáveis categóricas foram expressas em frequências absolutas e relativas, e as quantitativas em média e desvio padrão. Para análise de associação entre as variáveis categóricas, foi utilizado o teste de qui-quadrado, ou McNemar, e, para as quantitativas, teste t de Student ou teste t de Student pareado. Foram considerados estatisticamente significantes os valores de $p < 0,05$ e de intervalo de confiança de 95%. **Resultados:** No total, 234 (97,5%) pacientes usaram dolutegravir após *switch* por pelo menos 24 semanas. Desses, 230 (98,3%) mantiveram carga viral indetectável após um ano e 211 (90,2%) apresentaram adesão superior a 80%. Observou-se aumento de $1,2 \pm 0,2$ kg no peso e de $0,4 \pm 0,1$ kg/m² no índice de massa corpórea ($p < 0,001$) após o *switch*. Houve redução das taxas de desnutrição/eutrofismo e aumento das de sobrepeso/obesidade ($p < 0,01$). Foram encontrados oito (3,4%) casos de interrupção do dolutegravir em razão de reações adversas. **Conclusão:** O *switch* para esquemas baseados em dolutegravir mostrou-se uma estratégia efetiva que manteve o sucesso virológico, com boas taxas de adesão e tolerabilidade.

Palavras-chave: HIV, HAART, tratamento, aids.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P006>

P-006 – INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA PRÁTICA DA VACINAÇÃO CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES

Hellen Livia Oliveira Catunda Ferreira¹, Denise de Fátima Fernandes Barbosa², Cícero Mendes Siqueira¹, Ana Izabel Oliveira Nicolau^{1,3}, Thais Marques Lima⁴, Leilane Barbosa de Souza⁵, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Mônica Oliveira Batista Oriá¹, Priscila de Souza Aquino¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Prefeitura Municipal de Natal

³Hospital Universitário Walter Cantídio

⁴Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina

⁵Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Apresentador: Hellen Livia Oliveira Catunda Ferreira

E-mail: hellen_enfermagem@yahoo.com.br

Introdução: Infecção pelo papilomavírus humano é condição para desenvolvimento do câncer de colo uterino. Globalmente, maior prevalência de infecções é observada em idades jovens. **Objetivo:** Analisar efeitos de tecnologia educativa por meio de cartões-mensagem impressos na prática da vacinação contra papilomavírus humano em adolescentes. **Métodos:** Estudo experimental, do tipo ensaio clínico randomizado controlado, realizado em seis escolas municipais do Nordeste brasileiro de agosto/2018 a janeiro/2020 com meninas adolescentes entre 9 e 14 anos. A amostra total foi 238 no pré-teste (Grupo Controle (GC)=120, Grupo Intervenção (GI)=118) e 210 no pós-teste (GC=101, GI=109). Aplicou-se o inquérito conhecimento, atitude e prática pré e pós-intervenção. Realizaram-se teste de McNemar e modelo de regressão logística, com nível descritivo de 5%. Estudo aprovado sob parecer nº 2.645.679 do Comitê de Ética em Pesquisa e registrado na Plataforma Internacional de Registros de Ensaios Clínicos. **Resultados:** Em relação à prática pós-intervenção, verificou-se que GI tem frequência de prática avaliada em adequada ($n=89$) mais que GC ($n=24$), mostrando significância ($p=0,000$). A associação da prática com conhecimento e atitude foi significativa ($p=0,000$), revelando que conhecimento e atitude adequados estão associados com prática adequada e vice-versa. Na regressão logística, evidenciou-se que idade 8.805,12 é significativa, mostrando que há duas vezes mais chances de haver adesão adequada que idades menores ($p=0,017$ /OR=2,08). Conhecimento e atitude adequados pós-intervenção também são significantes ($p=0,004$ / $p=0,010$). Adolescentes têm 2,5 vezes mais chances de terem avaliação da prática como adequada em relação às com conhecimento inadequado (*odds ratio* (OR)=2,516) e 5,5 vezes mais chances de terem prática adequada nas que apresentavam atitude adequada (OR=5,510). **Conclusão:** A intervenção é significativa para prática adequada, pois verificou-se que GI tem uma frequência de prática avaliada em adequada mais que GC e que idade, conhecimento e atitude explicam aproximadamente 70% da prática. Conhecimento e atitude adequados pós-intervenção, além da idade 8.805,12, aumentam a chance para prática adequada.

Palavras-chave: tecnologia educacional, adolescente, enfermagem.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P007>

P-007 – O CUIDADO COM A SAÚDE SEXUAL DE UNIVERSITÁRIOS QUANTO A INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Claudia Oliveira¹, Thelma Spindola¹, Vinícius Fonte¹, Laercio Melo¹, Paula Moraes¹, Cristiane Costa¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Thelma Spindola

E-mail: tspindola.uerj@gmail.com

Introdução: O cuidado com a saúde sexual é um direito fundamental e visa garantir que a sexualidade seja usufruída e manifestada sem risco de infecções sexualmente transmissíveis, gravidez não desejada, coerção, violência e discriminação. **Objetivo:** Descrever o cuidado com a saúde sexual de jovens universitários quanto a infecções sexualmente transmissíveis. **Métodos:** Estudo descritivo, com abordagem quantitativa, realizado em universidade pública no município do Rio de Janeiro. Os participantes foram os estudantes universitários. Os critérios de inclusão foram: estar na faixa etária de 18-29 anos e com matrícula ativa na instituição de ensino. Foram excluídos os participantes que não eram sexualmente ativos. A amostra foi composta de 601 estudantes, que responderam a um questionário. Os dados foram analisados com auxílio da estatística descritiva. **Resultados:** Participaram 325 (54,08%) jovens do sexo masculino e 276 (45,92%) do feminino, 292 (48,59%) eram solteiros, não possuíam companheiros(as) ou namorados(as), 560 (93,18%) citaram o preservativo como método de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e 410 (68,22%) concordaram totalmente que o preservativo fosse o melhor método. A média da idade da primeira relação sexual foi de 17 anos (desvio padrão=2), 440 (73,21%) utilizaram o preservativo na primeira relação sexual. Apenas 257 (42,76%) usaram o preservativo em todas as relações sexuais, 549 (91,35%) nunca utilizaram o preservativo feminino, 53,78% utilizam o preservativo com parcerias fixas e 73,56% com parcerias casuais, 372 (61,90%) buscaram atendimento de saúde nos últimos 12 meses, mas apenas 30,95% procuraram o serviço público de saúde, 373 (62,06%) nunca realizaram teste para o vírus da imunodeficiência humana e 63,41% participantes do sexo feminino já realizaram exame de papanicolau. **Conclusão:** As ações educativas devem ser desenvolvidas nas universidades, cujo ambiente é propício para intervenções educativas e práticas de cuidado que visam favorecer a adoção de comportamentos assertivos no cuidado para com a saúde sexual de jovens.

Palavras-chave: saúde sexual, jovem, prevenção, infecções sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P008>

P-008 – INVESTIGAÇÃO DOS CASOS DE SÍFILIS CONGÊNITA: FERRAMENTA PARA VIGILÂNCIA, EDUCAÇÃO PERMANENTE E GESTÃO

Fábia Lisboa de Souza¹, Marcella Martins Alves Teófilo¹, Kamila Cabral Kosa², Yasmin Nascimento Farias¹, Ana Lúcia Fontes Eppinghaus¹, Márcia Santana¹, Antonio José Leal Costa²

¹Fundação Municipal de Saúde de Niterói

²Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Apresentador: Fábia Lisboa de Souza

E-mail: fabinhalis@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita, embora seja um agravo possível de ser prevenido, ainda é considerada um grave problema de saúde pública. **Objetivo:** Analisar a conclusão e as vulnerabilidades dos casos de sífilis congênita residentes em Niterói (RJ) diagnosticados em 2018 e 2019. **Métodos:** Realizou-se análise dos casos de sífilis congênita residentes, exceto abortos, diagnosticados em 2018 e 2019, por fichas do Sistema de Informação de Agravos de Notificação e questionários de investigação. **Resultados:** Dos 46 casos de 2018 e 107 de 2019, respectivamente, 8 (17,4%) e 4 (4%) não fizeram pré-natal, 2 (4,4%) e 4 (4%) não fizeram triagem para sífilis congênita no pré-natal, 3 (6,52%) e 13 (12%) fizeram triagem porém não trataram, outros 11 (23,9%) e 17 (16%) não fizeram o tratamento adequado, 10 (21,7%) e 23 (21%) foram reagentes na triagem, tratamento adequado, porém reinfectaram, 9 (19,6%) e 32 (30%) foram reagentes na triagem, tratamento adequado, porém confirmaram sífilis congênita por outros critérios, 3 (6,52%) e 12 (11%) foram não reagentes no pré-natal porém foram reagentes no parto e 0 (0%) e 2 (2%) foram reagentes, considerados cicatriz sorológica, não tratada, e confirmaram por outros critérios. As principais vulnerabilidades identificadas foram família de baixa renda, 21 casos (45,7%) em 2018 e 50 casos (46,7%) em 2019, usuária de álcool e/ou outras drogas, 18 (39,1%) em 2018 e 34 (31,8%) em 2019. **Conclusão:** Investigar os casos de sífilis congênita com a atenção básica leva a identificar os casos que se referem a crianças expostas à sífilis materna e aos que de fato possuem critérios para sífilis congênita. A investigação dos casos de sífilis congênita é fundamental para qualificação da vigilância, aprimorando dados e apontando ações de educação permanente relacionadas à clínica e à avaliação das vulnerabilidades para pensar em estratégias intra e intersetoriais.

Palavras-chave: sífilis congênita, vigilância, sistema de informação em saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P009>

P-009 – HEPATITES VIRAIS: SÉRIE TEMPORAL DE CASOS DE UMA MATERNIDADE PÚBLICA EM FORTALEZA, CEARÁ

Maisa Leitão de Queiroz¹, Jéssica Karen de Oliveira Maia², Nikaelly Pinheiro Mota², Livia de Paulo Pereira², Vanessa da Frota Santos², Marli Teresinha Gimenez Galvão²

¹Centro Universitário Ateneu

²Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: A hepatite B é uma doença infecciosa ameaçadora durante a gravidez em razão do risco de contágio do bebê durante o parto, sendo evitada por vacina antes ou durante a gestação com o objetivo de prevenir a transmissão vertical e uso de imunoglobulina específica no recém-nascido exposto à hepatite B nas primeiras 24 horas após o parto. **Objetivo:** Identificar a ocorrência de hepatite viral mediante a notificação de mulheres atendidas em maternidade pública de Fortaleza (CE). **Métodos:** Estudo transversal, retrospectivo, desenvolvido em uma maternidade pública de Fortaleza após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Dados captados do sistema de informação do serviço, incluídos na notificação compulsória, foram extraídos de um histórico temporal de cinco anos (2016-2020). **Resultados:** Foram identificados 32 casos de hepatite viral, distribuídos nos anos de 2016 (três casos, 9,4%), 2017 (três casos, 9,4%), 2018 (oito casos, 25%), 2019 (18 casos, 43,8%) e 2020 (quatro casos, 12,5%). Houve incremento de notificações no ano de 2019, provavelmente decorrente da oferta ampliada de testes rápidos no serviço de saúde ou de cobertura vacinal inadequada, pois dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde indicaram cobertura vacinal de hepatite B de 85,9%. A notificação no ano 2020 foi maior que anos anteriores (2016-2017) e menor quando comparada com os outros anos, explicada pela oferta do teste rápido e do esquema vacinal (hepatite B) no pré-natal. **Conclusão:** Os casos notificados apontam a importância das ações na atenção primária sobre o método da vacinação e da testagem rápida das gestantes para prevenção da transmissão vertical e perinatal das crianças expostas ao vírus. Os resultados obtidos fornecem subsídios aos gestores e profissionais para a análise da situação, elaboração e implementação de ações de prevenção e controle das hepatites virais no segmento materno-infantil.

Palavras-chave: hepatite, notificação de doenças, saúde pública.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P010>

P-010 – DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS COM TESTE RÁPIDO POSITIVO PARA SÍFILIS. SÃO PAULO, 2020

Katia Cristina Bassichetto¹, Rubens Kon², Fabíola Rocha¹, Lenice Galan¹, Roberto Carvalho³, Carla Gianna Luppi³, Maria Aparecida Silva³, Sandra Araujo³, Claudia Barros³, Maria Amélia Veras¹

¹Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos e Saúde da População LGBT+, Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

²Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

³Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS/SP

⁴Universidade Católica de Santos

Apresentador: Katia Cristina Bassichetto

E-mail: kbassichetto@gmail.com

Introdução: No Brasil, na última década, observou-se um aumento expressivo no número de casos de sífilis adquirida, com maiores proporções entre mulheres transexuais e travestis em situações de vulnerabilidade social. **Objetivo:** Analisar a distribuição espacial da soroprevalência de sífilis entre travestis e mulheres transexuais, por áreas de exclusão e inclusão social do município de São Paulo. **Métodos:** Estudo transversal, com dados provenientes do Projeto TransOdara – Estudo de Prevalência da Sífilis e Outras Infecções Sexualmente Transmissíveis entre Travestis e Mulheres Transexuais no Brasil: Cuidado e Prevenção, em uma amostra de travestis e mulheres transexuais maiores de 18 anos, residentes no município de São Paulo em 2020. A soroprevalência de sífilis foi estimada para as áreas, onde adaptamos o Índice de Exclusão/Inclusão, estratificando os distritos administrativos de residência em três níveis: (I) inclusão social, (II) exclusão moderada/reduzida e (III) exclusão intensa/grave. Para o geoprocessamento utilizaram-se o *software* QGIS e ferramenta *on-line* de geocodificação. **Resultados:** Das 403 participantes do estudo, 330 eram residentes do município de São Paulo, sendo 15,8% nível I, 44,2% nível II e 40,0% nível III. Dessas, 193/328, 58,8% (IC95% 53,3–64,2) apresentaram teste rápido positivo para sífilis. Entre o total com resultado positivo (193), 86% (IC95% 80,3–90,6) residiam em áreas com exclusão social (nível II ou nível III). **Conclusão:** A soroprevalência de sífilis encontrada no estudo foi expressiva em todas as áreas analisadas, sem que se tenham observado diferenças significativas entre diferentes níveis de inclusão/exclusão social. A análise de outras características dos casos pode revelar padrões que auxiliem na prevenção e controle.

Palavras-chave: sífilis, transexual, estudos transversais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P011>

P-011 – A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES MUCOCUTÂNEAS PARA DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO DE PACIENTES QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Sofia Oliveira de Souza¹, Beatriz Mendonça Gouveia de Melo¹, Marcela Veríssimo Santos de Almeida², Camila Montenegro de Carvalho¹, Simone Sarmento de Mendonça³

¹Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco

²Faculdade Pernambucana de Saúde

³Hospital Barão de Lucena

Apresentador: Sofia Oliveira de Souza

E-mail: sofia.souza@upe.br

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana é o responsável pela síndrome da imunodeficiência adquirida. Esse vírus ataca o sistema imunológico, levando a uma imunossupressão progressiva que acarreta infecções oportunistas e outras manifestações. As afecções mucocutâneas podem ser o sinal mais precoce ou a única manifestação apresentada pelo paciente durante um longo curso da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, sendo assim um importante indicador para diagnóstico precoce de uma possível infecção pelo vírus. Além disso, essas manifestações estão intimamente relacionadas à progressão da doença e à imunossupressão do paciente. **Objetivo:** Descrever a ocorrência de manifestações mucocutâneas em pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids, contribuindo para diagnóstico precoce e maior controle da doença. **Métodos:** Trata-se de um estudo qualitativo, bibliográfico, tipo revisão integrativa na biblioteca virtual PubMed, sem definição de janela de tempo. **Resultados:** Foi constatada, em grande parte dos estudos de análise clínica epidemiológica, uma média de frequência de doença dermatológica em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids de 70%, além da associação a menores médias de CD4. É prevalente entre o espaço amostral uma maior recorrência de afecções dermatológicas fúngicas, dentre as quais candidíase oral e dermatite seborreica, seguida pelas virais, como leucoplasia pilosa e herpes. Entre os pacientes avaliados, a grande maioria era portadora de doenças infecciosas, que, quando presentes, eram majoritariamente em imunossuprimidos. **Conclusão:** No geral, as afecções de pele se mostraram ótimos indicadores tanto do estado imunológico quanto da progressão da doença, estando estas intimamente relacionadas a contagem de linfócitos TCD4 e carga viral. Logo, é muito importante que o clínico, bem como

a equipe da atenção básica, conheça as lesões dermatológicas mais prevalentes de forma a contribuir tanto para o diagnóstico precoce quanto para uma boa avaliação de prognóstico.

Palavras-chave: HIV, dermatopatias, dermatologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P012>

P-012 – HUMAN T-CELL LEUKEMIA VIRUS TYPE 1 INFECTION AMONG JAPANESE IMMIGRANTS AND THEIR DESCENDANTS LIVING IN SOUTHEAST BRAZIL: A CALL FOR PREVENTIVE AND CONTROL RESPONSES

Larissa Melo Bandeira¹, Ana Rita Motta-Castro^{1,2}, Marco Puga¹, Sílvia Uehara¹, João Domingos¹, Grazielli Rezende¹, Gabriela Alves Cesar³, Tayana Tanaka^{1,3}

¹Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

²Fundação Oswaldo Cruz-Mato Grosso do Sul

³Secretaria Municipal de Saúde de Campo Grande

Apresentador: Larissa Melo Bandeira

E-mail: arcm.castro@hotmail.com

Introduction: Human T-cell leukemia virus type 1 (HTLV-1) has worldwide distribution and is considered endemic in southwestern Japan. HTLV-1 infection has been associated with adult T-cell leukemia/lymphoma (ATL) and HTLV-1-associated myelopathy/tropical spastic paraparesis (HAM/TSP) besides other diseases. **Objective:** This cross-sectional study aimed to investigate the prevalence, risk factors, and molecular characterization of HTLV-1, among the world's largest population of Japanese immigrants and their descendants outside Japan, in São Paulo, Southeast Brazil, as well as to analyze the phylogenetic relationship among isolates of HTLV-1. **Methods:** From July to December 2017, 2,139 individuals from five Japanese associations were interviewed and submitted to blood collection. All serum samples were first tested for the presence of anti-HTLV-1/2 antibodies by ELISA and then peripheral blood from individuals with positive serological results were analyzed for the presence of HTLV-1 5'LTR proviral DNA. Partial sequencing of the 5'LTR region of HTLV-1 proviral DNA was performed by Sanger. **Results:** The prevalence of HTLV-1 infection was 5.1% (95% CI 4.2–6.0). In the multiple logistic regression model, HTLV-1 infection was associated with age 45 years, female sex, first- and second-generation Japanese immigrants, and having sexual partners with a history of blood transfusion. The phylogenetic analysis revealed that all HTLV-1 were classified as Cosmopolitan (1a) subtype. Of them, 47.8% were classified as Transcontinental (A) subgroup and 52.2% as belonging to the Japanese (B) subgroup. Although most HTLV-1-infected patients were asymptomatic (97.3%), the blurred vision was associated with HTLV-1 infection. **Conclusion:** The high prevalence of HTLV-1 infection found in this study population and especially the intrafamily and interfamily HTLV-1 transmission presents an urgent need for preventive and control responses of this infection in Brazil.

Keywords: HTLV, immigrants, Japanese, epidemiology.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P013>

P-013 – O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO TRATAMENTO DA SÍFILIS EM PACIENTES ATENDIDOS EM UM CENTRO DE SAÚDE EM SÃO LUÍS (MA)

Carolina Moreti Câmara França¹, Conceição de Maria Pedrozo e Silva de Azevedo¹, Daniel Cutrim Aires¹, Vitaliano de Oliveira Leite Júnior¹, Ana Beatriz Santos Cantanhede¹, José Estevam Ribeiro Júnior¹, Lara Eliza Sousa Leitão¹, Luis Augusto Silva Batista¹, Carlos Henrique Rodrigues dos Santos¹

¹Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Carolina Moreti Câmara França

E-mail: carolina.moreti@discente.ufma.br

Introdução: A pandemia de COVID-19 desencadeia impactos profundos na sociedade, com destaque para o campo da saúde. O distanciamento social, o afastamento de profissionais dos campos de atendimento e a redução de insumos nos diferentes nichos impactaram no tratamento de diferentes categorias de doenças, dentre elas as infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Descrever os impactos da pandemia de COVID-19 no atendimento de pacientes com sífilis em um centro de saúde especializado no acompanhamento de pacientes com infecções sexualmente transmissíveis, localizado em São Luís (MA). **Métodos:** Realizou-se um estudo transversal e observacional, por meio de registros em prontuário médico, com catalogação quantitativa do número de pacientes acompanhados entre maio de 2019 e março de 2021 e informações clínico-epidemiológicas relevantes. Para correlação de variáveis, optou-se pelo uso do programa estatístico STATA 14.0. **Resultados:** Foram coletados dados de 193 pacientes atendidos no centro de saúde. Entre eles, 87,5% concluíram o tratamento para sífilis com penicilina benzatina, com o número de doses adequado com a fase da doença. A faixa etária entre 20 e 39 anos foi a mais acometida, contabilizando 45,91% do total de pacientes. O título de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas mais prevalente entre os pacientes foi de 1/64 (55,56%). Quanto aos impactos na procura ou manutenção do atendimento, adotou-se a

data de 11 de março de 2020 (data em que a Organização Mundial da Saúde declarou o estado pandêmico decorrente da COVID-19). Nesse contexto, houve redução de 30% na quantidade de atendimentos durante o período analisado. Entretanto, não foi observado aumento na taxa de abandono do tratamento após a promulgação do estado pandêmico. **Conclusão:** O estudo promoveu uma esquematização do perfil epidemiológico dos pacientes acompanhados no centro de saúde. Observou-se que a procura desses pacientes diminuiu após a oficialização da pandemia pela Organização Mundial da Saúde, mas que as taxas de abandono do tratamento permaneceram constantes.

Palavras-chave: COVID-19, sífilis, infecções sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P014>

P-014 – SOROPREVALÊNCIA DO HERPES-VÍRUS HUMANO 1 E 2 EM TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS EM GOIÂNIA-BRASIL

Mykaella Cristina Araújo Margarida¹, Bruno Vinícius Diniz e Silva¹, Brunna Rodrigues de Oliveira¹, Sheila Araújo Teles¹, Vanessa Salette de Paula¹, Karlla Antonieta Amorim Caetano¹, Kamilla Cardoso Santos¹, Antoninho Barros Milhomem¹, Larissa Silva Magalhães¹, Megmar Aparecida dos Santos Carneiro¹

¹Universidade Federal de Goiás

Apresentador: Mykaella Cristina Araújo Margarida

E-mail: mykaella.pucgoias@gmail.com

Resumo: Homens que fazem sexo com homens e pessoas transexuais são desproporcionalmente afetadas por infecções sexualmente transmissíveis em razão dos comportamentos de riscos e de sua posição de vulnerabilidade na sociedade. Assim, objetivou-se estimar a prevalência da infecção pelo herpes-vírus simples 1 e 2 e possíveis variáveis de risco associadas à infecção em população de mulheres transgêneras e travestis em Goiânia (GO). Estudo transversal realizado com 439 mulheres transexuais e travestis utilizando o método de amostragem Respondent Driven Sampling. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás e, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi aplicado um questionário com dados socio-demográficos e comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis e coletaram-se amostras de sangue para os ensaios. Todas as amostras foram submetidas a detecção dos marcadores sorológicos IgG anti-herpes-vírus simples 1/2 pelo ensaio imunoenzimático. O grupo foi composto majoritariamente de mulheres jovens, com até 30 anos de idade, solteiras, de cor não branca e que cursaram o ensino médio. A prevalência estimada para o herpes-vírus simples 1/2 foi de 97,7% (intervalo de confiança 95% 99,14–99,06); a maioria das mulheres iniciou a vida sexual com até 15 anos de idade e relatou mais de quatro parcerias sexuais nos últimos sete dias. Do total, 45,6% referiram ser profissionais do sexo e 43,7% já ter tido alguma infecção sexualmente transmissível. Observou-se baixa frequência de uso do preservativo nas relações sexuais oral e anal, com parcerias fixas e eventuais. Uma parcela significativa das participantes referiu ter sofrido violência física, sexual, psicológica e verbal. Rejeição familiar foi reportada por 62,5% e 82,6% referiram sexo com álcool. Do total, 12,1% referiram não fazer uso de serviços de saúde. Conclui-se que esses dados possam subsidiar melhorias no atendimento dessa população no âmbito da saúde pública considerando as especificidades identificadas e a alta prevalência de herpes-vírus simples encontrada em consonância com os comportamentos de riscos associados.

Palavras-chave: herpesvírus, prevalência, transexual.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P015>

P-015 – LINHA DE CUIDADO DA SAÚDE AUDITIVA DE BEBÊS COM SÍFILIS CONGÊNITA: RESULTADOS PARCIAIS

Brenda Karla Silva da Cunha¹, Bruna Oliveira da Silva¹, Leila Juliane Pinheiro do Nascimento Santos¹, Ana Beatriz Santos¹, Carolina Karla de Souza Evangelista¹, Thaliny da Costa Silva¹, Sheila Andreoli Balen¹

¹Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Brenda Karla Silva da Cunha

E-mail: brendakcunha@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita é considerada indicador de risco para deficiência auditiva, e uma das suas possíveis manifestações clínicas é a perda auditiva, por isso é recomendado o monitoramento audiológico semestral desses bebês durante os dois primeiros anos de vida. **Objetivo:** Monitorar a saúde auditiva do bebê com sífilis congênita ao longo dos dois primeiros anos de vida. **Métodos:** Estudo de coorte aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (nº 4.648.404). Foram recrutados 230 bebês no período de maio/2019 a março/2020, divididos em três grupos: expostos a sífilis (Gexp), com sífilis congênita (GSC) e grupo controle (GC). Foram realizados a Triagem Auditiva com Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico-Automático (PEATE-A), o PEATE clique em 80 dB NA

e as emissões otoacústicas evocadas transientes (protocolo clínico) com um e três meses no laboratório. Os grupos Gexp e GSC foram acompanhados por pediatras infectologistas e o GC pela puericultura. Todos realizaram, quando indicado, Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas no primeiro e no terceiro mês. **Resultados:** Dos 230 bebês recrutados, 107 compareceram e 5 foram excluídos por apresentarem outros indicadores de risco para deficiência auditiva. Daqueles, 93 bebês realizaram PEATE-A e 5 apresentaram resultado falha em pelo menos uma orelha, sendo 3 do GC e 2 do GSC, 78 realizaram o PEATE clique, em que 10 apresentaram resultados alterados em pelo menos um dos parâmetros, sendo 3 do GSC e 8 do GC, e 65 bebês realizaram emissões otoacústicas evocadas transientes; destes, 19 tiveram ausência de resposta em pelo menos uma orelha, sendo 7 do GSC, 10 do GC e 2 do Gexp. **Conclusão:** Até o momento, não houve diferença entre os grupos. Em virtude da pandemia, os bebês não puderam realizar as avaliações audiológicas sequenciais, mas foram acompanhados via teleconsulta com aplicação de *checklists*. Pretende-se dar seguimento ao projeto, visto a necessidade de esclarecer se há risco do desencadeamento da perda auditiva tardia nesses bebês.

Palavras-chave: sífilis congênita, lactente, audição, perda auditiva.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P016>

P-016 – CONHECIMENTO DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE SOBRE AS FORMAS DE TRANSMISSÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Tyane Mayara Ferreira de Oliveira¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹, Vivien Cunha Alves de Freitas¹, Andrea Rodriguez Lannes Fernandes², Samila Gomes Ribeiro¹, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Purdenciana Ribeiro de Menezes³, Cicero Mendes Siqueira¹, Hellen Lívia Oliveira Catunda¹, Izabel Cristina de Souza¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade de Dundee

³Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado do Ceará

Apresentador: Tyane Mayara Ferreira de Oliveira

E-mail: tyanemayara@hotmail.com

Introdução: Inúmeros desafios de saúde pública são enfrentados no que se refere à aquisição e à transmissão das infecções sexualmente transmissíveis, especialmente ao vírus da imunodeficiência humana, pois a epidemia atinge principalmente as pessoas em situações de vulnerabilidade, como a população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, *queers*, intersexuais, assexuais e todas as demais existências de gêneros e sexualidades (LGBTQIA+) privadas de liberdade. **Objetivo:** Descrever o conhecimento da população LGBTQIA+ privada de liberdade sobre as formas de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Estudo descritivo, quantitativo, realizado em unidade prisional localizada em Fortaleza (CE), com amostra formada por 31 internos LGBTQIA+. Os dados foram compilados e analisados no programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 24.0. O estudo seguiu a resolução 466/2012. **Resultados:** Todos eram do sexo masculino, com média de idade de 30 anos, identidade de gênero transexual e transgênera (38,7%, respectivamente), pardos (58,1%), sem parcerias fixas (48,4%), com ensino fundamental incompleto (41,9%), desempregados (41,9%) e presos há um tempo médio de 34 meses. Do total, 90,3% discordaram que uma pessoa pode se infectar com o vírus da imunodeficiência humana ao ser picada por inseto, 93,5% discordaram que a infecção poderia ser causada ao compartilhar talheres, copos ou refeições com alguém soropositivo para vírus da imunodeficiência humana, 96,8% concordaram que uma pessoa pode se infectar compartilhando seringa ou agulha com outras pessoas, 87,1% concordaram que uma pessoa pode se infectar ao não usar preservativos nas relações sexuais anais, 90,3% afirmaram concordar que uma pessoa pode se infectar ao não usar preservativos nas relações sexuais vaginais e 74,2% concordaram que a infecção pode ocorrer com o na771, o uso do preservativo nas relações sexuais orais. **Conclusão:** Apesar do considerado nível de conhecimento em geral, os resultados encontrados indicam a necessidade de ações e programas e de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana/aids para a população LGBTQIA+ privada de liberdade.

Palavras-chave: prisões, vulnerabilidade em saúde, HIV, enfermagem.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P017>

P-017 – QUALIDADE DO SONO E PREVALÊNCIA DE DISTÚRBIOS DO SONO EM PESSOAS COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: REVISÃO INTEGRATIVA

Ane Kelly Lima Ramalho¹, Gilmar Holanda da Cunha¹, Marina Soares Monteiro Fontenele¹, Maria Elisa Curado Gomes¹, Larissa Rodrigues Siqueira¹, Lavina Albuquerque Moreira¹, Arielle Oliveira de Almeida¹, Melissa Soares Medeiros², Francisco Vagnaldo Fechine¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Hospital São José de Doenças Infecciosas

Apresentador: Ane Kelly Lima Ramalho

E-mail: anekellylr@gmail.com

Introdução: A privação de sono pode interferir no bem-estar físico e mental, causando grave prejuízo funcional no desempenho dos papéis sociais e relações interpessoais. As pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana (PVHIV) são particularmente vulneráveis à má qualidade do sono, em razão de múltiplos fatores. Dessa forma, verificou-se a necessidade de realizar uma revisão integrativa para análise das evidências científicas acerca da qualidade do sono e prevalência de distúrbios do sono em nessa população. **Objetivo:** Analisar a produção científica acerca da qualidade do sono e prevalência de distúrbios do sono em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Revisão integrativa da literatura, realizada de outubro a dezembro de 2020 em quatro bases de dados e uma biblioteca virtual: MEDLINE/PubMed, Web of Science, PsycINFO, LILACS e SciELO. Utilizaram-se os descritores: *HIV, Acquired Immunodeficiency Syndrome, Sleep Initiation and Maintenance Disorders, Insomnia Disorders, com operador booleano AND*. A pergunta norteadora foi: Como é a qualidade do sono e qual a prevalência de distúrbio do sono em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana? Critérios de inclusão: artigos completos disponíveis eletronicamente, em português, inglês e espanhol, independentemente do ano de publicação. Critérios de exclusão: cartas ao editor, artigos repetidos e que tratavam de neonatos, crianças, adolescentes e gestantes. **Resultados:** Foram encontrados 423 artigos, sendo 23 duplicados e 394 excluídos, selecionando-se 29 estudos que respondiam à questão de pesquisa. Identificou-se que entre 23% a 78,3% das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana apresentavam má qualidade do sono, com prevalência de 29,9% a 100% de distúrbios do sono, destacando-se a insônia. Foram encontrados poucos estudos realizados no Brasil. **Conclusão:** Os distúrbios do sono têm grande prevalência em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, destacando-se a má qualidade do sono e insônia, tornando-se necessária uma avaliação integral desses pacientes. Ademais, pesquisas em diferentes regiões geográficas são necessárias, em virtude das diferenças culturais e geográficas.

Palavras-chave: HIV, distúrbios do início e da manutenção do sono, qualidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P018>

P-018 – ADESÃO A REALIZAÇÃO DE TESTES RÁPIDOS NA REDE CEGONHA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE: IMPACTO DA PANDEMIA PELA COVID-19

Juliana Kelly Batista da Silva¹, Renata Olívia Gadelha Romero¹, Jamira Martins dos Santos¹, William Caracas Moreira¹, Luciana Maria Bernardo Nóbrega¹, Oriana Deyze Correia Paiva Leadebal¹, Jordana de Almeida Nogueira¹

¹Universidade Federal da Paraíba

Apresentador: Juliana Kelly Batista da Silva

E-mail: juliana_kelly19@hotmail.com

Introdução: A Rede Cegonha, instituída no âmbito do Sistema Único de Saúde, é uma estratégia que, por intermédio de redes de atenção, visa assegurar à mulher o direito ao planejamento reprodutivo e à atenção humanizada a gravidez, ao parto e ao puerpério. A ampliação do acesso e da melhoria da qualidade do pré-natal na Atenção Básica se apoia na oferta e na execução dos testes rápidos para vírus da imunodeficiência humana, sífilis e hepatites virais. **Objetivo:** Descrever adesão à realização de testes rápidos na Rede Cegonha no estado do Rio Grande do Norte. **Métodos:** Foi realizado estudo descritivo, transversal, com dados secundários do sistema de controle logístico de insumos laboratoriais do Rio Grande do Norte. **Resultados:** Nos anos de 2019 a 2020, 264.503 testes rápidos foram realizados em gestantes. Em 2020, em virtude da pandemia da COVID-19, o estado do Rio Grande do Norte obteve redução de 2,3% (130.721) de todas as testagens realizadas. Ao analisar as testagens para o vírus da imunodeficiência humana, nos três primeiros meses de 2021, percebe-se uma redução de 184,1% (1.149) de testes realizados comparados ao mesmo período de 2020. Quanto à testagem rápida para sífilis, houve uma redução de 349% (1.047) e a testagem para a hepatite B sofreu uma redução de 131% (424). Como não há registro específico da testagem para hepatite C na Rede Cegonha, essa informação não foi divulgada neste trabalho. **Conclusão:** A redução na cobertura de testes rápidos para as infecções sexualmente transmissíveis na Rede Cegonha impacta diretamente na falta de diagnóstico em tempo hábil nas gestantes, na atenção adequada ao pré-natal e em riscos de transmissão vertical. Diagnósticos tardios na gestação podem levar complicações à criança, como doenças congênitas, aborto e parto prematuro do recém-nascido.

Palavras-chave: Rede Cegonha, infecções sexualmente transmissíveis, gestantes.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P019>

P-019 – ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DOS CASOS DE SÍFILIS EM GESTANTES NO BRASIL

William Caracas Moreira¹, Juliana Kelly Batista da Silva¹, Luciana Maria Bernardo Nóbrega¹, Jamira Martins dos Santos¹, Renata Oliveira Gadelha Romero¹, Jordana Almeida Nobrega¹, Oriana Deyze Correia Paiva Leadebal¹

¹Universidade Federal do Paraibá

Apresentador: William Caracas Moreira

E-mail: williamcaracaslins@gmail.com

Introdução: A sífilis é uma infecção infectocontagiosa transmitida por via sexual ou vertical por meio da gestação. No mundo, acredita-se que existam cerca de um milhão de gestantes portadoras de sífilis ainda não diagnosticadas. Portanto, estima-se que cerca de um terço dessas gestações irão cursar com sérias complicações. **Objetivo:** Descrever os aspectos epidemiológicos dos casos de sífilis em gestantes no Brasil. **Métodos:** Estudo descritivo do tipo retrospectivo. Os dados foram extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil acerca dos casos notificados de sífilis em gestantes no período de 2011 a 2020. Por meio da análise descritiva simples, abordaram-se as seguintes variáveis: frequência absoluta do número de casos, raça, faixa etária, escolaridade, idade gestacional no momento do diagnóstico, unidade federativa, região do país. **Resultados:** No Brasil, nos últimos 10 anos, foram notificados 344.070 casos de sífilis em gestantes, com prevalência nas regiões Sudeste (47,02%), Nordeste (20,50%) e Sul (15,30%) e destaque para os municípios de São Paulo e Rio de Janeiro, que somam 127.387 casos. Observou-se que houve um crescimento percentual médio de pelo menos 28% em cada ano entre o período de 2011 a 2018 e decréscimo do número de casos em 2019 (3,80%) e 2020 (67,85%). Do total de casos, 53,44% têm de 20 a 29 anos, 49,34% são pardos e cerca de 29% possuem baixa escolaridade (ensino fundamental incompleto). Quanto aos aspectos clínicos, cerca de 29% são diagnosticados no primeiro trimestre da gestação. **Conclusão:** Percebeu-se que há uma concentração no hemisfério ao Sul do país. Além disso, acredita-se que a identificação dos aspectos envolvidos nos casos de sífilis em gestantes seja o primeiro passo para a programação de intervenções e de atualizações nas políticas de saúde pública do país.

Palavras-chave: sífilis, gestantes, estudos epidemiológicos.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P020>

P-020 – TAXA DE MORTALIDADE E INTERNAÇÃO EM GOIÁS (2008-2018)

Igor de Oliveira Carvalho¹, Lara Cristina da Cunha Guimarães Silva¹

¹Universidade Federal de Goiás

Apresentador: Igor de Oliveira Carvalho

E-mail: igorolivcarvalho@gmail.com

Introdução: A redução da mortalidade é um importante indicador positivo em políticas públicas. Estudos em diferentes áreas geográficas do Brasil têm demonstrado ambiguidade quanto à tendência de óbitos e internações por hepatites virais, evidenciando uma necessidade de estudos com rigor metodológico para uma análise fidedigna. **Objetivo:** Identificar qual a tendência de óbitos e internações por hepatites virais em 10 anos no estado de Goiás. **Métodos:** Refere-se a um estudo ecológico de séries TEMPORAIS. A população do estudo foi composta de todos os diagnósticos e óbitos por hepatites virais de pessoas residentes de Goiás entre 2008 a 2018. Os dados foram extraídos do Sistema de Informação do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. As variáveis consideradas para análise foram taxa de mortalidade e taxa de internação. **Resultados:** A curva das taxas de mortalidade e internação mostrou-se descendente, porém sem significância estatística, o que pode estar relacionado ao tamanho da população envolvida na análise. **Conclusão:** Os resultados encontrados mostram a importância que o fortalecimento das políticas de imunização, de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e do fortalecimento do tratamento das hepatites virais realizado nos últimos anos representou para o Brasil e o Sistema Único de Saúde.

Palavras-chave: indicadores de morbimortalidade, levantamento epidemiológico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P021>

P-021 – TENDÊNCIA TEMPORAL DA INCIDÊNCIA DE HEPATITE B EM MATO GROSSO, AMAZÔNIA LEGAL, 2010-2019

Tony José de Souza¹, Júlia Maria Vicente de Assis², Jussara Conceição Santos Pires², Solange da Silva Lima³

¹União das Faculdades Católicas de Mato Grosso

²Universidade Federal de Mato Grosso

³Universidade do Estado de Mato Grosso

Apresentador: Tony José de Souza

E-mail: tonysouza@hotmail.com

Introdução: Estima-se que mais de 2 bilhões de pessoas possuam evidência sorológica de infecção presente ou passada pelo vírus da hepatite B no mundo. Em 2020 foram registrados 13.971 casos novos de hepatite B no Brasil, correspondendo à incidência de 6,6 casos a cada 100.000 habitantes. **Objetivo:** Analisar a tendência temporal da taxa de incidência de hepatite B na população adulta (15 anos a 59 anos) residente em Mato Grosso, Amazônia Legal, 2010-2019. **Métodos:** Estudo ecológico, do tipo série temporal, pautado em dados secundários do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação. A população do estudo foi composta da taxa de incidência de hepatite B registrada na população adulta residente em Mato Grosso, 2010 a 2019. Os dados do estudo foram coletados em etapa única, no período de 17 e 18 de janeiro de 2021, por meio de acesso ao sítio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A estimativa da taxa de incidência de hepatite B foi realizada por meio de estatística descritiva, na qual TIHB = total de casos novos de hepatite B registrados em adultos/população adulta residente em Mato Grosso no período do estudo X 100.000 habitantes. Para realização do estudo, obedeceu-se aos dispositivos contidos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados:** No período do estudo foram registrados 8.481 casos de hepatite B em Mato Grosso, e a incidência registrada em 2010 era de 29,42/100.000 habitantes, decrescendo para 26,23/100.000 habitantes em 2015 e 18,68/100.000 habitantes em 2019. **Conclusão:** Os achados evidenciam tendência decrescente da incidência de hepatite B na população adulta de Mato Grosso, porém as taxas registradas no estado foram superiores às registradas no Brasil no período de 2010 a 2019.

Palavras-chave: incidência, hepatite B, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P022>

P-022 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E CARGA VIRAL DE PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS NA REGIÃO CENTRO-SUL DO ESTADO DO PARANÁ DE 2012 A 2019

Nórton Ramsés Canossa Mantey¹, Jacques Magnos Canossa Mantey¹, Erildo Vicente Muller¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa

Apresentador: Nórton Ramsés Canossa Mantey

E-mail: nortonzx@hotmail.com

Introdução: Os casos de vírus da imunodeficiência humana/aids tiveram aumento principalmente entre jovens do sexo masculino, e tal fato se deve, provavelmente, à menor adesão ao tratamento. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids em tratamento antirretroviral no município de Ponta Grossa (PR). **Métodos:** Trata-se de um estudo de coorte retrospectivo com dados oriundos de prontuários de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids no período de janeiro de 2012 a junho de 2019, no serviço de atenção especializada do município de Ponta Grossa. As variáveis de interesse no estudo foram: faixa etária, sexo e carga viral da última consulta de cada paciente. Foram incluídos no estudo os prontuários com: data de nascimento, resultado do exame da carga viral, sexo e data da consulta. **Resultados:** No período analisado foram coletados dados de 922 pacientes. Verificou-se que 55,63% eram do sexo masculino. A faixa etária predominante foi de 40-49 anos (28,4%), seguida por 30-39 anos (28%). Foi observado que 77,02% das mulheres e 73,10% dos homens tiveram carga viral abaixo de 200 cópias/mL ou indetectável. Na análise por faixa etária, foi verificada carga viral abaixo de 200 cópias/mL ou indetectável em 88% de idosos (+60), em 80,36% na faixa de 50-59 anos, em 77,48% na faixa de 40-49 anos, em 71,32% da faixa de 30-39 anos e em 64,63% da faixa de 0-29 anos. **Conclusão:** Há a necessidade da continuidade e expansão do atendimento diferenciado para as diferentes faixas etárias e sexos, visto que a adesão ao tratamento, refletido na carga viral, é diferente entre os grupos, o que sugere abordagem diferenciada entre homens e jovens para verificação da adesão e uso correto da terapia antirretroviral.

Palavras-chave: aids, HIV, carga viral.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P023>

P-023 – BOAS PRÁTICAS DE SAÚDE DANDO SENTIDO À REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Reynaldo de Jesus Oliveira Júnior¹, Sérgio Correa Marques¹, Denize Cristina de Oliveira¹, Hellen Pollyana Mantello Cecilio², Thelma Spindola¹, Rodrigo Leite Hipólito³

¹Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

²Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá

³Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Reynaldo de Jesus Oliveira Júnior

E-mail: cnf.reynaldo@gmail.com

Introdução: Os avanços observados no tratamento das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana promoveram mudanças na vida desse grupo, influenciando a qualidade de vida. **Objetivo:** Compreender a representação social da qualidade de vida de pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana em municípios de pequeno porte da região Médio Paraíba/Rio de Janeiro. **Métodos:** Estudo descritivo, apoiado na Teoria do Núcleo Central das representações sociais. Participaram 80 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana assistidas nos ambulatórios de atendimento às pessoas com vírus da imunodeficiência humana/aids no âmbito dos programas municipais de infecções sexualmente transmissíveis/aids e hepatites. Os dados foram coletados por questionário sociodemográfico e pela técnica da associação livre de palavras para o termo “qualidade de vida”. Os dados sociodemográficos foram organizados no *software* Excel. O conjunto das evocações livres foi organizado e submetido à análise prototípica com o *software* denominado EVOC. **Resultados:** O grupo foi constituído predominantemente de homens (57,5%), com idade inferior a 40 anos (56,3%) e renda inferior a dois salários mínimos (71,25%), e 96,25% utilizavam terapia antirretroviral. A análise prototípica evidenciou que os conteúdos evocados mais frequentes foram boa alimentação, saúde e estado psicológico (núcleo central), lazer, atividade física e família. A análise evidencia que a representação social da qualidade de vida está assentada em dimensões que envolvem atenção ao corpo, à mente, à saúde, aos aspectos relacionais e aos determinantes sociais (moradia e condições financeiras). Essas dimensões denotam cuidados em saúde, como medidas de promoção à saúde, assim como alguns condicionantes em saúde que proporcionam apoio social e segurança que conduzem a um viver com qualidade, apesar das questões que são impostas pelo viver com o vírus da imunodeficiência humana. **Conclusão:** A representação social do grupo está assentada no apoio social e nas práticas de promoção da saúde que contribuem para a boa qualidade de vida, na medida em que proporcionam saúde física e mental.

Palavras-chave: HIV, qualidade de vida, municípios, promoção da saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P024>

P-024 – PRÁTICAS DE RISCO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE RESIDENTES DE UM COLÉGIO TÉCNICO

Alice da Silva¹, Daniella Carvalho Araújo¹, Láisia Rebecca Sousa Carvalho¹, Mikaela Dagles de Sousa¹, Vanessa Moura Carvalho de Oliveira¹, Paula Lima da Silva¹, Cecília Natielly da Silva Gomes¹, Matheus Sousa Marques Carvalho¹, Rosilane de Lima Brito Magalhães¹

¹Universidade Federal do Piauí

Apresentador: Alice da Silva

E-mail: alicesilva.ufpi@gmail.com

Introdução: O início precoce da vida sexual entre adolescentes constitui um comportamento de risco que precisa ser analisado, fazendo-se necessária a utilização do ambiente escolar como espaço propício para a observação da realidade comportamental desse público-alvo. **Objetivo:** Analisar os aspectos comportamentais e as práticas de risco de estudantes residentes de um colégio técnico da rede pública. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal realizado no Colégio Técnico de Teresina, localizado no estado do Piauí. A coleta de dados foi realizada nas dependências do colégio técnico, onde foi separada uma sala para a aplicação do questionário (com tempo previsto de aproximadamente 20 minutos). Os alunos menores de idade apresentaram o termo assinado pelos seus pais ou responsáveis legais. Aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa com parecer de número 107557/2016. **Resultados:** A pesquisa contou com um total de 72 estudantes, sendo em maioria os participantes do sexo masculino (57,9%), a faixa etária de idade mais evidente foi a dos 14 aos 18 anos (50%), seguida pela de 19 a 24 anos (43,3%). Os aspectos comportamentais mostraram que 61,1% da população de estudo já teve relação sexual, e a faixa etária mais recorrente foi a dos 13 aos 18 anos, com 47,2%. Dos 42 participantes que já tiveram relação sexual, 16 (38%) não usaram preservativo. Dos participantes ativos sexualmente, 50% (36) já tiveram relação com até cinco parceiros sexuais e 31,9% afirmaram não fazer uso de método contraceptivo. **Conclusão:** Os resultados mostram elevada exposição a riscos para a saúde sexual, representando um momento fundamental para realizar atividades de promoção da saúde.

Palavras-chave: comportamento sexual, infecções sexualmente transmissíveis, estudantes.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P025>

P-025 – AVALIAÇÃO DA OFERTA DE SERVIÇOS NA REDE DE ATENÇÃO ÀS HEPATITES VIRAIS NO ESTADO DE MATO GROSSO

Josué Souza Gleriano¹, Elton Carlos de Almeida², Janise Braga Barros Ferreira³, Lucieli Dias Pedreschi Chaves⁴

¹Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidade de São Paulo

²Ministério da Saúde

³Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

⁴Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Apresentador: Josué Souza Gleriano

E-mail: josuegleriano@unemat.br

Introdução: A organização do sistema de saúde em rede de atenção favorece o acesso à saúde. **Objetivo:** Analisar a distribuição de serviços de saúde de atenção às hepatites virais segundo as regiões de saúde do estado de Mato Grosso, Brasil. **Métodos:** Pesquisa avaliativa (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 01481918.0.0000.5393) considerando serviços de atenção à saúde do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde com análise por meio do georreferenciamento. **Resultados:** São 26 serviços ambulatoriais para atenção às hepatites virais, sendo 10 (38,7%) Centros de Testagem e Aconselhamento/sistematização da assistência de enfermagem, 7 (26,9%) sistematização da assistência de enfermagem, 6 (19,2%) Centros de Testagem e Aconselhamento, 1 (3,8%) Centro Estadual Regional de Média e Alta Complexidade, 1 (3,8%) Ambulatório Prisional, 1 (3,8%) Unidade Saúde da Família, 1 (3,8%) hospital. O Centro Estadual Regional de Média e Alta Complexidade está localizado na região da Baixada Cuiabana, sendo referência de atenção para os municípios que não possuem serviços nas regiões de saúde. A maior oferta e heterogeneidade de serviços está na região sul-mato-grossense. São 119 serviços que ofertam teste rápido com maior concentração na região Garças Araguaia e Baixada Cuiabana. A coleta de carga viral acontece em 19 serviços, com maior concentração na região da Baixada Cuiabana e do Norte Mato-Grossense; cinco regiões não ofertam coleta, e a leitura ocorre em apenas dois serviços. Para a coleta de amostra de genotipagem, há maior oferta na região da Baixada Cuiabana e Teles Pires, porém sete regiões de saúde não oferecem essa coleta. O tratamento está disponível em 15 serviços, no entanto cinco regiões de saúde não o ofertam. **Conclusão:** A distribuição dos serviços por regiões de saúde não garante o acesso universal e equitativo. Os resultados apresentam aspectos especialmente territorializados, com indicação de locais prioritários para investimento na atenção às hepatites virais. É necessário um conjunto de arranjos institucionais para articular um pacto capaz de adequar a oferta de serviços à organização dos marcos da regionalização.

Palavras-chave: hepatite viral humana, serviços de saúde, sistemas de saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P026>

P-026 – ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO DO MUNICÍPIO DE VALENÇA NO CONTEXTO DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Elisângela do Nascimento Fernandes Gomes¹, Gilcélcio Nunes da Costa Silva¹

¹Centro Universitário de Valença

Apresentador: Elisângela do Nascimento Fernandes Gomes

E-mail: elisangelavass@yahoo.com.br

Introdução: O programa de infecções sexualmente transmissíveis por vírus da imunodeficiência humana/aids vem investindo muito para diminuir a vulnerabilidade da população às infecções sexualmente transmissíveis, prevenir novas infecções, promover a qualidade de vida, reduzir o preconceito, a discriminação e os demais impactos sociais negativos das infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana/aids. O enfermeiro é um profissional essencial para o desenvolvimento das ações propostas pelo programa. Cabe a ele desenvolver e gerenciar as ações de promoção e prevenção a essas infecções. O Brasil é um exemplo do acesso a medicamentos de ponta para tratamento da doença, porém, quanto à redução dos casos e ao controle da doença, os dados epidemiológicos mostram aumento significativo do vírus da imunodeficiência humana no Brasil. **Objetivo:** Compreender as ações de promoção e prevenção de vírus da imunodeficiência humana/aids desenvolvidas pelos enfermeiros das unidades de saúde do município. **Métodos:** (entrar aqui) Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem quantitativa, que recebeu o parecer de aprovação nº 2.766.809 do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Valença (RJ). **Métodos:** O estudo foi realizado em 22 unidades de saúde de Valença e participaram 19 enfermeiros. Para a coleta dos dados, utilizaram-se formulário demográfico e questionário semiestruturado. **Resultados:** Percebe-se que há um aumento da infecção do vírus da imunodeficiência humana no município, com a prevalência no sexo masculino. Há uma boa cobertura de unidades básicas, o que favorece o bom desenvolvimento das ações de promoção e prevenção em todo território. A ação educativa é a principal ação desenvolvida, porém fragilidades foram apontadas pelos participantes, como baixa adesão aos testes rápidos e à terapia antirretroviral, estrutura física inadequada, grande demanda de serviço e quantidade deficiente. **Conclusão:** Há a necessidade de reorganização e planejamento dos serviços oferecidos para melhorar a assistência de enfermagem e a qualidade no atendimento, tornando efetivas as ações de promoção e prevenção do vírus da imunodeficiência humana/aids para redução dos índices de infecção no município.

Palavras-chave: enfermagem, HIV, aids.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P027>

P-027 – SEROLOGICAL PROFILE OF HBV INFECTION AMONG YOUNG ADULTS ASSISTED AT A COUNSELING AND TESTING CENTRE IN THE SOUTHWEST OF GOIÁS

Adriany Brito Sousa¹, Cristhiane Campos Marques de Oliveira^{1,2,3}, Nicole Nogueira Cardoso¹, Luis Regagan Dias¹, Carolina Barbosa Carvalho do Carmo⁴, Marcos Filipe Bueno Langkamer⁴, Fabiana Nunes de Carvalho Mariz^{3,4}, Carla Nunes de Araújo³

¹Universidade de Rio Verde

²Centro de Testagem e Aconselhamento de Rio Verde

³Universidade de Brasília

⁴Universidade Católica de Brasília

Apresentador: Cristhiane Campos Marques de Oliveira

E-mail: ccmrques@uol.com.br

Introduction: Young people often present risky sexual behavior and are more exposed to hepatitis B virus (HBV) infection. **Objective:** The aim of this study was to describe the sexual behavior and HBV serological profile in the young population attended at a Counseling and Testing Centre (CTC) in the southwest of Goiás. **Methods:** Quantitative cross-sectional study with descriptive and retrospective analysis conducted at the CTC of Rio Verde. Data from young adults (18–29 years) attended in 2018 were examined to determine the seroprevalence and sexual behavior of HBV. **Results:** The sample consisted of 1,455 individuals, with 1,423 nonreactive for HBV (HBsAg and total anti-HBc negative), 2 with serological scar (total anti-HBc and anti-HBs positive), and 8 reagents (HBsAg and total anti-HBc positive). Of these, 63% (5) were males and 38% (3) females, with an average age of 24.6 years, 75% (6) were single, and a mean education of 4.25 years. The average number of sexual partnerships in the past 12 months was 2.71. Notably, 25% (2) had previous sexually transmitted infection (STI) and 75% (6) reported drug use, with alcohol being the most frequent. Regarding the use of condoms with fixed partnership, 57% (4) men did not use them. As reason for not wearing a condom, 71% (5) of them claimed trust in the sexual partnership. With casual partners, 14% (1) did not use condoms, 14% (1) justified their nonuse by trust, and 14% (1) were under the effect of drugs/alcohol. **Conclusion:** The prevalence of HBV in young adults who attended the CTC in 2018 was 0.55% with HBsAg and total anti-HBc positive and 0.14% with total anti-HBc and anti-HBs positive. Among those infected, most were single men, brown, with low education, and reported alcohol consumption and inconsistent use of condoms in sexual intercourse for both fixed and casual partnerships. These data reinforce the need for STI preventive strategies in this population.

Keywords: hepatitis B, epidemiology, serological test, STI.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P028>

P-028 – EXPERIÊNCIA NO ENFRENTAMENTO AO SURTO DE SARAMPO NO ESTADO DO AMAPÁ — PERSPECTIVA DO PROJETO DE INTEGRAÇÃO DE AÇÕES ENTRE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Rosa Maria Guimarães Brito¹, Josenir Carvalho², Stefano Barbosa Codenotti²

¹Universidade Federal do Amapá

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Rosa Maria Guimarães Brito

E-mail: rosagbrito@hotmail.com

Introdução: A Atenção Primária à Saúde possui papel fundamental na vigilância em saúde de doenças imunopreveníveis, sobretudo pelo protagonismo em ações de vacinação, detecção de doenças de notificação compulsória, assistência ao indivíduo e acompanhamento e monitoramento do perfil epidemiológico no território. No Brasil, os últimos casos de sarampo foram registrados em 2015, rendendo ao país a certificação de eliminação da circulação do vírus do sarampo pela Organização Mundial da Saúde em 2016. Entretanto, em 2018 houve a reintrodução do vírus do sarampo no território nacional em decorrência principalmente do intenso fluxo migratório de países vizinhos, aliado às baixas coberturas vacinais. O Amapá, desde setembro de 2020, vem enfrentando um surto da doença, necessitando de intervenções urgentes e integradas para enfrentamento ao surto. **Objetivo:** Relatar a experiência das apoiadoras do Projeto Força Tarefa no enfrentamento ao surto de sarampo no Amapá. **Métodos:** Relato de experiência na perspectiva do apoio ao projeto de integração, de setembro/2020 a março/2021. **Resultados:** Atuação do apoio nas reuniões com as coordenações de Vigilância em Saúde e Atenção Primária à Saúde dos municípios do estado para delinear estratégias de vacinação considerando o surto e a pandemia de COVID-19. Participação na elaboração de documentos técnicos como o plano de enfrentamento ao surto de sarampo, diretrizes para operacionalização da estratégia de varredura e atualização da caderneta vacinal no estado do Amapá, plano de operacionalização da varredura e multivacinação dos municípios de Laranjal e Vitória do Jari, elaboração de mídias para compartilhamento digital com orientações sobre a varredura.

Atuação no acompanhamento da ação de varredura e na sala de situação de enfrentamento ao surto de sarampo, sempre trazendo a perspectiva da integração. **Conclusão:** As apoiadoras conseguiram desenvolver um trabalho bastante relevante e consistente no território, contribuindo para as ações e proporcionando a integração das ações entre Atenção Primária à Saúde e Vigilância em Saúde, além dos Conselhos de Secretarias Municipais de Saúde e demais apoiadores do território.

Palavras-chave: vacina, sarampo, vigilância em saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P029>

P-029 – A TRANSMISSÃO VERTICAL DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM PORTO ALEGRE, BRASIL: UM ESTUDO CASO-CONTROLE

Lisiane Moréla Weide Acosta¹, Marcos Pascoal Pattussi¹, Nêmore Tregnago Barcellos¹

¹Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Apresentador: Lisiane Moréla Weide Acosta

E-mail: acostalisiane@gmail.com

Introdução: A transmissão vertical do HIV ainda é problema importante em saúde pública. **Objetivo:** Identificar fatores sociodemográficos, comportamentais e assistenciais maternos que se relacionam com a transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana em Porto Alegre. **Métodos:** Estudo caso-controle, com dados secundários da vigilância epidemiológica de gestantes e crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana pela gestação e parto nascidas entre 2010 e 2015. Para cada caso de transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana, foram randomizados quatro controles sem transmissão vertical, pareados por ano de parto e idade da mãe. O *software* STATA foi utilizado na análise estatística, com teste qui-quadrado, regressão logística multivariável com modelagem *backward* e modelagem teórica hierárquica. O intervalo de confiança de 95% foi estipulado na identificação das variáveis com *odds ratio* significantes. **Resultados:** Foram identificados 75 casos com ocorrência da transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana e selecionados 300 controles. No teste qui-quadrado de Pearson, a escolaridade mostrou tendência linear; quanto menor a escolaridade, maior a transmissão vertical, sendo nenhuma escolaridade fortemente associada (OR=18,57, intervalo de confiança 95% 3,19–108,23) na análise multivariada. As variáveis assistenciais, como momento da descoberta do vírus da imunodeficiência humana, número de gestações com vírus da imunodeficiência humana, consultas de pré-natal e uso de antirretroviral, mostraram-se relacionadas com a transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana em todas as análises realizadas. A chance de ocorrer a transmissão vertical é elevada quando o diagnóstico se dá no momento do parto (OR=7,72, intervalo de confiança 95% 1,87–31,85) e (OR=3,72, intervalo de confiança 95% 0,82–16,83) em relação a quem já se sabe portadora do vírus da imunodeficiência humana antes da gestação. **Conclusão:** A transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana tem maior chance de ocorrer em gestantes que não realizam o pré-natal, não utilizam a medicação antirretroviral e têm maior número de gestações vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Essa constatação reforça a importância do sistema de saúde na prevenção da transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana e na qualidade da assistência prestada, especialmente a uma população vulnerável, como indica uma menor escolaridade, aumentando a chance da transmissão vertical do vírus.

Palavras-chave: transmissão vertical de doença infecciosa, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P030>

P-030 – CUSTO DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES POR SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DO CEARÁ

Surama Valena Elarrat Canto¹, Maria Alix Leite Araújo², Rosa Lívia Freitas de Almeida², Monique Elarrat Canto Cutrim²

¹Secretaria da Saúde do Estado do Ceará

²Universidade de Fortaleza

Apresentador: Surama Valena Elarrat Canto

E-mail: suramaelarrat@hotmail.com

Introdução: A falta de condições de algumas unidades hospitalares para realizar o diagnóstico de neurosífilis em crianças com sífilis congênita tem gerado custos adicionais ao Sistema Único de Saúde, situação grave em um país como o Brasil, já com tantas limitações de recursos para a área da saúde. No período de 2012 a 2017, o Brasil registrou 434.622 internações hospitalares por doenças infecciosas e parasitárias em crianças menores de um ano e a sífilis congênita foi responsável por 63.615 (14,6%) dessas hospitalizações. **Objetivo:** Descrever os custos diretos médico-hospitalares das internações hospitalares por sífilis congênita em crianças menores de um ano usuárias da rede pública de saúde do estado do Ceará no período de 2012 a 2017. **Métodos:** Estudo transversal cuja coleta de dados aconteceu no banco de dados do Sistema de Informações

Hospitais do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, a partir das informações das Autorizações de Internação Hospitalar. Os dados foram digitados em uma planilha no Microsoft Office Excel (versão 2010) e analisados no SPSS, versão 23. **Resultados:** Foram registradas 4.085 internações hospitalares por sífilis congênita (16,6% do total de internações por doenças infecciosas e parasitárias), perfazendo custo total de 927.726,84 dólares e média anual para cada criança de 234,73 dólares. Observou-se um discreto decréscimo das Autorizações de Internação Hospitalar aprovadas para doenças infecciosas e parasitárias (5,5%) quando comparadas com sífilis congênita, que apresentou um acréscimo de 36,4% ao longo dos anos avaliados. No ano de 2012 foram aprovadas 555 Autorizações de Internação Hospitalar para sífilis congênita e 872 em 2017, aumento de 36,4%. O tempo total de permanência das crianças em ambiente hospitalar foi de 34.413 dias, variando individualmente de 8,5 a 9,7 e média de 9,2 dias. **Conclusão:** Identificou-se custo elevado com o tratamento da sífilis congênita no Ceará, situação que poderia ser evitada se as gestantes com sífilis fossem diagnosticadas e tratadas durante a assistência pré-natal.

Palavras-chave: sífilis congênita, custos hospitalares, cuidado pré-natal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P031>

P-031 – AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E AIDS DE MULHERES QUE FAZEM SEXO COM MULHERES

Ana Beatriz Henrique Parenti¹, Mariana Alice Oliveira Ignácio¹, Thayná Santos Buesso¹, Margareth Santini de Almeida¹, Marli Teresinha Cassamassimo Duarte¹

¹Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”

Apresentador: Ana Beatriz Henrique Parenti

E-mail: a.parenti@unesp.br

Introdução: A literatura aponta escassez de estudos sobre saúde sexual e comportamentos de risco de mulheres que fazem sexo com mulheres que vivem em países de baixa e média renda, relatando níveis insuficientes de conhecimentos, altas prevalências de infecções sexualmente transmissíveis e baixa prevalência de uso consistente de barreiras de proteção. **Objetivo:** Analisar conhecimentos de mulheres que fazem sexo com mulheres sobre infecções sexualmente transmissíveis e aids. **Métodos:** Estudo transversal desenvolvido no estado de São Paulo, Brasil. A amostra intencional foi constituída por 260 mulheres (81 mulheres que fazem sexo com mulheres e 179 mulheres que fazem sexo apenas com homens). Os dados foram obtidos de maio de 2019 a novembro de 2020 por meio de formulário com questões relativas às variáveis sociodemográficas e do instrumento validado Sexually Transmitted Disease Knowledge Questionnaire (STD-KQ), composto de 28 questões adaptadas para o português brasileiro, que tem por objetivo avaliar o conhecimento a respeito de infecções sexualmente transmissíveis/aids. Para estudar a associação entre parceria sexual e baixo nível de conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis/aids (score menor que 50% de acertos no Sexually Transmitted Disease Knowledge Questionnaire), foram ajustados modelos de regressão múltipla de Cox, sendo significativas as associações com $p < 0,05$. O projeto de pesquisa recebeu parecer favorável sob nº 3.320.951. **Resultados:** Das 260 participantes, predominaram aquelas autorreferidas como brancas (77,3%), solteiras (77,3%) e com elevado nível de escolaridade (86,5%). A média de idade foi de 26 anos (18–50). A mediana do percentual de acerto das questões do Sexually Transmitted Disease Knowledge Questionnaire das mulheres que fazem sexo com mulheres foi inferior à das mulheres que fazem sexo com homens (68% [18–96%] versus 75% [14–96%], $p = 0,023$). Fazer sexo com mulher associou-se independentemente ao baixo conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis/aids [razão de prevalência = 2,36(1,05–5,31), $p = 0,038$]. **Conclusão:** Mulheres que fazem sexo com mulheres apresentam maior prevalência de baixo conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis/aids. Fazer sexo com mulher se associou a esse desfecho, indicando necessidade de educação em saúde para esse grupo a fim de reduzir sua vulnerabilidade a essas infecções.

Palavras-chave: conhecimento, infecções sexualmente transmissíveis, aids.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P032>

P-032 – ANÁLISE MOLECULAR DO DNA-HPV-16 E PAPILOMAVÍRUS HUMANO 6/11 EM AMOSTRAS DE CONDILOMA ACUMINADO E CARCINOMA PENIANOS

Katiane Aparecida Vilela de Rezende¹, Adriano de Paula Sabino¹, Jaqueline Germano de Oliveira², Marcelo Antônio Pascoal Xavier³, Annamaria Ravara Vago⁴, Maria Gabrielle de Lima Rocha¹

¹Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais

²Instituto René Rachou, Fundação Oswaldo Cruz Minas

³Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

⁴Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais

Apresentador: Katiane Aparecida Vilela de Rezende

E-mail: katiane vilela@yahoo.com.br

Introdução: O câncer peniano é representado por 2% dos casos de câncer associados ao papilomavírus humano. Seu diagnóstico costuma ser tardio, levando a tratamentos caros e agressivos, mutilação e até mesmo amputação do membro. O papilomavírus humano também está associado a uma lesão proliferativa benigna denominada condiloma acuminado, que tem alta morbidade. Existem fortes evidências de que pacientes com condiloma acuminado apresentam maior chance de desenvolver tumores malignos quando comparados aos pacientes sem essa lesão. **Objetivo:** Avaliar a presença e a genotipagem do papilomavírus humano em amostras incluídas em parafinas, além de verificar a carga viral do papilomavírus humano 6/11 e 16 e o estado físico do papilomavírus humano 16 e correlacionar esses dados com a presença de múltiplas infecções a análise histopatológica utilizando a técnica reação em cadeia da polimerase em tempo real. **Resultados:** A prevalência da infecção por papilomavírus humano foi de 52% nas amostras de câncer, tendo 17% apresentaram múltiplas infecções com vírus de baixo e alto risco. Das amostras de condiloma, 80% foram positivas para DNA-HPV, sendo 12% com múltiplas infecções. Foi encontrada ampla variação de carga viral tanto do papilomavírus humano 6/11, quanto do papilomavírus humano 16. Das amostras de condiloma acuminado, 76% apresentaram algum grau de integração, assim como todas as amostras de câncer peniano. **Conclusão:** Múltiplas infecções com vírus de alto e baixo risco é algo frequente em lesões benignas. Acredita-se que esse é um dos fatores que podem potencializar o desenvolvimento de lesões. A grande variação da carga viral pode dificultar a sua utilização como marcador no diagnóstico precoce do câncer peniano. A integração é um fenômeno frequente e pode constituir um fator importante para a carcinogênese, mas não único.

Palavras-chave: câncer peniano, condiloma acuminado, carga viral.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P033>

P-033 – MENSURAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE UMA PUÉRPERA QUE VIVE COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Maisa Leitão de Queiroz¹, Livia Karoline Torres Brito², Raquel Silveira Mendes³, Edgley Cameiro Aguiar², Juliana Sampaio Santos², Morgana Boaventura Cunha², Luana Duarte Wanderley Cavalcante², Raquel Ferreira Gomes Brasil², Livia de Paulo Pereira³, Vanessa da Frota Santos³

¹Centro Universitário Ateneu

²Maternidade Escola Assis Chateaubriand

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: A preocupação com a qualidade de vida das pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana é crescente por conta do aumento do tempo de vida proporcionado pela terapia antirretroviral. Nesse contexto, os sistemas de saúde têm procurado estratégias para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos. **Objetivo:** Mensurar a qualidade de vida de puérpera que vive com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Trata-se de um estudo de caso realizado em maio de 2021 mediante anamnese de puérpera hospitalizada em uma maternidade de Fortaleza. Aplicou-se o *World Health Organization Quality of Life*, instrumento composto de 31 questionamentos e subdivido em 6 domínios pontuados de 1 a 5, que versam sobre: condicionamento físico, estado psicológico, nível de independência, relações sociais, interação ambiental e aspecto espiritual/religioso/crenças. Dessa forma, se o somatório for menor que 10 pontos, a paciente possui percepção inferior sobre sua qualidade de vida, se for entre 10 e 14,9 pontos, a percepção é intermediária, se for acima de 15 pontos, a percepção é superior. Os princípios éticos envolvendo seres humanos foram respeitados de acordo com a Resolução n. 466/2012. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética, com parecer 1.899.089. **Resultados:** Entre os seis domínios, o que obteve maior pontuação foi o da interação ambiental, com 34 pontos. Em seguida, teve-se o do estado psicológico, com 24 pontos, do nível de independência, com 18 pontos, da espiritualidade, com 18 pontos, das relações sociais, com 17 pontos, e o do condicionamento físico, com 14 pontos. Portanto, de acordo com o critério de corte do questionário, a paciente apresentou uma ótima qualidade de vida no que diz respeito a seus valores, suas aspirações, seus prazeres e suas preocupações. **Conclusão:** Faz-se necessário sensibilizar os profissionais sobre a importância do diálogo com as pessoas que vivem com o vírus da imunodeficiência humana para melhorar o enfrentamento do estigma que recai sobre elas, promovendo o maior número de orientações e colaborando, assim, para uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: período pós-parto, HIV, qualidade de vida.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P034>

P-034: CRESCIMENTO DA NEOPLASIA ANAL NO BRASIL ENTRE 2013–2019: UMA DOENÇA PREVENÍVEL RELACIONADA AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO

Carla Santos Almeida¹, Ana Gabriela Álvares Travassos¹

¹Universidade do Estado da Bahia

Apresentador: Carla Santos Almeida

E-mail: carla_reb@hotmail.com

Introdução: A neoplasia de ânus e canal anal corresponde a aproximadamente 4% dos tumores anorretais. Possui fatores de risco preveníveis – como infecções sexualmente transmissíveis (por exemplo, papilomavírus humano e vírus da imunodeficiência humana), práticas sexuais desprotegidas, tabagismo, condições de higiene – e não preveníveis – como fistulas anais crônicas e imunossupressão por transplante ou outras causas. **Objetivo:** Analisar as notificações de novos casos e óbitos por faixa etária da neoplasia de ânus e canal anal no Brasil entre 2013 e 2019. **Métodos:** Trata-se de estudo ecológico, descritivo, com dados do Painel-Oncologia – Brasil e do Sistema de Informação de Mortalidade, obtidos no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Consideraram-se os novos casos e os óbitos entre 2013 e 2019 de acordo com as variáveis sexo/faixa etária (0–29, 30–59, 60 anos ou mais). Foram calculadas frequências absolutas e relativas das variáveis. **Resultados:** Foram registradas 8.619 notificações no período, sendo 1.040 (12,1%) em 2013 e 2.219 (25,7%) em 2019. Dessas, 128 (1,5%) com menos de 30 anos, 3.958 (45,9%) e 4.533 (52,6%) em pessoas idosas. As notificações em menores de 30 anos aumentaram aproximadamente 1.200%, enquanto no grupo acima de 60 anos esse aumento foi de 230%. A população diagnosticada foi majoritariamente feminina, com 70% dos casos (6.030). Quanto aos óbitos, ocorreram 3.474 notificações no período, sendo 2019 o ano mais expressivo (893), com 25,7% do total, 300% a mais que 2013. Apesar de menor número de óbitos na população menor de 30 anos, esta apresentou o aumento mais expressivo durante o período (400%). **Conclusão:** A neoplasia anal é prevenível com medidas que vão desde práticas sexuais protegidas/vacinação contra o papilomavírus humano/hábitos adequados de higiene até o rastreamento sistemático de lesões precursoras. Evidencia-se aumento de novos casos e óbitos na população jovem e entre as mulheres, chamando atenção para elaboração de estratégias de prevenção primária e secundária direcionadas a esses grupos, que podem ser proficuas na transformação dessa realidade.

Palavras-chave: neoplasias do ânus, epidemiologia, HPV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P035>

P-035 – MICROBIOTA DO COLO UTERINO POR GRAM EM PACIENTES COM INFECÇÃO POR PAPILOMAVÍRUS HUMANO E OUTRAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Marina Mara Sousa de Oliveira¹, Hyan Staytkowy Magalhães Martins¹, Rafael Pereira de Vasconcelos², Renata Mirian Nunes Eleutério², José Eleutério Júnior¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Centro Universitário Christus

Apresentador: Marina Mara Sousa de Oliveira

E-mail: marinamaraso@hotmail.com

Introdução: A microbiota vaginal é um complexo sistema com diversidade de microrganismos. A disbiose parece aumentar o risco de infecções, principalmente as sexualmente transmissíveis, entre as quais por papilomavírus humano, agente associado a lesões cervicais. **Objetivo:** Avaliar os diferentes tipos de microbiota cervical e as suas características no esfregaço de material residual de citologia em meio líquido, associando com o papilomavírus humano e com *Chlamydia trachomatis*, *Neisseria gonorrhoeae*, *Mycoplasma genitalium*, *Mycoplasma hominis*, *Ureaplasma urealyticum*, *Trichomonas vaginalis*. **Métodos:** O estudo analisou 179 casos que tinham material residual de citologia em meio líquido. Aliquota do material foi colocado em lâmina adequada, fixado a seco e corado por método de Gram para leitura em microscópio óptico. Outra aliquota foi utilizada para estudo em reação em cadeia da polimerase – transcriptase reversa e multiplex para pesquisas dos microrganismos associados a infecções sexualmente transmissíveis. O teste exato de Fisher com intervalo de confiança foi utilizado para significância estatística. O projeto foi aprovado em comitê de ética sob número 24071519.9.0000.5049 (UniChristus). **Resultados:** Os casos foram divididos conforme o escore de Nugent aplicado a esfregaços corados pelo método de Gram. Em microbiota cervical normal (escores de 0 a 3), 100 casos (55,86%); em microbiota intermediária (escore de 4 a 6), 51 casos (28,5%); em sugestivo de disbiose (escore de 7 a 10), 28 casos (15,64%). Nos casos de disbiose, foram observados: *Chlamydia trachomatis* (1[3,57%]), *Mycoplasma hominis* (7[25%]), *Ureaplasma urealyticum* (1[3,57%]), papilomavírus humano 16/45 (1[3,57%]), papilomavírus humano

de alto risco (AR) (3[10,71%]) e AR e 16/45 (1[3,57%]). No grupo normal, foi a seguinte distribuição: *Ureaplasma urealyticum* (1[1%]), papilomavírus humano 16 (2[2%]), papilomavírus humano 18/45 (3[3%]), AR (13[13%]). No grupo intermediário, a distribuição foi: *Ureaplasma urealyticum* (2[3,9%]), papilomavírus humano AR (5[9,8%]) e papilomavírus humano AR, 16 (1[3,9%]). A única diferença significativa foi de *Mycoplasma hominis* na disbiose ($p < 0,0001$). **Conclusão:** O estudo não evidenciou uma associação maior no grupo de disbiose com a maioria das infecções sexualmente transmissíveis, no entanto, com *Mycoplasma hominis*, foi significativo.

Palavras-chave: colo uterino, microbiota, HPV, infecções sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P036>

P-036 – COMPARANDO A SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DE MULHERES QUE FAZEM SEXO COM MULHERES E DE MULHERES QUE FAZEM SEXO COM MULHERES E HOMENS

Marli Teresinha Duarte¹, Tamires Baraviera Ukawa¹, Mariana Alice de Oliveira Ignácio¹, Juliane Andrade², Ana Paula Freneda de Freitas¹, Thayna Santos Buesso¹

¹Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista

²Universidade de Brasília

Apresentador: Marli Teresinha Duarte

E-mail: marli.t.duarte@unesp.br

Introdução: Escassos estudos nacionais apontam lacunas de cuidado com a saúde sexual e reprodutiva de mulheres que fazem sexo com mulheres. **Objetivo:** Descrever e comparar aspectos da saúde sexual e reprodutiva de mulheres que fazem sexo exclusivamente com mulheres e mulheres que fazem sexo com mulheres e homens. **Métodos:** Estudo transversal, que incluiu 149 mulheres: 117 mulheres que fazem sexo com mulheres e 32 mulheres que fazem sexo com mulheres e homens. Dados obtidos entre janeiro de 2015 e março de 2017 por aplicação de questionário, incluindo variáveis sociodemográficas, comportamento e prática sexual e saúde sexual e reprodutiva, e analisados por estatística descritiva e teste de proporção. Considerou-se $p < 0,05$ como nível de significância. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa local (parecer n. 837447). **Resultados:** A maioria das mulheres encontrava-se na faixa etária entre 20 e 49 anos (83,9%), era branca (74,5%), não unida (73,2%), tinha 12 anos ou mais de estudos concluídos (51,0%) e atividade remunerada (73,8%). Apenas 18,1% faziam uso consistente de preservativo, 47,0% e 57,0% não tinham realizado sorologias para infecções sexualmente transmissíveis/aids e consulta ginecológica no último ano, respectivamente, 36,2% estavam com o exame de papanicolau em atraso e 26,9% nunca o realizaram. As mulheres que fazem sexo com mulheres e homens tiveram maior percentual de múltiplas parcerias e parceria eventual nos últimos 12 meses (75,0 versus 25,6%, [$p < 0,0001$]) e (65,6 versus 18,8% [$p < 0,0001$]), respectivamente, revelaram menos fazer sexo com mulher nos serviços de saúde (31,3 versus 58,1 [$p = 0,0125$]), usavam mais métodos contraceptivos (37,5 versus 20,5% [$p = 0,0095$]) e apontaram mais o sexo com homem como forma de concretizar o desejo de ter filhos (38,9% versus 3,7% [$p = 0,0003$]) do que as mulheres que fazem sexo com mulheres. **Conclusão:** Ambos os grupos apresentavam vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis/aids, tendo as mulheres que fazem sexo com mulheres e homens comportamentos que elevavam essa condição. Sugere-se atenção às necessidades e vulnerabilidades de ambos os grupos para a promoção de cuidado integral em saúde.

Palavras-chave: homossexualidade feminina, saúde sexual, mulheres.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P037>

P-037 – BOLETINS INFORMATIVOS COMO FERRAMENTA PARA DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES SEGURAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

Luiz Cláudio Oliveira Alves de Souza¹, Mariana Dias Lula¹, Cléssius Ribeiro de Souza¹, Ana Luiza Pereira da Rocha¹, Micheline Rosa Silveira¹, Marina Guimarães Lima¹, Maria das Graças Braga Ceccato¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais

Apresentador: Luiz Cláudio Oliveira Alves de Souza

E-mail: luigti@gmail.com

Introdução: A pandemia de COVID-19 evidenciou a necessidade de desenvolver ferramentas para a divulgação de informações seguras em saúde, especialmente para pessoas vivendo e convivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Descrever a elaboração de boletins informativos para pessoas que vivem e convivem com vírus da imunodeficiência humana no contexto da pandemia de COVID-19. **Métodos:** Os boletins informativos são publicações periódicas desenvolvidas por professores, pesquisadores, alunos da pós-graduação e da graduação da Universidade Federal de Minas Gerais integrantes do projeto de extensão

“Ações integradas para orientação às pessoas que vivem e convivem com vírus da imunodeficiência humana frente à pandemia de COVID-19”. Os boletins são elaborados seguindo seis etapas principais: i) busca em bases de dados, ii) seleção dos estudos e revisão da literatura, iii) escrita, iv) formatação, v) revisão e vi) publicação. Para alcançar leitores com diferentes níveis de escolaridade e letramento em saúde, os boletins são escritos em linguagem acessível, utilizando ferramentas de *design* e *layout* apropriados, ilustrações educativas, esquemas e infográficos, disponibilizados no *website* Pensando Nisso e salvos em PDF para facilitar o compartilhamento por meios digitais. **Resultados:** O primeiro boletim foi publicado em julho de 2020 e abordou temas como: riscos e ações para o enfrentamento da COVID-19 para pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, terapia antirretroviral e COVID-19, acesso aos antirretrovirais durante a pandemia e interações medicamentosas. O segundo boletim foi publicado em novembro de 2020, com os seguintes temas: características, principais sintomas e tratamento (casos leves, moderados e graves) da COVID-19 para pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana e desfechos em pacientes hospitalizados. **Conclusão:** Os boletins informativos constituem importantes ferramentas de compartilhamento de informações seguras e confiáveis no contexto da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana e da pandemia de COVID-19. Ações como essa contribuem para a promoção da saúde integral das pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana, fornecendo subsídios para a tomada de decisão e manutenção de medidas preventivas.

Palavras-chave: coronavírus, HIV, educação em saúde, publicações eletrônicas.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P038>

P-038 – DESFECHO DESFAVORÁVEL DA SÍFILIS GESTACIONAL

Daniella Carvalho Araújo¹, Matheus Sousa Marques Carvalho¹, Paula Lima da Silva¹, Pedro Samuel Lima Pereira¹, Bráulio Vieira de Sousa Borges¹, Alice da Silva¹, Láisa Rebecca Sousa Carvalho¹, Emanuelle Fernandes Silva¹, Rosilane de Lima Brito Magalhães¹

¹Universidade Federal do Piauí

Apresentador: Daniella Carvalho Araújo

E-mail: danielacaraujo@hotmail.com

Introdução: A sífilis é uma doença bacteriana e sistêmica que, quando não tratada ou tratada inadequadamente, progride por anos. É um problema de saúde pública em razão da alta frequência e possibilidade de desfechos desfavoráveis ao final da gestação, sendo associada a diversos fatores sociodemográficos, socioeconômicos, comportamentais e a não realização do pré-natal. **Objetivo:** Identificar os fatores associados aos desfechos desfavoráveis da sífilis gestacional. **Métodos:** Estudo transversal realizado em uma capital do Nordeste brasileiro com gestantes com diagnóstico de sífilis cadastradas e identificadas em uma equipe da Estratégia Saúde da Família. A coleta ocorreu por meio da aplicação de um instrumento e atendeu todos os aspectos éticos, com número de parecer 2.975.828. **Resultados:** Ao todo, 73 gestantes com sífilis participaram do estudo, e foi identificada uma prevalência de transmissão vertical em 30 casos (41,1%). As gestantes eram jovens com baixa escolaridade (43 [58,9%]), cor não branca (69 [94,5%]) e com parceria fixa (62 [84,9%]). Foi verificado que o consumo de bebida alcoólica (11 [15,1%]) ($p=0,003$) e consumo de outras drogas ilícitas (4 [5,5%]) são fatores associados à transmissão vertical da sífilis. Além disso, a precocidade na primeira relação sexual (61 [83,6%]) e o uso de preservativo após diagnóstico de sífilis (35 [47,9%]) foram observados. **Conclusão:** Foram verificados comportamento de risco, sobretudo o uso do álcool e drogas ilícitas, precocidade na primeira relação sexual e não uso do preservativo. Os resultados reforçam que a qualidade da assistência pré-natal é imprescindível para a redução da ocorrência da sífilis gestacional e dos desfechos desfavoráveis.

Palavras-chave: gestantes, sífilis, transmissão vertical.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P039>

P-039 – PERFIL MATERNO DOS CASOS DE SÍFILIS CONGÊNITA EM FORTALEZA (2010–2020)

Izabel Cristina de Souza¹, Vitória Caroline da Cunha Rodrigues¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Izabel Cristina de Souza

E-mail: izabelsouzaenf@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita pode ocorrer durante qualquer fase da gestação ou durante o parto, ocasionando consequências severas, como abortamento, prematuridade ou mesmo morte do recém-nascido. O diagnóstico precoce de sífilis em gestantes e tratamento adequado podem reduzir as taxas de sífilis congênita. **Objetivo:** Descrever perfil materno de casos de sífilis congênita ocorridos no município Fortaleza (CE). **Métodos:** Estudo descritivo, transversal e quantitativo, com dados extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, com recorte do período de 2010 a 2020. **Resultados:** Dos 6.384 casos de sífilis congênita na cidade de Fortaleza, a faixa etária materna prevalente foi de 20 a 29 anos (54,2%). O nível educacional concentrou-se na faixa da 5ª a 8ª série incompleta (36,6%),

e 21,5% das respostas foram ignoradas. O pré-natal foi realizado por 73,9% da amostra, momento em que 49,7% das gestantes foram diagnosticadas com sífilis. Ainda assim, 41,8% dos diagnósticos de sífilis ocorreram apenas no momento do parto. A maior parte não havia realizado tratamento (52,6%). **Conclusão:** O conhecimento acerca do perfil materno permite que estratégias sejam traçadas, objetivando a redução dos casos e/ou o fortalecimento de medidas de diagnóstico precoce e tratamento adequado. Condições socioeconômicas ligam-se a melhores indicadores de saúde e são influenciadas pelo nível educacional. A desconsideração desse dado pode dificultar a implementação de estratégias educativas. A maior parte das mulheres realizou o pré-natal e, dessas, quase metade foi diagnosticada no mesmo período, o que reforça a importância da oferta e adesão ao pré-natal. Expressiva parcela só foi diagnosticada no momento do parto, o que pode indicar acompanhamento inconsistente, com desfechos desfavoráveis. Estimula-se a identificação de fatores associados a esses casos; ademais, deve-se garantir acesso à testagem e ao tratamento imediato, sendo as gestantes sensibilizadas quanto à importância desse acompanhamento.

Palavras-chave: sífilis congênita, monitoramento epidemiológico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P040>

P-040 – ASSOCIAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO DA PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO E O USO DE PRESERVATIVO EM CONSUMIDORES DE MÍDIAS SEXUAIS EXPLÍCITAS

André Felipe de Castro Pereira Chaves¹, Telma Maria Evangelista de Araújo¹, Rômulo Veloso Nunes¹, Priscilla Dantas Almeida¹, Karinna Alves Amorim de Sousa², Inês Fronteira³

¹Universidade Federal do Piauí

²Secretaria Estadual de Saúde do Piauí

³Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa

Apresentador: André Felipe de Castro Pereira Chaves

E-mail: andre_cchavez14@hotmail.com

Introdução: Atualmente, com a expansão de um mundo globalizado, as mídias sociais realizam o papel da conexão entre as pessoas e, com isso, o acesso às mídias sexuais explícitas tem aumentado bastante. A profilaxia pré-exposição é uma importante ferramenta utilizada para barrar a capacidade de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, embora estudos demonstrem que a falta de informação torna essa estratégia ainda bastante desconhecida. **Objetivo:** Identificar associação entre o conhecimento sobre profilaxia pré-exposição e o uso de preservativo nas relações sexuais de consumidores de mídias sexuais explícitas. **Métodos:** Estudo analítico, transversal, com população composta de consumidores de mídias sexuais explícitas residentes na região Nordeste, totalizando 349 indivíduos. A coleta de dados foi realizada entre julho e dezembro de 2020. A variável desfecho foi o uso do preservativo na relação sexual. Foram realizadas análises bivariadas, por meio do teste qui-quadrado de Pearson e fixada a significância estatística em 20% ($p706,0,200$). No modelo multivariado realizou-se a regressão logística múltipla hierárquica, com razão de chance ajustada e $p706,0,05$. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí sob parecer n. 3.915.991. **Resultados:** O conhecimento sobre profilaxia pré-exposição foi estatisticamente associado ao uso do preservativo ($p=0,048$). A chance de usar preservativo no ato sexual entre os que tinham conhecimento referido sobre profilaxia pré-exposição foi reduzida em 30% (razão de chance ajustada=0,699). **Conclusão:** Observa-se que os consumidores de mídias sexuais explícitas do estudo concebem a profilaxia pré-exposição como uma alternativa para o não uso de preservativo quando de fato se trata de uma medida de prevenção combinada. Entende-se que o uso das redes sociais pode ser uma estratégia importante e facilitadora de intensificação de orientações sobre a profilaxia pré-exposição e demais medidas de prevenção contra as infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: profilaxia pré-exposição, preservativos, mídia audiovisual.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P041>

P-041 – PREVALÊNCIA DE SÍFILIS CONGÊNITA NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS EM UMA MATERNIDADE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA

Maisa Leitão de Queiroz¹, Lívia Karoline Torres Brito², Isla Lopes de Azevedo Rodrigues¹, Edgleys Carneiro Aguiar², Juliana Sampaio Santos², Morgana Boaventura Cunha², Luana Duarte Wanderley Cavalcante², Raquel Ferreira Gomes Brasil², Lívia de Paulo Pereira³, Vanessa da Frota Santos³

¹Centro Universitário Ateneu

²Maternidade Escola Assis Chateaubriand

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita constitui um problema mundial de saúde. Milhares de gestantes se infectam a cada ano. A sífilis congênita, quando não tratada precocemente, desencadeia vários problemas, como: parto prematuro, aborto, morte fetal, entre outros. O crescente

número de novos casos relaciona-se com a baixa escolaridade, múltiplos parceiros, uso de drogas, baixa condição socioeconômica. **Objetivo:** Descrever a prevalência de sífilis congênita nos últimos cinco anos em uma maternidade pública do município de Fortaleza (CE). **Métodos:** Estudo descritivo, retrospectivo, realizado em uma maternidade do município de Fortaleza. Os dados foram coletados em consulta aos registros dos sistemas de informação do serviço durante o mês de maio de 2021. Adotaram-se os casos confirmados entre os anos de 2016 e 2020. Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com parecer n. 1.899.089. **Resultados:** Identificaram-se 1.113 casos de sífilis congênita nos últimos cinco anos na referida maternidade, sendo esses distribuídos da seguinte forma: no ano de 2016, foram notificados 187 casos, correspondendo a 17% do total do período; em 2017, foram registrados 250 casos (22,4%); no ano de 2018, houve 262 casos (23,5%); no ano de 2019, ocorreram 181 casos (16,2%); até dezembro de 2020, foram notificados 233 casos (21%). Observou-se que ocorreu uma diminuição no número de casos no ano de 2019 quando comparado aos demais anos, podendo ser justificado pelo diagnóstico e tratamento precoce da sífilis ainda no pré-natal. Notou-se que houve um acréscimo de 52 casos no ano de 2020 quando comparado ao ano de 2019 e que isso pode estar relacionado com o início do período pandêmico, que dificultou o acesso ao pré-natal e consequente diagnóstico precoce. **Conclusão:** Identificou-se um elevado número de casos, o que pode estar relacionado à carência na assistência do pré-natal e falta de intervenções educativas e medidas de prevenção da infecção.

Palavras-chave: sífilis congênita, prevalência, transmissão vertical.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P042>

P-042 – INVESTIGAÇÃO DE PREDITORES DO ÓBITO EM UMA COORTE DE PACIENTES COM COINFEÇÃO TUBERCULOSE/VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM PORTO ALEGRE

Brendha Ferreira Henrique¹, Evelin Maria Brand¹, Rafael Steffens Martins¹, Vinicius de Souza Casaroto¹, Sondre Schneck¹, Daniela Riva Knauth¹, Andréa Fachel Leal¹, Bruna Hentges¹, Claudia Rodrigues de Oliveira¹, Luciana Barcellos Teixeira¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Brendha Ferreira Henrique

E-mail: brendhafhenrique@gmail.com

Introdução: Em 2019, o total de óbitos por tuberculose foi de 1,4 milhões, dos quais 208 mil foram de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. A coinfeção tuberculose/vírus da imunodeficiência humana configura-se como uma combinação sinérgica, na qual uma infecção acelera a progressão da outra, potencializando a piora clínica e podendo causar morte. Porto Alegre (RS) é a quarta cidade brasileira com maior coeficiente de incidência de tuberculose (84,4 casos/100 mil habitantes) e a terceira cidade com maior taxa de mortalidade pela doença (5,3/100 mil habitantes). **Objetivo:** Investigar preditores do óbito em casos de coinfeção tuberculose/vírus da imunodeficiência humana em Porto Alegre. **Métodos:** Estudo de coorte retrospectiva de 2.417 casos de coinfeção tuberculose/vírus da imunodeficiência humana registrados entre 2009 e 2013 em Porto Alegre, Brasil. Foram coletados dados demográficos, clínicos, ocorrência de internações e óbito de três bases de dados nacionais que fazem parte do Sistema Nacional de Vigilância em Saúde e utilizou-se a técnica de *linkage* de dados. A investigação de preditores ocorreu por regressão de Cox, em que foram estimadas as razões de risco brutas e ajustadas, com significância de 5%. **Resultados:** A ocorrência de óbito foi de 25,8%. A escolaridade esteve associada ao desfecho no modelo bruto, mas perdeu significância no modelo ajustado. A razão de risco ajustada para idade foi de 1,02 (intervalo de confiança [IC] 95% 1,01–1,03). Sobre a entrada no sistema de vigilância, a razão de risco ajustada foi de 4,58 para casos novos (IC 95% 1,14–18,4), 4,51 para recidiva (IC 95% 1,11–18,4) e 4,53 para reingresso após abandono (IC 95% 1,12–18,4), todos comparados aos casos de transferência. A ocorrência de internação hospitalar conferiu razão de risco ajustada de 4,06 (IC 95% 3,28–5,04) comparada com os que não tiveram internação. Realização de tratamento diretamente observado conferiu proteção de 41% (IC 95% 0,45–0,77) para o óbito. **Conclusão:** O estudo evidencia classificação do caso, idade e internação como preditores do óbito e realização de tratamento diretamente observado como importante fator de proteção.

Palavras-chave: coinfeção, HIV, mortalidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P043>

P-043 – PRÁTICAS SEXUAIS DA POPULAÇÃO DE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS DE TERCEIRA IDADE

Rômulo Veloso Nunes¹, André Felipe de Castro Pereira Chaves¹, Álvaro Francisco Lopes de Sousa², Eduardo Maziku Lulendo³, Inês Fronteira³, Karinna Alves Amorim de Sousa¹, Telma Maria Evangelista de Araújo¹

¹Universidade Federal do Piauí

²Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

³Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa

Apresentador: Rômulo Veloso Nunes

E-mail: romuloveloso@hotmail.com

Introdução: A população de homens que fazem sexo com homens, juntamente a outras populações-chave, representa, atualmente, 54% das novas infecções pelo vírus da imunodeficiência humana no mundo. Nesse cenário, a profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana configura-se como uma das principais medidas preventivas no enfrentamento da epidemia da aids. **Objetivo:** Analisar as práticas sexuais e uso de profilaxia pré-exposição em homens que fazem sexo com homens. **Métodos:** Estudo analítico, transversal, com amostra coletada de forma *on-line*, composta de 225 homens que fazem sexo com homens residentes em países de língua portuguesa, com idade igual ou superior a 60 anos. As variáveis estudadas foram: idade, escolaridade, imigração, relacionamento, parceria sexual, relações sexuais nos últimos 30 dias e últimos seis meses e uso de profilaxia pré-exposição. Foram realizadas análises bivariadas por meio do teste qui-quadrado de Pearson e fixada a significância estatística em 5% (p<0,05). O estudo foi aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Nova de Lisboa, sob parecer n. 12.19. **Resultados:** A idade média encontrada foi de 64,14 anos e a idade de 66 anos foi a mais frequente. O nível de escolaridade é compatível com ensino superior completo (51,1%). Além disso, 31,11% afirmaram estar em um relacionamento. Contudo, entre esses, 27,55% mantêm relações casuais. Verificou-se que o uso de profilaxia pré-exposição foi estatisticamente associado ao número de parcerias sexuais nos últimos 30 dias e nos últimos seis meses (p=0,000), sendo mais frequente ter um a três parceiros a cada 30 dias (77,3%). Além disso, a maioria (85,8%) não está realizando o uso da profilaxia pré-exposição. **Conclusão:** A população homens que fazem sexo com homens de terceira idade é composta de idosos jovens que estão em um relacionamento, mas mantêm encontros sexuais casuais com mais de uma pessoa por mês sem realizar o uso da profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana, aumentando o risco de exposição ao vírus da imunodeficiência humana e de outras infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: herpes simplex, pessoa idosa, comportamento sexual, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P044>

P-044 – PERSISTENT AND RECURRENT URETHRITIS DUE TO MACROLIDE-RESISTANT *MYCOPLASMA GENITALIUM*: FIRST REPORT IN ARGENTINA

Gabriela Baldoni¹, Gabriela Iribarren², Claudia Garbasz², Pablo Striebeck³, Micaela Mayer Wolf³, Liliana Fernandez Canigia³, Patricia Galarza¹

¹Instituto Nacional de Enfermedades Infecciosas-ANLIS "Dr. Carlos G. Malbrán"

²Hospital General de Agudos Dr. Ignacio Pirovano

³German Hospital

Apresentador: Patricia Galarza

E-mail: patogalarza@gmail.com

Introdução: *Mycoplasma genitalium* (MG) is responsible for 15%–20% nongonococcal urethritis in men. In Argentina, the diagnosis is only performed by few laboratories. Single-dose 1 g azithromycin (AZM1D) treatment leads to emergence of macrolide resistance (mutations at 23S rRNA gene, region V, position 2058 or 2059). Recommendations include 5-day AZM (AZM5D) regimen, moxifloxacin as second-line therapy. Doxycycline is only 30% effective. Test of Cure (ToC) is advisable. **Objective:** The aim of this study was to describe the first two clinical cases of persistent and recurrent urethritis due to macrolide-resistant MG in Argentina. **Methods:** End point polymerase chain reaction (PCR) for diagnosis and ToC. Sanger sequencing analysis of mutations. **Results:** Case 1: A 26-year-old male patient with occasional heterosexual contacts and no history of sexually transmitted infections (STIs) complained urethral thick purulent discharge and dysuria (January 2018), with negative microbiological cultures and *Chlamydia trachomatis* PCR. The patient received ceftriaxone/AZM1D. However, symptoms persisted (April 2018). Later, doxycycline was prescribed for 1 month. Five days after treatment, the sample was referred to the STI national reference laboratory (NRL) and results were found positive for MG. The patient was given AZM5D. As a result, symptoms disappeared, posterior ToC was found negative, and retrospectively, sequencing 23S rRNA gene showed A2058G transition. Case 2: An 18-year-old male patient with stable heterosexual relationship complained of previous gonococcal urethritis and urethral serous exudate with inflammatory reaction (September 2017), with negative microbiological cultures. The patient received ceftriaxone and AZM1D as initial treatment. Later, he was given doxycycline for 10 days. On February 2018, symptoms reappeared and sample referred to the NRL was positive for MG (negative for other STIs). With AZM1D treatment, symptoms disappeared. After 1 month, the symptoms recurred. Results showed a new MG-positive sample (April 2018). AZM5D administration induced 2 weeks symptoms free and recurrence, requiring moxifloxacin treatment. Symptoms disappeared completely. Posterior ToC is negative. Subsequently, sequencing both samples referred to the NRL showed A2059G transition. **Conclusion:** The clinical cases presented notified the importance of early and accurate diagnosis of MG infections and use of adequate treatment schemes. We emphasized the relevance of monitoring and surveillance prevalence of macrolide-resistant MG in Argentina.

Keywords: urethritis, m. genitalium, antibiotic resistance.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P045>

P-045 – CONHECIMENTO DOS IDOSOS SOBRE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Elisângela do Nascimento Fernandes Gomes¹, Carolini da Silva Bruno¹, Sheila Soares Dutra¹, André Luiz Vasconcelos Vargas²

¹Centro Universitário de Valença

²Secretaria Municipal de Saúde

Apresentador: Elisângela do Nascimento Fernandes Gomes

E-mail: elisangelavass@yahoo.com.br

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana é um vírus que tem como alvo as células de defesa do organismo. Quando ocorre sua replicação sem controle, causa a depressão do sistema imunológico, desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida. **Objetivo:** A pesquisa teve por objetivos analisar o nível de conhecimento sobre vírus da imunodeficiência humana/aids na população idosa e compreender as ações que estão sendo desenvolvidas para a promoção e prevenção do vírus da imunodeficiência humana/aids para essa população. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória, descritiva, de abordagem quantitativa e qualitativa, que foi realizada na Casa de Saúde do Idoso do município de Valença (RJ). Contou com a participação de 43 idosos. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Valença (RJ) e recebeu o n. 2.897.740. **Resultados:** Utilizaram-se formulário sócio demográfico e questionário semiestruturado para coleta dos dados. Os dados foram analisados por estatística descritiva e apresentados sob a forma de gráficos e tabelas, discutidos por meio das literaturas pertinentes. Foi identificado que 74% dos idosos acertaram quando questionados sobre os conhecimentos gerais do vírus da imunodeficiência humana/aids, porém há lacunas nesse conhecimento; 65% dos idosos nunca fizeram uso do preservativo não se sentem ameaçados pelo vírus. Há uma fragilidade quanto às ações de promoção e prevenção do vírus da imunodeficiência humana/aids para essa população; 60,5% relataram que nunca participaram de ações para a promoção e prevenção da infecção. **Conclusão:** Conclui-se que há uma vulnerabilidade do idoso para infecção do vírus da imunodeficiência humana, tanto pelas lacunas do conhecimento quanto pelas atitudes equivocadas na vida sexual. Fica visível no estudo a necessidade de reorganização da assistência, de planejamento e de reformulação dos serviços oferecidos à população idosa, melhorando assim a qualidade do atendimento em relação à abordagem da sexualidade na terceira idade e a redução da infecção do vírus da imunodeficiência humana/aids.

Palavras-chave: HIV, aids, enfermagem, idoso.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P046>

P-046 – CONHECIMENTO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS POR JOVENS DE ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ

Rafaella Alcantara¹, Ronaldo Nicácio¹, Ingrid Araújo¹, Matheus Soares¹, Kenneth Barros¹, Elle Vieira¹, José Humberto Chaves¹, Geovana Neiva², Gentileza Neiva¹

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade da Cidade de Maceió

Apresentador: Rafaella Alcantara

E-mail: rafaella.alcantara@famed.ufal.br

Introdução: A incidência de infecções sexualmente transmissíveis é um problema de saúde pública mundial. Aproximadamente 25% das infecções sexualmente transmissíveis são diagnosticadas em jovens com menos de 25 anos de idade, mas a vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis é desigual e está relacionada às condições socioeconômicas e culturais, com pouca informação confiável sobre o assunto. Pesquisas já comprovaram a eficácia da educação sexual na prevenção de comportamento de risco e na idade de início da vida sexual. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho foi verificar o conhecimento dos jovens sobre infecções sexualmente transmissíveis em uma escola pública de Maceió em 2019. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, realizado com 84 alunos do 9º ano à 3ª série do ensino médio de escola pública de Maceió. Para coleta de dados, foram aplicados questionários com perguntas de identificação e caráter comportamental, com foco nas infecções sexualmente transmissíveis. **Resultados:** Os alunos tinham entre 14 e 25 anos. Dos 84 alunos, 41 (48,8%) eram do sexo feminino e 64 (76,2%) eram solteiros. Quanto ao comportamento sexual, 66 (78,5%) já haviam iniciado sua vida sexual, tendo a maioria entre 14 e 18 anos de idade. Quanto à prevenção, 52 (61,9%) afirmaram ter feito uso de algum método contraceptivo, sendo a camisinha masculina a mais utilizada (40). Quanto ao conhecimento, 51 (60,7%) receberam algum tipo de orientação sexual dos pais, mas 63 (75,0%) citaram a escola como local onde ouviram falar sobre o assunto, seguido pela internet (19,0%). Dos que já haviam iniciado a vida sexual 66 (78,5%), apenas 41 (62,1%) afirmaram fazer uso de algum método contraceptivo e 17 (25,7%) foram incapazes de conceituar infecções sexualmente transmissíveis. **Conclusão:** Esses resultados reforçam a importância da educação sexual para os jovens, disseminadores

de conhecimento para as gerações futuras, revelando a necessidade de programas de educação sexual para melhorar o quadro mundial de infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: educação sexual, doenças sexualmente transmissíveis, adolescente.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P047>

P-047 – NARRATIVAS DE VIDA: OS SENTIMENTOS E CONHECIMENTO DE MÃES COM FILHOS INTERNADOS POR SÍFILIS CONGÊNITA

Beatriz Cristina de Oliveira Guerra¹, Leila Rangel da Silva¹, Laura Johanson da Silva¹, Lívia de Souza Câmara¹, Isabela da Costa Monnerat¹

¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Beatriz Cristina de Oliveira Guerra

E-mail: beatrizcoliveira@edu.unirio.br

Introdução: Segundo o Boletim Epidemiológico sobre a sífilis, em 2019 o estado do Rio de Janeiro apresentou as maiores taxas de incidência da doença em 1.000 nascidos vivos, sendo 44,5 em gestantes e 20,1 de sífilis congênita. O estigma da doença, o tratamento doloroso do recém-nascido e possíveis desequilíbrios no núcleo familiar quando do diagnóstico podem impactar diretamente no emocional da mãe, envolvendo sentimentos de insegurança, revolta, culpa e medo. **Objetivo:** Identificar o conhecimento materno acerca da sífilis congênita e analisar os sentimentos maternos em relação à hospitalização do filho recém-nascido com sífilis congênita. **Métodos:** Foi utilizado o método narrativa de vida com seis puérperas que aceitaram dar seus depoimentos, que foram gravados e, posteriormente, transcritos. Pela codificação, surgiram 59 unidades temáticas. Na recodificação foram construídos cinco agrupamentos e, a partir da síntese, foram construídas duas categorias. Categoria 1: O cuidado e a proteção materna dos filhos com diagnóstico de sífilis congênita; Categoria 2: O conhecimento e o tratamento da sífilis na visão materna. **Resultados:** As puérperas relataram medo, angústia, preocupação com o bebê e arrependimento de não realização do tratamento adequado, além de duvidarem se a culpa pela transmissão eram delas ou do seu companheiro. O desconhecimento materno acerca das complicações decorrentes da sífilis congênita foi um achado na pesquisa; em contrapartida, as mães reconhecem a necessidade de prolongamento da internação para tratamento. **Conclusão:** O conhecimento confuso e cheio de crenças populares sobre a sífilis afetou a percepção emocional das puérperas sobre a infecção, pois muitas não compreenderam com clareza como se contaminaram e como poderiam ter evitado. Fazem-se necessários apoio, compreensão e esclarecimento ainda na fase gestacional, reforçando a importância do tratamento, por parte da equipe de saúde, com o objetivo de eliminar tabus e de reforçar as orientações sobre saúde sexual e a saúde da criança.

Palavras-chave: sífilis congênita, relações mãe-filho, emoções, conhecimento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P048>

P-048 – ESTUDO DA EPIDEMIOLOGIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lucas Fernandes de Oliveira¹, Amanda Lilian Monteiro de Almeida¹, Claudieli dos Santos Moreira¹, Maria Alix Leite Araújo¹, Ana Fátima Braga Rocha², Ana Karinne Dantas de Oliveira³, Marilene Alves Oliveira Guanabara¹, Simone Paes de Melo¹, Valéria Lima de Barros⁴, Aline Sales Nunes Félix¹

¹Universidade de Fortaleza

²Faculdade Terra Nordeste

³Universidade Estadual do Ceará

⁴Universidade Federal do Piauí

Apresentador: Lucas Fernandes de Oliveira

E-mail: lukas-ks@hotmail.com

Introdução: Capaz de transcender ampla influência social, agindo diretamente na sociedade, tendo como características histórico-sociais, mostrando ter relevância no processo de melhoria na sociedade, as ligas acadêmicas mostram-se fundamentais no processo de formação profissional, social, pois busca fazer com que os discentes participantes alcancem o trabalho pensando no tripé saúde, comunidade e universidade, tornando-se para o aluno peça fundamental para formação. **Objetivo:** Relatar a vivência dos discentes participantes da Liga Acadêmica de Gênero e Infecções Sexualmente Transmissíveis no processo de entendimento da epidemiologia. **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido pela Liga Acadêmica de Gênero e Infecções Sexualmente Transmissíveis, sendo composta de membros de cursos que o Centro de Ciências da Saúde engloba em maio de 2021. O estudo fundamenta-se pela discussão acerca da metodologia de saúde e doença na comunidade e a utilização de conceitos epidemiológicos que auxiliem na execução de atividades que a liga desenvolve. **Resultados:** A utilização de ferramentas para compreensão dos problemas de saúde e seu ciclo é complexo. Para isso, a liga estuda por bases de dados de domínio público, a fim de entender melhor o quadro de epidemias e as endemias das doenças sexualmente transmissíveis mais prevalentes na comunidade. Os dados são coletados em sistemas virtuais, assim podendo ser discutidos em reunião em busca do desenvolvimento de atividades educativas em saúde para disseminar medidas de promoção em saúde na comunidade. **Conclusão:** Evidencia-se que a conscientização é a melhor ferramenta de suporte

para promover os cuidados necessários para prevenção e, diante da epidemiologia, o grupo pode destacar os principais focos de assistência e proporcionar suporte para os serviços de saúde, tornando-se um modelo de ensino aprendido essencial no processo de formação.

Palavras-chave: epidemiologia, saúde pública, infecções sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P049>

P-049 – FATORES ASSOCIADOS À CARGA VIRAL INDETECTÁVEL APÓS SEIS MESES DE INÍCIO DO TRATAMENTO ENTRE PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: ESTUDO DE COORTE HISTÓRICA

Gerson Barreto Winkler¹, Daniela Santos Alves¹, Luciana Egres¹, Dariana Pimentel Gomes Hubner¹, Jonatan da Rosa Pereira da Silva¹, Mateus Espíndola de Moraes¹, Vinícius de Souza Casaroto¹, Cristine Coelho Cazeiro¹, Bruna Hentges¹, Luciana Barcellos Teixeira¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Daniela Santos Alves

E-mail: dnl.santosalves@gmail.com

Introdução: Atingir a carga viral indetectável é uma das metas estabelecidas para o fim da epidemia de vírus da imunodeficiência humana até 2030, uma que vez pessoas que vivem com o vírus indetectáveis possuem melhor qualidade de vida, têm menos chances de infectar outras pessoas e, por consequência, podem contribuir para a redução da carga viral comunitária. **Objetivo:** Analisar variáveis sociodemográficas e relativas ao momento do diagnóstico associadas à carga viral indetectável após seis meses de tratamento entre pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana assistidas em um serviço de atenção especializada. **Métodos:** Estudo de coorte histórica de 2013 e 2019 realizado com dados oriundos de sistemas nacionais de informação. As pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana foram classificadas em relação à carga viral após seis meses de início do tratamento — indetectáveis ou não. Comparações entre os grupos foram realizadas pela estatística de qui-quadrado de Pearson. **Resultados:** Foram analisados dados de 194 pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana. A maioria eram homens (69,6%), não negros (62,2%), com escolaridade em nível médio (27,8%) e idade média de 35,5 anos±10,4 anos. Desses, 122 possuíam exame de carga viral após seis meses de início de tratamento e 53% (n=65) atingiram a carga viral indetectável. As variáveis ter recebido a terapia antirretroviral em 30 dias ou menos após o seu diagnóstico (p=0,003) e CD4 inicial >501 células/mm³ (p=0,007) se associaram com a carga viral indetectável após seis meses de tratamento. **Conclusão:** Os resultados reforçam a importância do diagnóstico e início do tratamento antirretroviral entre pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana, uma vez que não ter atingido a carga viral indetectável após seis meses pode estar relacionado tanto ao diagnóstico tardio da doença quanto com a demora na dispensação da medicação. Nesse sentido, são necessárias estratégias para ampliar a oferta e procura por testagem para vírus da imunodeficiência humana e redução do tempo de espera para o início da terapia antirretroviral.

Palavras-chave: HIV, carga viral, terapia antirretroviral.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P050>

P-050 – AVALIAÇÃO DE IMPLANTES CONE MORSE INSTALADOS EM PACIENTES COM AIDS QUE USAM TERAPIA ANTIRRETROVIRAL ALTAMENTE POTENTE: RELATO DE CASOS CLÍNICOS

Rafaela Matos¹, Alfredo Mikail Melo Mesquita¹, Guilherme Pires¹, Elcio Magdalena Giovani¹

¹Universidade Paulista

Apresentador: Rafaela Matos

E-mail: rafaelaodonto2010@hotmail.com

Introdução: A síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) é uma condição que se manifesta após a infecção do organismo humano pelo vírus da imunodeficiência humana. Em 1996, foi lançada a terapia antirretroviral altamente potente, com o objetivo de desacelerar a imunodeficiência e restaurar a imunidade desses pacientes, ampliando sua expectativa de vida. Consequentemente, surgiu a necessidade de reabilitar odontologicamente esses pacientes, visando melhorar sua saúde bucal, autoestima e qualidade de vida. **Objetivo:** Este estudo foi desenhado para avaliar as mudanças dimensionais verticais no nível do osso peri-implantar em torno da colocação de implantes dentários em pacientes com aids usando terapia antirretroviral altamente potente. **Métodos:** Para a avaliação do nível ósseo, foram utilizadas tomografia computadorizada de feixe cônico, radiografias panorâmicas e radiografias periapicais nos períodos zero, dois, quatro e seis meses após a instalação dos implantes. As imagens foram digitalizadas e analisadas nos programas Adobe Photoshop CS5 e Digimizer 3.1.1.0. **Resultados:** Foram instalados 13 implantes que apresentaram perda óssea peri-implantar média de 0,26 mm no primeiro bimestre, 0,13 mm no segundo e 0,18 mm no terceiro bimestre, totalizando perda óssea peri-implantar média de 0,57 mm no semestre. **Conclusão:** Apesar das diversas alterações metabólicas

que podem afetar esses pacientes em razão de infecção, terapia medicamentosa, resposta imune e ausência de quociente de estabilidade e torque de inserção adequados, todos os implantes apresentaram osseointegração, bem como os parâmetros de sucesso clínico após a instalação do implante, e o grau de perda óssea nesse período está dentro do esperado de acordo com outros estudos.

Palavras-chave: aids, HIV, HAART, implante dentário, perda óssea.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P051>

P-051 – SÍFILIS CONGÊNITA: USO DA TELECONSULTA NO MONITORAMENTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE AUDIÇÃO E LINGUAGEM

Leila Juliane Pinheiro do Nascimento¹, Thaliny da Costa Silva¹, Heitor Lincoln Canuto de Almeida¹, Victor Vasconcelos de Barros¹, Brenda Karla da Cunha¹, Aryelly Dayane da Silva Nunes¹, Sheila Andreoli Balen¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Leila Juliane Pinheiro do Nascimento

E-mail: julianeleilaj@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita é considerada um indicador de risco para a deficiência auditiva, o que requer que a criança seja monitorada na atenção básica e avaliações auditivas semestrais na atenção especializada. No contexto atual, a tecnologia da informação e comunicação se torna uma ferramenta relevante para a área da saúde. Nesse sentido, o uso de escalas e questionários validados subsidiam o clínico na tomada de decisão dentro do atendimento a distância. **Objetivo:** Verificar a aplicação do protocolo de teleconsulta no monitoramento auditivo e do desenvolvimento de linguagem em crianças com sífilis congênita. **Métodos:** Estudo transversal. Amostra composta de 17 bebês (4 a 13 meses) cujas mães, no parto, eram positivas no Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas, com o bebê positivo ou não, tendo ambos recebido tratamento para a sífilis nesse período neonatal. Todos realizaram um atendimento presencial prévio para avaliação auditiva completa, com audição dentro da normalidade. Os bebês foram acompanhados por dois fonoaudiólogos, que realizaram anamnese e aplicação do questionário de acompanhamento da função auditiva e de linguagem e da Escala Brasileira de Desenvolvimento de Audição e Linguagem. Em todas as teleconsultas foram realizadas orientações acerca do desenvolvimento de audição e linguagem. **Resultados:** Dezesesseis sujeitos tinham idade inferior a um ano. Todos passaram na triagem com o questionário para o monitoramento do desenvolvimento auditivo e de linguagem no primeiro ano de vida. Na Escala Brasileira de Desenvolvimento de Audição e Linguagem, 94,12% apresentaram escores dentro do esperado para a idade. Os que falharam foram encaminhados para avaliações complementares de audição e linguagem. A aplicação dos protocolos foi simples e teve boa aceitação relatada pelos profissionais e responsáveis. Os escores foram próximos ao esperado em virtude da audição dentro do esperado para a idade. **Conclusão:** As duas ferramentas se mostraram satisfatórias para o monitoramento das crianças na modalidade teleconsulta, visto que são objetivas e de fácil compreensão pelos responsáveis.

Palavras-chave: sífilis congênita, sífilis, teleconsulta, audição, desenvolvimento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P052>

P-052 – APLICABILIDADE DO AUDIOVISUAL NO ACONSELHAMENTO PRÉ-TESTE RÁPIDO PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Túlio César Vieira de Araújo¹, Chyrlly Elidiane de Moura¹, Marize Barros de Souza¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Túlio César Vieira de Araújo

E-mail: tuca_cva@hotmail.com

Introdução: Os testes rápidos usados para a detecção de vírus da imunodeficiência humana, sífilis e hepatites B e C são de exceção simples e representam uma importante ferramenta de diagnóstico precoce, porém exigem um correto manejo nas suas distintas etapas. O aconselhamento pré-teste é uma etapa relevante e representa um desafio na aceitação do teste, na adesão ao tratamento e no acolhimento do resultado positivo. Fundamentado na importância do pré-teste, faz-se salutar criar estratégias para um aconselhamento exitoso. **Objetivo:** Analisar a aplicabilidade do audiovisual como ferramenta no aconselhamento pré-teste. **Métodos:** Estudo descritivo, quantitativo, realizado de julho/2019 a novembro/2020, em uma unidade de saúde da família de Natal (RN). Para avaliar a aplicabilidade do audiovisual, foi utilizado um instrumento composto de cinco perguntas com as seguintes respostas: totalmente adequado, adequado, parcialmente adequado, inadequado. O vídeo educativo foi fruto de uma dissertação de mestrado profissional cuja pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, parecer n. 2.529.502/2018. **Resultados:** Sobre a duração do vídeo, dos 160 participantes, 68% apontaram como totalmente adequada, 31% como adequada. Em relação à importância dos assuntos abordados, 86% classificaram como totalmente adequada, 13% como adequada.

A facilidade de compreensão do texto foi avaliada por 81% como totalmente adequada e por 15% como adequada. Sobre a serventia das ilustrações no vídeo, 83% indicaram que estava totalmente adequada, 15% que era adequada. A utilidade do vídeo para o entendimento das infecções sexualmente transmissíveis e do teste rápido foi o quesito melhor avaliado, com 91% classificando-a como totalmente adequada. Nenhum quesito foi avaliado como inadequado, e o percentual de respostas parcialmente adequado se mostrou irrisório. **Conclusão:** O audiovisual apresenta uma boa aplicabilidade, visto a excelente avaliação. A principal fragilidade foi sua duração. O vídeo de aconselhamento pré-teste rápido encontra-se disponível no YouTube e pode ser replicado na pluralidade dos usuários para um aconselhamento individual ou coletivo.

Palavras-chave: HIV, sífilis, hepatite viral humana, atenção primária à saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P053>

P-053 – A IMPORTÂNCIA DO USO DE ESTRATÉGIAS DE DIAGNÓSTICO PRECOCE DE SÍFILIS EM MULHERES EM IDADE FÉRTIL COMPARANDO DOIS MUNICÍPIOS BRASILEIROS

Juliane Andrade¹, Ana Paula Rabelo Chaves¹, Daniela Mendes dos Santos Magalhaes²

¹Universidade de Brasília

²Secretaria do Estado de Saúde do Distrito Federal

Apresentador: Juliane Andrade

E-mail: juenf_andrade@yahoo.com.br

Introdução: A Atenção Primária à Saúde é o nível de atenção privilegiado para ações de prevenção e controle das infecções sexualmente transmissíveis/aids. **Objetivo:** Descrever a importância do uso de estratégias de diagnóstico precoce de sífilis em mulheres em idade fértil comparando dois municípios brasileiros. **Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo de série histórica, com dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Foram calculadas as razões de sexo dos casos notificados de sífilis adquirida nos municípios de Botucatu (SP) e Brasília (DF) (2015–2019), além de busca de estratégias para diagnóstico de infecções sexualmente transmissíveis em mulheres no período reprodutivo nesses municípios. **Resultados:** Durante o período analisado, o ano de 2018 apresentou o pico da razão de sexo para ambos municípios. O valor do coeficiente da relação quantitativa entre os sexos revela que, em Botucatu, para cada 1 caso de notificação de sífilis adquirida em mulheres, existem 2 para homens. Enquanto isso, em Brasília, a razão é de 1:3. No município de Botucatu, na Atenção Primária à Saúde, há protocolo que consiste na aplicação sistematizada de testes sorológicos para mulheres em idade fértil, a fim de diagnosticar e tratar casos de sífilis e outras infecções sexualmente transmissíveis. Em contrapartida, em Brasília, tais ações de detecção precoce não são sistematizadas. **Conclusão:** Culturalmente as mulheres frequentam mais os serviços de saúde, mesmo assim ainda há a necessidade de oportunizar o acesso das mulheres aos serviços de saúde para o diagnóstico de infecções sexualmente transmissíveis. Estratégia de testagem no público feminino antes de um eventual pré-natal é uma forma eficiente de prevenção da sífilis congênita, bem como reflete no aumento do número de notificações de mulheres com sífilis adquirida. Em Brasília há uma evidente vulnerabilidade da Atenção Primária à Saúde referente às estratégias de testagem. Logo, recomenda-se que a Atenção Primária à Saúde seja compreendida como o principal nível para o diagnóstico da sífilis.

Palavras-chave: sífilis, sífilis congênita, prevenção de doenças.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P054>

P-054 – IMPLANTAÇÃO DE TRIAGEM PARA *CHLAMYDIA TRACHOMATIS* E *NEISSERIA GONORRHOEAE* EM CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO E SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Maria Cristina Abbate¹, Carmen Lucia Soares¹, Carolina Marta de Matos Nogueira¹, Flávio Andrade Santos¹, Maria Elisabeth Barros Reis Lopes¹, Robinson Fernandes de Camargo¹, Valdir Monteiro Pinto¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo

Apresentador: Maria Cristina Abbate

E-mail: flavioasantos@prefeitura.sp.gov.br

Introdução: A Organização Mundial da Saúde¹ estima cerca de 127 milhões de novos casos anuais de *Chlamydia trachomatis* e 87 milhões de *Neisseria gonorrhoeae*, no mundo, para população sexualmente ativa, que podem ocorrer assintomaticamente, aumentando o risco de adquirir/transmitir o vírus da imunodeficiência humana. Estudo americano² mostra que, entre assintomáticos, houve 4,5% de positividade em mulheres e 5,3%, de homens. A Rede Municipal Especializada em infecções sexualmente transmissíveis/aids realiza 60 mil diagnósticos anuais de vírus da imunodeficiência humana, sendo 70% homens e, desses, 50% homens que fazem sexo com Homens ou transexuais. **Objetivo:** Estudar a prevalência de *Chlamydia trachomatis/Neisseria gonorrhoeae* na população atendida Centro de Testagem e Aconselhamento e serviço de assistência especializada no município de São Paulo. **Métodos:**

Estudo de corte transversal, com amostra não probabilística da população de homens que fazem sexo com homens e mulheres transgênero maiores de 18 anos em uso de profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana entre fevereiro/2020 e fevereiro/2021. Os voluntários responderam questionário sobre práticas sexuais, uso de drogas, antecedentes de infecções sexualmente transmissíveis e colheram amostras de urina, swab anal e orofaringe (Kit Abbott RealTime *Chlamydia trachomatis/Neisseria gonorrhoeae*). **Resultados:** Verificou-se a prevalência, segundo relato de infecções sexualmente transmissíveis prévia:

Com infecções sexualmente transmissíveis:

Clamídia-urina: 5,6% (3/54), orofaringe: 5,8% (3/52), anal: 16,0% (8/50),

Gonorréia-urina: 1,9% (1/54), orofaringe: 5,8% (3/52), anal: 16,0% (8/50).

Sem infecções sexualmente transmissíveis:

Clamídia-urina: 3,7% (15/410), orofaringe: 3,6% (14/390), anal: 12,2% (46/378),

Gonorréia-urina: 0,5% (2/410), orofaringe: 11,0% (43/390), anal: 7,7% (29/377).

Situação de infecções sexualmente transmissíveis ignorada:

Clamídia-urina: 6,5% (3/46), orofaringe: 4,8% (2/42), anal: 12,2% (5/41),

Gonorréia-urina: 4,3% (2/46), orofaringe: 14,3% (6/42), anal: 9,8% (4/41).

A maioria dos voluntários relatou não ter tido infecções sexualmente transmissíveis ou desconhecer essa situação. As maiores prevalências foram de *Chlamydia trachomatis* na região anal, seguida pela *Neisseria gonorrhoeae* na região da orofaringe, ambas de forma assintomática, favorecendo sua disseminação. **Conclusão:** Embora a prevalência entre os que relataram infecções sexualmente transmissíveis prévia tenha sido relativamente maior, a alta prevalência entre os assintomáticos reforça a importância do diagnóstico precoce, principalmente após situações de exposição em populações de maior vulnerabilidade, o que motivou a ampliação do estudo em 2021 para toda a Rede Municipal Especializada, a benefício da saúde pública.

Palavras-chave: chlamydia, gonorréia, herpes simplex, transgênero.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P055>

P-055 – ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS E COMPORTAMENTAIS DOS USUÁRIOS DE UM CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO LOCALIZADO EM UM SETOR DE DERMATOLOGIA SANITÁRIA

Leonardo José Lora Barraza¹, Clarissa Castanheira Alves Belmonte de Barros¹, Leticia Cesário Pereira¹, Nayane Figueiró Freire dos Santos¹, Rafael Bessa Fleming¹, Thais Sales Amendola¹, Felipe Sepulveda Coutinho¹, Renata Elisa Severo da Silva¹, Thatiane Camargo Romero¹

¹Instituto de Dermatologia Professor Rubem David Azuly

Apresentador: Leonardo José Lora Barraza

E-mail: leo.loraba@gmail.com

Introdução: Centros de Testagem e Aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana oferecem, entre outras atividades, a realização de testes rápidos de imunocromatografia, permitindo também conhecer o perfil epidemiológico dos casos infectados. Os setores de dermatologia sanitária são voltados para atendimento, notificação e tratamento de casos da hanseníase e infecções sexualmente transmissíveis, as quais podem ter diversas manifestações cutâneas ou simular outras dermatoses, fazendo importante o acesso dos usuários às sorologias de fácil e rápida execução para triagem das infecções sexualmente transmissíveis mais comuns. **Objetivo:** Interpretar o perfil epidemiológico dos usuários submetidos a testes rápidos no nosso setor nos últimos quatro anos. Apontar os temas mais prevalentes durante o aconselhamento. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional, de corte transversal e coleta retrospectiva embasado no método epidemiológico dos usuários de um Centro de Testagem e Aconselhamento localizado em um setor de dermatologia sanitária durante os anos de 2017 a 2020. Foram utilizados dados de testes rápidos para sífilis, vírus da imunodeficiência humana, hepatites virais e das entrevistas de aconselhamento semiestruturadas (pré e pós-teste) realizadas na rotina de atendimento. Foram categorizados de acordo com variáveis estatísticas para sua posterior análise. **Resultados:** Observaram-se 40 (18%) resultados positivos entre 223 usuários testados, sendo grande parte (68%) dos usuários do gênero masculino. Do total de usuários, 6%, 10,76%, 0,44% e 0,88% foram reagentes para vírus da imunodeficiência humana, sífilis, hepatite B e hepatite C, respectivamente. Em relação ao aconselhamento, a maioria manifestou uso irregular de preservativo (81%), além de manifestar dúvidas sobre a transmissibilidade dessas infecções e a importância da testagem regular. **Conclusão:** Embora haja similaridades em relação à atual tendência da epidemia de sífilis e vírus da imunodeficiência humana, existem peculiaridades que merecem intervenções preventivas diferenciadas na nossa região. Os Centros de Testagem e Aconselhamento são fonte de informações relevantes sobre o perfil social, epidemiológico e comportamental da população, facilitando também o aconselhamento sobre temas fundamentais, como transmissibilidade, prevenção e testagem regular das infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: aconselhamento sexual, sífilis, HIV, testes sorológicos.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P056>

P-056 – AVALIAÇÃO ODONTOLÓGICA COMO PORTA DE ACESSO A PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS EM SITUAÇÃO DE RUA EM ABORDAGENS EXTRAMUROS

Ana Amélia Nascimento da Bones¹, Cristina Klein do Amaral², Tiago Pereira¹, Bruno Kras Friderich³, Rosângela Nery Barreto¹, Aíron Tetelbom Stein¹

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

²Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Ana Amélia Nascimento da Bones

E-mail: anageriatra@hotmail.com

Introdução: Na meta 90–90–90, os segundos e terceiros passos são desafiadores, pois envolvem vínculo com o tratamento e a supressão viral. As abordagens para convencimento de tratamentos são múltiplas, não existindo um único caminho. Em Porto Alegre, uma cidade no *ranking* brasileiro com os piores indicadores do vírus da imunodeficiência humana nos últimos 12 anos, o serviço de Consultório na Rua está associando à oferta de saúde odontológica com o manejo clínico dos usuários. **Objetivo:** Analisar se a oferta de atendimento interdisciplinar às pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids que buscam o Consultório na Rua com queixas odontológicas pode ser uma estratégia para vinculação para terapia antirretroviral. **Métodos:** Sabendo-se que há 5.332 usuários cadastrados no Consultório na Rua, sendo 298 (5,5%) desses pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids, realizou-se o monitoramento dos usuários em situação de rua atendidos pela dentista em ações extramuros e no consultório, ofertando-se testes rápidos, consulta médicas, enfermagem, psicologia e serviço social ao longo de 30 dias no contexto da pandemia da COVID-19. **Resultados:** Realizou-se o perfil dos usuários em situação de rua atendidos. Dos 234 usuários atendidos pela odontologia, 14 (5,9%) eram pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids já diagnosticadas, tendo sido abordadas 10 (4,2%) em atividades extramuros, e essas aceitaram a consulta de no mínimo mais dois profissionais entre enfermeiro, médico, psicólogo e assistente social. Ainda, nesse grupo apenas três (1,2%) estavam aderentes à terapia antirretroviral, dois (0,8%) estavam em abandono e cinco (2,1%) sem vínculo. Já os quatro (1,7%) atendidos no consultório estavam aderentes à terapia antirretroviral, estando três (1,2%) indetectáveis.

Conclusão: A abordagem odontológica, especialmente extramuros, pode ser uma estratégia para iniciar/retomar o vínculo de pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids em situação de rua. A proposta de ação interdisciplinar é uma possibilidade para ampliar o acesso, especialmente a usuários que não procuram espontaneamente os serviços de saúde, sendo o perfil dos grupos prioritários por se encontrarem em situação de rua e, muitas vezes, serem dependentes químicos, transexuais, recém-libertos do sistema prisional e trabalhadoras do sexo.

Palavras-chave: HIV, aids, odontologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P057>

P-057 – ANÁLISE DE FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS DE GESTANTES COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UM MUNICÍPIO DO SUL DO BRASIL

Bruno Diniz Batista¹, Erildo Vicente Muller¹, Camila Marinelli Martins¹, Paula de Oliveira Herzinger¹, Felipe Cândia do Nascimento¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa

Apresentador: Bruno Diniz Batista

E-mail: paula.herzinger@hotmail.com

Introdução: Estima-se que haja 0,4% de grávidas com vírus da imunodeficiência humana no Brasil, apesar da provável subnotificação em relação à meta de 90% de detecção, 90% de tratamento e 90% de supressão da carga viral estabelecida pela Organização Mundial da Saúde. Outrossim, enquanto percebe-se o declínio da taxa mundial de novos casos para vírus da imunodeficiência humana e aids, é notável o aumento na prevalência de mulheres infectadas no Brasil, correspondendo a 31% da incidência, refletindo no alcance da doença às mulheres gestantes. **Objetivo:** Análise de fatores sociodemográficos de gestantes com vírus da imunodeficiência humana em um município do Sul do Brasil. **Métodos:** Estudo descritivo, longitudinal e retrospectivo, com fonte de dados derivados da Ficha de Notificação de Agravos do Sistema de Controle de Exames Laboratoriais, bem como dos prontuários de gestante com vírus da imunodeficiência humana que fizeram uso do Serviço de Assistência Especializada/Centro de Testagem e Aconselhamento no Município de Ponta Grossa (PR) entre janeiro de 2008 e dezembro de 2018. **Resultados:** Das 170 gestantes analisadas, 119 (70%) tinham de 20 a 34 anos, 142 (83,5%) se auto-declaravam brancas, 125 (73,5%) desempenhavam atividade laboral remunerada, 99 (58,2%) concluíram ensino fundamental e 169 (99,4%) tinham domicílio em zona urbana.

Conclusão: A configuração sociodemográfica apresentada nos resultados nos alarma para a prevalência de mulheres jovens, com baixa escolaridade e sem prestação de trabalho remunerado. A manutenção dessa estrutura reflete-se no fato de que, embora a maioria das gestantes tenha realizado pré-natal, a falha no controle virológico contribui para os desfechos negativos evitáveis. Ademais, ressalta-se o nível de escolaridade como ferramenta imprescindível para a discernimento do processo de circulação viral, tendo em vista que, a partir do conhecimento profilático e preventivo da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, as mulheres gozarão de autonomia para exercer sua saúde sexual e seus direitos reprodutivos.

Palavras-chave: HIV, gestantes, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P058>

P-058 – SEROEPIDEMIOLOGICAL STUDY OF HERPES SIMPLEX VIRUS TYPE 2 (HSV-2) INFECTION IN TRANSGENDER WOMEN IN GOIÁS

Bruno Vinícius Diniz e Silva¹, Brunna Rodrigues de Oliveira¹, Larissa Silva Magalhães², Kamila Cardoso dos Santos², Livia Melo Vilar³, Vanessa Salete de Paula³, Karlla Antonieta Amorim Caetano², Sheila Araújo Teles², Megmar Aparecida dos Santos Carneiro¹

¹Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás

²Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás

³Fundação Oswaldo Cruz

Apresentador: Bruno Vinícius Diniz E Silva

E-mail: bruno-vinicius14@hotmail.com

Introduction: Herpes simplex virus type 2 (HSV-2) causes lesions in the orolabial and anogenital region that last for a lifetime. Data show that about 491.5 million people live with HSV-2. **Objective:** The aim of this study was to evaluate the epidemiological profile of HSV-2 infection in a population of transgender women in Goiânia-GO and cities in the interior of the state. **Methods:** This is a cross-sectional study that estimates the prevalence of HSV-2 in transgender women residing or in transit in the metropolitan region of Goiânia and cities in the interior of the state. The Respondent-Driven Sampling (RDS) method was used for recruitment (sample size), the prevalence of HSV-2 was assessed by enzyme immunoassay. Statistical analyses were performed using the Statistical Package for the Social Science (SPSS). The database was analyzed to generate an adjusted prevalence of the characteristics of the study population. The study was approved by the Ethics Committee of the Universidade Federal de Goiás. **Results:** The prevalence was 8.2% (95% CI 5.0–12.2) for anti-HSV-2 IgM and 70.0% (95% CI 63.0–77.3) for anti-HSV-2 IgG; the bivariate analysis showed an association between positivity by IgG HSV-2 and age >30 years ($p<0.0001$), exchange of sex for money/drugs or consumer goods ($p=0.002$), more than 20 sexual partnerships in the past 7 days ($p=0.001$), and insertive anal sex ($p=0.011$); in the multivariate analysis, age ≥ 30 years ($p=0.001$) and more than 20 sexual partnerships in the past 7 days ($p=0.008$) were shown statistically related to HSV-2 infection. **Conclusion:** The data showed a high seroprevalence of HSV-2 among transgender women in the state of Goiás, indicating the need to develop public policies aimed at sexual education and improve this population's health conditions.

Keywords: transgender persons, prevalence, HSV-2.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P059>

P-059 – HOMENS TRANSMASCULINOS SUBMETIDOS A TRATAMENTO COM TESTOSTERONA: O QUE OBSERVAR NO RASTREIO CITOPATOLÓGICO CÉRVICO-VAGINAL

William Pereira Santos¹, Claudiane Valéria Oliveira², Alcindo Antônio Ferla³

¹Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora

²Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: William Pereira Santos

E-mail: pereirasantoswilliam@gmail.com

Introdução: Homens transexuais mantêm frequentemente órgãos femininos internos e devem receber ações para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e câncer de colo uterino. Essas ações são escassas/irregulares nos serviços de saúde. Nos rastreios citopatológicos, os exames sofrem interferências da terapia hormonal. **Objetivo:** Descrever a citomorfologia de exames papanicolaou realizados em homens transexuais submetidos a tratamento hormonal com testosterona e qualificar o diagnóstico diferencial, reduzindo resultados falso-positivos. **Métodos:** Revisão seletiva da literatura, com termos de busca “homens trans” e “citologia de colo uterino”, realizada na base Google Acadêmico, considerando a escassez de fontes, para recuperar artigos científicos, trabalhos de conclusão e documentos oficiais publicados nos últimos 20 anos. **Resultados:** A literatura revela que

homens transexuais submetidos à terapia hormonal com testosterona apresentam, normalmente, alterações compatíveis com inflamação e/ou atrofia nos epitélios cervical uterino e vaginal. As camadas superficial e intermediária do tecido epitelial reduzem-se, e são visíveis células imaturas. No esfregaço citológico, em casos de atrofia com ou sem inflamação, as células epiteliais escamosas podem ser observadas com relação núcleo/citoplasma aumentada, agrupadas e/ou isoladas, com alterações granular e fina na cromatina. As células glandulares endocervicais estão isoladas ou agrupadas em padrão arquitetural normal e com núcleos (cromatina e contorno) regulares. Esfregaços tecnicamente processados pelo método convencional ou base líquida podem apresentar diferenças entre os critérios celulares e resíduo granular no fundo. As amostras citológicas com indicio de neoplasia devem ser observadas considerando os critérios de malignidade. Em citologias de homens transexuais sem uso de testosterona, os elementos celulares apresentam-se compatíveis às condições dos hormônios ovarianos, responsáveis pela maturação de epitélio. **Conclusão:** É recomendado o rastreo citopatológico nos serviços de saúde, com registro de condições clínicas e uso de hormônios. Os profissionais responsáveis pelo diagnóstico necessitam formação específica sobre as alterações produzidas pelos hormônios para qualificar os laudos e as ações oferecidas à população.

Palavras-chave: atenção básica à saúde, câncer de colo uterino, sexualidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P060>

P-060 – INCIDÊNCIA DE ABANDONO NO TRATAMENTO DA SÍFILIS GESTACIONAL EM UMA GERÊNCIA DISTRITAL DE PORTO ALEGRE

Maria Luiza Martins Flôr¹, Etiane Brum Ferraz¹, Samira da Silva Carvalho¹, Gabriela Marques de Ávila¹, Laura Gantes Rodrigues Dias¹

¹Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre

Apresentador: Maria Luiza Martins Flôr

E-mail: maria.flor@acad.pucrs.br

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível considerada uma epidemia mundial cujo agente etiológico é a bactéria *Treponema pallidum*. O diagnóstico da sífilis gestacional é simples e o seu rastreamento é obrigatório durante o pré-natal. A transmissão da doença pode ocorrer de mãe para filho durante a gestação, caracterizando a sífilis congênita. Assim, deve-se iniciar o tratamento o mais breve possível para evitar a oportunidade de ocorrer uma transmissão vertical, e o parceiro sexual também deve ser tratado para que não ocorra reinfecção. A não adesão ao tratamento pode acarretar sequelas, prematuridade e óbito fetal. **Objetivo:** Objetivou-se identificar a incidência de abandono no tratamento da sífilis gestacional nos últimos cinco anos na Gerência Distrital Sanitária Centro do município de Porto Alegre (RS). **Métodos:** Foi realizado um estudo transversal descritivo com abordagem quantitativa analisando dados do período de 2016 a 2020 provenientes do portal Business Intelligence da Secretaria de Saúde do município de Porto Alegre. Foram analisados os dados da Gerência Distrital Sanitária Centro, composta de três unidades de saúde, que possuem, juntas, uma população adscrita de 277.426 habitantes. **Resultados:** No período analisado foram identificados 174 casos de sífilis em gestantes, entre as quais a taxa de abandono ou tratamento não realizado foi de 22,98%, em que 13 gestantes não haviam realizado o tratamento e 27 tiveram o desfecho ignorado, sendo consideradas tratamento não realizado. Entre os parceiros, 25 não haviam realizado o tratamento e 117 tiveram o desfecho ignorado. **Conclusão:** Estudos apontam que o desconhecimento perante a gravidade da doença, a baixa condição socioeconômica e a dor ocasionada pela administração da benzilpenicilina são fatores que contribuem para a não realização ou o abandono do tratamento. A Atenção Primária deve atuar na vigilância das gestantes de seu território, especialmente daquelas em tratamento para sífilis, realizando busca ativa das faltosas e trabalhando com a educação em saúde dessas mulheres.

Palavras-chave: gravidez, sífilis congênita, atenção primária.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P061>

P-061 – SÍFILIS NA GESTAÇÃO E CONGÊNITA NOTIFICADAS EM UM HOSPITAL MATERIDADE PÚBLICA DE PETRÓPOLIS (RJ)

Luciana Teixeira Velloso¹, Giovanna Velloso de Oliveira¹, Álvaro José Martins de Oliveira¹, Rafael Vincenzo Valentini¹, Aduato Dutra Moraes Barbosa²

¹Faculdade de Medicina de Petrópolis

²Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Luciana Teixeira Velloso

E-mail: velloso.giovanna@gmail.com

Introdução: A sífilis é uma doença de alta incidência no Brasil e, quando ocorre durante a gravidez, tem implicações importantes na saúde pública, pois é responsável por altos índices de mortalidade e morbidade fetal perinatal. **Objetivo:** Verificar a prevalência da sífilis gestacional, o perfil epidemiológico da gestante e os desfechos, como a sífilis congênita.

Métodos: Estudo descritivo e retrospectivo de dados maternos e de recém-nascidos obtidos das fichas de notificação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, de prontuários e livro de parto da maternidade do Hospital Estadual de Atenção Clínica, no período de janeiro de 2017 a dezembro de 2019. **Resultados:** Quatrocentas e dezoito gestantes com sífilis tiveram o desfecho da gravidez no Hospital Estadual de Atenção Clínica. A soroprevalência para sífilis nas gestantes foi de 3,95% em 2017, 4,92% em 2018 e de 4,73% em 2019. Receberam tratamento adequado antes do parto 204 (48,8%) mulheres. Entre os desfechos, todos foram notificados como sífilis congênita, sendo 45 (10,7%) abortos ou natimortos e, entre os nascidos vivos, 58 (15,54%) foram prematuros e 67 (17,9%) apresentavam alguma manifestação clínica. **Conclusão:** O número de gestantes internadas no Hospital Estadual de Atenção Clínica que foram notificadas com sífilis gestacional foi superior à média de notificação para esses agravos encontrada no Brasil nos anos estudados, porém foi similar à média encontrada no estado do Rio de Janeiro. Foi identificada supernotificação de sífilis congênita, tendo sido incluídos nesse diagnóstico recém-nascidos expostos a sífilis sem critérios para sífilis congênita. Nosso sistema de notificação se mostrou frágil e incapaz de avaliar a real situação da sífilis congênita no Hospital Estadual de Atenção Clínica.

Palavras-chave: sífilis, recém-nascido, cuidado pré-natal, sífilis congênita.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P062>

P-062 – INFORMAÇÃO E PARCERIA COM A POPULAÇÃO: ESTRATÉGIAS PARA ALCANÇAR UMA MAIOR COBERTURA VACINAL

Julia Sampaio de Souza Morais¹, Tainá Ludmila Malta de Araújo¹, Gabriela Dutra Cardozo¹, Zelina Caldeira², Valéria Patrocínio¹, Mauro Romero Leal Passos¹

¹Universidade Federal Fluminense

²Associação Médica Fluminense

³Unimed Leste Fluminense

Apresentador: Julia Sampaio de Souza Morais

E-mail: ssampaiojulia@gmail.com

Introdução: A vacinação é importante forma de prevenir doenças. A vacina contra o papilomavírus humano faz parte do Programa Nacional de Imunização para meninas e meninos até 14 anos. Por mais que apresente alta segurança e eficácia e seja gratuitamente disponibilizada, a cobertura vacinal no Brasil e na cidade de Niterói (RJ), não está em níveis confortáveis. **Objetivo:** Conhecer características a respeito dos jovens vacinados no município de Niterói em uma campanha de vacinação de um dia fora da Unidade Básica de Saúde. **Métodos:** A campanha ocorreu na Associação Médica Fluminense em um bairro de alto poder aquisitivo (Icaraí) em 7 de março de 2020 (sábado) das 9 às 17 horas, promovida pelo setor de doenças sexualmente transmissíveis da Universidade Federal Fluminense, pela Secretaria Municipal de Saúde de Niterói, pela Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis e pela Associação Médica Fluminense, entre outras instituições. Durante o período de vacinação (manhã e tarde), foi aplicado um questionário (na fila) aos jovens vacinados (todos acompanhados por responsáveis e com o consentimento livre e informado de seus responsáveis). **Resultados:** Um jovem do sexo masculino (0,34%) mostrou-se assustado, querendo desistir da vacinação. Acolhido e orientado pelos autores desse trabalho e pelo professor coordenador, teve desfecho de vacinação. Frase do jovem: "Venci importante desafio". De um total de 370 vacinados, foram entrevistados 289 jovens (54,1% meninas e 45,9% meninos), sendo 62,8% residentes no bairro de Icaraí (o mesmo da Associação Médica Fluminense). Dos acompanhantes, a maioria eram mães (68,2%) e pais (24,3%). A internet foi a principal fonte na divulgação da campanha. Não ocorreram efeitos colaterais no ambiente de vacinação. **Conclusão:** A maioria dos jovens vacinados residiam no bairro da campanha. Indicamos vacinações de dia único em outros bairros, principalmente os de baixo poder aquisitivo e em final de semana. Valorizar a divulgação da campanha pela internet, mas não esquecer de divulgação tipo corpo a corpo, no bairro e na cidade. Equipe multidisciplinar capacitada pode reverter desistências na vacinação.

Palavras-chave: vacina, HPV, papilomavírus humano, campanha.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P063>

P-063 – AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO RASTREIO DE CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO ESTADO DO AMAZONAS

Maria Laura Brunelli Innocente¹, Patrícia Leite Brito¹, Bruna de Moura Moraes¹

¹Universidade Federal do Amazonas

Apresentador: Maria Laura Brunelli Innocente

E-mail: mlaurainnocente@gmail.com

Introdução: O câncer de colo do útero é muito prevalente nas mulheres do Amazonas, tornando fundamental seu rastreo precoce. No entanto, em 2020, por conta da pandemia de COVID-19, o número de colpocitologias oncológicas no estado declinou substancialmente, alertando sobre a possibilidade de aumento da incidência de novos casos na região.

Objetivo: Avaliar o impacto da pandemia de COVID-19 no rastreamento de câncer de colo de útero no Amazonas por meio do comparativo entre os números de exames coletados nos anos de 2018 a 2020 e a estimativa de incidência para novos casos dos anos 2018–2022.

Métodos: Trata-se de um estudo descritivo, observacional, quantitativo, utilizando os registros de colpocitologias oncológicas do portal Sistema de Informação do Câncer entre 2018 e 2020 e as estimativas de novos casos de câncer de colo de útero no Amazonas para cada 100 mil habitantes realizada pelo Instituto Nacional de Câncer nos anos de 2018–2019 e 2020–2022, publicadas em fevereiro de 2018 e dezembro de 2019, respectivamente.

Resultados: Foram registrados 50.849 exames em 2018 e 63.534 em 2019. Em 2020 foram registrados 42.427, observando-se uma queda 33% só no último ano. O interior do estado apresentou uma queda de 41% no período. Em 2018–2019 a estimativa da taxa de incidência ajustada é de 61,02 para cada 100 mil habitantes na capital. Para os anos de 2020–2022 a estimativa é de 61,54 a cada 100 mil habitantes na capital. **Conclusão:** A estimativa para o triênio 2020–2022 foi realizada em dezembro de 2019 e não previa a diminuição de 33% dos exames de rastreamento. Contudo percebe-se pequeno aumento na taxa ajustada de novos casos na capital. Dessa forma, é possível concluir que a diminuição dos exames poderá afetar incidência do câncer de colo de útero no Amazonas, refletindo em um aumento de casos nos anos seguintes.

Palavras-chave: neoplasias do colo do útero, teste de papanicolau, pandemia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P064>

P-064 – AMBULATÓRIO DE SAÚDE INTEGRAL DA MULHER, CIS, PROFISSIONAL DO SEXO, EM UM SERVIÇO DE SAÚDE DA CIDADE DE SÃO PAULO

Sheila Wudrev Ribeiro Martins¹, Tatiane Pavan Ramos Oliveira², Rute Loreto Sampaio de Oliveira², Vanessa Marques Franco², Fátima Portella Ribas Martins²

¹Aids Healthcare Foundation Brasil

²Serviço de Atenção Especializada DST/AIDS Campos Eliseus

Apresentador: Sheila Wudrev Ribeiro Martins

E-mail: tatiane_pavan@hotmail.com

Introdução: Ao longo da história as profissionais do sexo sofrem pelo estigma da profissão e acabam tendo dificuldades de acesso ao serviço de saúde, com prejuízo à saúde sexual, mental e física. Dessa forma, são necessárias ações de prevenção e promoção à saúde para aproximar essas mulheres dos serviços de saúde. **Objetivo:** Relatar a experiência de atendimento das mulheres profissionais do sexo em um serviço de saúde da região central da cidade de São Paulo (SP). **Métodos:** São realizados atendimentos ambulatoriais voltados à saúde integral da mulher cis profissional do sexo em um serviço de atendimento especializado em infecções sexualmente transmissíveis/aids na região central de São Paulo. São ofertados atendimentos ginecológicos e cuidados de enfermagem, testagem rápida e exames sorológicos para vírus da imunodeficiência humana, hepatites e sífilis: exames de rotina (papanicolau, colposcopia, mamografia, ultrassonografia), tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, colocação de dispositivo intrauterino e implante intradérmico hormonal, profilaxia pós-exposição, profilaxia pré-exposição, orientações de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e distribuição de insumos. A captação dessas mulheres é feita de forma ativa por uma profissional vinculadora que vai às casas de prostituição da região com orientações de prevenção as doenças sexualmente transmissíveis e oferta de atendimento na unidade. Tal profissional acolhe as mulheres no próprio local de trabalho e agenda consulta na unidade conforme a disponibilidade da paciente. **Resultados:** De agosto de 2018 a abril de 2021, foram matriculadas 397 mulheres, sendo 101 em uso de profilaxia pré-exposição e com queixa principal (26,20%) de infecções sexualmente transmissíveis. **Conclusão:** O acolhimento, a orientação e o atendimento conforme demanda viabilizam a essa população o acesso à saúde para prevenção ou tratamento. Podemos concluir que existe certa dificuldade e restrição de acesso a serviços de saúde a essa população. A concentração de diversas oportunidades de cuidado em um único lugar e a não regionalização aumenta a chance de adesão à prevenção e à indicação do serviço a outras mulheres.

Palavras-chave: trabalhador do sexo, prevenção, saúde pública.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P065>

P-065 – A QUALIDADE DE VIDA PELA ÓTICA DAS PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Sergio Corrêa Marques¹, Rômulo Frutuoso Antunes¹, Denize Cristina Oliveira¹, Yndira Yta Machado¹, Renata Lacerda Marques Stefaisk¹, Camila Laporte Almeida¹

¹Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Sergio Corrêa Marques

E-mail: sergiocorrea@uol.com.br

Introdução: A representação social da qualidade de vida expressa a subjetividade das necessidades materiais, espirituais e de saúde intrínsecas ao cotidiano e à individualidade de cada sujeito ao seu modo de viver. **Objetivo:** Descrever a qualidade de vida de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana na cidade do Rio de Janeiro (RJ). **Métodos:** É um estudo descritivo com abordagem qualitativa apoiado na Teoria do Núcleo Central das representações sociais realizado em dois Serviços de Assistência Especializada em Vírus da Imunodeficiência Humana/aids localizados no município do Rio de Janeiro com 120 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Na coleta de dados utilizaram-se um questionário socioeconômico e clínico e a técnica de evocação livre de palavras ao termo indutor “qualidade de vida”. Os dados socioeconômicos foram organizados no *software* Excel, e as evocações foram analisadas pela técnica do quadro de quatro casas utilizando o *software* EVOC 2005, que indica os possíveis conteúdos centrais da representação do grupo. **Resultados:** A maioria do grupo é do sexo masculino (83,3%), com idade entre 30 e 39 anos (30%), foi exposta ao vírus da imunodeficiência humana por contato homossexual/homens que fazem sexo com homens (60%); 94,2% fazem uso regular de antirretrovirais e 95% informam não sentir sintomas decorrentes do vírus da imunodeficiência humana. Na estrutura da representação da qualidade de vida, verifica-se no núcleo central os elementos boa, boa alimentação e saúde, cujas frequências e ordem média de evocação sugerem que sejam os elementos centrais. Na primeira periferia consta atividade física e lazer. Verificam-se uma avaliação positiva da qualidade de vida no núcleo central e um conjunto de conteúdos que refletem atenção à saúde e práticas ou comportamentos que podem assegurar a ausência de doenças e promover a manutenção da saúde. **Conclusão:** A representação social da qualidade de vida está apoiada nas práticas de promoção da saúde, como ter uma vida saudável, estável e com saúde. Evidenciam aspectos a serem considerados no cuidado à saúde desse grupo social.

Palavras-chave: qualidade de vida, HIV, representação social.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P066>

P-066 – ATITUDE DE ADOLESCENTES DO NORDESTE BRASILEIRO ACERCA DA VACINAÇÃO CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO

Hellen Livia Oliveira Catunda Ferreira¹, Tyane Mayara Ferreira de Oliveira¹, Cicero Mendes Siqueira¹, Ana Izabel Oliveira Nicolau², Thais Marques Lima³, Leilane Barbosa de Souza⁴, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Samila Gomes Ribeiro¹, Priscila de Souza Aquino¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Hospital Universitário Walter Cantídio da Universidade Federal do Ceará

³Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina

⁴Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Apresentador: Hellen Livia Oliveira Catunda Ferreira

E-mail: hellen_enfermagem@yahoo.com.br

Introdução: O conhecimento acerca do papilomavírus humano e de sua vacinação é incipiente em diversas populações. Conhecimento e atitude apropriados estão relacionados à adesão adequada da vacinação contra papilomavírus humano, que é o principal causador do câncer de colo uterino. **Objetivo:** Comparar atitude entre adolescentes de dois municípios do Nordeste brasileiro acerca da vacinação contra papilomavírus humano. **Métodos:** Estudo descritivo, comparativo, realizado de agosto/2018 a janeiro/2020 com 238 meninas adolescentes entre 9–14 anos de escolas públicas de dois municípios cearenses (AdM1/AdM2), sendo 120 do M1 e 118 do M2. Realizou-se teste de McNemar com nível descritivo de 5%. Considerou-se atitude adequada caso as adolescentes relatassem que tomariam a vacina. Aprovou-se o estudo sob parecer n. 2.645.679. **Resultados:** Sobre vacinas em geral (p=0,993), a porcentagem entre os dois municípios foi bastante equivalente, apresentando um pensamento positivo. Contudo, AdM1 acreditam mais que vacinas sejam muito necessárias e devam ser obrigatórias (50,9%), enquanto AdM2 afirmam que, apesar de serem necessárias, cada um deve tomar se quiser e se tiver dinheiro para pagar (52,6%). O questionamento sobre tomar vacina em campanha de vacinação foi significante (p=0,024), tendo AdM1 relatado que tomariam se fosse de graça (59,5%) e AdM2 que tomariam mesmo se tivessem que pagar (57,8%). Entretanto, ressalta-se que, entre as que não tomariam, 61,5% eram AdM2. Já em relação à vacinação específica contra papilomavírus humano (p=0,281), AdM1 referiram, em maior porcentagem, que tomariam se tivessem mais informações a respeito (52,6%). Das que não tomariam vacina contra papilomavírus humano, AdM2 apresentaram maioria (73,3%). A avaliação da atitude foi adequada em 51,9% das AdM1 e inadequada em 63,6% das AdM2 (p=0,166). **Conclusão:** Observou-se que AdM1 apresentaram melhor atitude em relação à vacinação contra papilomavírus humano. Fica evidente, ainda, necessidade de ações educativas para fortalecer conhecimento e atitude diante dessa vacinação específica a fim de elevar suas taxas entre adolescentes.

Palavras-chave: atitude, vacinas contra papilomavírus, adolescente.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P067>

P-067 – AVALIAÇÃO DE RAP1 COMO BIOMARCADOR DA NEOPLASIA INTRAEPITELIAL CERVICAL

Paula Cristina de Vasconcelos Vieira¹, Adriano de Paula Sabino¹, Jaqueline Germano de Oliveira², Marcelo Antônio Pascoal Xavier³, Annamaria Ravara Vago⁴, Maria Gabrielle de Lima Rocha¹

¹Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais

²(RENÊ RACHOU, Fundação Oswaldo Cruz

³Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

⁴Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais

Apresentador: Paula Cristina de Vasconcelos Vieira

E-mail: mariagabilr@gmail.com

Introdução: Mundialmente, o carcinoma de colo uterino associado ao papilomavírus humano está entre as maiores causas de morte relacionadas ao câncer na população feminina. Nos últimos anos, a detecção de lesões pré-neoplásicas mediante a ação de programas consolidados de rastreamento, prevenção e acompanhamento clínico permitiram a redução das taxas de câncer de colo em diversos países. Entretanto, essa neoplasia ainda é muito frequente. Esse problema tem fortalecido a procura por biomarcadores que possam aumentar a eficiência do rastreamento. Entre esses biomarcadores está RAP1, pequena GTPase com atuação em múltiplas vias de sinalização celular e em processos neoplásicos. **Objetivo:** Avaliar, em biópsias de colo uterino diagnosticadas por histopatologia em cervicites, lesões pré-neoplásicas e neoplásicas, (i) a expressão de RAP1 por imunohistoquímica nas áreas lesionadas do epitélio, (ii) a prevalência da infecção por papilomavírus humano por meio da *Nested Polymerase Chain Reaction* e a genotipagem dos papilomavírus humano por sequenciamento automático de ácido desoxirribonucleico. **Resultados:** A presença do ácido desoxirribonucleico do vírus da imunodeficiência humana foi observada em 74% das amostras, e o genótipo do vírus da imunodeficiência humana 16 foi o mais prevalente, especialmente em neoplasia intraepitelial cervical grau III e câncer. Em relação a RAP1 em tecidos cervicais, observou-se a expressão da proteína em amostras de todos os grupos analisados. A marcação esteve predominantemente no núcleo e no citoplasma de células epiteliais, representando 69% das amostras cervicais. Em relação ao parâmetro intensidade da marcação, verificou-se que amostras de neoplasia intraepitelial cervical grau III exibiram maior intensidade de RAP1 do que lesões de menor gravidade (Cervicites + neoplasia intraepitelial cervical grau I). Nas amostras de carcinoma de células escamosas também se observou a imunomarcação para RAP1 predominantemente intensa, com forte marcação nuclear. Percebe-se que nas lesões mais graves, neoplasia intraepitelial cervical grau III e carcinoma de células escamosas a quantidade de núcleos marcados é mais elevada se comparado a lesões mais leves. **Conclusão:** Uso potencial da marcação tecidual de RAP1 como biomarcador de lesões cervicais de maior gravidade, como neoplasia intraepitelial cervical grau III e carcinoma de células escamosas.

Palavras-chave: Proteínas rap1 de Ligação ao GTP, HPV, imuno-histoquímica, colo uterino, câncer.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P068>

P-068 – CANDIDOSE ORAL EM PACIENTES COM COINFEÇÃO DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/TUBERCULOSE

Tatiana Mugnol¹, Fátima Schneider¹, Laura Moura Sestari¹, Juliana Lemes dos Santos¹, Angela Garlet², Paulo Ricardo Moreira¹, Janaina Coser¹

¹Universidade de Cruz Alta

²Serviço de Atenção Especializado em DST/AIDS

Apresentador: Tatiana Mugnol

E-mail: tatimugnol@hotmail.com

Introdução: Pessoas infectadas com o vírus da imunodeficiência humana têm maior propensão a desenvolver tuberculose, sendo essa a principal causa de morte e infecção oportunista nesses indivíduos. A *Candida spp.* é um fungo potencialmente patogênico em pacientes com vírus da imunodeficiência humana e doenças broncopulmonares. **Objetivo:** Descrever a ocorrência de candidose oral em pacientes com coinfeção de vírus da imunodeficiência humana/tuberculose. **Métodos:** Dados clínicos foram obtidos a partir de prontuários de 810 pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana atendidas em um Serviço de Atenção Especializado em Doenças Sexualmente Transmissíveis/aids do Sul do Brasil. Dessas, 24 (3%) apresentaram coinfeção de vírus da imunodeficiência humana/tuberculose e foram incluídas no presente estudo. Este estudo possui aprovação em comitê de ética sob parecer número 2.770.634. **Resultados:** A média de idade dos pacientes com coinfeção vírus da imunodeficiência humana/tuberculose foi de 45 ± 11 anos, sendo 29% (n=7) do sexo feminino e 71% (n=17) do sexo masculino; 37,5% (n=9) apresentaram registro de ocorrência de candidose oral. Desses, a maioria eram homens (67%, n=6), 78% (n=7) possuíam registro de linfócitos TCD4 < 350 células/mm³ e 55% (n=5) faziam uso regular da terapia antirretroviral, enquanto 45% (n=4) faziam uso de maneira irregular ou haviam interrompido a terapia antirretroviral. **Conclusão:** A ocorrência de candidose oral pode estar relacionada a diversas condições de natureza oportunista, imunossupressão, baixa adesão a

terapia antirretroviral e presença de comorbidades, sendo a manifestação oral mais comum em pacientes com coinfeção de vírus da imunodeficiência humana/tuberculose.

Palavras-chave: infecções oportunistas, candidíase bucal, imunossupressão.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P069>

P-069 – PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS GESTACIONAL EM ALAGOAS

Ingrid Ramos de Araújo¹, João Vitor Matos de Oliveira¹, Matheus Vinicius de Mesquita Soares¹, Kenneth Delano Correia Barros¹, Ellen Gizeli Vieira da Silva¹, Rafaella Silva Alcantara¹, José Humberto Belmino Chaves¹, Geovana Santos Martins Neiva², Gentileza Santos Martins Neiva¹

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade da Cidade de Maceió

Apresentador: Ingrid Ramos de Araújo

E-mail: ingryd.ramos1@gmail.com

Introdução: A sífilis gestacional é a infecção por *Treponema pallidum* na gestante, podendo ocorrer em qualquer fase da gravidez, e é causa frequente de morbidade perinatal, além de provocar aborto espontâneo, natimortalidade ou morte perinatal em cerca de 40% dos fetos de gestantes não tratadas. Nos últimos cinco anos, ocorreu um aumento do número de casos no Brasil de sífilis em gestantes, que pode ser explicado pelo aumento na distribuição de testes rápidos, pela diminuição do uso de preservativo e baixa administração de penicilina na atenção básica e seu desabastecimento mundial. **Objetivo:** O objetivo foi descrever o perfil clínico-epidemiológico de sífilis gestacional segundo aspectos socioeconômicos e clínico-epidemiológicos no estado de Alagoas, Brasil, de 2010 a 2019. **Métodos:** Trata-se de um estudo ecológico descritivo, usando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação no período 2010-2019. **Resultados:** O perfil das mulheres com sífilis gestacional evidenciou maior incidência em mulheres pardas, de 20 a 29 anos, com ensino fundamental incompleto. Quanto à classificação clínica, foi predominante o estágio primário da doença no momento de diagnóstico materno, o qual ocorre mais frequentemente no segundo e terceiro trimestres gestacionais. Os dados referentes ao perfil socioeconômico das gestantes alagoanas com sífilis foram semelhantes à realidade no restante do país. O diagnóstico materno no primeiro trimestre gestacional passou a ser maior do que no segundo e terceiro trimestres nacionalmente em 2015, enquanto Alagoas ainda não experimentou essa realidade. O estadiamento clínico no momento do diagnóstico de sífilis gestacional nacionalmente era primário — como Alagoas — até 2016, passando a ser latente de 2017 a 2019. **Conclusão:** Em Alagoas, mulheres de etnia parda, com nível de escolaridade fundamental incompleto e entre 20 e 29 anos são mais propensas a contraírem a sífilis gestacional. O diagnóstico no estado se dá, majoritariamente, no estadiamento clínico primário e durante o segundo e terceiro trimestres gestacionais.

Palavras-chave: sífilis, gestação, epidemiologia descritiva.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P070>

P-070 – CASOS DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM GESTANTES NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS EM UMA MATERNIDADE PÚBLICA DE FORTALEZA

Maisa Leitão de Queiroz¹, Lívia Karoline Torres Brito², Isla Lopes de Azevedo Rodrigues¹, Edgley Carneiro Aguiar², Juliana Sampaio Santos², Morgana Boaventura Cunha², Luana Duarte Wanderley Cavalcante², Raquel Ferreira Gomes Brasil², Lívia de Paulo Pereira³, Vanessa da Frota Santos³

¹Centro Universitário Ateneu

²Maternidade Escola Assis Chateaubriand

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana causa uma infecção sexualmente transmissível que vem aumentando gradativamente o número de novos contágios em mulheres jovens em idade reprodutiva. A infecção pelo vírus dificulta a qualidade de vida da gestante e do feto e, quando não tratada adequadamente, aumenta o risco de transmissão entre o binômio, desencadeando diversas complicações em um parto. **Objetivo:** Identificar a prevalência de casos de vírus da imunodeficiência humana em gestantes nos últimos cinco anos em uma maternidade pública localizada no município de Fortaleza (CE). **Métodos:** Estudo descritivo, retrospectivo, realizado em uma maternidade do município de Fortaleza. Os dados foram coletados por meio de consulta aos registros dos sistemas de informação do serviço durante o mês de maio de 2021. Como critério de inclusão adotaram-se os casos registrados entre o ano de 2016 até dezembro de 2020. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, conforme o parecer n. 1.899.089. **Resultados:** Foram identificados 522 casos de vírus da imunodeficiência humana em gestantes nos últimos cinco anos, sendo esses distribuídos da seguinte forma: no ano de 2016, foram notificados 90 casos, correspondendo a 17,2% do total do período; em 2017, foram registrados 81 casos (15,5%); no ano de 2018, houve 111 casos (21,6%); no ano de 2019, ocorreram 120 casos (23%); em 2020, foram notificados 120 casos (23%). Observou-se que ocorreu um aumento no número de casos a partir do ano de 2018, podendo esse achado ser justificado pelo diagnóstico do vírus ainda no pré-natal ou antes do parto por meio da oferta do teste rápido. **Conclusão:** Nota-se o

crescimento de novos casos durante os anos, reforçando a necessidade de uma estratégia para a busca ativa dessas gestantes para que tão logo iniciem o tratamento, sem maiores complicações, além de dispor um pré-natal qualificado eficaz contra o controle de transmissão.

Palavras-chave: gravidez, HIV, saúde pública.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P071>

P-071 – PROCURA POR SERVIÇOS DE SAÚDE ENTRE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Adson Belém Ferreira da Paixão¹, Naide Teodósio Valois-Santos², Daianny de Paula Santos¹, Iracema de Jesus Almeida Alves Jacques², Lais de Souza Pedrosa², Ana Maria de Brito²

¹Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz

²Departamento de Saúde Coletiva, Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz

Apresentador: Adson Belém Ferreira da Paixão

E-mail: adson_belem@hotmail.com

Introdução: Mulheres transexuais e travestis são vítimas de violência transfóbica em diversos ambientes. São vários os tipos de violência, mas destacamos a violência sexual pela alta prevalência de infecções sexualmente transmissíveis decorrentes dessas situações. Nesse sentido, o atendimento às vítimas pelos serviços de saúde deve ser feito de forma rápida para realização das profilaxias necessárias, assim como o acolhimento deve favorecer que procurem por atendimento. **Objetivo:** Identificar a procura por serviços de saúde entre mulheres transexuais e travestis vítimas de violência sexual. **Métodos:** Este estudo é um recorte dos dados coletados em Recife (PE) no “Estudo de abrangência nacional de comportamentos, atitudes, práticas e prevalência de vírus da imunodeficiência humana, sífilis e hepatites B e C entre Travestis — Pesquisa Diversidade e Valorização da Saúde (Divas)”, em 2017, com amostragem do tipo *respondent-driven sampling*. Foi aplicado questionário sociocomportamental com 350 travestis em mulheres transexuais. As frequências do tipo de agressor e procura por serviços de saúde foram calculadas, e o estimador *respondent-driven sampling II* utilizado para ponderação dos dados. **Resultados:** Foram identificadas 317 mulheres transexuais e travestis vítimas de violência sexual em algum momento da vida. Os agressores são pessoas próximas, como o parceiro íntimo (42,9%, intervalo de confiança [IC] 95% 35,7–50%) e vizinhos/colegas/conhecidos (22,5%, IC16,3–28,6%), bem como desconhecidos (36,7%, IC 95% 29,8–43,6%), clientes do trabalho sexual (35%, IC28,2–41,8%) e policiais (12,8%, IC8,4–17,2%). Apenas 2,2% (IC0,6–3,8%) delas procuraram um serviço de saúde após sofrer violência sexual. **Conclusão:** A baixa procura por serviços de saúde após sofrer violência sexual pode se relacionar a um maior risco de infecções sexualmente transmissíveis entre as mulheres transexuais e travestis. É fundamental o acolhimento e fortalecimento de vínculo entre os serviços de saúde e as pessoas transgênero, vítimas frequentes de violência.

Palavras-chave: transgênero, travesti, violência sexual.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P072>

P-072 – CONHECIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL SOBRE AS FORMAS DE TRANSMISSÃO DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Gilmara de Lucena Beserra¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Izabel Cristina de Souza¹, Karliana Nascimento Farias², Stefanny Corrêa dos Santos²

¹Universidade Federal do Ceará

²Secretaria Municipal da Saúde de Fortaleza

Apresentador: Gilmara de Lucena Beserra

E-mail: gilmaralucenaufc@gmail.com

Introdução: Aspectos relacionados aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres precisam mencionar questões relacionadas ao vírus da imunodeficiência humana diante do contexto social na qual as mulheres estão mais vulneráveis. Ressalta-se que a educação contínua é primordial para o conhecimento das mulheres sobre o vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Analisar o conhecimento de mulheres em situação de vulnerabilidade social sobre as formas de transmissão do vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Estudo analítico, quantitativo, realizado de janeiro a agosto de 2020 em uma Unidade de Atenção Primária a Saúde localizada em um bairro periférico de Fortaleza (CE). Participaram 221 mulheres que realizaram consultas de pré-natal e de prevenção ao câncer do colo uterino. Foi utilizado o instrumento Questionário Sociocomportamental Acerca do Conhecimento Sobre Vírus da Imunodeficiência Humana, adaptado de Keer. O questionário foi aplicado na sala de espera da unidade, antes das consultas. Foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa, parecer n. 3.815.743. **Resultados:** Quando questionadas se conheciam as formas de transmissão do vírus da imunodeficiência humana e quais eram as formas, 74,7% (165) afirmaram que sim e, entre as formas de transmitir o vírus mais citadas pelas mulheres, 65,2% afirmaram que o sexo é a principal forma, em seguida o sangue, com 6,3%, e o beijo, com 1,4%. Pouquíssimas mulheres (0,5%) associaram uso da agulha, contato, saliva e toque como formas de transmitir o vírus da imunodeficiência humana. **Conclusão:** Para contribuir na assistência em saúde de mulheres em situação de vulnerabilidade social, faz-se necessário que o enfermeiro desempenhe o papel de educador em saúde e realize atividades educativas

com o objetivo de continuar melhorando o conhecimento de mulheres em situação de vulnerabilidade social sobre as formas de transmissão do vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: enfermagem, HIV, vulnerabilidade em saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P073>

P-073 – ANÁLISE DO CONHECIMENTO DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE OS MÉTODOS DE PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NA PRÁTICA DO SEXO ORAL: RESULTADOS PRELIMINARES

Carine Pacheco Alexandre¹, Alicia Kerly da Silva Andrade¹, Ana Gabriela Álvares Travassos¹

¹Universidade do Estado da Bahia

Apresentador: Carine Pacheco Alexandre

E-mail: carinepachecoale25@gmail.com

Introdução: O sexo oral consiste na penetração dos órgãos genitais por meio da boca, dos lábios e da língua. Essa atividade sexual desprotegida gera riscos para a saúde, principalmente em razão da possibilidade de contaminação por infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Estudar a relação entre o conhecimento sobre uso de métodos para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e a prática de sexo oral seguro por jovens universitários. **Métodos:** Esse estudo tem desenho exploratório transversal com abordagem quantitativa. A coleta foi realizada no Departamento de Ciências da Vida na Universidade do Estado da Bahia. Os indivíduos foram convidados a preencher um questionário anônimo e autoexplicativo com questões sobre práticas sexuais e conhecimentos sobre infecções sexualmente transmissíveis. **Resultados:** Na amostra constaram 205 estudantes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Nutrição. A maioria dos questionários respondidos (54,1%) foi de estudantes do curso de Medicina. Sobre as práticas sexuais dos participantes, 157 (69,8%) realizavam sexo oral, porém 70,6% (120) nunca haviam utilizado camisinha e apenas 7,8% (13 estudantes) a usavam regularmente. Não encontramos correlações entre conhecimento sobre transmissão de infecções sexualmente transmissíveis e uso regular de camisinha no sexo oral. Prevenir infecções sexualmente transmissíveis é a principal motivação para o uso de camisinha, porém é significativa a quantidade de jovens que nunca utilizaram preservativo no sexo oral. Essa prática sexual segura é influenciada por aspectos socioculturais, além de apenas o conhecimento sobre o perigo do ato sexual desprotegido. **Conclusão:** O uso de preservativos na prática oral foi reduzido entre jovens estudantes da área da saúde, sendo fator de risco importante para transmissão de infecções sexualmente transmissíveis. O conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis não é o único fator relacionado ao uso de camisinha no sexo oral, necessitando mais estudos sobre essa temática e amplo debate sobre sexo oral seguro na sociedade, com destaque na população jovem universitária.

Palavras-chave: prevenção, sexo oral, IST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P074>

P-074 – A PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES DE TRANSMISSÃO SEXUAL NA CONCEPÇÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS – UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Thelma Spindola¹, Vinicius Fonte¹, Laércio Melo¹, Paula Moraes¹, Sergio Marques¹, Thunay Abreu¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Thelma Spindola

E-mail: tspindola.uerj@gmail.com

Introdução: A população jovem é um grupo vulnerável aos agravos de saúde, como as infecções sexualmente transmissíveis, em decorrência da assunção de um comportamento sexual de risco por falta de uma orientação adequada, não uso de preservativos ou início precoce das atividades sexuais. **Objetivo:** Caracterizar as práticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis adotadas por jovens universitários. **Métodos:** Pesquisa de natureza qualitativa, apoiada na Teoria das Representações Sociais em sua abordagem processual, realizada em uma universidade pública no município do Rio de Janeiro (RJ) com 160 estudantes de ambos os gêneros que responderam um questionário para caracterização de dados sociais, práticas sexuais e de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Desse grupo, 30 estudantes responderam a uma entrevista semiestruturada. Os dados dos questionários foram tratados e analisados com emprego da estatística descritiva e as entrevistas com a técnica de análise de conteúdo. Todos os procedimentos éticos foram respeitados. **Resultados:** Os estudantes têm idades entre 18 e 23 anos (76,25%), cor da pele branca (56,25%), moram com os pais (62,50%), não possuem namorado/companheiro fixo (47,50%), declaram-se heterossexuais (71,25%) e, nos últimos 12 meses, usaram sempre preservativo com parceria fixa (34,74%) e parceria eventual (55,27%). A análise das entrevistas evidenciou que, embora os jovens reconheçam a importância da prevenção das infecções de transmissão sexual, não usam preservativos de modo contínuo, acreditam que, ao realizarem testes diagnósticos rápidos, podem dispensar o uso de preservativos nas relações sexuais e apenas alguns costumam realizar exames preventivos regularmente e a imunização. **Conclusão:** Os universitários reconhecem a importância da adoção de práticas de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, como o uso contínuo de preservativos e a realização de exames

preventivos de modo regular, contudo seu discurso não está necessariamente associado uma prática de cuidado para com a saúde sexual, e muitos ficam vulneráveis às infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: IST, comportamento sexual, comportamento de risco, prevenção.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P075>

P-075 – DESECHOS DESFAVORÁVEIS DA SÍFILIS GESTACIONAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UMA REVISÃO NARRATIVA

Alice da Silva¹, Daniella Carvalho Araújo¹, Láisa Rebecca Sousa Carvalho¹, Mikaela Dagles de Sousa¹, Paula Lima da Silva¹, Matheus Sousa Marques Carvalho¹, Emanuelle Fernandes Silva¹, Braulio Vieira de Sousa Borges¹, Rosilane de Lima Brito Magalhães¹

¹Universidade Federal do Piauí

Apresentador: Alice da Silva

E-mail: alicsilva.ufpi@gmail.com

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível causada pelo *Treponema pallidum*, atinge ambos os sexos e pode ocorrer em transmissão vertical. No cenário internacional há o registro de 1,85 milhões de casos de sífilis gestacional. No Brasil as taxas de prevalência chegaram a 0,72% em 2019, com número total de casos de 61.127. É durante o pré-natal na atenção básica que medidas devem ser tomadas para prevenção de desfechos desfavoráveis. **Objetivo:** Analisar na literatura os desfechos desfavoráveis da sífilis gestacional na atenção primária. **Métodos:** Trata-se de uma revisão da literatura do tipo narrativa. Após a definição do tema foram realizadas buscas de artigos nas bases de dados PubMed, Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), por meio de descritores controlados e não controlados baseados no DeCS e MeSH. Após a busca foi realizada a análise dos estudos selecionados para esta revisão. **Resultados:** Prevaleram 15 estudos de um total de 590 análises de artigos publicados entre os anos de 2001 e 2019, sem restrição de idioma. Os principais resultados encontrados foram a não realização do pré-natal ou sua realização tardia, a ineficácia na triagem do pré-natal e antes do parto, bem como o pouco conhecimento por parte dos profissionais, acarretando uma falha importante na assistência ao pré-natal e gerando um estigma em torno das infecções sexualmente transmissíveis, do diagnóstico e do tratamento. **Conclusão:** Evidenciou-se a necessidade da intervenção educacional envolvendo toda uma rede de apoio para a gestante no pré-natal. Para diminuição ou erradicação dos desfechos desfavoráveis da sífilis gestacional, são necessários triagem eficaz, diagnóstico precoce, testagem e sorologia da gestante e tratamento eficaz.

Palavras-chave: atenção primária à saúde, gestantes, sífilis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P076>

P-076 – INTERVENÇÕES EDUCATIVAS NA PROMOÇÃO DO ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: REVISÃO SISTEMÁTICA

Ane Kelly Lima Ramalho¹, Gilmar Holanda da Cunha¹, Maria Amanda Correia Lima¹, Marcos Venícios de Oliveira Lopes¹, Marina Soares Monteiro Fontenele¹, Maria Elisa Curado Gomes¹, Larissa Rodrigues Siqueira¹, Lavna Albuquerque Moreira¹, Laura Orlando Antunes¹, Francisco Vagnaldo Fecchine¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Ane Kelly Lima Ramalho

E-mail: anekellylr@gmail.com

Introdução: A terapia antirretroviral fez da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana uma condição crônica, tornando as práticas de promoção da saúde relevantes para pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Ademais, o estresse e estigma podem levar esses pacientes a adotarem um estilo de vida pouco saudável. **Objetivo:** Analisar a produção científica sobre intervenções educativas para estilo de vida mais saudável em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Revisão sistemática realizada em setembro de 2020 nas bases de dados Scopus, MEDLINE, LILACS, IBECs e Web of Science. Utilizaram-se os descritores controlados *Educational Technology*, *HIV* e *Clinical Trial*, o descritor não controlado *Educational Intervention* e operadores booleanos *AND* e *OR*. A pergunta norteadora foi: “O que estudam os ensaios clínicos envolvendo intervenções educativas para o estilo de vida saudável em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana?”. Revisão registrada no International Prospective Register of Ongoing Systematic Reviews, com n. CRD42020197591. Critérios de inclusão: estudos do tipo ensaio clínico randomizado, completos, disponíveis eletronicamente em qualquer idioma. Critérios de exclusão: estudos com crianças, adolescentes e gestantes. **Resultados:** Foram encontrados 1.676 artigos, 1.665 excluídos e 11 selecionados. O ano de publicação variou entre 2006 e 2020. O risco de viés foi avaliado pela ferramenta Risk-of-Bias tool for randomized trials (RoB 2.0). Estudos foram agrupados em duas categorias: 1. Intervenções educativas envolvendo tecnologia como processo: quatro estudos que utilizaram técnicas de entrevista motivacional,

aconselhamento cognitivo-comportamental, metodologia psicoeducativa, psicoterapia e modelo de crenças em saúde; 2. Intervenções educativas envolvendo tecnologia como produto: sete artigos que utilizaram mensagens ou chamadas telefônicas, cartilha educativa, folheto e fita de áudio. **Conclusão:** As intervenções melhoraram o estilo de vida das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, sendo mais efetivas aquelas que associaram tecnologia como processo e tecnologia como produto em detrimento das intervenções que usaram somente tecnologia como produto.

Palavras-chave: HIV, terapia antirretroviral de alta atividade, promoção da saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P077>

P-077 – BUSCA ATIVA: ESTRATÉGIA DE VIGILÂNCIA DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS, SÍFILIS E HEPATITES VIRAIS EM UM HOSPITAL DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA NO ESTADO DE GOIÁS

Luzia dos Santos Oliveira¹, Janine Oliveira de Paula¹

¹Hospital de Urgências de Goiânia

Apresentador: Luzia dos Santos Oliveira

E-mail: luziaoliv@gmail.com

Introdução: A vigilância epidemiológica hospitalar tem entre seus objetivos a detecção e investigação de doenças de notificação compulsória atendidas no âmbito hospitalar. Nessa perspectiva, vários métodos são utilizados pelos profissionais que atuam nesse setor para alcançar esse objetivo. Entre eles, a busca ativa de doenças e agravos de notificação compulsória por meio dos laboratórios internos nas instituições é um deles. **Objetivo:** Identificar e notificar pacientes com resultados positivos para as doenças sexualmente transmissíveis pela busca ativa em exames laboratoriais. **Métodos:** Foi realizada parceria com o laboratório da unidade para envio diário de relatório dos exames realizados pelo serviço. Diariamente a equipe do laboratório envia ao Núcleo de Vigilância Epidemiológica Hospitalar um e-mail com o relatório dos exames realizados com os resultados. Após o recebimento, o Núcleo de Vigilância Epidemiológica Hospitalar faz avaliação dos resultados, consolidando em planilha o número de exames realizados e o número de casos positivos por agravo identificados no dia. **Resultados:** No período de julho de 2020 a abril de 2021, foram realizadas 43.258 buscas ativas em resultados de exames laboratoriais. Entre elas, foram identificados 49 casos de doenças sexualmente transmissíveis. Desses, 21 casos foram referentes a exames de vírus da imunodeficiência humana positivos, 16 casos equivalentes a hepatite B/C e 12 casos de sífilis adquirida. Diante da identificação dos casos positivos, todos foram notificados. **Conclusão:** Identificou-se que a vigilância de infecções sexualmente transmissíveis, aids e hepatites virais pela busca ativa é uma importante ferramenta para a adoção oportuna de medidas de controle, possibilitando a interrupção da cadeia de transmissão de doenças transmissíveis, bem como encaminhamento do paciente diagnosticado aos serviços de tratamento especializado conforme a doença identificada. Recomendando-se o fortalecimento das parcerias entre os diversos setores do hospital com o objetivo de ampliar o diagnóstico precoce das infecções sexualmente transmissíveis, oportunizando o âmbito hospitalar como uma estratégia de ampliação desses diagnósticos.

Palavras-chave: HIV, sífilis, hepatites virais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P078>

P-078 – DIAGNÓSTICO DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS: APOIO E OBSTÁCULOS NAS RELAÇÕES AFETIVAS E FAMILIARES

Pedro Paulo Corrêa Santana¹, Marilda Andrade¹, Thelma Spindola², Geilsa Soraia Cavalcanti Valente¹, Karla Regina Oliveira de Moura Ronchini¹, Patrícia Yvonne Maciel Pinheiro¹, Simone Martins Rembold¹, Diego Pereira Rodrigues³, Alda Maria da Cruz⁴, Eliane Ramos Pereira¹

¹Universidade Federal Fluminense

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³Universidade Federal do Pará

⁴Fundação Oswaldo Cruz

Apresentador: Pedro Paulo Corrêa Santana

E-mail: psantana.uff@gmail.com

Introdução: As pessoas idosas soropositivas apresentam demandas de cuidado diferenciadas; necessita-se de maior atenção em saúde, pois alguns apresentam idade avançada e aspectos de saúde singulares, devendo os enfermeiros e a equipe multiprofissional assegurar um cuidado para além da doença. **Objetivo:** A partir disso, tem-se como objetivo deste

estudo compreender, a partir das narrativas de vida dos idosos que envelheceram com vírus da imunodeficiência humana/aids, como se deram as relações familiares e afetivas pós-diagnóstico. **Métodos:** Tratou-se de um estudo de abordagem qualitativa, com método de narrativa de vida por Daniel Bertaux. As entrevistas aconteceram em um hospital universitário em Niterói (RJ) e contamos com 13 participantes cuja coleta de dados ocorreu entre outubro de 2019 e março de 2020. **Resultados:** Nos resultados tivemos que estudos mostram que o vírus da imunodeficiência humana/aids é uma doença familiar, visto que a família tem um importante papel no apoio aos membros afetados com a doença. Nota-se que, se a família for capaz de lidar efetivamente com a enfermidade, ela enxergará as exigências do membro afetado como manejáveis, podendo desenvolver um sistema de significados coerentes e adaptativos relacionados às condições e aos desafios de saúde. Revela-se que o apoio familiar a pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana é fundamental para a revelação do diagnóstico, o tratamento e a continuidade de vida dos pacientes. O diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana/aids no contexto familiar desencadeou sentimento de pânico no que diz respeito à revelação da soropositividade ao cônjuge e ao desejo de não estar infectado com o vírus. **Conclusão:** O fato de a contaminação partir do cônjuge traz uma série de questões de culpabilização, principalmente quando o resultado da parceira não é favorável (negativo), sendo a saída para minimização da culpa o pedido de perdão e a reconciliação. Essa dinâmica familiar precisa ser considerada em todo processo, inclusive no tratamento, pois representa uma estrutura de apoio importante para a pessoa que vive com o vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: HIV, aids, idoso, traços de história de vida, ambulatórios.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P079>

P-079 – PREVALÊNCIA DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM MULHERES INDÍGENAS

Neide Aparecida Tosato Boldrini¹, Izabella Cardoso Lara¹, Talissa Lima Tavares¹, Thays Moreira Campos¹, Susana Lamara Pedras Almeida¹, Lorena de Paula Maia¹, Vanessa Afonso Eleutério¹, Isadora Novaes Bohier¹, José Geraldo Mill¹

¹Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes da Universidade Federal do Espírito Santo

Apresentador: Neide Aparecida Tosato Boldrini

E-mail: neideatb@terra.com.br

Introdução: A proximidade das áreas indígenas a centros urbanos, as entradas de não indígenas nas aldeias, a incursão de jovens indígenas nas cidades, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas e a resistência ao uso do preservativo são alguns dos principais fatores de vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis e aids para os povos indígenas. **Objetivo:** Avaliar a prevalência das doenças sexualmente transmissíveis nas aldeias indígenas do município de Aracruz, no estado Espírito Santo. **Métodos:** Foram coletados dados de 302 mulheres indígenas em uma entrevista semiestruturada, elaborada especificamente para este estudo, com seleção de dados sociodemográficos que foram coletados no período de agosto de 2020 a maio de 2021 em uma consulta no ambulatório de ginecologia de um hospital universitário na cidade Vitória, no Espírito Santo. Todas as participantes, após consentimento informado, foram submetidas à coleta de sangue usando testes rápidos para vírus da imunodeficiência humana, sífilis, hepatite B e C. **Resultados:** A média de idade foi de 41 anos, a média de idade para início de atividade sexual foi de 15 anos, 68,7% tinham uma união estável, apenas 4,6% das mulheres relataram usar preservativos nas relações sexuais. No entanto, no momento da entrevista, apenas quatro pacientes tiveram o teste rápido reagente para sífilis; três delas na sorologia eram apenas uma cicatriz imunológica de tratamento prévio, e apenas uma delas tinha Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas 1/64 e foi encaminhada para tratamento. **Conclusão:** Nosso estudo encontrou uma prevalência baixa de doenças sexualmente transmissíveis por meio dos testes rápidos de vírus da imunodeficiência humana, sífilis e hepatites B e C. Sabe-se que a população indígena em maior contato com a população branca apresenta maior índice dessas doenças, mas a população indígena das aldeias do município de Aracruz tem hábitos culturais e sociais que não favorecem uma alta prevalência delas. A média de idade das mulheres também foi um pouco alta, o que pode ter influenciado nesse resultado.

Palavras-chave: DST, indígenas, exposição ao risco.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P080>

P-080 – PREVALÊNCIA DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM MULHERES NA GUARNIÇÃO MILITAR DE CAMPINAS NO PERÍODO DE 2017 A 2020

Fabia Lopes¹, Neila Maria de Góis Speck¹

¹Universidade Federal de São Paulo

Apresentador: Fabia Lopes

E-mail: lopesfabia1977@hotmail.com

Introdução: IST ainda é um importante problema de saúde nas mulheres. **Objetivo:** Avaliar características clínicas e epidemiológicas das infecções sexualmente transmissíveis em mulheres militares e familiares de militares no âmbito da Guarnição Militar de Campinas (SP), comparando com os dados do Ministério da Saúde e dos levantamentos em exércitos de outras nações. **Métodos:** Estudo de coorte retrospectivo de 1.019 mulheres da Guarnição Militar de Campinas atendidas no PMGu/Cas no período de 2017 a 2020. Foram analisadas as 1.019 mulheres, sendo excluídas 372 de acordo com os critérios de exclusão. Análise dos dados: análise descritiva por meio de distribuição percentual e de médias e teste de χ^2 , razão de risco e intervalo de confiança. **Resultados:** Das 647 mulheres consideradas, foram encontradas 119 mulheres com alguma infecção sexualmente transmissível. No grupo de infectadas, a idade média foi de 32 anos; nas não infectadas, foi de 39 anos. Das 119 infectadas, 74 já tinham diagnóstico prévio ou foram diagnosticadas clinicamente e 45 mulheres tiveram seu diagnóstico efetivado após o resultado dos exames colhidos pois eram assintomáticas. A queixa mais frequente nessa população era de corrimento vaginal (99 mulheres), mas apenas 35 estavam também no grupo que apresentava alguma infecção sexualmente transmissível. A suspeição para doença inflamatória pélvica aguda ocorreu em 38 mulheres e, dessas, apenas 12 apresentaram alguma infecção sexualmente transmissível bacteriana contra 23 infecções sexualmente transmissíveis virais. **Conclusão:** Nessa coorte, a presença de corrimento genital não apresentou relação com a presença de infecções sexualmente transmissíveis. Em nosso grupo de pacientes, houve maior ocorrência de suspeição de doença inflamatória pélvica aguda concomitante a infecções sexualmente transmissíveis viral em vez de infecções sexualmente transmissíveis bacterianas. A proporção de *Neisseria* encontrada em relação a clamídia foi de 1:2, e cerca de 80% dos casos diagnosticados de papilomavírus humano eram assintomáticos. Do total, 11,76% das infecções sexualmente transmissíveis encontradas eram curáveis, ficando 20% abaixo da média nacional para esse mesmo tipo de doença.

Palavras-chave: militar, IST, leucorreia, chlamydia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P081>

P-081 – SEXUALLY TRANSMITTED DISEASES IN WOMEN WHO AGED 50 OR OLDER: A RETROSPECTIVE ANALYSIS FROM 2000 TO 2017 IN A PUBLIC REFERENCE SERVICE IN NITERÓI CITY, RIO DE JANEIRO STATE

Mariana Cotta Maia¹, Mauro Romero Leal Passos¹, Vandira Maria dos Santos Pinheiro¹, Roberto de Souza Salles¹

¹Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Mariana Cotta Maia

E-mail: marianacottamaia@hotmail.com

Introduction: Sexually transmitted diseases (STDs) are more common in young people. There are few studies on STDs in the older population, particularly women. **Objective:** The aim of this study was to evaluate and characterize, with epidemiological variables, the prevalence of STDs in the female population over 50 years old, in a public reference service in Niterói city, Rio de Janeiro State, Brazil. **Methods:** The study was carried out at the STD Sector of Universidade Federal Fluminense. It was a descriptive retrospective study of quantitative character, carried out with women aged 50 years or older, attended at the aforementioned teaching, research, and extension unit, from 2000 to 2017. Data collection was performed with documentary research from the records of Sexually Transmitted Diseases Sector of Universidade Federal Fluminense. A total of 6,822 records were analyzed, of which 2,363 were of women. Of these, 50 were medical records of women over 50 years old. The variables used were age, education, marital status, use of condom, diagnosis, sexual and behavior characteristics (extramarital relationships and history of homosexuality), skin color, history of STDs, sex education, the number of sexual partners, and family income. **Results:** There was a higher prevalence of human papillomavirus (HPV) infection in the form of condylooma acuminata in 48% of cases and cervical intraepithelial neoplasia (CIN) I, II, or III in 20%. Syphilis occurred in 14%, genital herpes and trichomoniasis in 6% each, HIV in 4%, and gonorrhea in 2% of cases. Notably, 64% of women had no pathological history of STDs, 6% had a previous diagnosis of syphilis, and 6%, of HPV. The predominant age group was 50–59 (78%), with a higher prevalence in white women (54%). Most patients (66%) reported having one fixed partner, were married (54%), and had no history of extramarital relationships (64%). In addition, 64% of patients had no degree of sex education and 56% lived on less than two minimum wages. Most patients (78%) reported not using condoms. In 50% of cases, the level of education was incomplete primary education and only 8% had concluded higher education. **Conclusion:** STDs were more frequent in white women who did not use condoms. The most prevalent STD was HPV infection, as

condyloma acuminata in pardo women. HPV infection as a cervical intraepithelial neoplasia (CIN) was the second most common STD in white and pardo women.

Keywords: sexually transmitted diseases, women, older adults.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P082>

P-082 – A TELEMEDICINA COMO FERRAMENTA DE CONTINUIDADE DE CUIDADOS EM SAÚDE ÀS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS EM PERÍODO DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Wilma Nancy Campos Arze¹, Marta Cossetin Costa^{2,3}, Adriel Chihyun Chung Campos⁴

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana

²Universidade Federal do Paraná

³Secretaria do Estado de Segurança Pública

⁴Hospital Regional de Guarapuava

Apresentador: Wilma Nancy Campos Arze

E-mail: m_cossetin@hotmail.com

Introdução: O contexto de pandemia de COVID-19 representou um entrave à manutenção dos cuidados em saúde, inclusive das crônicas infecciosas, tais como o vírus da imunodeficiência humana/aids, especialmente a população em privação de liberdade, que agrega as limitações inerentes ao isolamento social e a necessidade de transporte e escolta para o deslocamento ao serviço especializado. Nesse contexto, a telemedicina se configura como ferramenta de continuidade da assistência, permitindo a superação das barreiras geográficas e físicas e mantendo a segurança do usuário. **Objetivo:** Relatar a experiência de atendimento médico mediado por tecnologias de informação e comunicação às pessoas privadas de liberdade vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids de duas unidades penais do extremo oeste paranaense no período de julho de 2020 a março de 2021. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência. **Resultados:** Foram realizados atendimentos médicos de acompanhamento mediado por tecnologias de informação e comunicação a 16 pessoas privadas de liberdade vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids em duas unidades penais da região do extremo oeste paranaense. O processo iniciou-se com a realização de exames de rotina e de acompanhamento de CD4 e carga viral e acolhimento das pessoas privadas de liberdade pelo profissional enfermeiro. A teleconsulta utilizou-se da plataforma Mymedi e constituiu-se de ação multiprofissional (médico e enfermeiro). Os usuários mostraram-se receptivos e participativos, obtendo-se, no período de acompanhamento, manutenção das cargas virais indetectáveis em 93,75% dessa população e nenhuma demanda de remoção para atendimento externo e/ou internação hospitalar. **Conclusão:** O atendimento médico mediado por tecnologias de informação e comunicação constituiu-se de mais uma ferramenta na busca da garantia do direito de cuidado em saúde às pessoas privadas de liberdade, permitindo superar as barreiras físicas especialmente impostas pela pandemia de COVID-19, diminuir o tempo de espera para a consulta médica e dispensar as escoltas externas a unidade penal, repercutindo em maior segurança às pessoas privadas de liberdade e às equipes de segurança.

Palavras-chave: prisão, cárcere, telemedicina.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P083>

P-083 – SITUAÇÃO VACINAL CONTRA HEPATITE B E IMUNOGENICIDADE DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Vanessa Moura Carvalho de Oliveira¹, Cecília Natielly da Silva Gomes¹, Matheus Sousa Marques Carvalho¹, Emanuelle Fernandes Silva¹, Alice da Silva¹, Marli Teresinha Gimenez Galvão², Rosilane de Lima Brito Magalhães¹

¹Universidade Federal do Piauí

²Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Vanessa Moura Carvalho de Oliveira

E-mail: vanessa.moura29@outlook.com

Introdução: A hepatite B é considerada um problema de saúde pública. Os profissionais da saúde têm maior exposição ao risco de contágio pelo vírus da hepatite B em razão da realização de procedimentos invasivos. A vacina é a principal medida de prevenção contra o hepatite B. **Objetivo:** Avaliar a situação vacinal contra hepatite B e a imunogenicidade de profissionais de saúde da atenção primária. **Métodos:** Estudo transversal realizado com profissionais de saúde da atenção primária no município de Teresina (PI), na região Nordeste do Brasil. A coleta de dados ocorreu no ano de 2020 mediante a aplicação de um formulário estruturado (via Google Docs). Foram incluídos profissional da saúde com efetivo trabalho na Estratégia Saúde da Família com tempo de 8.805,6 meses, justificando-se pelo período mínimo para completude vacinal contra hepatite B. Foram calculadas as prevalências e razões de prevalência ajustadas para os fatores associados à realização do anti-HBs e intervalos de 95% de confiança. O teste

de cálculo das prevalências foi feito pelo qui-quadrado de Wald. O estudo seguiu as determinações de Ética com seres humanos, vigentes no Brasil, com números de parecer 4.218.806 e 4.035.652. **Resultados:** Foram incluídos 42 profissionais da saúde. A maioria eram enfermeiros 26 (60,5%), quatro (11,6%) eram médicos, seis (14,0%) auxiliares e/ou técnicos de enfermagem e seis (14,0%) cirurgiões-dentistas. Do total de entrevistados, 40 (95,2%) referiram possuir cartão de vacina, sendo todos vacinados contra a hepatite B, com esquema de três doses 39 (92,9%). Entre eles, 30 (71,4%) fizeram o exame que comprova a imunidade vacinal. Foram estatisticamente associados à realização do exame anti-HBs: ser do sexo feminino (valor p: 0,001), ser de cor branca (valor p: 0,039) e possuir cartão de vacina (valor p: 0,001). **Conclusão:** Os profissionais de saúde da atenção primária deste estudo tinham alta cobertura vacinal contra hepatite B porém baixo índice de avaliação da resposta vacinal.

Palavras-chave: hepatite B, pessoal de saúde, atenção primária à saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P084>

P-084 – SOBREVIDA DE PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS NA REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS, PARANÁ, 2008-2018

Jean Fernando Sandeski Zuber¹, Erildo Vicente Muller², Pollyana Kássia Oliveira Borges², Evelise Amorim Sandeski Zuber³

¹Fundação Municipal de Saúde de Ponta Grossa

²Universidade Estadual de Ponta Grossa

³Hospital Universitário Regional Wallace Thadeu de Mello e Silva

Apresentador: Jean Fernando Sandeski Sandeski Zuber

E-mail: jean2202@hotmail.com

Objetivo: O objetivo deste estudo foi analisar, em residentes da região dos Campos Gerais, do Paraná, o tempo de sobrevivência de pessoas diagnosticadas com a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana e pessoas que morreram com causa básica relacionada ao vírus e a aids, associados ou não à utilização da terapia antirretroviral, no período de 2008 a 2018. **Métodos:** Trata-se de um estudo de coorte retrospectivo, de caráter exploratório e documental. **Resultados:** A coorte foi composta de 737 pessoas; dessas, verificou-se que 59,3% eram do sexo masculino, 77,6% de raça e/ou cor da pele branca e 58,6% com ensino fundamental. A sobrevivência média da coorte foi de 8,8 anos, sendo no sexo feminino de 10,2 anos e no masculino de 7,9 anos. Crianças de até 10 anos obtiveram 8,2 anos, já aqueles com 11 a 20 anos apresentaram média de 14,3 anos, enquanto adultos de 41 a 60 anos e acima de 60 anos registraram sobrevivência de 6,2 e 5,0 anos, respectivamente. Analfabetos sobreviveram 7,1 anos, e aqueles com ensino médio ou superior apresentaram sobrevivência de 10,2 e 10,8 respectivamente. Pessoas sem uso de antirretrovirais registraram sobrevivência média de 4,7 anos. Na avaliação do risco relativo para o óbito, homens registraram risco relativo 1,22, pretos e pardos RR 1,18, e aqueles diagnosticados até 31 de dezembro de 2013 (antes do tratamento para todos) risco relativo 1,58. Apesar das disparidades entre os subgrupos avaliados, a terapia antirretroviral apresenta impacto significativo na morbimortalidade quando o tratamento é instituído de forma precoce. **Conclusão:** Pesquisas com o objetivo de estudar a sobrevivência de pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana são de fundamental importância, pois possibilitam monitorar os desequilíbrios na assistência em saúde, tratamento e cuidados, subsidiando ainda o reconhecimento de indicadores que favoreçam a construção de intervenções específicas, os quais, por sua vez, resultariam em uma melhor qualidade e expectativa de vida.

Palavras-chave: análise de sobrevivência, HIV, aids, antirretrovirais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P085>

P-085 – ÓBITOS POR SÍFILIS CONGÊNITA: AGRAVO DE SAÚDE PÚBLICA EVITÁVEL

Renata Olívia Gadelha Romero¹, Juliana Kelly Batista da Silva¹, Leidyane Barbosa de Medeiros¹, Édija Anália Rodrigues de Lima¹, Juliana Soares Campos², Denise Guerra Wingert², Ivoneide Lucena Pereira³, Joanna Angélica Araújo Ramalho³, Renata Cândido da Silva², Jordana de Almeida Nogueira¹

¹Universidade Federal da Paraíba

²Secretaria de Saúde Pública do Rio Grande do Norte

³Secretaria Estadual da Saúde do Estado da Paraíba

Apresentador: Renata Olívia Gadelha Romero

E-mail: renataogadelha@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita ainda ocupa espaço entre as causas básicas de óbitos infantis, sobretudo entre as perdas fetais, contribuindo para os desfechos negativos da gestação. A transmissão vertical da sífilis representa uma falha na identificação da gestante infectada ou na aplicação das medidas profiláticas para diminuir a transmissão e, por isso, deveria ser considerada um evento sentinela. **Objetivo:** Descrever o perfil das gestantes e as causas mencionadas ao óbito por sífilis congênita. **Métodos:** Foi realizado um estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa, dos óbitos por sífilis

congênita notificados no Sistema de Informação de Mortalidade no período de 2010 a 2020 no estado do Rio Grande do Norte. **Resultados:** No período analisado, houve o registro de 82 óbitos por sífilis congênita, dos quais 17% (14) ocorreram no ano de 2018, apresentando uma discreta tendência de declínio o número de óbitos nos anos subsequentes; 63,4% (52) das gestantes tinham entre 14 e 24 anos, 34,1% (28) das gestantes tinham o ensino superior incompleto, 25,6% (21) residiam na região metropolitana do estado, 51,2% (42) dos óbitos foram fetais e 46,3% (38) desses óbitos tinham como causa básica a sífilis congênita precoce não especificada. **Conclusão:** O monitoramento e a avaliação de indicadores pertinentes à avaliação da mortalidade perinatal por sífilis congênita devem ser estratégias que possam promover a análise de situação de saúde por meio das ações de controle e, com isso, propiciar meios de orientar e reforçar a qualidade do cuidado a gestantes no pré-natal para assim eliminar a transmissão vertical da sífilis, especialmente a mortalidade perinatal, como problema de saúde pública.

Palavras-chave: sífilis congênita, saúde da mulher, saúde da criança, natimorto.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P086>

P-086 – SÍFILIS NA GESTAÇÃO: UM ESTUDO RETROSPECTIVO TRANSVERSAL NA REGIÃO DO MÉDIO PARAÍBA DO RIO DE JANEIRO

Bruno Scrobatz Eurico¹, Reynaldo de Jesus Oliveira Júnior², Consuelo das Neves Lacerda Rodrigues¹, Elidivalda Santos de Lima de Freitas¹, Adriana Gomes Novaes¹, Luiz Henrique dos Santos Ribeiro³, Aryanne Karla Paulino Magalhães Honório²

¹Universidade Anhangüera

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Bruno Scrobatz Eurico

E-mail: brunoeurico123@gmail.com

Introdução: O cenário da sífilis na atualidade constitui-se como importante doença de interesse para saúde pública. Vivenciamos um aumento constante de casos, sobretudo com identificação no pré-natal. A sífilis na gestação pode ser responsável por interrupção do ciclo gravídico, bem como acarretar sequelas permanentes ao conceito. Assim, este estudo se justifica pela relevância de entender o perfil da doença nessa região. **Objetivo:** Apresentar o perfil da sífilis na gestação na região do Médio Paraíba do estado do Rio de Janeiro, identificar os determinantes de saúde que devem ser trabalhados para a redução desse evento. **Métodos:** Trata-se de um estudo retrospectivo transversal que utilizou a base de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação referente aos casos notificados de sífilis na gestação. **Resultados:** A identificação dos casos em gestante, em sua maioria, ocorre entre o primeiro e segundo trimestre de gestação (72,49%), com maior identificação no primeiro trimestre (36,56%). A sífilis primária é a mais notificada no estudo, responsável por 29,93% dos casos, porém há um déficit na informação, pois 42,81% dessa variável é ignorada. O tratamento também é um dado mal informado; apenas 4,37% deles estão registrados com o esquema habitual, 61,73% estão ignorados. Referente à caracterização da população, 55,24% estão entre 20 e 29 anos e 27,74% entre 15 e 19 anos. Quanto à escolaridade, 22,31% são gestantes com ensino fundamental incompleto, 14,68% compõem as gestantes com ensino médio incompleto e apenas 13,82% possuem ensino médio completo. Esse dado também é muito prejudicado pelo alto índice de ignorado (40,85%). Em raça e cor, há predominância em afrodescendentes (67,29%), seguidos de 29,68% de brancos. **Conclusão:** Observa-se que, na região, há necessidade de investir na qualidade das notificações para reduzir os dados ignorados. Ademais é evidente a eficiência na captação precoce da sífilis no pré-natal e observa-se maior incidência de sífilis primária.

Palavras-chave: sífilis congênita, gestação, promoção da saúde, pré-natal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P087>

P-087 – IMPLEMENTAÇÃO DE TESTES RÁPIDOS NA REALIZAÇÃO DO EXAME CITOPATOLÓGICO EM UMA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE ARACAJU EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Santos Pereira¹, Cris Magna dos Santos Oliveira¹, Marcus Valerius da Silva Peixoto¹

¹Universidade Federal de Sergipe

Apresentador: Beatriz Santos Pereira

E-mail: beatrizsantos199713@outlook.com

Introdução: A pandemia trouxe diversas mudanças para o mundo. No município de Aracaju (SE), essa situação não foi diferente, o que levou à suspensão de algumas atividades nas unidades de saúde, a exemplo da realização dos testes rápidos para vírus da imunodeficiência humana, sífilis, hepatite B e C, tornando ainda mais difícil diagnosticar uma infecção sexualmente transmissível. Um dos exames que não foi suspenso em meio ao caos foi a realização da citopatologia oncológica, realizada pelo enfermeiro em mulheres com vida sexual ativa. **Objetivo:** Relatar a implementação dos testes rápidos durante a triagem para

o exame citopatológico no momento de pandemia. **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência realizado por uma enfermeira residente em saúde da família que realizou 240 testes rápidos em 60 mulheres com idades entre 14 a 70 anos durante o segundo semestre de 2020 que aguardavam o procedimento citopatológico. **Resultados:** Foi possível identificar oito (13,33%) usuárias assintomáticas para sífilis, sendo realizada, em todas após resultado do teste, investigação por meio do Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas, FTA-ABS IgM e FTA-ABS IgG, excluindo os diagnósticos falso-positivos. Após resultados dos exames, todas foram tratadas e acompanhadas pelas mídias sociais para a resolução de possíveis dúvidas, convocação para tratamento adequado e busca ativa dos parceiros. Durante a triagem também foi possível realizar educação em saúde, identificar os riscos, sanar dúvidas, notificar os casos suspeitos, além de distribuir preservativos e incentivar seu uso. Mediante essa experiência foi possível observar a dificuldade para conseguir os testes rápidos no município, o que pode contribuir para o avanço da doença. **Conclusão:** É importante também enfatizar a potencialidade da estratégia de saúde da família, principalmente durante a realização dos testes em diversos momentos oportunos, o que leva a identificar e tratar várias infecções de modo precoce, evitando, assim, a disseminação e o avanço da infecção.

Palavras-chave: sífilis, exame ginecológico, enfermeiras, doenças sexualmente transmissíveis

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P088>

P-088 – ANÁLISE DA INTERNAÇÃO DE USUÁRIOS DE DROGAS QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Jéssica Karen de Oliveira Maia¹, Reângela Cíntia Rodrigues Oliveira¹, Nikaelly Pinheiro Mota¹, Maisa Leitão de Queiroz¹, Eduardo Rodrigues Mota¹, Marli Teresinha Gimenez Galvão¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Jéssica Karen de Oliveira Maia

E-mail: jessikarenmaia@gmail.com

Introdução: O consumo de álcool e outras drogas entre usuários de drogas ilícitas aumenta a suscetibilidade da aquisição do vírus da imunodeficiência humana e de outras infecções sexualmente transmissíveis por conta das situações de vulnerabilidade a que esses indivíduos estão expostos, como nos compartilhamentos de seringas para uso de drogas injetáveis e em relações sexuais desprotegidas. Tais situações implicam em hospitalização ao longo do curso das infecções. **Objetivo:** Analisar os casos de internações de usuários de drogas que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Estudo transversal realizado mediante dados secundários obtidos de prontuários de um serviço público de saúde de referência para doenças infecciosas no estado do Ceará, Brasil. Dados de prontuários foram captados de novembro de 2019 a janeiro de 2020 (três meses) de adultos com vírus da imunodeficiência humana e usuários de drogas, buscando-se explorar informações sociodemográficas e clínicas, as quais foram analisadas pelo *software* R. **Resultados:** Obtiveram-se informações de 81 indivíduos positivos para o vírus da imunodeficiência humana e usuários de droga, sendo 69,1% homens, > 30 anos (58,0%), negros (93,8%), usuários de crack (39,5%), álcool (29,6%) e cigarro (23,4%). Com diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana de 13 a 60 meses (35,8%), os parâmetros laboratoriais de LTCD4 eram < 200 células (12,3%) e carga viral detectável (41,9%), com histórico de reinternação hospitalar (22,2%) e com três ou mais vezes no último ano (13,5%) e alta hospitalar a pedido (7,4%). Nesses indivíduos ainda havia coinfeções: histoplasmose (18,5%), tuberculose (19,5%) e mortalidade (44,4%), principalmente por sepse (13,5%). **Conclusão:** Usuários de drogas com vírus da imunodeficiência humana têm ampliado comorbidades e óbitos, demonstrando necessidade de prevenção e ações de gerenciamento para acolhimento, tratamento e redução de danos nos serviços de saúde e social. Tais medidas de intervenções precoces favorecem a redução do acesso a drogas e ao vírus da imunodeficiência humana. O arcabouço de vulnerabilidades que esses indivíduos possuem implicam em custos para a vida humana e de serviços públicos de saúde e social. Urgem políticas integradas para ações e redução de danos e outras doenças na população em geral.

Palavras-chave: HIV, usuário de drogas, prevalência.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P089>

P-089 – USO DAS REDES SOCIAIS NA INTERNET PARA A DIFUSÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS E COVID-19

Pedro Zavitoski Malavolta¹, Bárbara Lopes de Oliveira¹, Maria Cristina Abbate¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo

Apresentador: Pedro Zavitoski Malavolta

E-mail: pzmalavolta@prefeitura.sp.gov.br

Introdução: Quarentena e isolamento social, medidas necessárias para conter a pandemia de COVID-19, ampliaram a necessidade do uso das plataformas de redes sociais para difundir informações sobre vírus da imunodeficiência humana, infecções sexualmente transmissíveis e COVID-19. **Objetivo:** Descrever as estratégias de comunicação digital desenvolvida pela Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (SP) após a Organização Mundial da Saúde decretar pandemia da COVID-19 e apresentar alguns resultados. **Métodos:** Estudo descritivo de caso de natureza mista (quantitativa e qualitativa) com delineamento documental. O corpus da pesquisa é composto de publicações na página do Facebook do órgão público entre 13 de fevereiro e 13 abril de 2020, o mês anterior e o posterior à primeira publicação sobre COVID-19. **Resultados:** Foram analisadas 83 postagens e 46 publicações antes de 13 de março (A) e 37 após (B). Onze publicações trataram diretamente sobre o novo coronavírus (C), com temas como formas de transmissão da COVID-19, relação com vírus da imunodeficiência humana, relação com sexo, terminologias e reuniões para alinhamento com unidades especializadas. Ademais, foram realizadas diversas atividades *on-line*, *lives*. Os dados, obtidos na própria ferramenta, apontam que houve um aumento de 48,5% (B/A) na visualização média das postagens entre o primeiro período e o segundo período e de 193% (C/A) se contabilizar apenas as publicações sobre COVID-19. Sempre considerando a média, observou-se, entre o primeiro e segundo mês, um aumento de 60,3% no engajamento, 93,9% no compartilhamento e uma queda de 47,7% nos comentários. Analisando apenas as postagens sobre COVID-19 (C/A), as variações foram: 311,7% mais engajamento, 289,8% mais compartilhamento e 181,8% mais comentários. **Conclusão:** O conteúdo produzido foi influenciado pelo contexto de pandemia, reflexo de um olhar estratégico e de rapidez de produção pela Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids. Houve uma maior procura da comunidade atendida por informações sobre COVID-19, o que pode ser visto pelo maior engajamento.

Palavras-chave: comunicação em saúde, redes sociais, coronavírus, HIV, aids.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P090>

P-090 – UMA ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DO AUTOTESTE DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NA CIDADE DE SÃO PAULO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A PREVENÇÃO COMBINADA

Allan Gomes de Lorena¹, Adriano Queiroz da Silva¹, Aline Pilon Maurício da Silva¹, Marcia da Silva Oliveira¹, Maria Cristina Abbate¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS

Apresentador: Allan Gomes de Lorena

E-mail: allangdl.usp@gmail.com

Introdução: O autoteste de vírus da imunodeficiência humana é uma das tecnologias da chamada prevenção combinada, em que, diferentemente dos procedimentos tradicionais de testagem, o próprio usuário é quem faz o teste, sem auxílio de um profissional. **Objetivo:** Analisar os dados de distribuição do autoteste de vírus da imunodeficiência humana na Rede Municipal Especializada de infecções sexualmente transmissíveis/aids entre 2019 e abril de 2021. **Métodos:** Os dados foram coletados no Sistema de Avaliação e Monitoramento dos Projetos com Organização da Sociedade Civil para gerar um relatório geral de distribuição desse insumo entre 2019 até abril de 2021, considerando as variáveis raça/cor, órgão genital de nascimento, identidade de gênero para a análise dos resultados. **Resultados:** Entre 2019 até abril de 2021, foram distribuídos 52.731 autotestes de vírus da imunodeficiência humana na cidade de São Paulo (SP). Desses, 21.945 foram considerados para a análise do perfil de distribuição. Foi possível observar que 11.238 (50%) se autodeclararam brancos e 10.707 (47%) negros, agregando pretos e pardos; 70% autoafirmaram que nasceram com pênis, 29% com vagina e 1% com pênis e vagina; 66% eram homem cis, 29% mulheres cis, 3% mulheres trans, 1% travestis e 1% homens trans. **Conclusão:** O autoteste é uma estratégia de prevenção para o enfrentamento do vírus da imunodeficiência humana/aids na cidade de São Paulo (SP), uma vez que contribui para a diminuição das barreiras de acesso aos serviços. No entanto, o acesso de mulheres trans, travestis e homens transexuais permanece como desafio, já que as vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas dessa população influenciam, também, o acesso às estratégias de prevenção combinada.

Palavras-chave: prevenção, HIV, diagnóstico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P091>

P-091 – ANÁLISE DA PUERICULTURA DE CRIANÇAS NOTIFICADAS COM SÍFILIS CONGÊNITA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Fábio Alves Oliveira¹, Maria Alix Leite Araújo¹, Valéria Lima de Barros², Marilene Alves Oliveira Guanabara¹, Maria Vilani de Matos Sena³, Léa Dias Pimentel Gomes Vasconcelos⁴

¹Universidade de Fortaleza

²Universidade Federal do Piauí

³Universidade Federal do Ceará

⁴Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza

Apresentador: Valéria Lima de Barros

E-mail: valeriarbarros17@hotmail.com

Introdução: A sífilis congênita é resultado da transmissão do *Treponema pallidum* da gestante infectada com sífilis para o bebê, causando consequências graves para os recém-nascidos. **Objetivo:** Analisar a puericultura de crianças notificadas com sífilis congênita na atenção primária em saúde. **Métodos:** Estudo descritivo realizado no município de Fortaleza, Ceará, que incluiu crianças notificadas com sífilis congênita nos anos de 2017 e 2018, em que havia registro de atendimento em unidades primárias de saúde. As variáveis analisadas foram: número de consultas, adequação do período da consulta para a idade, realização e resultado do teste não treponêmico de sangue periférico e no líquor, titulação, alteração líquórica, diagnóstico radiológico de ossos longos, realização de triagem auditiva e oftalmológica. Utilizou-se o programa Statistical Package for the Social Sciences, versão 20.0, e os resultados foram apresentados por meio de tabelas com medidas de tendência central. **Resultados:** Foram notificados, no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, 1.611 casos de sífilis congênita e analisados 715 por corresponderem às crianças que apresentaram registro de pelo menos uma consulta de puericultura na unidade primária de saúde. Compareceram à unidade com um, dois, quatro, seis, nove e 12 meses, 68,7%, 36,3%, 19,6%, 9,9%, 3,0% e 0,1% crianças, respectivamente. Não houve registro de atendimento com 18 a 24 meses. Setecentos e treze (99,6%) receberam menos de oito consultas, 92,8% duas consultas, 73% três consultas, 55,5% quatro consultas, 27,9% cinco, 14,1% seis, 5,3% sete e 1,8% oito consultas. Encontraram-se informações de tratamento para sífilis em 7,2% prontuários, de realização de radiografia de ossos longos em 3,5%, de avaliação oftalmológica em 1,9%, de exame de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas em 1,3% e avaliação líquórica em 0,1%. O FTABs (sigla inglesa para fluorescent treponemal antibody absorption test) foi realizado aos 18 meses em 52%. **Conclusão:** A puericultura de crianças com sífilis congênita em Fortaleza não atende às diretrizes recomendadas pelo Ministério da Saúde.

Palavras-chave: sífilis congênita, notificação de doenças.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P092>

P-092 – O IMPACTO DA SOROLOGIA POSITIVA NA ADESÃO À TERAPIA ANTIRRETROVIRAL EM JOVENS QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Matheus Fonseca de Melo¹, Consuelena Lopes Leitão¹, Jaila Dias Borges Lawani¹, Eligelson dos Santos Guadalupe², Carla Larissa de Souza Monteiro¹, Thainá Guedes Caldas¹

¹Universidade Federal do Amazonas

²Secretaria Municipal de Saúde

Apresentador: Matheus Fonseca de Melo

E-mail: matheusfonsemelo@gmail.com

Introdução: Sem a terapia antirretroviral (TARV), as pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana (PVHIV) ficam sujeitas a infecções oportunistas e podem ir a óbito. Com a evolução do tratamento, a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana se tornou uma condição crônica tratável, porém dificuldades psicossociais comprometem a sua adesão. Segundo a Organização Mundial da Saúde, os farmacêuticos são fundamentais na epidemia contra a aids. Para adaptar suas ações profissionais à necessidade de cada paciente, esses profissionais devem compreender os fatores psicossociais relacionados ao vírus. O Amazonas registrou 706 novos casos de vírus da imunodeficiência humana em 2019 e possuía 16.122 pacientes em terapia antirretroviral. A Policlínica Dr. Antônio Reis possui 850 pacientes ativos cadastrados para terapia antirretroviral. Deste total, 192 possuem idades entre 15 e 24 anos, correspondendo a 22,58% do total de pacientes da unidade. A amostra final do estudo é composta por 40 pacientes, que correspondem a 20,83% dos pacientes de 15 a 24 anos da unidade, sendo 35 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. **Objetivo:** Avaliar os fatores sociais que influenciam na adesão à terapia antirretroviral de jovens que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Estudo qualitativo desenvolvido no Sistema de Atendimento Especializado da Policlínica Dr. Antônio Reis com 40 pacientes soropositivos de 15 a 24 anos submetidos a um questionário estruturado para avaliar o impacto psicossocial na terapia antirretroviral. **Resultados:** 72,5% dos pacientes avaliados compreendem correlação do vírus com a imunidade, 30% não aceitam a sorologia. 90% se sentem deprimidos e ansiosos. 45% já pensaram em desistir do tratamento e 5% já chegaram a desistir. **Conclusão:** Destacam-se, como agravantes para a adesão, as dificuldades nas relações interpessoais, medo da exposição, problemas familiares, aceitação da sorologia, ansiedade, depressão, efeitos colaterais dos medicamentos, informações errôneas sobre o vírus e dificuldade em adequar o tratamento à rotina.

Palavras-chave: HIV, terapia antirretroviral, depressão.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P093>

P-093 – RECLASSIFICAÇÃO DOS CASOS DE SÍFILIS CONGÊNITA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA

Lea Dias Pimentel Gomes Vasconcelos¹, Maria Vilani de Matos Sena¹, Maria Alix Leite Araujo², Ana Fatima Braga Rocha², Ana Maria Peixoto Cabral Maia¹, Antonio Silva Lima Neto¹, Adriana Lopes Lima Melo¹, Marcos Cavalcante Paiva¹, Kilma Wanderley Lopes¹, Camila de Souza Lima Azevedo¹

¹Secretaria da Saude de Fortaleza

²Universidade de Fortaleza

Apresentador: Lea Dias Pimentel Gomes Vasconcelos

E-mail: leadias03@gmail.com

Introdução: A sífilis tem impacto na vida reprodutiva em virtude da possibilidade de transmissão vertical. O Ministério da Saúde publicou a nota informativa nº2/2017, que altera os critérios de definição de casos de sífilis, com o objetivo de qualificar os dados no sistema de informação e diminuir a subnotificação. A vigilância epidemiológica tem responsabilidade de qualificar as maternidades para notificar a partir das novas definições. **Objetivo:** Rever a classificação dos casos de sífilis congênita. **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência sobre a revisão dos casos de sífilis congênita baseada na nota técnica nº2/2017. Utilizou o banco de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação de 2018 de Fortaleza (CE) contendo os casos notificados de sífilis congênita. Foram avaliados os casos descartados, casos de sífilis congênita com tratamento adequado e inadequado da gestante, revendo se todos os critérios de definição forma cumpridos. Foi realizado em março/2020. Houve capacitação com os responsáveis das vigilâncias das maternidades e das regionais de saúde para divulgação da nota informativa. Após, foram feitas visitas nas maternidades para analisar os casos notificados. Para reclassificação do caso utilizaram-se dados no prontuário da atenção básica e hospitalar. **Resultados:** Em 2018 foram notificados 907 casos de sífilis congênita. Desses, foram avaliados 251 casos em que deveriam ser revistos os critérios de definição, sendo 89 casos classificados como descartados, 118 em que a mãe teve tratamento adequado e 47 com tratamento inadequado. Após reclassificação houve uma redução de 190 casos de sífilis congênita em 2018. Desses, 170 casos foram classificados como crianças expostas a sífilis, 13 como cicatriz sorológica, 6 de outros municípios e 1 caso de sífilis adquirida. **Conclusão:** A redefinição dos casos de sífilis congênita fortaleceu a utilização dos critérios de definição da doença pelas maternidades, a integração entre atenção básica e vigilância das maternidades por meio do acesso ao prontuário eletrônico da atenção básica e a necessidade de visitas às maternidades para monitoramento.

Palavras-chave: sífilis, monitoramento, transmissão vertical, vigilância.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P094>

P-094 – PREVALÊNCIA DE HIPERTENSÃO ARTERIAL E SEUS FATORES DE RISCO ENTRE MULHERES COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ACOMPANHADAS AMBULATORIALMENTE

Ane Kelly Lima Ramalho¹, Gilmar Holanda da Cunha¹, Maria Amanda Correia Lima¹, Marina Soares Monteiro Fontenele¹, Maria Elisa Curado Gomes¹, Larissa Rodrigues Siqueira¹, Lavna Albuquerque Moreira¹, Laura Orlando Antunes¹, Francisco Vagnaldo Fecchine¹, Melissa Soares Medeiros²

¹Universidade Federal do Ceará

²Hospital São José de Doenças Infecciosas

Apresentador: Ane Kelly Lima Ramalho

E-mail: anekellylr@gmail.com

Introdução: A terapia antirretroviral transformou a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana em condição crônica. No entanto, constatou-se um aumento das doenças cardiovasculares em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana quando comparados à população geral. **Objetivo:** Verificar a prevalência de hipertensão arterial sistêmica e seus fatores de risco em mulheres com vírus da imunodeficiência humana em acompanhamento ambulatorial. **Métodos:** Estudo transversal desenvolvido no Ambulatório de Infectologia do Hospital Universitário Walter Cantídio, em Fortaleza, Ceará, Brasil, com amostra de 61 mulheres com vírus da imunodeficiência humana. A coleta de dados ocorreu de agosto/2018 a agosto/2019 por meio de entrevista em ambiente privativo. Utilizaram-se formulário sociodemográfico, epidemiológico e clínico, além dos fatores de risco para hipertensão arterial sistêmica: pressão arterial, peso, altura, índice de massa corporal e circunferência da cintura. Para variáveis contínuas, calcularam-se média e desvio padrão, e para as categóricas, as frequências absoluta e relativa. Estudo aprovado por Comitê de Ética. **Resultados:** A prevalência de hipertensão arterial sistêmica na amostra foi de 18,0%, e no momento da entrevista as pacientes estavam normotensas e utilizando anti-hipertensivos. A maioria tinha cor de pele parda, escolaridade de 9 a 12 anos de estudo, eram casadas, sem filhos, católicas, desempregadas, com renda mensal familiar menor que dois salários

mínimos. Maior parte era da categoria de exposição sexual, heterossexuais, com parceiro e sorodiscordantes. O antirretroviral mais utilizado foi a lamivudina. Muitas tinham sobre-peso (50,0%), faziam consumo de sal moderado (57,3%), não ingeriam bebida alcoólica (75,4%), não utilizavam drogas ilícitas (96,7%), nunca haviam fumado (63,9%), mas 22,9% eram fumantes ou ex-fumantes. A maioria não praticava exercício físico (65,5%), consumia diariamente frituras e gorduras (77,0%) e possuía antecedentes familiares para hipertensão arterial sistêmica (77,0%). **Conclusão:** Percentual considerável da amostra possuía hipertensão arterial sistêmica ou seus fatores de risco. Destaca-se a importância das estratégias de educação em saúde e pesquisas que abordem as práticas para um estilo de vida saudável em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: HIV, hipertensão, terapia antirretroviral de alta atividade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P095>

P-095 – PREVALÊNCIA DE ALTERAÇÕES NEUROCOGNITIVAS EM ADULTOS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: REVISÃO SISTEMÁTICA

Paula de Oliveira Herzinger¹, Erildo Vicente Muller¹, Jacques Magnos Canossa Mantey¹, Felipe Cância Nascimento¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa

Apresentador: Paula de Oliveira Herzinger

E-mail: paula.herzinger@hotmail.com

Introdução: Cerca de 50% das pessoas com vírus da imunodeficiência humana em tratamento antirretroviral desenvolverão alterações neurocognitivas associadas ao vírus da imunodeficiência humana, sendo o uso precocemente adotado de terapia antirretroviral a principal recomendação para sua prevenção. Entretanto, ainda que o diagnóstico das alterações neurocognitivas seja desafiador, foram desenvolvidas diversas ferramentas para auxiliar nesse processo, como a International Human Immunodeficiency Virus Dementia Scale, validada no Brasil. **Objetivo:** Esta revisão sistemática tem como finalidade identificar os efeitos da terapia antirretroviral na prevalência das alterações neurocognitivas associadas ao vírus da imunodeficiência humana, avaliadas por meio da International Human Immunodeficiency Virus Dementia Scale. **Métodos:** Dois avaliadores selecionaram os artigos independentemente, de acordo com critérios pré-estabelecidos, tratando, dessa maneira, de uma revisão sistemática da literatura, que consistiu na busca de artigos no dia 7 de outubro de 2020 em: PubMed, SciELO e LILACS. **Resultados:** A busca gerou um total de 2.556 resultados. Após a primeira seleção restaram 84 artigos, que foram lidos na íntegra e submetidos a uma nova seleção, por fim restando 34 artigos. Desses, foram extraídos dados sociodemográficos, clínicos e relacionados à International Human Immunodeficiency Virus Dementia Scale. Com isso, observou-se que a prevalência de alterações neurocognitivas associadas ao vírus da imunodeficiência humana aumenta com a idade. Ainda que alguns dos resultados encontrados corroborem isso, em outros estudos a idade não foi significativa para estabelecer relação aos prejuízos neurocognitivos progressivos. Em relação ao uso de terapia antirretroviral, houve resultados conflitantes e, apesar das diferenças entre os antirretrovirais em relação aos efeitos no sistema nervoso central, poucos trabalhos detalharam os fármacos em uso e sua implicação no desempenho neurocognitivo. **Conclusão:** A International Human Immunodeficiency Virus Dementia Scale mostrou-se uma ferramenta amplamente utilizada como triagem para detecção de alterações neurocognitivas associadas ao vírus da imunodeficiência humana. A relação entre o desempenho neurocognitivo e o uso de terapia antirretroviral apresentou resultados diversos e nem sempre estatisticamente significativos. Ademais, faz-se necessário uma maior descrição referente à terapia em uso para avaliar as particularidades entre os antirretrovirais.

Palavras-chave: aids, HIV, neuropatia, prevalência.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P096>

P-096 – TUMOR DE BUSCHKE-LOWENSTEIN: UM RELATO DE CASO

Amanda Roepke Tiedje¹, Luiz Fernando Sommacal¹, Jhonathan Alcides Elpo¹, Mariana Schmidt Vieira¹, Alberto Trapani Júnior¹

¹Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina

Apresentador: Amanda Roepke Tiedje

E-mail: amandaa_rt@hotmail.com

Introdução: O condiloma acuminado gigante, ou tumor de Buschke-Lowenstein, é uma forma rara de apresentação do condiloma acuminado anogenital, doença sexualmente transmissível relacionada ao papilomavírus humano. **Relato do caso:** Paciente do sexo feminino, 17 anos, portadora de diabetes melito tipo 1, foi admitida na emergência clínica por cetoacidose diabética, e o exame físico evidenciou uma lesão vegetante gigante na região

anogenital, de aspecto verrucoso, com cerca de 15 centímetros de diâmetro. A paciente nunca havia procurado avaliação médica anteriormente por conta disso. Foi realizada biópsia da lesão que evidenciou lesão de padrão condilomatoso e com crescimento exofítico e endofítico. A paciente foi submetida a excisão local do tumor. Atualmente encontra-se em seguimento ambulatorial, sem recidiva do tumor até o momento. **Conclusão:** O tumor de Buschke-Lowenstein é uma variante rara de condiloma, uma lesão tumoral extensa e volumosa na região genital, anal e/ou perianal. Há evidência de que seja causado pelo vírus papiloma humano, estando implicados os tipos 6 e 11. Sua incidência vem aumentando, associada a estados de imunossupressão. Nesses pacientes costumam ser mais agressivo e com alto índice de recidiva. É frequentemente subdiagnosticado por ser clinicamente indistinguível de um condiloma. Apesar de características histológicas benignas, ocorrem transformações em carcinoma verrucoso e carcinoma escamoso celular entre 30–56% dos casos. E tem um comportamento localmente invasor, gerando grande desconforto, constrangimento e prejuízo às atividades diárias do paciente. O tratamento preconizado é a excisão conservadora, porém, em casos graves, pode ser indicada até amputação abdominoperineal, e uma característica muito frequente do tumor de Buschke-Lowenstein é a sua tendência em recidivar, com índices de recorrência em torno de 60%. Este caso reforça o papel da imunossupressão e do papilomavírus humano no desenvolvimento e diagnóstico do tumor de Buschke-Lowenstein, bem como da importância do tratamento cirúrgico desses tumores.

Palavras-chave: condiloma acuminado, infecções por papillomavirus.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P097>

P-097 – “THE NORMAL HEART”: UM FILME PARA ABORDAR A AIDS E O PRECONCEITO NA SOCIEDADE E NO CUIDADO EM SAÚDE

William Pereira Santos¹, Claudia Regina de Andrade Arrais Rosa², Alcindo Antônio Ferla³

¹Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora

²Universidade Federal do Maranhão

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: William Pereira Santos

E-mail: pereirasantoswilliam@gmail.com

Introdução: Obras ficcionais podem embasar análises de questões sociais, sobretudo quando essas são expostas mobilizando debates. **Objetivo:** Analisar o uso de filmes como estratégia pedagógica para mobilizar imaginários e compreender as relações entre a saúde e a sociedade. **Métodos:** Ensaio a partir do filme “The Normal Heart”, drama estadunidense dirigido por Ryan Murphy a partir de roteiro do dramaturgo Larry Kramer, com pesquisa em documentos contemporâneos sobre cuidado em saúde e preconceito. **Resultados:** O filme é contemporâneo, de 2014, retratando a crise social e sanitária da aids nos Estados Unidos no início da década de 1980. O enredo aponta o desconhecimento das pessoas sobre a realidade da época e evidencia a negligência governamental em políticas preventivas e de cuidado, motivada pelo preconceito com homens homossexuais, primeiro grupo com visibilidade de adoecimento e mortalidade. Passadas quatro décadas de evolução, mesmo com políticas para o cuidado à saúde das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, a doença é muito relevante no Brasil, conforme os boletins epidemiológicos oficiais. No Brasil, cerca de 920 mil pessoas vivem com vírus da imunodeficiência humana, mas somente 89% têm diagnóstico confirmado (40% deles com diagnóstico tardio); 77% fazem tratamento antirretroviral no Sistema Único de Saúde, e quase totalidade desses já tem carga viral indetectável. Os números são relevantes e falam de histórias de tristeza, estigma social, preconceito e negligência. Políticas de cuidado embasadas na integralidade precisam prover ações de atenção às pessoas e romper os estigmas sociais associados às doenças, construindo novos imaginários sociais. **Conclusão:** A ficção ajuda a desvelar o preconceito social e a reflexão sobre as relações entre saúde e sociedade. Compreender as vulnerabilidades às quais pessoas e grupos estão sujeitos permite pensar valores, práticas e desenvolver capacidades profissionais sem sorofobia, homofobia e preconceito, mostrados no filme de forma contundente.

Palavras-chave: aids, cinemas, integralidade em saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P098>

P-098 – AVALIAÇÃO DA RESPOSTA AO TRATAMENTO PARA HEPATITE C CRÔNICA EM UM CENTRO ESPECIALIZADO DO SUL DO BRASIL NOS ANOS DE 2018 A 2020

Roberto Ferreira Oizumi¹, Katy Regina da Silva Luz¹, Gisele Cirico¹, Aline Ferreira Leite Revers¹, Diana Mara Gaboardi¹, Edina Joana Soares¹, Josana Aparecida Dranka Horvath¹, Wanila Arroyo Luiz Pitondo¹, Marcia Claudete Weschenfelder¹, Luciana Osório Cavalli¹

¹Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias

Apresentador: Roberto Ferreira Oizumi

E-mail: rfoizumi@yahoo.com.br

Introdução: Os novos antivirais de ação direta modificaram radicalmente o panorama da hepatite C. Medicamentos bem tolerados e seguros, possibilitando tratamentos curtos e eficazes. **Objetivo:** Avaliar a resposta virológica sustentada dos portadores de hepatite C crônica tratados no Centro Especializado de Doenças Infecto-Parasitárias de Cascavel (PR) de 2018 a 2020 e estratificá-los conforme sexo, idade, genótipo, fibrose hepática e coinfeção com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Análise retrospectiva dos prontuários de pacientes tratados por hepatite C crônica de 01/01/2018 a 31/12/2020 no Centro Especializado de Doenças Infecto-Parasitárias de Cascavel. As informações foram coletadas utilizando uma tabela contendo as variáveis. Os dados foram digitados em planilha eletrônica do programa LibreOffice Calc, procedendo-se à análise descritiva. **Resultados:** No período avaliado foram tratados 101 pacientes, 64 (63%) homens e 37 (37%) mulheres. Predominou a faixa etária entre 40 e 59 anos com 64 pacientes (63%), 22 (22%) tinham 60 anos ou mais e 15 (15%) entre 18 e 39 anos. Houve predomínio do genótipo 1 com 59 pacientes (58%), seguido pelo genótipo 3 em 39 (39%) e genótipo 2 em 3 (3%). Apenas três pacientes (3%) apresentavam coinfeção por vírus da imunodeficiência humana/vírus da hepatite C. A maioria dos pacientes não apresentava diagnóstico de cirrose hepática, totalizando 84 (83%), enquanto 17 (17%) eram cirróticos. Os tratamentos administrados, em sua maioria, tiveram duração de 12 semanas: 94 (93%). Cinco (5%) tiveram duração de 24 semanas e dois (2%) de oito semanas. Atingiram resposta virológica sustentada 87 pacientes (86%), um paciente (1%) não alcançou resposta virológica sustentada, cinco foram a óbito durante ou poucas semanas após o término do tratamento e oito (8%) não retornaram até o momento para avaliação da resposta. **Conclusão:** Considerando os pacientes que concluíram o tratamento e realizaram avaliação da resposta virológica sustentada, a taxa encontrada foi de 98,8%, em conformidade com os resultados encontrados na literatura médica.

Palavras-chave: hepatite C, hepatite C crônica, hepatite viral

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P099>

P-099 – A PROFILAXIA PÓS-EXPOSIÇÃO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UM MUNICÍPIO NO OESTE DO PARANÁ

Luciana Osorio Cavalli¹, Josana Aparecida Dranka Horvath¹, Edina Joana Soares¹, Wanilla Arroyo Luiz Pitondo¹, Marcia Claudete Weschenfelder¹, Katy Regina da Silva Luz¹, Yara Helena Perin Orso¹, Roberto Ferreira Oizumi¹, Winny Hirome Takahashi Yonegura¹, Vania Orlandi²

¹Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias

²Unidade de Saúde Familiar Cataratas

Apresentador: Luciana Osorio Cavalli

E-mail: lucianacavalli@yahoo.com.br

Introdução: A profilaxia pós-exposição é uma ferramenta de prevenção de urgência à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana a partir do uso de medicamentos que visam a redução do risco de contaminação nos indivíduos expostos a partir de violência sexual, relação sexual desprotegida ou acidente ocupacional. Este está disponível gratuitamente em diferentes serviços do Sistema Único de Saúde. **Objetivo:** Avaliar os resultados relacionados às profilaxias pós-exposição realizadas em um município no Oeste do Paraná entre os anos de 2018 e 2020. **Métodos:** Trata-se de estudo retrospectivo que utilizou a base de dados do Ministério da Saúde. **Resultados:** Foram realizadas 519, 623 e 471 prescrições de profilaxia pós-exposição entre 2018 e 2020, respectivamente. Havia um crescimento anual, desde 2016, porém observa-se uma redução no ano de 2020, principalmente nos meses de fevereiro a junho. A população que mais procurou profilaxia pós-exposição, nos formulários onde tal item foi identificado, foram as mulheres cisgênero, seguidas pelos gays e homens que fazem sexo com homens, em 2018 e 2020, e homens cisgênero, em 2019. A faixa etária que mais procurou foi 25 a 39 anos (44, 51,1 e 49%). A principal causa de busca em 2018 e 2019 foi por acidente ocupacional (55 e 49%) e em 2020 foi exposição sexual consentida (51%), que já apresentava tendência de crescimento nos anos anteriores. **Conclusão:** O município, em relação ao motivo de busca por profilaxia pós-exposição, possui dados que divergem dos nacionais e estaduais onde a exposição sexual consentida é a mais prevalente. Em relação ao perfil da população os dados se assemelham aos nacionais, mas divergem dos do Paraná, destacando-se o fato de essa informação estar ausente em quase metade dos formulários, o que pode alterar o perfil e dar viés ao resultado. Ampliar a divulgação e o acesso a profilaxia pós-exposição é fundamental e estratégias para tal devem ser priorizadas.

Palavras-chave: profilaxia pós-exposição, HIV, antirretrovirais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P100>

P-100 – COMPORTAMENTOS DE RISCO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS DE TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL NA PARÁIBA

Patrícia da Silva Araújo^{1,2}, Wynne Pereira Nogueira³, Layane Trindade de Souza³, Maria Helena Ferreira Brasil³, Nathalia Claudino do Nascimento³, Maria Aparecida Cavalcanti Catão³, Cibelly Nunes Fortunato³, Isabella Martelleto Teixeira de Paula³, Maria Eliane Moreira Freire³, Ana Cristina de Oliveira e Silva³

¹Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW/EBSEH)

²Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

³Universidade Federal do Pará

Apresentador: Patrícia da Silva Araújo

E-mail: patriciaaraujo_nurse@yahoo.com.br

Introdução: Trabalhadores da indústria da construção civil destacam-se como população vulnerável por serem considerados de risco às infecções sexualmente transmissíveis, ocasionado pelo perfil fragmentado da profissão, processo migratório e comportamentos de risco. **Objetivo:** Descrever comportamentos de risco que potencializam a vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis em trabalhadores da indústria da construção civil. **Métodos:** Estudo transversal, descritivo, realizado em João Pessoa e região metropolitana, no estado da Paraíba. Foram incluídos 381 trabalhadores com idade igual ou maior a 18 anos e atuantes na construção civil. A coleta de dados aconteceu no período de maio a agosto de 2018. Para a operacionalização da coleta, utilizou-se um questionário estruturado que contemplava questões sociodemográficas, de conhecimento, práticas e atitudes em relação às infecções sexualmente transmissíveis. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número de parecer 2.572.581. **Resultados:** A maioria dos trabalhadores era do sexo masculino (97,4%), procedentes do interior (43,8%) e com escolaridade de até oito anos de estudo (66,6%). Apesar de 332 (87,1%) concordarem que o uso de álcool e drogas favorecem a prática sexual sem proteção, 240 (63%) informaram consumir álcool nos últimos 12 meses, dos quais 232 (96,7%) admitiram frequência de uso de pelo menos uma vez na semana. No tocante à prática sexual nos últimos 12 meses, 111 (46,25%) praticaram sexo com mais de um parceiro, 181 (47,6%) não utilizaram preservativos e 46 (19,2%) relataram ter tido alguma infecção sexualmente transmissível. **Conclusão:** Consumo abusivo de álcool, multiplicidade de parceiros e relações sexuais desprotegidas podem favorecer o aumento da vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis em trabalhadores da indústria da construção civil.

Palavras-chave: indústria da construção civil, IST, saúde pública.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P101>

P-101 – PERFIL OBSTÉTRICO DE GESTANTES COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ATENDIDAS EM UM AMBULATÓRIO DE REFERÊNCIA DE UM HOSPITAL DE ENSINO

Guilherme Rodrigues Oliveira¹, Juliana Gonçalves Silva de Mattos¹, Rodrigo Juliano Molina¹, Ana Carolina Cunha Leal¹, Sybelle de Souza Castro¹

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Apresentador: Guilherme Rodrigues Oliveira

E-mail: guilhermeoliveiraufm@gmail.com

Introdução: A soropositividade para doenças infecciosas na gestação pode resultar em transmissão vertical. Assim, o reconhecimento do perfil obstétrico das gestantes com vírus da imunodeficiência humana é pertinente para melhorar a assistência e reduzir os desfechos negativos no pós-parto. **Objetivo:** Descrever o perfil obstétrico de gestantes HIV+. **Métodos:** Estudo retrospectivo, transversal, a partir da análise de prontuários de gestantes com vírus da imunodeficiência humana atendidas em um ambulatório de referência de um hospital de ensino entre 2016 e 2018, tendo como critérios de seleção a notificação compulsória do vírus da imunodeficiência humana. A análise dos dados foi descritiva pelo *software* SPSS®. **Resultados:** Entre janeiro e abril de 2021 analisaram-se 78 prontuários, com a maioria das notificações ocorrendo em 2016 (43,6%). As gestantes tinham entre 21 e 29 anos de idade (53,8%, $x=27,4$ anos, 149.571,42 anos, desvio padrão=6,14), eram pardas (46,2%), com ensino superior incompleto (28,2%), residentes na zona urbana (97,4%), principalmente de Uberaba (MG) (61,5%), destacando-se como ocupação do lar (28,2%). Eram multiparas (79,5%), tendo o vírus da imunodeficiência humana evidenciado laboratorialmente antes da gestação (65,4%). Aderiram ao pré-natal (84,6%), passando por, no mínimo, seis consultas (60,3%), mesmo iniciando-o no segundo trimestre gestacional (41,0%). Houve adesão aos antirretrovirais profiláticos (76,9%), iniciando antes da primeira consulta da atual gestação (48,7%) e/ou durante o parto (69,2%). Não realizaram genotipagem para o vírus da imunodeficiência humana antes do início dos antirretrovirais (23,1%), mas fizeram a carga viral na primeira consulta de pré-natal (66,7%), repetindo-o entre duas e quatro semanas após o início do antirretroviral (46,2%) e na 34ª de gestação (48,7%). O tipo de parto predominante foi a cesariana eletiva (44,9%) realizado no hospital de ensino (78,2%), com a maioria de nascidos vivos (79,5%). **Conclusão:** Identificou-se a necessidade de adequações quanto ao seguimento do protocolo de assistência às gestantes soropositivas. Contudo, a organização atual do serviço já contribui para a garantia do impedimento da transmissão vertical.

Palavras-chave: transmissão vertical de doença infecciosa, HIV, gravidez.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P102>

P-102 – PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO E SOCIODEMOGRÁFICO DE PACIENTES COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS COINFECTADOS COM *TOXOPLASMA GONDII* EM FRONTEIRA BRASILEIRA

Janielle Chrislaine Moro¹, Neide Martins Moreira¹

¹Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Apresentador: Janielle Chrislaine Moro

E-mail: janiellemoro2013@gmail.com

Introdução: Disfunções decorrentes da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana tornam o organismo vulnerável a doenças oportunistas, e, entre as que acometem o sistema nervoso central, a toxoplasmose é a mais frequente. **Objetivo:** Investigar o perfil clínico-epidemiológico e sociodemográfico e os fatores de risco de pacientes com diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana/aids coinfectados com *T. gondii* em Foz do Iguaçu (PR). **Métodos:** Estudo comparativo e de abordagem quantitativa realizado com 332 pacientes vírus da imunodeficiência humana positivos, acompanhados no Serviço de Assistência Especializada em Foz do Iguaçu. As informações foram obtidas por meio de prontuários e aplicação de um questionário contendo 27 questões objetivas. A associação entre o estado parasitado (variável dependente) e as variáveis independentes foi avaliada com o teste de qui-quadrado (X²) e de Pearson. Todas as variáveis que obtiveram $p < 0,05$ na análise de qui-quadrado foram incluídas na análise multivariada *odds ratio*, intervalo de confiança 95%, 945, <0,05. **Resultados:** Dos 332 pacientes analisados, 111 apresentaram sorologia para toxoplasmose, indicando alta taxa de infecção por *T. gondii*. Houve prevalência entre aqueles com faixa etária 8.805, 18 e 8.804, 60 anos e que estudaram até a quarta série do ensino fundamental e o ensino superior (incompleto/completo) ($p < 0,05$). Permaneceram na análise multivariada os fatores de risco: pacientes com terceiro grau (incompleto/completo) e que consumiam água de poço tiveram mais chances de adquirir a infecção por *T. gondii* em 0,2 e 3,0 vezes mais, respectivamente. Entre pacientes com diagnóstico para neurotoxoplasmose, 63,6% estavam com níveis de T CD4 < 200 e carga viral com níveis detectáveis. Foram detectados neurotoxoplasmose (3,31%) e toxoplasmose ocular (3,61%), 54,1% (60/111) dos pacientes possuíam T CD4 < 200, dos quais 56,8% (46/60) apresentaram resultado positivo para IgG anti-*T. gondii*. **Conclusão:** Este trabalho permitiu uma caracterização do perfil de pacientes infectados com vírus da imunodeficiência humana/aids e coinfectados com toxoplasmose em um município de triplíce fronteira, tratando-se de um estudo pioneiro na região.

Palavras-chave: *Toxoplasma gondii*, imunocomprometido, HIV, neurotoxoplasmose.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P103>

P-103 – INFORMAÇÃO E PARCEIRA COM A POPULAÇÃO: ESTRATÉGIAS PARA ALCANÇAR UMA MAIOR COBERTURA VACINAL

Julia Sampaio de Souza Morais¹, Tainá Ludmila Malta de Araújo¹, Gabriela Dutra Cardozo¹, Zelina Caldeira², Valéria Patrocínio³, Mauro Romero Leal Passos¹

¹Universidade Federal Fluminense

²Associação Médica Fluminense

³Unimed Leste Fluminense

Apresentador: Julia Sampaio de Souza Morais

E-mail: ssampaiojulia@gmail.com

Introdução: A vacinação é uma importante forma de prevenir doenças. A vacina contra o papilomavírus humano faz parte do Programa Nacional de Imunização para meninas e meninos até 14 anos. Por mais que apresente alta segurança e eficácia e seja gratuitamente disponibilizada, a cobertura vacinal no Brasil e na cidade de Niterói (RJ) não está em níveis confortáveis. **Objetivo:** Conhecer características a respeito dos jovens vacinados no município de Niterói em uma campanha de vacinação de um dia fora da unidade básica de saúde. **Métodos:** A campanha ocorreu na Associação Médica Fluminense (AMF) em um bairro de alto poder aquisitivo (Icaraí), promovida pelo Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis da Universidade Federal Fluminense, pela Secretaria Municipal de Saúde de Niterói, pela Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis e pela Associação Médica Fluminense, entre outras instituições. Durante o período de vacinação (manhã e tarde), foi aplicado um questionário (na fila) aos jovens vacinados (todos acompanhados por responsáveis e com o consentimento livre e informado de seus responsáveis). **Resultados:** Um jovem do sexo masculino (0,34%) mostrou-se assustado querendo desistir da vacinação. Acolhido e orientado pelos autores deste trabalho e pelo professor coordenador, teve desfecho de vacinação. Frase do jovem: “Venci importante desafio (SIC). De um total de 370 vacinados, foram entrevistados 289 jovens (54,1% meninas e 45,9% meninos), sendo 62,8% residentes no bairro de Icaraí (o mesmo da Associação Médica Fluminense). Dos acompanhantes, a maioria eram mães (68,2%) e pais (24,3%). A internet foi a principal fonte na divulgação da campanha. Não ocorreram efeitos colaterais no ambiente de vacinação. **Conclusão:**

A maioria dos jovens vacinados residiam no bairro da campanha. Indicamos vacinações de dia único em outros bairros, principalmente os de baixo poder aquisitivo e em final de semana. É importante valorizar a divulgação da campanha pela internet, mas não se esquecer de divulgação tipo corpo a corpo no bairro e na cidade. Equipe multidisciplinar capacitada pode reverter desistências na vacinação.

Palavras-chave: vacina, HPV, papilomavírus humano, campanha.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P104>

P-104 – VULNERABILIDADE AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS DE JOVENS PARTICIPANTES DO CARNAVAL CARIOCA

Vinicius Rodrigues Fernandes da Fonte¹, Márcio Tadeu Ribeiro Francisco¹, Thelma Spindola¹, Carina D'Onofrio Prince Pinheiro¹, Paula Costa de Moraes¹, Laércio Deleon de Melo¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Vinicius Rodrigues Fernandes da Fonte

E-mail: vinicius-fonte@hotmail.com

Introdução: Os jovens são considerados um grupo vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis e, conseqüentemente, ao vírus da imunodeficiência humana. Dados epidemiológicos do Brasil indicam que a maioria das infecções por vírus da imunodeficiência humana são detectadas na população jovem. **Objetivo:** Analisar as condutas sexuais e o acesso a serviços de saúde entre jovens e não jovens participantes do carnaval do Rio de Janeiro. **Métodos:** Estudo transversal realizado com 541 participantes no carnaval do Rio de Janeiro selecionados por meio de amostragem por conveniência. Os dados foram coletados no sambódromo, com auxílio de um questionário, em fevereiro de 2018. O critério de inclusão foi ter idade igual ou superior a 18 anos e vida sexual ativa. Foram considerados jovens os indivíduos com idades entre 18 e 29 anos e não jovens os participantes com 30 anos ou mais. Foi realizada análise descritiva e empregou-se o teste qui-quadrado com significância de 95%. **Resultados:** Os dados mostraram significância estatística para as variáveis (<0,05) relacionamento estável, relação com pessoa do mesmo sexo, sexo sob efeito de álcool ou drogas, mais de cinco parceiros sexuais nos últimos 12 meses, uso do preservativo na última relação sexual, procurar serviço de saúde após relação sexual desprotegida e acesso a locais que fornecem o preservativo de graça. Não foi observada diferença significativamente estatística (>0,05) para relação extraconjugal para pessoas em relacionamentos estáveis, uso do preservativo em todas as relações nos últimos 12 meses, conhecer serviço que realize o teste de vírus da imunodeficiência humana, ter realizado teste para o vírus da imunodeficiência humana nos últimos 12 meses e cadastro em unidade de atenção básica. **Conclusão:** Os jovens têm maior incidência de comportamentos sexuais de risco, múltiplos parceiros, sexo sob efeito de drogas e relacionamentos casuais. No entanto, acessam mais os serviços que fornecem o preservativo, usaram preservativo na última relação e procuraram por atendimento de saúde após sexo desprotegido.

Palavras-chave: adulto jovem, vulnerabilidade individual, HIV, sexualidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P105>

P-105 – AMBULATÓRIO MULTIDISCIPLINAR DE DIVERSIDADE DE GÊNERO E A SUA IMPORTÂNCIA NO DIAGNÓSTICO PRECOZE DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO

Franco Luis Salume Costa¹, Fenísia Gabrielle Carvalho Saldanha¹, Carolina Loyola Prest Ferrugini¹, Raul de Paula Resende Bicalho¹, Lays Paula Bondi Volpini¹, Helena Lucia Barroso dos Reis¹, Susana Lamara Pedras Almeida¹, Liliana Cruz Spano¹, Neide Aparecida Tosato Boldrini¹, Angelica Espinosa Miranda¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

Apresentador: Franco Luis Salume Costa

E-mail: francosalume@gmail.com

Introdução: Ao se tratar da população transgênero, é necessário entender significados e terminologias que representam a enorme diversidade. Identidade de gênero refere-se à própria experiência de quem são, diferente de orientação sexual ou expressão de gênero. A desinformação leva a sociedade a adotar estigmas e preconceitos, causando consequências negativas à saúde de pessoas transgêneras, que não se sentem confortáveis em buscar serviços de saúde. As infecções sexualmente transmissíveis são transmitidas, principalmente, por contato sexual e podem estar associadas a fatores biológicos, psicossociais e culturais. Assim, essa população se inclui no grupo que requer uma atenção estrategicamente mais focada no diagnóstico e tratamento precoces de infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Demonstrar o impacto do ambulatório multidisciplinar de diversidade de gênero nos diagnósticos de infecções sexualmente transmissíveis da população transgênero. **Métodos:** Estudo quantitativo, retrospectivo, descritivo sobre infecções sexualmente

transmissíveis diagnosticadas em pacientes atendidos no ambulatório multidisciplinar de diversidade de gênero no período de 1 ano. As informações foram coletadas por questionário previamente estruturado e resultado de testes rápidos, exames laboratoriais e análises citológicas de amostras cervicais e anais. Os dados foram registrados e tratados estatisticamente no programa SPSS. **Resultados:** Foram analisados os dados de 76 usuários. Houve predominância de homens transgêneros (65,8%). Desses, 20,5% apresentaram positividade para papilomavírus humano anal e 27% para papilomavírus humano cervical. Lesões pré-neoplásicas foram descritas em 16,7% dos exames de citologia cervical. A média de idade foi de 27 anos. Os homens transgêneros apresentaram maior nível de escolaridade em relação a mulheres transgêneros, sendo 100% daqueles que têm ensino superior completo e 62% dos que possuem ensino médio completo. Apenas as mulheres transgêneros apresentaram positividade para vírus da imunodeficiência humana (7,7%), sífilis (15,4%), hepatite B e C (3,8%). Tricomoníase, gonorréia e clamídia não foram diagnosticadas. **Conclusão:** A existência de ações como o ambulatório multidisciplinar de diversidade de gênero é essencial para fornecer orientações, medidas de prevenção e diagnóstico de infecções sexualmente transmissíveis, além de ser porta de entrada dessa população a serviços de saúde especializados.

Palavras-chave: pessoas transgênero, IST, HPV, citologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P106>

P-106 – IMPLANTAÇÃO DA PRIMEIRA CONSULTA MÉDICA E DE ENFERMAGEM PARA INÍCIO OPORTUNO E PRECOZE DA TERAPIA ANTIRRETROVIRAL PARA PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM INFECÇÃO PELO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NO CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO SÃO MIGUEL

Esmeraldina Carlos de Fatima Peixoto Neri^{1,2}, Jardel Macedo Soares^{1,2}

¹Prefeitura do Município de São Paulo

²Universidade Brasil

Apresentador: Esmeraldina Carlos de Fatima Peixoto Neri

E-mail: esmeneri4@gmail.com

Introdução: Indivíduos diagnosticados com o vírus da imunodeficiência humana no Centro de Testagem e Aconselhamento apresentaram, no momento da revelação diagnóstica, impactos emocionais importantes, que interferiram na aceitação da sua condição sorológica e no desafio de iniciar a terapia antirretroviral o mais precocemente possível. A introdução precoce da terapia antirretroviral revelou benefícios relacionados à redução da morbimortalidade em pessoa vivendo com vírus da imunodeficiência humana, proporcionando a diminuição da transmissão da infecção para outras pessoas. **Objetivo:** Ofertar a primeira consulta médica e de enfermagem concomitantemente à revelação do diagnóstico pelo vírus da imunodeficiência humana no Centro de Testagem e Aconselhamento São Miguel, promovendo atendimento, acolhimento e suporte emocional necessário, focando na importância do início precoce e oportuno da terapia antirretroviral pelo Centro de Testagem e Aconselhamento. **Métodos:** Implantação de protocolo de atendimento com a consulta médica e de enfermagem na revelação diagnóstica dos indivíduos diagnosticados por testagem rápida ou exames laboratoriais com infecção pelo vírus da imunodeficiência humana de janeiro a dezembro de 2020. **Resultados:** A consulta médica e de enfermagem possibilitou a prescrição e dispensação oportuna da terapia antirretroviral, solicitação de exames laboratoriais e consulta com infectologista em 30 dias no Serviço Ambulatorial Especializado da rede. **Conclusão:** As políticas públicas de saúde visam à promoção da saúde e à prevenção de agravos, como as infecções sexualmente transmissíveis e o vírus da imunodeficiência humana, atendendo às condições inerentes aos aspectos individuais e da vulnerabilidade da pessoa vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Evidenciou-se que o protocolo contribuiu para o início da terapia antirretroviral precocemente, fortaleceu a adesão, vinculação e retenção do indivíduo no Serviço Ambulatorial Especializado referenciado.

Palavras-chave: HIV, vulnerabilidade, tratamento, precoce.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P107>

P-107 – DESFECHOS CLÍNICOS DOS PACIENTES VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA POSITIVOS COINFECTADOS PELO SARS-CoV-2: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Isadora Bontorin de Souza¹, Bruna Arese Camara Silva Neto¹, Ingrid Oliveira Bosenbecker Bauer¹, Marina Mayumi Laranjeira Caldas Kamei¹, Gerson Fernandes Mendes Pereira¹

¹Centro Universitário de Brasília

Apresentador: Isadora Bontorin de Souza

E-mail: isabontorin@sempreub.com

Introdução: A situação particular do organismo das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana tem levantado muitas indagações a respeito dos desfechos

clínicos decorrentes da coinfeção por SARS-CoV-2. **Objetivo:** Avaliar os desfechos clínicos da coinfeção pelo SARS-CoV-2 em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Foi realizada uma revisão sistemática de literatura com busca no PubMed utilizando a associação dos descritores “COVID-19” AND “HIV” AND “coinfection”. Encontraram-se 141 artigos. Como critérios inclusivos, optou-se por revisões sistemáticas, metanálises, estudos randomizados controlados, publicados na íntegra, no idioma inglês entre os anos 2020 e 2021. Nove artigos foram selecionados. **Resultados:** Estudos preliminares demonstraram baixa notificação de casos de coinfeção SARS-CoV-2/vírus da imunodeficiência humana e, nos casos relatados, uma pequena taxa de evolução desfavorável. Contudo, evidências crescentes demonstram que pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana têm maior propensão a coinfeção pelo SARS-CoV-2, chegando a uma prevalência de vírus da imunodeficiência humana em 4,17% dos pacientes com COVID-19. A taxa de mortalidade combinada variou de 2% a 35%. Os fatores de pior prognóstico foram: idade maior que 50 anos (90%), sexo masculino (86%) e outras comorbidades (65%), sendo as mais comuns: hipertensão, diabetes e doenças cardiovasculares. A evolução para um quadro leve ocorreu em 66% dos pacientes. Esse desfecho pode ser explicado pelo sistema imune deficitário, que evita a cascata de citocinas inflamatórias provocadas pela COVID-19. Assim, ainda que a pessoa vivendo com vírus da imunodeficiência humana seja mais suscetível à COVID-19, a imunossupressão causada pelo vírus da imunodeficiência humana pode reduzir a exacerbação imune provocada pelo SARS-CoV-2 e evitar os desfechos graves. O uso crônico de terapias antirretrovirais também parece contribuir como um fator protetivo, sendo o remdesivir e o lopinavir/ritonavir as drogas mais promissoras até o momento. **Conclusão:** Pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana têm susceptibilidade aumentada à infecção por SARS-CoV-2. Os fatores de risco associados são relevantes para progressão desfavorável. Maiores evidências são necessárias para esclarecer se quadros leves são dependentes do vírus da imunodeficiência humana ou do uso dos antirretrovirais.

Palavras-chave: coronavírus, SARS-CoV, HIV, coinfeção.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P108>

P-108 – MORTALIDADE DE PESSOAS COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA CO-INFECTADAS COM CORONAVÍRUS (COVID-19) NO PIAUÍ

Karina Alves Amorim de Sousa¹, Telma Maria Evangelista de Araújo², Meire Maria de Sousa e Silva¹, Zenira Martins Silva¹, Marylane Viana Veloso¹, Keila Marília da Silva Saraiva¹

¹Secretaria Estadual de Saúde do Piauí

²Universidade Federal do Piauí

Apresentador: Karinna Alves Amorim de Sousa

E-mail: karinnaduda@gmail.com

Introdução: A COVID-19 é doença infecciosa por coronavírus, na qual maioria das pessoas apresenta acometimento respiratório leve a moderado, recuperam sem necessidade de internação. No entanto, pessoas com comorbidades, entre elas imunodeprimidas, apresentam risco maior de agravamento na evolução. **Objetivo:** Caracterizar mortalidade de pessoas com vírus da imunodeficiência humana infectadas com coronavírus (COVID-19) no Piauí. **Métodos:** Estudo descritivo, quantitativo, transversal. Realizado em maio de 2021, por meio do levantamento dos óbitos de pessoas com vírus da imunodeficiência humana coinfectadas com COVID-19, ocorridos no período de abril de 2019 a abril de 2020. Os registros foram provenientes do sistema de informações de mortalidade e do sistema de controle logístico de medicamentos. Foram realizadas estatísticas simples. **Resultados:** Verificaram-se 195 óbitos de pessoas com vírus da imunodeficiência humana. Desses, 28 (14%) tiveram relação com COVID-19, sendo 60% do sexo masculino, 46% entre 40 e 59 anos, 61% pardos, 53% solteiros, 32% possuíam ensino fundamental e 36% tinham escolaridade ignorada, 21% eram autônomos e 36% possuíam ocupação ignorada, 58% tiveram dados ignorados quanto assistência médica, 57% residiam na capital, 71% tiveram o óbito investigado, 75% foi a óbito em 2020, 86% estavam cadastrados no sistema de controle logístico de medicamentos e faziam tratamento para vírus da imunodeficiência humana, com dispensa de medicação em 2020. **Conclusão:** A mortalidade de pessoas com vírus da imunodeficiência humana infectadas pelo coronavírus não difere muito de óbitos por COVID-19 na população geral. Constitui-se desafio o enfrentamento da doença por não haver tratamento medicamentoso específico para cura. São importantes vacinação de todas as pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, seguimento das medidas de prevenção da COVID, isolamento social para controle da transmissibilidade, qualidade na assistência em todos os níveis de atenção para redução da evolução grave e ocorrência de óbitos. Ressaltam-se limitações pelo curto período do estudo e não completude de algumas variáveis na ficha de notificação do óbito. Enfatiza-se a necessidade de mais pesquisas na temática.

Palavras-chave: mortalidade, infecções por coronavírus, HIV, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P109>

P-109 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DO TRATAMENTO DA SÍFILIS EM UNIDADE DE SAÚDE DE REFERÊNCIA EM SÃO LUÍS (MA)

Carolina Moreti Câmara França¹, Ana Beatriz Santos Cantanhede¹, Conceição de Maria Pedrozo e Silva de Azevedo¹, Carlos Henrique Rodrigues dos Santos¹, Daniel Cutrim Aires¹, José Estevam Ribeiro Júnior¹, Lara Eliza Sousa Leitão¹, Luis Augusto Silva Batista¹, Vitaliano de Oliveira Leite Júnior¹

¹Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Carolina Moreti Câmara França

E-mail: carolina.moreti@discente.ufma.br

Introdução: A sífilis é uma infecção bacteriana sistêmica de evolução crônica causada pelo agente *Treponema pallidum*. É uma doença reemergente no Brasil e persiste como um grave problema de saúde pública, e, diante desse impacto, é importante que os municípios reconheçam a gravidade da doença localmente para estabelecer estratégias de ação de diagnóstico e tratamento. **Objetivo:** Conhecer o perfil clínico-epidemiológico de pacientes infectados por sífilis na Unidade Básica de Saúde Bairro de Fátima. **Métodos:** Foi realizado um estudo observacional, descritivo e retrospectivo, analisando o perfil epidemiológico de casos de sífilis registrados na Unidade Básica de Saúde Bairro de Fátima no período de 2019 a 2020 por meio de registros da unidade. **Resultados:** Houve 193 casos reportados de sífilis adquirida na unidade de saúde, entre os quais apenas 3% eram de gestantes. A média de idade dos pacientes foi de 40,6 anos (desvio padrão=15,6). Os títulos de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas encontrados nos pacientes que fizeram o exame variaram entre 1 e 8/260, 2 e 1/2.048, destacadamente títulos de 1/64 (22,3%) e 1/2 (17,4%). Entre os pacientes analisados, 62% confirmadamente começaram o tratamento e, desses, 90,8% concluíram, em sua maioria utilizando o fármaco padrão recomendado, penicilina benzatina. **Conclusão:** O estudo evidencia uma prevalência alta de sífilis na Unidade Básica de Saúde, que capta parte expressiva dos casos de sífilis adquirida do município. Dentro da unidade há um destaque para adultos na faixa etária de 40 anos vindo com títulos de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas em faixas baixas a moderadas, dos quais a maioria concluiu o tratamento.

Palavras-chave: coronavírus, sífilis, IST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P110>

P-110 – IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 EM HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Thayane Dornelles¹, Emerson Brito¹, Eliana Wendland¹

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Apresentador: Thayane Dornelles

E-mail: thaydornelles@gmail.com

Introdução: As mudanças causadas pela pandemia de COVID-19 podem afetar desproporcionalmente alguns grupos minoritários como homens que fazem sexo com homens, principalmente pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Avaliar os impactos da pandemia de COVID-19 entre homens que fazem sexo com homens com diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Estudo transversal, de abrangência nacional, realizado entre setembro e outubro de 2020. O recrutamento dos participantes foi realizado pela técnica *snowball* por meio de um questionário semiestruturado. Foi utilizado o teste de ANOVA para comparar médias e o teste de qui-quadrado para variáveis categóricas. Considerou-se o nível de significância de 95%. **Resultados:** A amostra foi composta de 424 homens que fazem sexo com homens, sendo 96,3% cisgênero e 91,5% gays. O diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana foi relatado por 57 participantes (14,4%). A média de idade dos participantes com vírus da imunodeficiência humana foi de 36,6±8,8 e daqueles sem vírus da imunodeficiência humana foi de 29,8±7,8 (p<0,01). Homens que fazem sexo com homens vivendo com vírus da imunodeficiência humana, quando comparados com homens que fazem sexo com homens sem diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana, apresentaram prevalências mais elevadas de tabagismo (28,1% versus 14,8%, p<0,02) e encontros sexuais (54,9 versus 37,3, p<0,02) durante a pandemia. Verificou-se que 22 (38,6%) tiveram algum tipo de interferência no tratamento de vírus da imunodeficiência humana durante os primeiros meses de pandemia. Não foram observadas diferenças significativas no uso de álcool e de substâncias psicoativas. **Conclusão:** A prevalência de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana entre os homens que fazem sexo com homens é maior que a população geral e uma parcela importante dessa população teve interferência no tratamento de vírus da imunodeficiência humana no primeiro semestre da pandemia de COVID-19. A interferência no tratamento sofrida por esses indivíduos pode impactar diretamente no seu seguimento e tratamento a longo prazo. Estratégias para evitar a interrupção da atenção às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana devem ser organizadas e priorizadas durante a pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: identidade de gênero, impactos na saúde, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P11>

P-111 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E EPIDEMIOLÓGICO DE PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS NA REGIÃO CENTRO-SUL DO ESTADO DO PARANÁ

Jacques Magnos Canossa Mantey¹, Nórton Ramsés Canossa Mantey¹, Erildo Vicente Muller¹, Paula de Oliveira Herzinger¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa

Apresentador: Jacques Magnos Canossa Mantey

E-mail: jacquescanossamantey@hotmail.com

Introdução: De 2007 até junho de 2020, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação 342.459 casos de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana no Brasil, tendo a maior proporção de diagnóstico ocorrido em pessoas com o ensino médio completo ou inferior do sexo masculino. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico e sociodemográfico de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids em tratamento antirretroviral no município de Ponta Grossa (PR). **Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico, de coorte retrospectivo com dados obtidos por meio dos prontuários de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids que utilizaram o serviço de atenção especializada do município de Ponta Grossa (Serviço de Atendimento Especializado – Centro de Testagem e Aconselhamento) de janeiro de 2012 a junho de 2019. Foram utilizados como critérios de inclusão constar no prontuário ou na ficha de notificação: data de nascimento, sexo, escolaridade e a data da última consulta. **Resultados:** Após a aplicação dos critérios de inclusão, foram coletados dados de 1.049 pacientes. Verificou-se que 55,6% dos pacientes eram do sexo masculino, 88,6% dos pacientes foram infectados sexualmente e 73% eram heterossexuais. A média de idade entre as mulheres foi de 42,33 anos (desvio padrão=12,65). O tempo de tratamento médio foi de 5,28 anos (desvio padrão=4,77). Entre os homens, a média de idade 40,06 (desvio padrão=12,61) e o tempo de tratamento médio foi de 4,63 anos (desvio padrão=4,76). Quanto à escolaridade, 42,8% declararam serem analfabetos ou terem ensino fundamental incompleto, 47,8% ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto ou completo e 9,4% que estão cursando ou terminaram ensino superior. Em relação ao estado civil, 40,9% se declararam união estável ou casados, 3,9% viúvos, 34,6% solteiros, 7,9% divorciados e 12,7% não informaram estado civil. **Conclusão:** São necessárias a continuidade e a expansão de políticas públicas voltadas ao tratamento e à prevenção da infecção pelo vírus da aids, principalmente voltada a públicos específicos, como o de menor escolaridade, tendo em vista a prevalência mais localizada dos casos.

Palavras-chave: aids, HIV, escolaridade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P112>

P-112 – FATORES DEFINIDORES DA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE

Sergio Marques¹, Reynaldo de Jesus Oliveira Junior¹, Denize Cristina de Oliveira¹, Hellen Pollyanna Mantelo Cecilio², Thelma Spindola¹

¹Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

²Universidade Estadual de Maringá

Apresentador: Sergio Marques

E-mail: sergiomarques@uol.com.br

Introdução: A simplificação do tratamento com as terapias antirretrovirais promoveu mudanças na vida das pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana, com reflexos na qualidade de vida. **Objetivo:** Analisar os fatores definidores da qualidade de vida de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana em municípios de pequeno porte no estado do Rio de Janeiro. **Métodos:** Estudo descritivo, com abordagem qualitativa, apoiado na teoria do núcleo central das representações sociais. Participaram 80 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana residentes e assistidos nos municípios de pequeno porte da região Médio Paraíba/Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por questionário sociodemográfico e pela técnica de evocação livre de palavras ao termo indutor qualidade de vida. Os dados sociodemográficos foram organizados no *software* Excel e apresentados em tabelas. As evocações foram analisadas pela técnica de análise de similitude por coocorrência. Essa técnica revela a quantidade de conexões que uma palavra mantém com as outras por meio do cálculo dos índices de similitude entre os conteúdos mais evocados, possibilitando a construção da árvore máxima, que sintetiza graficamente o conjunto das conexões existentes. **Resultados:** A população estudada, em sua maioria, é jovem, do sexo masculino, com baixa escolaridade, que vive com companheiros(as) e refere não possuir nenhuma sintomatologia relacionada à infecção pelo vírus e/ou ao uso da terapia antirretroviral. A análise de similitude retratou que os elementos que estabelecem maior quantidade de conexão são boa alimentação, atividade física e lazer. Avalia-se

que o grupo estudado considera que a qualidade de vida se define a partir das dimensões ligadas à promoção da saúde, como as boas práticas alimentares, as atividades de lazer e atividades físicas, possibilitando melhor saúde física e mental. **Conclusão:** Pode-se inferir que as pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana da região do Médio Paraíba percebem que mantendo corpo e mente em harmonia asseguram a boa qualidade de vida pela manutenção da saúde.

Palavras-chave: HIV, qualidade de vida, HIV, promoção da saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P113>

P-113 – EFEITOS DA MEDICAÇÃO ANTIRRETROVIRAL NO CONTEXTO DAS MANIFESTAÇÕES ORAIS DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Jairo Marcio Moreira da Silva¹, Fábel Franklin de Souza Maia²

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade da Integração Internacinal da Lusofonia Afro-Brasileira

Apresentador: Jairo Marcio Moreira da Silva

E-mail: jairomarcio16@gmail.com

Introdução: A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana é uma pandemia caracterizada pela portabilidade de um fator que altera o sistema imune e facilita o aparecimento e instalação de infecções oportunistas e processos neoplásicos, quando o infectado passa a apresentar uma doença conhecida como síndrome da imunodeficiência adquirida (aids). As manifestações orais da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana são parte importante da enfermidade e componentes indicativos de sua progressão. **Objetivo:** Este trabalho tem como objetivo, analisar os efeitos dos medicamentos antirretrovirais nas manifestações orais de vírus da imunodeficiência humana/aids. **Métodos:** Estudo descritivo, do tipo revisão de literatura. Para isso, foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO), nos quais foram utilizados os descritores em inglês “*Oral manifestations*”, “*HIV*” e “*Antiretroviral Therapy*”, resultando na busca inicial em 253 estudos publicados. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e leitura crítica dos títulos e resumos, 12 artigos foram selecionados para compor o presente trabalho. **Resultados:** Observou-se, nos artigos selecionados, que pacientes que utilizam medicamentos antirretrovirais demonstram uma redução na manifestação de doenças oportunistas ligados à redução na taxa de linfócitos TCD4. Com a estabilização do sistema imunológico e diminuição da carga viral no organismo, resultado da adesão à terapia antirretroviral, enfermidades como candidíase, leucoplasia pilosa e sarcoma de Kaposi apresentaram redução na sua incidência nos trabalhos analisados. Os estudos indicam, ainda, um aumento nas manifestações bucais relacionadas ao uso de antirretrovirais, como papiloma, hiperpigmentação, xerostomia e desordens das glândulas salivares. **Conclusão:** Com isso, os estudos incluídos demonstram uma boa efetividade dos antirretrovirais na estabilização do sistema imunológico dos pacientes com vírus da imunodeficiência humana/aids com repercussões na manifestação de doenças oportunistas em cavidade oral.

Palavras-chave: HIV, antirretrovirais, manifestações orais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P114>

P-114 – CONDUZAS TRANSDISCIPLINARES NA GESTÃO DO CUIDADO DE PACIENTES SOROPositIVOS NA CLÍNICA ODONTOLÓGICA

Jairo Marcio Moreira da Silva¹, Fábel Franklin de Souza Maia²

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade da Integração Internacinal da Lusofonia Afro-Brasileira

Apresentador: Jairo Marcio Moreira da Silva

E-mail: jairomarcio16@gmail.com

Introdução: A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana transformou-se nas últimas décadas em um relevante problema de saúde pública e, na atualidade, é caracterizada como uma doença crônica transmissível. O atendimento odontológico ao paciente soropositivo constitui uma realidade comum no exercício profissional de cirurgiões-dentistas. **Objetivo:** Compreender as condutas transdisciplinares inerentes à prática profissional de cirurgiões-dentistas durante o atendimento de pacientes soropositivos na clínica odontológica. **Métodos:** Estudo descritivo, do tipo revisão de literatura. Para isso, foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO), nos quais foram utilizados os descritores em inglês “*transdisciplinar*”, “*care*” e “*dental care*”, resultando na busca inicial em 184 estudos publicados. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e leitura crítica dos títulos e resumos, 13 artigos foram selecionados para compor o presente trabalho. **Resultados:** Os estudos analisados corroboram que o cirurgião-dentista deva possuir conhecimentos transdisciplinares mínimos para gerir as demandas do paciente soropositivo na clínica odontológica, de forma ética e integral. Cabe considerar que estigma, preconceito e discriminação ainda norteiam

muitos profissionais no atendimento a esses pacientes. Os autores salientam para a necessidade de extinção de comportamentos estigmatizantes que possam gerar constrangimentos e situações negativas no ambiente odontológico, de forma a resguardar a interface amigável da natureza das interações e pontes teóricas entre o social e a prática clínica de saúde pública global. **Conclusão:** Na gestão odontológica do paciente soropositivo, é primordial a convergência de conhecimentos transdisciplinares que fortaleça a interação entre gestão do cuidado e a relação profissional/paciente. A formação profissional e continuada foi afirmada como potencializadora da gestão do cuidado. Estabelecer estratégias de integração e gestão transdisciplinar compreende alternativas viáveis para o atendimento odontológico de pacientes com vírus da imunodeficiência humana de forma humanizada.

Palavras-chave: cuidado, clínica odontológica, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P115>

P-115 – PREVALÊNCIA DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS UTILIZANDO TESTES RÁPIDOS EM USUÁRIOS TRANSGÊNEROS EM AMBULATÓRIO DE DIVERSIDADE DE GÊNERO DE VITÓRIA (ES)

Fenísia Gabrielle Carvalho Saldanha¹, Leticia Viana Vaz¹, Franco Luis Salume Costa¹, Helena Lúcia Barroso dos Reis¹, Susana Lamara Pedras Almeida², Angélica Espinosa Miranda¹, Helena Giacomini Moura¹, Neide Aparecida Tosato Boldrini¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

²Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes

Apresentador: Fenísia Gabrielle Carvalho Saldanha

E-mail: fenisiagc@gmail.com

Introdução: A prevalência de vírus da imunodeficiência humana na população transgênero é desproporcional quando comparadas à população geral e eles podem ser igualmente vulneráveis a outras infecções sexualmente transmissíveis, mas o risco de infecções sexualmente transmissíveis entre pessoas transgênero permanece pouco estudada. Essa população enfrenta barreiras socioeconômicas e estruturais que levam ao aumento de risco de infecções sexualmente transmissíveis, como estigma e discriminação, pobreza, desemprego e falta de acesso a cuidados de saúde. **Objetivo:** Descrever a frequência de infecções sexualmente transmissíveis por meio de testes rápidos em usuários transgêneros em ambulatório diversidade de gênero do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional, transversal, realizado em usuários transgêneros atendidos no Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes durante 2018 a 2021. Após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi feita coleta de dados por questionário estruturado e realizaram-se testes rápidos para vírus da imunodeficiência humana, Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas, HbsAg e vírus da hepatite C. A análise de dados foi realizada no programa estatístico SPSS (v. 21.0). **Resultados:** Foram realizados testes rápidos em 103 pacientes. Desses, 32,0% são mulheres transexuais, 63,1% são homens transexuais e 4,9% não se identificam com esses gêneros. Na população em estudo a prevalência de vírus da imunodeficiência humana, sífilis, hepatite B e C foram, respectivamente, 2,9%, 4,9%, 1,0% e 1,0%. Entre eles, todos os testes positivos foram em mulheres transgênero. **Conclusão:** Tendo em vista que a prevalência de infecções sexualmente transmissíveis é maior na população transgênero comparada à população geral, este estudo teve como finalidade descrever a frequência de algumas das infecções sexualmente transmissíveis mais relevantes. Os resultados dos testes rápidos possibilitaram a abordagem terapêutica e seguimento ambulatorial desses pacientes. A taxa de prevalência de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana encontrada no grupo de mulheres transgênero foi mais baixa que a encontrada na literatura internacional. Considerando a vulnerabilidade e estigmatização em torno da população estudada, torna-se evidente a necessidade de incentivo em políticas saúde pública e pesquisas populacionais nesse grupo.

Palavras-chave: identidade de gênero, vulnerabilidade, DST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P116>

P-116 – ESQUEMAS DE TRATAMENTO PARA SÍFILIS CONGÊNITA EM RECÉM-NASCIDOS DURANTE O PERÍODO DE ESCASSEZ DE PENICILINA EM FORTALEZA, NORDESTE DO BRASIL

Ana Fatima Braga Rocha¹, Maria Alix Leite Araújo¹, Melanie M. Taylor², Edna O. Kara³, Nathalie Jeanne Nicole Broutet³, Ana Karinne Dantas de Oliveira¹

¹Universidade de Fortaleza

²Centers for Disease Control and Prevention

³World Health Organization

Apresentador: Ana Fatima Braga Rocha

E-mail: ana_lumen@hotmail.com

Introdução: No ano de 2015, Fortaleza (CE) vivenciou um período de escassez de penicilina (benzatina, cristalina e procaína), necessária para o tratamento das gestantes

e bebês com sífilis. **Objetivo:** Identificar os esquemas de tratamentos utilizados para sífilis congênita durante escassez de penicilina. **Métodos:** Estudo transversal realizado com os nascidos vivos notificados com sífilis congênita no ano de 2015. A coleta ocorreu de junho de 2017 a julho de 2018 a partir das informações das fichas de notificação e prontuários. Consideraram-se tratamento adequado os esquemas propostos nos protocolos nacionais. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza com parecer n. 2.110.189. **Resultados:** Dos 469 recém-nascidos incluídos nesta análise, 210 (44,8%) foram tratados com um esquema adequado. Como opções terapêuticas alternativas, a ceftriaxona foi utilizada em 65 (13,8%) recém-nascidos, a cefazolina em 15 (3,2%) e a associação de mais de um medicamento em 179 (38,2%). Entre esses últimos, a maioria, 159 (88,8%), recebeu penicilina cristalina como droga inicial para o tratamento. **Conclusão:** Durante o período de escassez de penicilina em Fortaleza, menos da metade dos nascidos vivos notificados com sífilis congênita foram tratados com esquemas adequados. Os demais receberam tratamento com medicamentos disponíveis no hospital de nascimento incluindo medicamentos que não fazem parte das recomendações nacionais. Preocupa-se com as repercussões desses tratamentos e reforça-se a importância de acompanhamento dessas crianças para avaliar a necessidade de retratamento.

Palavras-chave: sífilis congênita, penicilina G, tratamento farmacológico combinado.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P117>

P-117 – VIOLÊNCIA SEXUAL ENTRE IMIGRANTES E REFUGIADOS DE GOIÁS: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS

Grazielle Rosa da Costa e Silva¹, Carla de Almeida Silva¹, Thaynara Lorrane Silva Martins¹, Winny Évény Alves Moura¹, Lorrany Brito Montalvão¹, Karine Alves Cunha¹, Karlla Antonieta Amorim Caetano¹, Leonora Rezende Pacheco¹, Sheila Araújo Teles¹, Megmar Aparecida dos Santos Carneiro¹

¹Universidade Federal de Goiás

Apresentador: Grazielle Rosa da Costa e Silva

E-mail: grazielle.13@hotmail.com

Introdução: A migração é inerente à humanidade e, independentemente dos motivos de deslocamento, várias barreiras são enfrentadas pela população imigrante estrangeira e refugiada. A violação de direitos humanos, aqui representada pelos abusos sexuais, vêm aumento nesse grupo emergente e, conseqüentemente, o risco de infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Estimar a prevalência do relato de violência sexual entre imigrantes e refugiados de Goiás e seus fatores associados. **Métodos:** Estudo transversal realizado de julho de 2019 a janeiro de 2020. Participaram 312 imigrantes e refugiados da região do Centro Goiano, Goiás. Foram incluídos indivíduos que relataram já ter iniciado atividade sexual. Todos foram entrevistados a partir de perguntas sobre dados sociodemográficos, migração e comportamentos sexuais. A relação entre as variáveis preditoras e o relato de violência sexual foi analisada por meio da regressão logística. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás. **Resultados:** Participaram 312 indivíduos, sendo 56,4% homens e 43,6% mulheres. A maioria possuía idade entre 30 e 49 anos (51,3%), união estável (53,9%) e escolaridade de 6 a 12 anos (44,1%). Em relação às características de migração, 67,9% eram provenientes do Haiti (67,9%), enquanto 36,3% da Venezuela (26,3%); 23,4% viviam na condição de refugiados e 55,4% estavam no Brasil havia menos de um ano. A prevalência do relato de relação sexual forçada foi de 9,3%. As variáveis ser mulher (*odds ratio*=3,1, intervalo de confiança 95% 1,3–7,5) e ter feito sexo com parceria sabidamente portadora de infecções sexualmente transmissíveis (*odds ratio*=7,6, intervalo de confiança 95% 1,6–36) foram associados significativamente à violência sexual. **Conclusão:** Os dados afirmam uma condição presente de vulnerabilidade entre os imigrantes e refugiados investigados. É importante destacar o processo de feminização da imigração estrangeira e a necessidade de ações de educação em saúde visando ao empoderamento da mulher e à prevenção da saúde sexual.

Palavras-chave: violência sexual, migração, refugiados.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P118>

P-118 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS HEPATITES B E C NO MUNICÍPIO DE NITERÓI (RJ) DE 2011 A 2021

Clarissa Gonçalves da Silva¹, Marcia Santana da Silva¹, Fábila Lisboa de Souza¹, Lídia de Nazaré Pantoja¹, Ana Lúcia Fontes Eppinghaus¹

¹Coordenação de Vigilância em Saúde de Niterói

Apresentador: Clarissa Gonçalves da Silva

E-mail: cissagon@gmail.com

Introdução: No Brasil, as hepatites B e C estão entre as mais comuns. Frequentemente se tornam crônicas e acarretam mais de 1,4 milhões de óbitos anualmente no mundo, seja por infecção aguda, seja por câncer hepático ou cirrose associada à hepatite. São doenças de notificação compulsória, portanto todos os casos confirmados devem ser registrados.

Objetivo: Analisar os casos de hepatites B e C em residentes de Niterói (RJ) de 2011 a 2020. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, retrospectivo, quantitativo, de casos ocorridos em residentes de Niterói, extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, sendo demonstrados em frequências relativas e absolutas. **Resultados:** Foram notificados 481 casos de hepatite B e 691 casos de hepatite C. Observou-se que, nos casos de hepatite B, a taxa de detecção variou entre 28,6 e 5,7 casos/100.000 habitantes, predominância de sexo masculino, faixa etária de 40 a 49 anos, autodeclarados brancos e com ensino médio completo, com forma clínica crônica e por meio do mecanismo de infecção sexual. Já os casos de hepatite C, apresentaram uma taxa de detecção com variação entre 59,0 e 9,9 por 100 mil habitantes, predominância de sexo feminino, faixa etária de 50 a 59 anos, cor branca e com ensino médio completo, com forma clínica crônica e mecanismo de infecção transfusional. **Conclusão:** As taxas de detecção para hepatite B apresentam tendência de queda e as de hepatite C de aumento, o que pode se referir à redução da subnotificação por conta das estratégias de busca ativa e do aumento da oferta de testagem rápida. Para ambas as infecções a razão de sexo não é relevante. A análise revelou necessidade de melhorar a qualificação dos dados em razão do grande número de incompletudes.

Palavras-chave: hepatite B, hepatite C, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P119>

P-119 – USO DE FERRAMENTAS MOLECULARES PARA GENOTIPAGEM E IDENTIFICAÇÃO DE RESISTÊNCIA ANTIBIÓTICA EM AMOSTRAS CLÍNICAS DE *TREPONEMA PALLIDUM* SUBESPÉCIE *PALLIDUM*

Leonardo José Lora Barraza¹, Harrison Magdini Gomes¹, Márcia Quinhones Pires Lopes¹, Ricardo de Souza Carvalho¹, Isabelle de Carvalho Rangel¹, Philip Noel Suffys¹, José Augusto da Costa Nery²

¹Instituto Oswaldo Cruz

²Instituto de Dermatologia Professor Rubem David Azuly

Apresentador: Leonardo José Lora Barraza

E-mail: leo.loraba@gmail.com

Introdução: O surgimento de *Treponema pallidum* com mutações de resistência a macrolídeos (A2058G) é uma grande preocupação atualmente em virtude do seu uso indiscriminado. Neste estudo testamos a reação em cadeia da polimerase em diferentes amostras biológicas para genotipagem parcial da sífilis no município do Rio de Janeiro (RJ). **Objetivo:** Realizar uma triagem molecular para confirmação do *Treponema pallidum* pela amplificação do gene *tpp15*, além do gene 23s ácido ribonucleico ribossômico para posterior identificação da mutação por meio do sequenciamento genômico, correlacionando as características clínico-laboratoriais dos indivíduos. **Métodos:** Estudo de coorte prospectivo de outubro 2017 até 2019. Foi tomado um questionário clínico e sócio-comportamental e testes para vírus da imunodeficiência humana e Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas em todos os casos. Sequências de *primer* específicas direcionadas a ambos os genes foram projetadas para reação em cadeia da polimerase. A estatística foi analisada com o *software* SPSS 23 Microsoft (IBM). Houve aprovação do Comitê de Ética. **Resultados:** Estudo realizado com 53 indivíduos, com mediana de idade de 34 anos. Quanto ao gênero, 64% eram homens, 32% mulheres e 1% transexuais. Do total, 62% eram heterossexuais e 28% homens que fazem sexo com homens, 24,5% coinfectados com vírus da imunodeficiência humana. Dos isolados testados com reação em cadeia da polimerase, 83% foram positivos, sendo confirmados em sangue total (62%), tecido (40%), *swab* (26%) e líquido cefalorraquidiano (1%). Encontrou-se associação estatística significativa entre resultado de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas ≥ 1 : 32 e amplificação nos *swab* ($p=0,05$), e amplificação para o gene 23S ácido ribonucleico ribossômico no sangue total ($p=0,015$). Embora não tenha havido associação entre a evolução regressiva e a amplificação do gene *tpp15* no sangue total ($p=0,07$), o início insidioso mostrou associação com amostras de *swab* amplificadas para o gene *tpp15* ($p=0,095$). **Conclusão:** A reação em cadeia da polimerase pode confirmar o diagnóstico em qualquer estágio clínico e por meio de qualquer espécime. O método de genotipagem parcial possibilita a triagem de cepas com a mutação do gene ácido ribonucleico ribossômico 23S de *Treponema pallidum* circulantes para posterior confirmação pelo sequenciamento.

Palavras-chave: sífilis, cérebro, reação em cadeia da polimerase.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P120>

P-120 – 14 DIAS: INÍCIO DO TRATAMENTO DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM CENTROS DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Márcia da Silva Oliveira¹, Maria Elisabeth de Barros Reis Lopes¹, Adriano Queiroz da Silva¹, Aline Pilon Mauricio da Silva¹, Allan Gomes de Lorena¹, Maria Cristina Abbate¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS

Apresentador: Márcia da Silva Oliveira

E-mail: marciasoliveira@prefeitura.sp.gov.br

Introdução: Atualmente, a Rede Municipal Especializada da Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da cidade de São Paulo é organizada em nove Centros de Testagem e Aconselhamento e 17 Serviços de Atenção Especializada (SAE). Esses serviços possuem como uma das funções ampliar o acesso ao tratamento de vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Analisar os dados de tratamento de vírus da imunodeficiência humana nos Centros de Testagem e Aconselhamentos da cidade de São Paulo (SP) entre 2019 e o primeiro trimestre de 2021. Os dados foram coletados no Sistema de Informação da Rede Municipal de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids e no Sistema de Controle Logístico de Medicamentos para gerar um relatório geral do número, em dias de tratamento, após data de diagnóstico entre 2019 até o primeiro trimestre de 2021. **Resultados:** Em 2019, 611 pessoas receberam diagnóstico positivo para vírus da imunodeficiência humana nos Centros de Testagem e Aconselhamento. Desses, 119 iniciaram o tratamento em até 14 dias. No ano seguinte, 289 usuários de um total de 494 receberam o tratamento em 14 dias. No primeiro trimestre de 2021, 182 pessoas em um universo de 229 começaram o tratamento dentro de 14 dias. Ou seja, respectivamente, iniciaram o tratamento de vírus da imunodeficiência humana em até 14 dias nos Centros de Testagem e Aconselhamento municipais 19%, em 2019, 58%, em 2020, e 82%, em 2021. **Conclusão:** Os Centros de Testagem e Aconselhamento, como parte da rede de serviços da cidade de São Paulo, têm qualificado o acesso das populações mais vulneráveis ao vírus da imunodeficiência humana em relação ao tratamento de vírus da imunodeficiência humana, disponibilizando a medicação em tempos hábil, aumentando, assim, a qualidade de vida das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana e podendo alcançar a indetectabilidade e a intransmissibilidade brevemente.

Palavras-chave: HIV, diagnóstico, tratamento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P121>

P-121 – AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS EM MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS DO CENTRO-OESTE GOIANO: RESULTADOS PRELIMINARES

Larissa Silva Magalhães¹, Gabriel Francisco da Silva Filho¹, Kamila Cardoso dos Santos¹, Brunna Rodrigues de Oliveira¹, Paulie Marcelly dos Santos Carvalho², Bruno Vinícius Diniz e Silva¹, Grazielle Rosa da Costa e Silva¹, Winny Éveny Alves Moura¹, Karlla Antonieta Amorim Caetano¹, Sheila Araújo Teles¹

¹Universidade Federal de Goiás

²Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Apresentador: Larissa Silva Magalhães

E-mail: larissasilvamagalhaes57@gmail.com

Introdução: Globalmente, o vírus da imunodeficiência humana já infectou mais de 76,1 milhões de pessoas, sendo as mulheres transexuais desproporcionalmente afetadas por essa infecção sexualmente transmissível. Estudos mostram que o conhecimento sobre o vírus da imunodeficiência humana reduz o risco de exposição viral e promove comportamentos protetivos. **Objetivo:** Avaliar o conhecimento do vírus da imunodeficiência humana/aids em mulheres transexuais e travestis em Goiânia, Goiás. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal conduzido em mulheres transexuais e travestis que residiam ou estavam em trânsito na região metropolitana de Goiânia, Centro-Oeste do Brasil. Para coleta de dados, foi utilizado o método de amostragem Respondent-Driven Sampling e, para avaliar o conhecimento, o instrumento HIV-KQ. Considerou-se conhecimento satisfatório 8.805,70% de respostas corretas (22 acertos). Foram calculadas frequências, média, mediana e desvio padrão. O teste de qui-quadrado foi utilizado para avaliar diferenças entre proporções e o teste de t de Student para avaliar diferenças entre médias. Valores de $p<0,05$ foram considerados estatisticamente significantes. **Resultados:** Participaram deste estudo 180 mulheres transexuais. Verificou-se que 94 (52,2%, intervalo de confiança 95% 45–59), obtiveram acertos 8.805,70%, indicando conhecimento suficiente sobre vírus da imunodeficiência humana/aids. A média de idade das mulheres que possuíam conhecimento suficiente satisfatório sobre vírus da imunodeficiência humana/aids foi maior comparada à das que não tinham (28,16 versus 24,28 anos, $p<0,01$). Verificou-se também que a média de anos de estudo foi maior em mulheres que possuíam conhecimento satisfatório (11,02 versus 9,86 anos de estudo) ($p=0,001$) Por outro lado, uma proporção maior de mulheres transexuais que não usavam aplicativos para encontros sexuais

possuía conhecimento suficiente sobre vírus da imunodeficiência humana/aids quando comparadas às que usavam (60,5% *versus* 39,5%, $p=0,04$) **Conclusão:** Os achados do presente estudo ratificam a escolaridade como promotor de conhecimento sobre vírus da imunodeficiência humana. Já em relação ao uso de aplicativos e à sua relação com conhecimento sobre a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, mais estudos são necessários para entender o real papel dessa tecnologia.

Palavras-chave: conhecimento, HIV, transgênero, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P122>

P-122 – ASSOCIATION BETWEEN THE USE OF DATING APPS AND SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS AMONG COLLEGE STUDENTS: A LITERATURE REVIEW

Marcos Filipe Bueno Langkamer¹, Fabiana Nunes de Carvalho Mariz¹, Carolina Barbosa Carvalho do Carmo¹, Luis Regagnan Dias², Adriano Brito Sousa², Nicole Nogueira Cardoso², Cristhiane Campos Marques de Oliveira^{1,2,3}, Carla Nunes de Araújo¹

¹Universidade Católica de Brasília

²Universidade de Rio Verde

³Centro de Testagem e Aconselhamento de Rio Verde

Apresentador: Fabiana Nunes de Carvalho Mariz

E-mail: marizfabianan@gmail.com

Introduction: Although dating applications (apps) have become increasingly popular, there is a scarcity of information regarding the sexual behavior implications among young adults. **Objective:** This study aims to investigate the association between the use of dating apps and sexually transmitted infections (STI) among college students. **Methods:** A literature review was conducted to examine the influence of dating apps usage by college students on risky sexual behavior. The search for suitable studies was carried out on March 2021 with the research database PubMed using the following keywords: sexually transmitted infections, dating applications, sexual behavior, and college students. Studies published during the past 5 years were included. **Results:** Five articles met the inclusion criteria. The use of dating apps was associated with more sexual partners and the frequency of having multiple sexual partners was higher for men. Besides, men who used dating apps had a lower protective attitude than those who did not use dating apps. In contrast, female dating app users had a higher protective attitude. Most women requested the use of a condom. Moreover, there is an association between being a user of dating apps and having unprotected sexual intercourse with more lifetime sexual partners and having a casual sex partner without using a condom in their sexual intercourse experience. They were less likely to have condom use consistently and more likely not to have used condoms the last time they had sexual intercourse. Not having a condom or trust/repeated encounters and not realizing the necessity of using condoms in sexual intercourse were some of the reasons for unsafe sex. **Conclusion:** The use of dating apps seems to be associated with a high number of sexual partners and unprotected sexual intercourse, which can be associated with higher susceptibility to STI. University education about risky behaviors and STI is imperative.

Keywords: sexual behavior, college students, STI.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P123>

P-123 – MÉTODOS LABORATORIAIS PARA DIAGNÓSTICO DA INFECÇÃO PELO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Artur Bruno Silva Gomes¹, David Balbino Pascoal², Felipe Jatobá Leite Nonato de Sá¹, Francisco Rodrigues Nascimento Junior¹, Gabrielly de Santana Guerra¹, Juliana Matos Ferreira Bernardo¹, Carlos Daniel Passos Lobo¹

¹Centro Universitário Tiradentes

²Centro de Estudos Superiores de Maceió

Apresentador: Artur Bruno Silva Gomes

E-mail: arturbrunogomes12@gmail.com

Introdução: Diagnóstico de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana é realizado por ensaios imunológicos e mapeamento do genoma, que inclui genes codificadores de enzimas virais e proteínas estruturais do envelope viral e codificadas pelos genes gag ou pol. Nesse ponto, os testes são categorizados em rápidos e complementares. **Objetivo:** Esclarecer os métodos laboratoriais para diagnóstico da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Revisão de literatura integrativa, realizada no PubMed e BVS utilizando os descritores “laboratory methods diagnosis” e “HIV infection”, combinados pelo operador booleano AND. Utilizaram-se filtros de cinco anos, elegendo-se meta-análises e ensaios clínicos randomizados, em modelos humanos e sem limitação linguística. As pesquisas retornaram respectivamente 280 e 110 resultados. Como critério de inclusão, selecionaram-se artigos que abrangeram o recorte de análise, enquanto os de exclusão descartaram-se duplicatas. Após interpretação dos títulos e resumos, obtiveram-se 20

trabalhos. **Resultados:** Evidencia-se como método de detecção: ensaio imunoenzimático indireto do tipo imunoenzimático com antígenos recombinantes ou peptídeos sintéticos para verificar níveis de IgG, com soroconversão de 25 a 35 dias. Ensaio imunométrico com uso de antígenos recombinantes ou peptídeos sintéticos que permite tanto qualificar e quantificar IgM e IgG, como também identificar antígeno p24 (anticorpo monoclonal), com janela imunológica de 15 a 20 dias. Métodos moleculares mostram-se eficazes na confirmação diagnóstica, pois possibilitam reconhecimento precoce da infecção ou da fase crônica, mesmo em pacientes com viremia indetectável, por meio das *immunoblot* e imunofluorescência indireta, permitindo identificação mesmo com baixos níveis de anticorpos e curtos períodos de soroconversão. Dessa forma esses exames apresentam benefícios quanto à sensibilidade e à especificidade variáveis, além de oferecer exatidão frente aos erros pré-analíticos e às falhas operacionais no manuseio. **Conclusão:** Testes moleculares possuem maior eficácia diagnóstica e melhor identificação de infecção recente e crônica, mesmo em pacientes com apresentação subclínica. Desenvolvimento de novas metodologias e novos protocolos apresenta-se como oportunidade para detecção mais precisa.

Palavras-chave: HIV, biologia molecular, testes laboratoriais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P124>

P-124 – USO DE PRESERVATIVOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS – FATORES INFLUENCIADORES E A PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Paula Costa de Moraes¹, Agatha Soares de Barros de Araújo¹, Thelma Spindola¹, Vinícius Fonte¹, Laercio Deleon de Melo¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Paula Costa de Moraes

E-mail: paula_moraes8@hotmail.com

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis são consideradas um problema de saúde pública que atinge milhares de pessoas anualmente, especialmente a população jovem, que apresenta a maior incidência quando comparada com outras faixas etárias. **Objetivo:** Analisar as práticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis adotadas por jovens universitárias. **Métodos:** Estudo descritivo, de natureza quanti-qualitativa, realizado em 2017/2018 em uma universidade pública no município do Rio de Janeiro (RJ), com uma amostra por conveniência de 384 estudantes universitárias que responderam a um questionário. Para esse recorte selecionaram-se os dados quantitativos de 276 jovens sexualmente ativas, com idades entre 18–29 anos, que integraram o conjunto amostral. Os achados foram analisados com emprego da estatística descritiva, e todos os procedimentos éticos de pesquisa envolvendo seres humanos foram respeitados. **Resultados:** As participantes tinham idades entre 18 e 24 anos (76%), declararam-se heterossexuais (81,52%), tendo a primeira relação sexual ocorrido na faixa etária entre 15 e 18 anos (66,67%), com uso de preservativos na ocasião (71,74%), mas não em todos os intercursos sexuais (64,49%). Usam preservativos com parceiros fixos (46%) e casuais (58%), contudo deixam de usar quando usam contraceptivo hormonal ou quando confiam no parceiro. Não costumam usar preservativo feminino (95%) por desconhecer o método, pela dificuldade de acesso e manuseio. Não negociam o uso de preservativos com os parceiros (46%) e, quando ingerem álcool antes da relação sexual, não fazem uso de preservativo (38,83%). **Conclusão:** O uso de preservativos de modo continuado, embora reconhecido como um recurso para a prevenção das infecções de transmissão sexual, é influenciado por diversos fatores, como o tipo de relacionamento afetivo, a confiança no parceiro, o uso de álcool e o acesso ao recurso, entre outros. A educação em saúde é uma importante ferramenta que auxilia a dirimir dúvidas e prevenir agravos para a saúde sexual das estudantes universitárias.

Palavras-chave: doenças sexualmente transmissíveis, prevenção primária.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P125>

P-125 – PRIORITY POPULATIONS ON BRAZILIAN HIV/AIDS PREVENTION CAMPAIGNS

Fabiana Nunes de Carvalho Mariz^{1,2}, Luiza de Lima Pereira¹, Pâmela Araújo da Silva², Izabela Junqueira Magalhães³, Cristhiane Campos Marques de Oliveira^{2,4,5}, Maríah Thais Trombetta⁴, Daniel Martins Borges⁴, Alvaro Macedo de Carvalho⁴, Carla Nunes de Araújo²

¹Universidade Católica de Brasília

²Universidade de Brasília

³Colégio Marista de Brasília

⁴Centro de Testagem e Aconselhamento de Rio Verde

⁵Universidade de Rio Verde

Apresentador: Fabiana Nunes de Carvalho Mariz

E-mail: marizfabianan@gmail.com

Introduction: According to the Brazilian Ministry of Health, priority populations are composed of adolescents and young adults, people of color, homeless people, and indigenous communities and fragile groups that are more vulnerable to HIV/AIDS. Contrary to the global downward trend in the number of new HIV cases, the Brazilian priority groups show increasing rates. Therefore, the importance of HIV/AIDS prevention and informational campaigns focused on these groups is important. **Objective:** This study aims to perform a documental research on the national HIV/AIDS prevention campaigns to determine which ones focused on priority populations. **Methods:** This analysis was based on data from publicity pieces of HIV/AIDS prevention campaigns from 1998 to 2020. The search and examination of these campaigns were conducted on the Brazilian Department of Chronic Conditions Diseases and Sexually Transmitted Infections of the Ministry of Health website. **Results:** From a total of 85 promoted campaigns in the period, only 9 had the adolescent and young adult population as the target audience, despite the increase in AIDS detection rate in these groups. Furthermore, none of them focused on the other priority groups nor presented information about combination HIV prevention. **Conclusion:** The data evidence the need for elaborating more HIV/AIDS prevention campaigns to reach priority populations. Actions aiming to inform and protect these groups, as well as making prevention and treatment methods easily accessible, are key for fighting HIV/AIDS spread and ensuring a healthy future.

Keywords: vulnerable populations, risk groups, health promotion, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P126>

P-126 – “PREVENÇÃO COMBINADA: ACESSIBILIDADE À PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO POR MEIO DO ACOMPANHAMENTO PELA ENFERMAGEM — GUAIANASES, EXTREMO LESTE DE SÃO PAULO”

Eliane Aparecida Sala¹, Rosângela das Dores Guarez¹

¹Prefeitura Municipal de São Paulo

Apresentador: Eliane Aparecida Sala

E-mail: lialasa3@yahoo.com.br

Introdução: A prevenção combinada remete às diferentes combinações e medidas de prevenção ao vírus da imunodeficiência humana, do campo biomédico, comportamental ou estrutural. A profilaxia pré-exposição é um dos métodos que compõem a prevenção combinada e que consiste em intervenções biomédicas por meio da utilização de antiretrovirais por pessoas não infectadas pelo vírus da imunodeficiência humana. Essa estratégia de prevenção foi introduzida no Centro de Testagem e Aconselhamento Guaianases em julho de 2019, primeiramente por profissionais médicos e, a partir de março de 2020, por profissionais enfermeiros. **Objetivo:** Aumentar o acesso e a captação da profilaxia pré-exposição para populações de maior vulnerabilidade ao vírus da imunodeficiência humana pelo acompanhamento de profissionais enfermeiros. **Métodos:** Pelo parecer 033/19 do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo e da portaria 88/2020-SMS. G/PM-DST/aids, de 6 de março de 2020, tornaram-se possíveis a prescrição e o acompanhamento de usuários do serviço a profilaxia pré-exposição por enfermeiros. A prescrição e o cadastro da profilaxia pré-exposição pela enfermagem se fazem no ato do aconselhamento, sem agendamento prévio, logo após a realização de testes rápidos para infecções sexualmente transmissíveis e vírus da imunodeficiência humana. Os profissionais médicos do Centro de Testagem e Aconselhamento Guaianases continuam atendendo consultas mais complexas para tratamento de infecções sexualmente transmissíveis e profilaxia pré-exposição. **Resultados:** Conforme dados do sistema de controle logístico de medicação, de abril de 2020 a abril de 2021 foram realizados 266 cadastros para início da profilaxia pré-exposição pelo Centro de Testagem e Aconselhamento Guaianases. Desses, 160 (60%) foram realizados pelo enfermeiro e 106 (40%) pelo médico. **Conclusão:** Utilizando a estratégia de uma agenda aberta e desburocratizada do profissional enfermeiro, foi possível ampliar a captação e o acompanhamento da profilaxia pré-exposição no território. Pelo acolhimento e pela consulta de enfermagem, os usuários tiveram maior sensibilidade para início da profilaxia, assim como o atendimento pelo profissional enfermeiro tornou-se mais acolhedor, integral e resolutivo.

Palavras-chave: enfermagem, prevenção de doenças, profilaxia pré-exposição.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P127>

P-127 – SENSIBILIDAD A GENTAMICINA EN AISLAMIENTO DE NEISSERIA GONORRHOEA CON FENOTIPOS MDR Y NO-MDR EN ARGENTINA, 2017–2019

Ricardo Ariel Gianecini¹, Noelia Cuenca¹, Melisa Gonzalez¹, Paula Cristaldo¹, Claudia Oviedo^{1,2}, Patricia Galarza¹

¹Instituto Nacional de Enfermedades Infecciosas-ANLIS “Dr. Carlos G. Malbrán”

²Programa Nacional de Vigilancia de la Sensibilidad Antimicrobiana de Gonococo

Presentador: Patricia Galarza

E-mail: patogalarza@gmail.com

Introducción: Actualmente, la emergencia de aislamientos de Neisseria gonorrhoeae resistentes a la azitromicina y/o ceftriaxona pone en riesgo la efectividad de la terapia

antimicrobiana dual. Gentamicina en combinación con azitromicina surge como alternativa terapéutica principalmente ante falla de tratamiento y/o pacientes alérgicos a cefalosporinas. **Objetivo:** El objetivo de este estudio fue determinar la actividad in vitro de gentamicina en aislamientos de N. gonorrhoeae con fenotipo multirresistente (MDR) y no-MDR en Argentina. **Métodos:** Se estudiaron 2595 aislamientos colectados por el PROVSAG entre 2017 y 2019. La CIM a los antimicrobianos se realizó de acuerdo al documento CLSI M07-A10. Un aislamiento MDR fue definido como: sensibilidad disminuida/resistencia a un antimicrobiano actualmente recomendado (ceftriaxona, cefixima o azitromicina), más resistencia, al menos a otros dos antimicrobianos (penicilina-G, tetraciclina y/o ciprofloxacina). **Resultados:** Un alto porcentaje de aislamientos resulto resistente a penicilina-G (47,1%), tetraciclina (34,3%) y ciprofloxacina (74,3%). Aislamientos no-sensibles a azitromicina (CIM:8805,2µg/mL) se incrementaron de 1,7% (2017) a 4,2% (2019). Aunque no se detectaron aislamientos resistentes a ceftriaxona, un total de 2,3% (2017) y 4,6% (2019) mostraron valores de CIM 8805,0,06 µg/mL (considerados con sensibilidad-reducida). Un 7,0% del total de aislamientos presento un fenotipo MDR. Las CIMs a gentamicina estuvieron comprendidas entre 1–16 956.g/mL y la CIM50/90 fue 8 µ/mL. No se observaron diferencias significativas en las CIMs a gentamicina en aislamientos con fenotipo MDR y no-MDR. Los aislamientos con fenotipo MDR y no-MDR en Argentina no mostraron resistencia a gentamicina. Sin embargo, en similitud a estudios en otras regiones geográficas, un elevado porcentaje de aislamientos mostró sensibilidad intermedia (CIM:8–16 µg/mL). **Conclusion:** Estos resultados muestran a gentamicina como una posible opción de tratamiento en Argentina. La emergencia de aislamientos de N. gonorrhoeae con fenotipo MDR llevan a la necesidad de un fortalecimiento de los sistemas de vigilancia para la detección de resistencias emergente y búsqueda de nuevas opciones tratamiento.

Palabras-clave: gonorrea, gentamicina, antiinfecciosos.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P128>

P-128 – PREVALÊNCIA DE PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS EM GOIÂNIA/GO — RESULTADOS PRELIMINARES

Brunna Rodrigues de Oliveira¹, Amanda de Oliveira Guimarães¹, Bruno Vinícius Diniz e Silva¹, Kamila Cardoso dos Santos², Larissa Silva Magalhães², Karlla Antonieta Caetano Amorim², Sheila Araujo Teles², Sílvia Helena Rabelo dos Santos³, Vera Aparecida Saddi⁴, Megmar Aparecida dos Santos Carneiro⁴

¹Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás

²Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás

³Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás

⁴Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Apresentador: Brunna Rodrigues de Oliveira

E-mail: brunna.rdo@gmail.com

Introdução: O papilomavírus humano (HPV) é infecção sexualmente transmissível mais comum em todo o mundo, podendo causar verrugas genitais, lesões pré-cancerosas e câncer. A principal forma de prevenção dessa infecção é a vacina, pois atualmente não existe tratamento específico para o vírus. A população transexual apresenta um amplo espectro de vulnerabilidades que são determinantes para a aquisição de infecções sexualmente transmissíveis, como a infecção por HPV. **Objetivo:** Estimar a prevalência de DNA de HPV na região anal em travestis e mulheres transexuais em Goiânia, Goiás. **Métodos:** Estudo transversal conduzido em 268 travestis e mulheres transexuais utilizando a metodologia Respondent-Driven Sampling. As amostras para a pesquisa de DNA de HPV foram obtidas por autocoleta (região anal) e, posteriormente, submetidas a extração e amplificação pela reação em cadeia pelapolimeraase. **Resultados:** A prevalência preliminar de HPV-DNA na região anal foi de 76,9% (intervalo de confiança 95% 71,35–81,78). **Conclusão:** Os dados mostram elevada prevalência de HPV em travestis e mulheres transexuais, e a infecção por HPV é um fator de risco causal no desenvolvimento do câncer anal. Portanto, a detecção precoce de HPV em uma população-alvo para as infecções sexualmente transmissíveis deve ser realizada, visando à adoção de medidas que possam reduzir essa infecção, a exemplo de elaboração de políticas públicas de prevenção como a vacinação, ajudando a diminuir a incidência e a mortalidade por neoplasias associadas ao HPV.

Apoio financeiro Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás/Programa de Pesquisa para o Sistema Único de Saúde-2017 e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Palavras-chave: HPV, travestis, mulher transexual.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P129>

P-129 – TENDÊNCIA TEMPORAL DA SÍFILIS EM MATO GROSSO, AMAZÔNIA LEGAL, 2010–2019

Tony José de Souza¹, Júlia Maria Vicente de Assis², Jussara Conceição Santos Pires², Solange da Silva Lima³

¹União das Faculdades Católicas de Mato Grosso

²Universidade Federal do Mato Grosso

³Universidade do Estado de Mato Grosso

Apresentador: Tony José de Souza
E-mail: tonysouza@hotmail.com

Introdução: A sífilis é uma doença infectocontagiosa transmitida por via sexual e materno-fetal por meio do agente etiológico *Treponema pallidum*, obtendo como classificação da doença, respectivamente, a forma adquirida e congênita. A sífilis é um importante problema de saúde pública no Brasil e no mundo, evidenciado pelas altas taxas de detecção na população adulta. **Objetivo:** Analisar a tendência temporal da taxa de detecção de sífilis adquirida na população adulta (15 anos a 59 anos) residente em Mato Grosso, Amazônia Legal, 2010-2019. **Métodos:** Estudo ecológico, do tipo série temporal, pautado em dados secundários do censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação. A população do estudo foi composta da taxa de detecção de sífilis adquirida registrada na população adulta residente em Mato Grosso, de 2010 a 2019. Os dados do estudo foram coletados em etapa única, no período de 17 e 18 de janeiro de 2021, por meio de acesso ao sítio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A estimativa da taxa de detecção de sífilis foi realizada por meio de estatística descritiva, na qual taxa de detecção de sífilis adquirida = total de casos novos de sífilis adquirida registrados em adultos/população adulta residente em Mato Grosso no período do estudo X 100.000 habitantes. Para realização do estudo, obedeceu-se aos dispositivos contidos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados:** Ao longo dos anos do estudo foram registrados 6.873 casos novos de sífilis em Mato Grosso, e a incidência registrada em 2010 era de 0,8/100.000 habitantes, saltando para 20,3/100.000 habitantes em 2015 e 51,5/100.000 habitantes em 2019. **Conclusão:** Os achados evidenciam tendência crescente da taxa de detecção de sífilis na população adulta de Mato Grosso e reforçam a necessidade do enfrentamento da epidemia de sífilis no estado por meio de políticas públicas.

Palavras-chave: incidência, sífilis, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P130>

P-130 – VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA E COVID-19 DURANTE A GESTAÇÃO: SÉRIE DE CASOS

Carolina Santos^{1,2}, Erianna Yadja Lucina de Macedo¹, Monise Gleyce de Araujo Pontes¹, Gentil Gomes da Fonseca Filho¹, Artemis Paiva de Paula¹, Ruy Medeiros de Oliveira Júnior¹, Manoella do Monte Alves^{1,3}

¹Instituto Santos Dumont

²Universidade Estadual de Campinas

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Carolina Santos

E-mail: carolina.santos@isd.org.br

Introdução: A COVID-19 é uma infecção do trato respiratório causada por SARS-Cov-2 que foi descrita pela primeira vez em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Em março de 2020, uma pandemia global de COVID-19 foi declarada pelo mundo Organização Mundial da Saúde. Epidemias por coronavírus anteriores foram associadas ao aumento da morbidade materna, mortalidade e resultados obstétricos adversos, porém evidências recentes com relação ao SARS-Cov-2 vêm mostrando que população obstétrica tem maior risco de doença grave associada à COVID-19, além de maior risco de complicações obstétricas e perinatais, além de relatos de caso evidenciando possibilidade de transmissão vertical. **Objetivo:** Relatar um série de casos de gestantes coinfectadas por COVID-19 e vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** As pacientes foram acompanhadas de forma prospectiva durante o pré-natal no ambulatório de referência para doenças infecciosas na gestação por equipe multiprofissional. Elas responderam a um questionário sobre os dados clínicos sobre os sintomas de COVID-19. Ultrassonografias e exames laboratoriais foram realizados no mesmo serviço, de acordo com as recomendações do Ministério da Saúde. **Resultados:** Todas as pacientes estavam na primeira gestação, tinham entre 20 e 28 anos, tiveram diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana durante a gestação e não tinham outras comorbidades. Não houve necessidade de internação em nenhum dos casos, e nenhuma apresentou complicações obstétricas e/ou perinatais. Duas pacientes apresentaram sintomas de COVID-19 longa por cerca de 60 dias. Todos os recém-nascidos testaram negativo para SARS-Cov-2 IgM e um apresentou IgG reagente. **Conclusão:** Com a falta de controle da pandemia no Brasil, são de extrema importância estudos nacionais para evidenciar as consequências da infecção por COVID-19 durante a gestação, incluindo gestantes que tenham infecção por vírus da imunodeficiência humana. O Brasil é responsável por cerca de 80% dos óbitos maternos mundiais por COVID-19, e é urgente entender o impacto da infecção por COVID-19 na saúde materno-infantil.

Palavras-chave: infecções por coronavírus, transmissão vertical.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P131>

P-131 – QUEM, ONDE QUANDO, COMO – UTILIZAÇÃO DO SOFTWARE VOSVIEWER NA REVISÃO SISTÊMICA DE ARTIGOS SOBRE SÍFILIS CONGÊNITA

Wilma Campos¹, Robisom Damasceno², Alessandre Beraldi³, Adriel Campos¹

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana

²Universidade Federal do Paraná

³Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Wilma Campos

E-mail: wilma.arze@gmail.com

Objetivo: Levantamento bibliométrico de artigos sobre sífilis congênita classificando por idioma, área da pesquisa, tipo de documento, país, autores, nos anos 2010 – 2020. **Métodos:** Foram realizadas análises bibliométricas usando o programa VOSviewer (Versão 1.6.10). Dos artigos publicados entre 2010 e 2020, foram obtidos do banco de dados Web of Science (Web of Science Core Collection *database*, mantido pela Clarivate Analytics. Data de acesso: 30 de abril 2021) e submetidos a análise usando métodos bibliométricos. A revisão da literatura foi conduzida usando o unitermo “*congenitalsyphilis*” na categoria Área de Pesquisa na opção de busca avançada disponível no Web of Science (código: SU=(Infectious Diseases) Busca Avançada por: Document Types — Tipos de Documento: (Article — Artigo) Indexes — Índices Período=2010–2020), sendo como objetivo identificar um panorama sobre as publicações referentes sífilis congênita. **Resultados:** A etapa de coleta de dados resultou em uma amostra de 747 artigos. Os anos que tiveram maior número de publicações foi 2018, com 90 publicações, 2019, com 98, e, em 2020, foram 113 publicações sobre esse tema. Segundo a área de pesquisa, foram 24, artigos na área de doenças infecciosas, 116 em saúde pública, 84 em pediatria e 69 na área de ginecologia obstétrica, a maioria em inglês (678), seguido do português e espanhol (30 artigos). Quando analisado o país, encontramos 257 nos Estados Unidos, 137 no Brasil. Os autores que mais escrevem sobre o assunto foram Taylor MM, com 15 artigos, Kamb ML, com 14 artigos, seguidos de Araujo MAL, com 11 artigos. Já segundo o tipo de documento, foram 510 artigos, 60 revisões sistemáticas, o restante distribuídos em outros tipos. **Conclusão:** Os achados mostram que países com alto desenvolvimento e renda são efetivos no campo da pesquisa com o tema sífilis congênita, indicando uma forte associação entre produtividade e desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: bibliometria, sífilis congênita.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P132>

P-132 – ESTUDO RETROSPECTIVO TRANSVERSAL DO PERFIL DOS PORTADORES DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA DO SUL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Thiago Silveira¹, Reynaldo Oliveira Júnior², Sheila Filgueiras¹, Bruno Eurico³

¹Centro Universitário de Barra Mansa

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³Faculdade Anhaguera

Apresentador: Thiago Silveira

E-mail: oliver.enf.thiago@gmail.com

Introdução: A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana corresponde a um grande desafio para a saúde pública. Entender a infecção não só a partir de sua fisiopatologia torna-se uma necessidade para o controle da doença. **Objetivo:** O estudo busca traçar o perfil dos portadores de vírus da imunodeficiência humana/aids na região do Médio Paraíba do Estado do Rio de Janeiro, contribuindo, dessa forma, para o entendimento da infecção nessa região do estado. **Métodos:** Trata-se de estudo descritivo, com abordagem quantitativa, realizado em 12 municípios situados na região do Médio Paraíba. Foram utilizados dados extraídos das bases de dados do Departamento de Vigilância e Saúde do Ministério da Saúde a partir dos casos de vírus da imunodeficiência humana/aids notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação e declarados no Sistema de Informação de Mortalidade, observando-se recorte temporal de 1980 a 2018. **Resultados:** O estudo demonstra que a região possui índice elevado da infecção comparado ao Brasil e que os homens são os mais prevalentes à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana na região, portanto as mulheres são as que mais tardiamente buscam o diagnóstico. No que se refere à raça, os brancos são os mais predominantes e, quanto ao grau de instrução, observa-se que pessoas com menor grau de instrução são as mais acometidas. A região ainda conta com uma população jovem infectada perto dos 10% dos infectados e a transmissão vertical ainda é existente. **Conclusão:** Observa-se que na região deve-se intensificar a educação em saúde para promoção e prevenção da doença, investir na atenção a mulher com vírus da imunodeficiência humana, de modo a reduzir a não adesão e, assim, a transmissão vertical.

Palavras-chave: HIV, aids, prevenção.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P133>

P-133 – ESTUDO LONGITUDINAL DE ADESAO À TERAPIA ANTIRRETROVIRAL, SEGUNDO AS METAS 90-90-90, EM SERVIÇO PÚBLICO DE REFERÊNCIA EM BELO HORIZONTE, BRASIL, 2016–2019

Eumara Barbosa Silva¹, Marcelle Amaral de Matos², Victor Adalberto Machado Nascimento², José Borges Pacheco Júnior²

¹Hospital Eduardo de Menezes

²Universidade José do Rosário Vellano

Apresentador: Victor Adalberto Machado Nascimento

E-mail: marcelleamaral34@gmail.com

Introdução: O abandono ao tratamento é ponto crítico na atenção à saúde pública brasileira, e pacientes soropositivos parecem ter mais chances de não adesão. **Objetivo:** Identificar a adesão à terapia antirretroviral por meio da supressão viral (carga viral abaixo de 50 cópias vírus da imunodeficiência humana/ácido ribonucleico/mm³) e os motivos de não adesão após aplicação da meta 90-90-90 nos pacientes diagnosticados com vírus da imunodeficiência humana/aids entre julho de 2016 e julho de 2017. **Métodos:** Trata-se de levantamento longitudinal, quantitativo, iniciado em julho de 2016 e indo até julho de 2019, quando foram analisados dados de todos os pacientes diagnosticados com vírus da imunodeficiência humana/aids confirmados por Western-Blot ou carga viral no período de 01/06/2016 a 01/07/2017 no Hospital Eduardo de Menezes, referência estadual em doenças infectocontagiosas para pacientes 8805, 18 anos na cidade de Belo Horizonte (MG). As informações foram obtidas por notificações compulsórias do Sistema Nacional de Atendimento Médico prontuários dos pacientes. **Resultados:** Entre os 406 pacientes diagnosticados com vírus da imunodeficiência humana/aids, 337 (83%) eram homens e 69 (17%) mulheres. Todos os pacientes iniciaram terapia antirretroviral, mas 45 (11,1%) pacientes não permaneceram aderidos à terapia, sendo 7 mulheres (10,1%) e 38 homens (11,27%). Os principais fatores identificados de não adesão foram baixa escolaridade (66,7%), etilismo/uso de drogas (35,6%), transtornos psiquiátricos (24,4%) e vulnerabilidade social (20%). A taxa de supressão viral foi de 84,4%, aumentando para 88,9% dois anos após o diagnóstico. **Conclusão:** A adesão à terapia antirretroviral é fundamental para se atingir a meta da supressão viral e impedir a transmissão do vírus da imunodeficiência humana. A maioria dos pacientes avaliados apresentaram adesão à terapia antirretroviral (88,9%) e supressão viral (88,9%), sendo o resultado próximo à meta 90-90-90.

Palavras-chave: soropositividade, adesão à medicação, terapia antirretroviral.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P134>

P-134 – ÓXIDO DE ZINCO COMO VEÍCULO DA PODOFILINA 25% NO TRATAMENTO DE CONDILOMA ACUMINADO

Leonardo Jose Lora Barraza¹, Luiza Soares Berenbaum¹, Gabriela Cortines Blanc¹, Bruna Lima Eiras de Araujo¹, Thais Alvarenga Ceroni¹, Camilo Isaac Milagrea¹, Eduarda dos Santos Lopes Franco¹, Thatiane Camargo Romero¹

¹Instituto de Dermatologia Professor Rubem David Azulay

Apresentador: Leonardo Jose Lora Barraza

E-mail: leo.loraba@gmail.com

Introdução: A podofilina é uma resina vegetal eficaz usada para lesões em mucosa. Sendo manipulada a 25% em diversos veículos, tem mostrado redução e eliminação das lesões de condiloma acuminado. Unguento e pomada são os mais usados. Neste estudo analisamos o seu efeito quando manipulada em um veículo diferente. **Objetivo:** Analisar o desfecho clínico em indivíduos com condilomas na mucosa e semimucosa tratados com podofilina 25% manipulada com óxido de zinco como veículo. Avaliar a prevalência de efeitos adversos nesse mesmo cenário. **Métodos:** Estudo retrospectivo com indivíduos diagnosticados com condilomas de 2017 a 2020 que fizeram uso de podofilina manipulada ao 25% no veículo mencionado. Foram categorizados de acordo com variáveis estatísticas para sua posterior análise. **Resultados:** Quinze indivíduos foram adicionados, sendo a maioria homens, entre 20 e 40 anos, solteiros, que fazem sexo com homens. Em relação à localização das lesões, 26% foram perianais e genitais e 68% apenas genital. Do total, 66% apresentou associação com outras infecções sexualmente transmissíveis, sendo 25% vírus da imunodeficiência humana, 16% sífilis e 8% herpes simplex. Houve uma média de quatro sessões de aplicação ambulatorial do produto, com intervalo de 15 dias. A quantidade de produto em todos os casos correspondeu a 2 *finger tip unit* na região acometida. Todos os indivíduos tiveram que associar outros tratamentos, como ácido tricloroacético (TCA) 90% (em 73% dos casos), crioterapia em 26% dos casos e o imiquimode em 33%. A maioria dos casos tiveram como efeito adverso ardência e sensação de queimadura após oito horas da aplicação, sendo controlada com analgésicos (paracetamol ou dipirona), sem maiores complicações posteriores. Em todos os casos foram usados emolientes no intervalo entre cada aplicação. **Conclusão:** A monoterapia com podofilina não é totalmente eficaz, porém sua associação com outros métodos tópicos é uma alternativa de tratamento. O óxido de zinco como veículo mostrou-se de fácil manejo e conservação, sendo seus efeitos adversos transitórios e de simples controle.

Palavras-chave: condiloma acuminado, podofilina, óxido de zinco.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P135>

P-135 – FATORES QUE AUMENTAM A VULNERABILIDADE DE IDOSOS AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Cleiton Mateus Siqueira¹, Dayanne Cristina da Paixão¹, Flávia Luryane Sandes¹, Amanda Mendonça¹, Anne Hellen Brito Leite¹, Lorena Lima¹, Maria de Lara de Carvalho¹, Maria Rafaella de Jesus¹, Paula Rosane Andrade¹, Brenda Evelin da Silva¹

¹Universidade Federal de Sergipe

Apresentador: Cleiton Mateus Siqueira

E-mail: flasandes13@gmail.com

Introdução: O número de casos pela infecção do vírus da imunodeficiência humana vem aumentando substancialmente entre idosos no Brasil. Entre outros fatores, a cultura de invisibilidade da vida sexual dessa população pode minimizar sua inclusão em estratégias de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Identificar fatores que aumentam a vulnerabilidade de idosos à infecção por vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Revisão integrativa de estudos indexados nas bases de dados LILACS, BDENF-Enfermagem e PubMed, utilizando os descritores “HIV”, “aids”, “idosos”, “vulnerabilidade sexual” e termos relacionados. Foram considerados artigos em português, publicados entre 2016 e 2021. Esse período foi definido com o propósito de agrupar evidências científicas mais recentes. **Resultados:** Foram encontrados 399 artigos, entre os quais 9 atenderam aos critérios de inclusão. Identificaram-se diversos fatores socioculturais que aumentaram a vulnerabilidade ao vírus da imunodeficiência humana em idosos. Entre eles, a deficiência no conhecimento das formas de transmissão do vírus da imunodeficiência humana, bem como a resistência ao uso de preservativo durante as relações sexuais. É notória a negação dos idosos em relação à vulnerabilidade à infecção e ao desconhecimento sobre estratégias de educação sexual e prevenção voltadas para essa população. Além disso, o estigma em relação à infecção por vírus da imunodeficiência humana, a qual, muitas vezes, é considerada pelos idosos como restrita a determinados grupos, como homens que fazem sexo com homens ou usuários de drogas, e a crença de que uma relação heterossexual estável e duradoura é imune à infecção por vírus da imunodeficiência humana aumentam ainda mais a vulnerabilidade e dificultam a aceitação de métodos de prevenção, o diagnóstico precoce e o tratamento oportuno. **Conclusão:** Diversos aspectos socioculturais, como desconhecimento, resistência a métodos preventivos e o estigma ao vírus da imunodeficiência humana, aumentam a vulnerabilidade dos idosos à infecção. Assim, as informações obtidas demonstram a importância do fortalecimento de estratégias de educação sexual e preventiva direcionadas a idosos no Brasil.

Palavras-chave: HIV, aids, idosos, vulnerabilidade, sexualidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P136>

P-136 – APENDICITE TUBERCULOSA COMO A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO CLÍNICA DE AIDS — RELATO DE CASO

Andressa Caroline Kuzma¹, Eduardo Augusto Schütz¹, Sthefanny Josephine Klein Ottoni Guedes¹, Winicius Gomes Valadão¹, Caroline Gonçalves dos Santos¹, Rodrigo Bianchi Zancanaro¹, Carlos Floriano de Moraes², Elisa Carolina de Almeida Negrello¹, Elaine Aparecida Forgiarini¹, Juliana Gerhardt Moroni¹

¹Hospital Universitário do Oeste do Paraná da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

²Laboratório APC Anatomia Patológica e Citologia

Apresentador: Andressa Caroline Kuzma

E-mail: andressa.kuzma@gmail.com

Introdução: A manifestação extrapulmonar da tuberculose apendicular é uma entidade clínica rara, com uma incidência relatada de 0,1–0,6% dos casos, sendo a tuberculose do apêndice causando apendicite aguda ainda menos comum. A tuberculose é hoje a principal causa de óbito por doença infecciosa em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids, constituindo um problema de saúde pública em razão de sua morbimortalidade. **Objetivo:** Relatar caso clínico de coinfeção vírus da imunodeficiência humana e tuberculose apresentando-se como apendicite tuberculosa. **Métodos:** Estudo descritivo por meio da análise retrospectiva de prontuário médico eletrônico. **Resultados:** Homem de 23 anos foi admitido em pronto atendimento de hospital de referência apresentando queixas de calafrios, hiporexia, náuseas, vômitos e dor abdominal periumbilical com migração para fossa ilíaca direita, sugerindo apendicite aguda, sendo submetido a apendicectomia. Enquanto aguardava o resultado da biópsia, o paciente evoluiu com tosse seca, febre vespertina e emagrecimento. A tomografia de tórax revelou múltiplos pequenos nódulos, compatíveis com tuberculose miliar. A biópsia do apêndice revelou apendicite granulomatosa, com granulomas com necrose caseosa, teste de bacilos álcool-ácido resistentes positivo e pesquisa de fungos negativa. Em virtude das evidências clínico-patológicas, foi solicitada sorologia para vírus da imunodeficiência humana, com resultado reagente, assim como o Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas (1:64)

e FTA-ABS. Instituíram-se terapia com benzilpenicilina (sífilis latente tardia) e esquema básico para tuberculose após duas semanas de iniciada terapia antirretroviral, visando minimizar risco de síndrome de reconstituição imune. Quatro meses após houve nova piora, com diagnóstico de tuberculose meníngea, prolongando o esquema de tratamento e com melhora clínica em tratamento ambulatorial. **Conclusão:** A suspeição clínica de tuberculose como diagnóstico diferencial de apendicite foi essencial para diagnóstico correto e tratamento oportuno do paciente. Uma vez que as infecções sexualmente transmissíveis comumente são diagnosticadas conjuntamente, reforçar políticas públicas de saúde que permitam o diagnóstico precoce do vírus da imunodeficiência humana antes do comprometimento imune severo é fundamental para prevenir infecções oportunistas e evitar a morbimortalidade desses pacientes.

Palavras-chave: HIV, aids, tuberculose gastrointestinal, tuberculose miliar.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P137>

P-137 – PERFIL CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO DE INDIVÍDUOS COM 50 ANOS E MAIS COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS ACOMPANHADOS NO AMBULATÓRIO DE DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO EM NITERÓI (RJ)

Pedro Paulo Corrêa Santana¹, Marilda Andrade¹, Jonas Lírio Gurgel¹, Enirtes Caetano Prates Melo², Fernanda Garcia Bezerra Góes¹, Thelma Spindola³, Geilsa Soraia Cavalcanti Valente¹, Simone Martins Rembold¹, Thainá Ferreira Matias⁴, André Luiz de Souza Braga¹

¹Universidade Federal Fluminense

²Fundação Oswaldo Cruz

³Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁴Universidade Anhanguera de São Paulo

Apresentador: Pedro Paulo Corrêa Santana

E-mail: psantana.uff@gmail.com

Introdução: A partir do século XXI, a pandemia da aids ganhou visibilidade com novos sujeitos de estudo — os indivíduos com 50 anos ou mais. A necessidade de estudos com esses sujeitos envolve a melhoria da qualidade de vida, aumento da sobrevida pelo sucesso com os antirretrovirais e eficácia de estratégias para enfrentamento de impotência sexual. **Objetivo:** A partir disso, tem-se como objetivo deste estudo caracterizar o perfil clínico e epidemiológico dos indivíduos idosos com vírus da imunodeficiência humana/aids que fizeram acompanhamento no ambulatório do Serviço de Doenças Infecciosas e Parasitárias do hospital universitário. **Métodos:** Tratou-se de um estudo epidemiológico descritivo, inferencial e retrospectivo a partir dos registros de idosos com vírus da imunodeficiência humana/aids acompanhados no ambulatório em Niterói (RJ). **Resultados:** Os resultados do estudo apontaram uma expressa proximidade entre o número de homens 54 (53%) e mulheres 48 (47%) infectados pelo vírus da imunodeficiência humana, predominância de homens solteiros/separados, 40 (74%), e mulheres viúvas, 16 (33%). Na orientação sexual foi observada a prevalência de heterossexuais e homossexuais masculinos e, entre as mulheres, a heterossexualidade. Em referência aos casos de vírus da imunodeficiência humana na família, houve diferença significativa entre os sexos (qui-quadrado, $p=0,0184$), pois as mulheres apresentaram um número expressivo de maridos/companheiros infectados—17 (35%). As coinfeções/doenças oportunistas têm sido a causa de internação desses idosos, pois muitas vezes descobrem a soropositividade para o vírus da imunodeficiência humana, já manifestando a aids. As causas mais prevalentes de internação, no sexo masculino e feminino, foram por pneumocistose, tuberculose pulmonar, neurotoxoplasmose e pneumonia bacteriana. **Conclusão:** O envelhecimento populacional é um fato e, somado à vulnerabilidade dos idosos a infecções sexualmente transmissíveis, leva ao profissional de saúde a responsabilidade de planejamento de ações que visam à disseminação de informação voltada à educação sexual desse público, pois estão sexualmente ativos e necessitam postularem-se preventivamente para redução da infecção e transmissibilidade.

Palavras-chave: perfil de saúde, HIV, aids, idoso.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P138>

P-138 – VULNERABILIDADES DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS EM DEZ ANOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Nathália Santana Simão¹, Lucia Yasuko Izumi Nichiata¹

¹Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Apresentador: Nathália Santana Simão

E-mail: nathalia.simao@usp.br

Introdução: A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta em que a primeira relação sexual pode ocorrer. A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana é crescente entre os adolescentes. Entender as vulnerabilidades relacionadas ao vírus da imunodeficiência humana/aids auxilia no planejamento de políticas públicas atendendo adequadamente às necessidades em saúde dos adolescentes. **Objetivo:** Identificar as vulnerabilidades dos adolescentes em relação ao vírus da imunodeficiência humana/aids. **Métodos:** Trata-se de um estudo de revisão integrativa. Não necessita da submissão para apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa. Foi realizada uma revisão na Biblioteca Virtual em Saúde. As bases de dados utilizadas foram: BDNF, Index PSI, LILACS e MEDLINE. Foram utilizadas as estratégias de busca “vulnerabilidade sexual” AND “adolescente” AND “vírus da imunodeficiência humana” AND “aids”, selecionados artigos publicados entre 2009 a 2019, nos idiomas espanhol, inglês e português, com arquivo disponível na íntegra. **Resultados:** Obtiveram-se 20 artigos para a amostra final. Como vulnerabilidades: quanto mais cedo o adolescente inicia as práticas sexuais, menores são as chances de utilizar preservativos; o não uso do preservativo se associa à confiança e credibilidade na fidelidade do parceiro, à afirmação da diminuição do prazer e à quebra do clima sexual; a omissão da família, a não veiculação de informação pela escola ou outros espaços em que os adolescentes estão inseridos, a dificuldade de manter vínculo com os serviços de saúde, o preconceito e os tabus sobre a doença implicam no desconhecimento ou no conhecimento deficiente sobre o vírus da imunodeficiência humana/aids e, conseqüentemente, na não adesão às práticas sexuais seguras. **Conclusão:** É necessário o reconhecimento das condições que predispõem os adolescentes às vulnerabilidades em relação ao vírus da imunodeficiência humana/aids, de modo a construir políticas públicas assertivas, considerando as demandas da população analisada, com o intuito de proporcionar-lhes o autoconhecimento, o acesso aos serviços de saúde e educação, promovendo mudanças nos comportamentos sexuais e a adesão a práticas mais seguras.

Palavras-chave: saúde do adolescente, vulnerabilidade, sexualidade, HIV, aids.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P139>

P-139 – PREVALÊNCIA DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA, SÍFILIS, HEPATITES B E C EM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL (PR)

Edina Joana Soares¹, Gabrielle Muller Sarolli Dall’Igna², Josana Horvart Dranka¹, Luciana Osorio Cavalli¹, Roberto Ferreira Oizumi¹

¹Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias de Cascavel (PR)

²Centro de Saúde e Unidade Básica Consultório na Rua

Apresentador: Edina Joana Soares

E-mail: edina_js@hotmail.com

Introdução: A saúde da população em situação de rua surge como relevante discussão no espaço da saúde e ação social. Nesse sentido, deve-se considerar as necessidades de saúde desta população voltadas à prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, visto a vulnerabilidade desse grupo populacional. A estratégia Consultório na Rua foi instituída em 2011 e visa ampliar o acesso da população em situação de rua aos serviços de saúde, ofertando de maneira mais oportuna atenção integral à saúde para esse grupo populacional. Em Cascavel (PR), a equipe do Consultório na Rua realiza atendimentos desde 2016 e, em 2020, a oferta de testes rápidos para vírus da imunodeficiência humana, sífilis e hepatites B e C foi introduzida como rotina. **Objetivo:** Este estudo tem o objetivo de identificar a prevalência de vírus da imunodeficiência humana, sífilis, hepatite B e C por meio dos resultados reagentes em testes rápidos realizados na população em situação de rua, correlacionando com os da população em geral, obtidos nas demais unidades de saúde do município. **Métodos:** Foi realizado o levantamento dos testes rápidos realizados no período de outubro de 2020 a abril de 2021, totalizando 4.554 testagens. Nas demais unidades de saúde foram realizadas 4.396 testagens, que identificaram com resultados reagentes: vírus da imunodeficiência humana 1,3% (60), sífilis 6,1% (269), hepatite B 0,24% (9), hepatite C 0,06% (3). Pelo Consultório na Rua foram realizadas 158 testagens, sendo reagentes: vírus da imunodeficiência humana 3,16% (5), sífilis 10,7% (17), hepatite B 1,2% (2) e hepatite C 4,4% (7). **Conclusão:** Diante da alta prevalência encontrada e considerando a fácil aplicabilidade dos testes rápidos no atendimento ao indivíduo em situação de rua, seja pelo Consultório na Rua, seja por outros serviços de saúde, aponta-se a importância da oferta das testagens,

com intuito de facilitar o acesso à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento de vírus da imunodeficiência humana, sífilis, hepatites B e C.

Palavras-chave: pessoas em situação de rua, HIV, sífilis, hepatites.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P140>

P-140 – NOTIFICAÇÃO DE SÍFILIS EM GESTANTES NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS EM UMA MATERNIDADE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA

Maisa Leitão de Queiroz¹, Lívia Karoline Torres Brito², Francisco Jefferson Souza¹, Edgley Carneiro Aguiar², Juliana Sampaio Santos², Morgana Boaventura Cunha², Luana Duarte Wanderley Cavalcante², Raquel Ferreira Gomes Brasil², Lívia de Paulo Pereira³, Vanessa da Frota Santos³

¹Centro Universitário Ateneu

²Maternidade Escola Assis Chateaubriand

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita é uma doença prevenível, desde que a gestante infectada seja diagnosticada e prontamente tratada, assim como seu parceiro sexual. No mundo, cerca de 2 milhões de gestantes são infectadas pela sífilis a cada ano. A maioria das gestantes não realiza o teste para sífilis, e as que o fazem não são tratadas adequadamente ou sequer recebem tratamento. **Objetivo:** Evidenciar os casos de sífilis em gestantes nos últimos cinco anos em uma maternidade pública do município de Fortaleza (CE). **Métodos:** Estudo descritivo, retrospectivo, realizado em uma maternidade do município de Fortaleza. Os dados foram coletados por meio de consulta aos registros dos sistemas de informação do serviço durante o mês de maio de 2021. Como critério de inclusão adotaram-se os casos confirmados no ano de 2016 até dezembro de 2020. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, conforme o parecer n. 1.899.089. **Resultados:** Foram identificados 703 casos de sífilis em gestantes nos últimos cinco anos na referida maternidade, sendo esses distribuídos da seguinte forma: no ano de 2016, foram notificados 43 casos, correspondendo a 6,1% do total do período; em 2017, foram registrados 67 casos (9,5%); no ano de 2018, houve 253 casos (36%); no ano de 2019, ocorreram 165 casos (23,4%); em 2020, foram notificados 175 casos (25%). Observou-se um aumento exponencial no número de notificações no ano de 2018 quando comparado aos demais anos, podendo ser justificado pela oferta do teste rápido para essa população. **Conclusão:** Portanto, percebe-se um aumento de casos em 2018, o que pode ser atribuído em parte pelo aumento da cobertura de testagem, com a ampliação do uso de testes rápidos nas unidades saúde e em razão de esquema terapêutico incompleto.

Palavras-chave: gravidez, sífilis, saúde pública.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P141>

P-141 – AUTOMAÇÃO USANDO DEEP LEARNING PARA AVALIAÇÃO DE RISCO DE SÍFILIS ADQUIRIDA NOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS

Marcella Rocha¹, Marquiony Santos¹, Ricardo Valentim¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Marcella Rocha

E-mail: marquiony@gmail.com

Introdução: A sífilis adquirida é uma infecção sexualmente transmissível que continua impactando os serviços de saúde de todo o mundo. No Brasil, o crescimento epidêmico da sífilis pode ser medido pelo *Annual Average Percent Change*. Existem diversos modelos matemáticos que tentam prever o *Annual Average Percent Change* a partir de indicadores, porém é pouco conhecido se um modelo de aprendizagem profunda seria mais efetivo para a determinação dessa fórmula. **Objetivo:** Prever, por meio de um modelo de aprendizagem profunda, o *Annual Average Percent Change* da sífilis adquirida associado às variáveis sociodemográficas e epidemiológicas. **Métodos:** Foi utilizada uma base de dados com 5.571 municípios brasileiros e 34 variáveis. Em seguida aplicou-se o pré-processamento desses dados, reduzindo a base de dados a 4.790 municípios e 31 variáveis de entrada. Primeiramente foi utilizado um algoritmo de aprendizado profundo sequencial com cinco camadas para treinamento e depois outro utilizando KerasRegressor, ambos comparados a mais dois algoritmos, Regressão Linear e XGB Regressor. **Resultados:** Os métodos de aprendizado profundo foram comparados a dois outros métodos, Regressão Linear (MAE:0.761, MSE:0.891, RMSE:0.943 e R²:0.108) e XGB Regressor (MAE:0.700, MSE:0.749, RMSE:0.865 e R²:0.250). Entre os métodos, o KerasRegressor obteve o melhor desempenho (MAE:0.287, MSE:0.132, RMSE:0.363 e R²:0.867) e indica um melhor ajuste na previsão do *Annual Average Percent Change*. **Conclusão:** Os resultados demonstraram que o modelo de aprendizagem profunda utilizando KerasRegressor obteve os parâmetros

mais ajudados para prever o *Annual Average Percent Change* da sífilis adquirida a partir de 31 variáveis de entrada. Nesse aspecto, utilizar um modelo de *deep learning* pode subsidiar as melhores tomadas de decisões para redução da sífilis adquirida.

Palavras-chave: sífilis, aprendizado de máquina, epidemiologia e bioestatista.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P142>

P-142 – HEPATITIS B: CHANGES IN EPIDEMIOLOGICAL FEATURES OF AFRODESCENDANT COMMUNITIES IN CENTRAL BRAZIL

Ana Rita Motta-Castro^{1,2}, Lívia Lima¹, Larissa Bandeira¹, Selma Gomes², Barbara Lago², Grazielli Rezende^{1,3}, Gabriela Alves Cesar⁴

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

²Fundação Oswaldo Cruz Mato Grosso do Sul

³Secretaria de Estado da Saúde

⁴Secretaria Municipal de Saúde

Apresentador: Ana Rita Motta-Castro

E-mail: arcm.castro@hotmail.com

Introduction: Hepatitis B virus (HBV) infection is still a concern in vulnerable populations. In a study performed by our team in 1999–2003 in two Afro-Brazilian communities, Fumas dos Dionísios (FD) and São Benedito (SB), high prevalence rates of HBV exposure (42.7% and 16.0%, respectively), high susceptibility to HBV (55.3% and 63.0%, respectively) and low HBV vaccination like profile rates (2.0% and 21.0%, respectively) were observed. **Objective:** In 2015–2016, we reassessed epidemiological and molecular features of HBV in these two communities to verify the impact of health actions adopted in the past years. **Methods:** Serum samples were screened by enzyme-linked immunosorbent assay (ELISA) for the presence of HBsAg, hepatitis B core antibody (total anti-HBc), and hepatitis B surface antibody (anti-HBs) (Biokit S.A., Barcelona, Spain). Cobas® e601 analyzer (Roche Diagnostics, Mannheim, Germany) was used to test the presence of HBeAg, anti-HBe, and anti-HBc IgM in HBsAg-positive samples. The complete pre-S/S HBV region (nt 2826–nt 841) was amplified by semi-nested polymerase chain reaction (PCR). **Results:** The prevalence rate of HBV exposure among the enrolled 331 subjects was 35.3% in FD and 21.8% in SB. HBV chronic infection (5.8% in FD, 4.9% in SB) remained high. The rate of HBV vaccination like profile rate increased from 10.7% to 43.5% (2.0%–45.9% in FD, 21.0%–39.5% in SB), while susceptible subjects declined from 58.9% to 26.3% (55.3%–18.8% in FD, 63.0%–38.7% in SB). Among 18 HBsAg-positive samples, 13 were successfully sequenced (pre-S/S region). Phylogenetic analyses showed that all isolates belong to HBV subgenotype A1, clustering within the Asian-American clade. **Conclusion:** Despite the maintenance of high prevalence rate of HBV exposure over these 13 years of surveillance, significant improvements were observed, reinforcing the importance of facilitated HBV vaccination to difficult-to-access population to close gaps in prevention.

Keywords: HBV, epidemiology, genotype, afro.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P143>

P-143 – ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ENTRE AS PESSOAS QUE VIVEM COM O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS: EFEITOS SOBRE A ADEÇÃO EM UMA COORTE DE PACIENTES INCIANTES EM TERAPIA ANTIRRETROVIRAL

Patricia de Oliveira França¹, Lucia Helena Sagrillo Pimassoni², Debora Patricia Leopoldo¹, Crispim Cerutti Junior¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

²Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória

Apresentador: Patricia de Oliveira França

E-mail: pd.franca@gmail.com

Introdução: A adesão à medicação antirretroviral é um constructo social, parte de um contexto maior da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana e da própria doença. **Objetivo:** Avaliar se as estratégias de enfrentamento adotadas por um grupo de indivíduos recém-iniciados em terapia antirretroviral, bem como sua percepção de qualidade de vida, estão associadas à sua adesão à terapia antirretroviral. **Métodos:** Estudo observacional descritivo, longitudinal e prospectivo, com pacientes recém-iniciados em terapia antirretroviral no ano de 2017 avaliados após 24 meses de tratamento na Unidade Dispensadora de Medicamentos de um hospital universitário em Vitória, Espírito Santo. A avaliação da adesão se deu pela retirada de medicamentos e pelo autorrelato do paciente; as estratégias de enfrentamento, pela aplicação da escala de modo de enfrentamento de problemas; a qualidade de vida, pelo *World Health Organization Quality of Life* (WHOQOL-HIV-BREF). **Resultados:**

Após 24 meses de seguimento, as estratégias de enfrentamento mais e menos utilizadas por estes indivíduos foram religiosidade/pensamento fantasioso (Média [M]=3,8, desvio padrão [DP]=0,8, Mediana [Md]=3,8 [variação interquartil - IQR: 3,3–4,4]) e focalização na emoção, respectivamente. A percepção geral da qualidade de vida entre esses participantes foi considerada boa, com aumento significativo dos escores da qualidade de vida total quando comparados ao início do tratamento (M=15,6, DP=2,1, Md=15,9 [IQR: 14,5–17,2], $p<0,001$). O aumento do escore no domínio espiritualidade do *World Health Organization Quality of Life* representa risco para não adesão em 1,4 vezes para cada unidade aumentada (*odds ratio* ajustado=1,411, intervalo de confiança 95% 1,411–1,057). Por sua vez o aumento do escore no fator busca pelo suporte social da escala de modo de enfrentamento de problemas representou proteção para não adesão, ou seja, para cada unidade aumentada no escore do fator, a chance de aderir aumenta em 75,7% (*odds ratio* ajustado=0,243, intervalo de confiança 95% 0,086–0,692). **Conclusão:** O componente suporte social influenciou positivamente a adesão à terapia antirretroviral, dado o caráter estigmatizante que a doença (aids) e a condição de portador do vírus da imunodeficiência humana carrega consigo.

Palavras-chave: enfrentamento, qualidade de vida, adesão à medicação, terapia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P144>

P-144 – AMAMENTAÇÃO E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Paloma Loliola Leite¹, Emanuely Vieira Pereira^{1,2}, Jameson Moreira Belém^{1,2}, Ana Virginia de Melo Fialho²

¹Universidade Regional do Cariri

²Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Emanuely Vieira Pereira

E-mail: emanuely.pereira@urca.br

Introdução: O aleitamento materno possui benefícios difundidos amplamente. No entanto, há contraindicações temporárias ou permanentes quanto a sua realização relacionada à presença de infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Relatar experiência de discussões realizadas por meio de *live* temática em rede social. **Métodos:** Trata-se de estudo descritivo com abordagem qualitativa do tipo relato de experiência. Realizou-se uma *live* temática no Instagram @ladip_urca em alusão à campanha Agosto Dourado em 2020. A escolha do aplicativo para a ação educativa ocorreu em função de sua aplicabilidade para o compartilhamento de informações no contexto de isolamento social decorrente da pandemia COVID-19. Utilizou-se caixa de perguntas e seguiu-se roteiro previamente elaborado para nortear a execução da ação, que ocorreu em 54 minutos. **Resultados:** Durante o Agosto Dourado, observa-se focalização de falas, eventos e campanhas nos benefícios da amamentação e pouco se consideram os casos em que não se pode amamentar. Assim, a *live* “Amamentação e infecções sexualmente transmissíveis: ressignificando o amor” surge como possibilidade de refletir essas situações. A atividade teve 411 visualizações, foi realizada por enfermeira atuante em Centro Microrregional Especializado de Atenção à Saúde Reprodutiva e Sexual, sendo as discussões mediadas por acadêmica de enfermagem. Contextualizaram-se benefícios da amamentação dados epidemiológicos sobre a incidência de infecções sexualmente transmissíveis diagnosticadas no pré-natal, seus impactos no aleitamento materno, tratamentos utilizados para infecções sexualmente transmissíveis em lactantes, importância da rede de apoio, reflexões sobre ressignificar o amor por meio do não aleitamento para proteção do bebê em casos específicos e métodos alternativos de nutrição, acessibilidade e direitos à rede de atenção à saúde. Oportunizou-se interação entre os participantes por meio do esclarecimento de dúvidas sobre a temática. **Conclusão:** A *live* temática por meio da rede social Instagram permitiu discussões, reflexões, esclarecimentos de dúvidas e sensibilização acerca da amamentação em relação à ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis, constituindo estratégia importante para promoção da saúde.

Palavras-chave: aleitamento materno, doenças sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P145>

P-145 – ASPECTOS TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS DE ESTUDOS QUE UTILIZAM A HISTÓRIA ORAL COM MULHERES QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS: REVISÃO INTEGRATIVA

Rafael da Silva Pereira¹, Ana Beatriz Alves de Oliveira¹, Jameson Moreira Belém^{1,2}, Emanuely Vieira Pereira^{1,2}, Ana Virginia de Melo Fialho²

¹Universidade Regional do Cariri

²Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Emanuely Vieira Pereira

E-mail: emanuely.pereira@urca.br

Introdução: O método de história oral possibilita que mulheres expressem por iniciativas próprias anseios, medos, barreiras e sentimentos desenvolvidos pelo diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana/aids, o que permite dar voz e visibilidade ao contexto de feminilização da epidemia. **Objetivo:** Caracterizar metodologicamente as pesquisas realizadas com mulheres que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids que utilizaram a história oral. **Métodos:** Revisão integrativa da literatura. As buscas pareadas ocorreram de julho e agosto de 2020 nas bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Base de Dados em Enfermagem, Índice Bibliográfico Español em Ciencias de la Salud, Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature e biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online, utilizando os descritores MeSH: *Oral history, Women, HIV Infections, Acquired Immunodeficiency Syndrome*. Foram identificados 12.378 estudos. Após aplicação dos filtros, critérios de inclusão e exclusão oito artigos compuseram a amostra. Os dados foram extraídos utilizando instrumento de elaboração própria, analisados utilizando o método de redução de dados, apresentados em tabela, figura, descritivamente e discutidos com a literatura. **Resultados:** Entre os subtipos de história oral, predominou a história oral temática. A coleta de dados variou de um a quatro meses, ocorrendo em cenários e contextos institucionais, utilizando principalmente entrevista individual. A faixa etária das participantes variou de 18 a 50 anos. Para organização e processamento dos dados predominou a utilização de categorias temáticas. As abordagens centraram-se em aspectos relacionados à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana/aids predominantemente na faixa etária reprodutiva, nos contextos de gestação, amamentação e pós-parto. **Conclusão:** O método da história oral foi útil para investigar a complexidade de eventos e fenômenos que ocorrem no cotidiano de vida das mulheres que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids, entretanto identificou-se lacuna de conhecimento quanto à aplicabilidade do método com mulheres idosas.

Palavras-chave: mulheres, HIV, história oral.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P146>

P-146 – CONHECIMENTO SOBRE HEPATITE B ENTRE PROFISSIONAIS DA SAÚDE DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Matheus Sousa Marques Carvalho¹, Cecília Natielly da Silva Gomes¹, Vanessa Moura Carvalho de Oliveira¹, Alice da Silva¹, Emanuelle Fernandes Silva¹, Elucir Gir², Rosilane de Lima Brito Magalhães¹

¹Universidade Federal do Piauí

²Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Apresentador: Matheus Sousa Marques Carvalho

E-mail: matheusmarques@hotmail.com

Introdução: A hepatite B é uma doença infecciosa, viral, considerada universalmente prevalente e de distribuição heterogênea. O profissional de saúde pode apresentar exposição ao vírus da hepatite B em seu ambiente de trabalho. Assim, o conhecimento sobre a infecção e suas medidas de prevenção torna-se importante para o controle da infecção. **Objetivo:** Avaliar o conhecimento sobre o vírus da hepatite B entre profissionais de saúde da atenção primária. **Métodos:** Estudo transversal realizado em uma capital da região Nordeste do Brasil com profissionais da saúde da atenção primária por meio de formulário *on-line*. A coleta ocorreu no ano de 2020 e atendeu todos os aspectos éticos, com parecer número 4.218.806. **Resultados:** Ao todo, 42 profissionais de saúde da atenção primária participaram do estudo. Desses, 30 (71,4%) eram profissionais da equipe de enfermagem. Quanto ao conhecimento sobre a hepatite B, 22 (52,4%) relataram corretamente sobre as vias de transmissão, 25 (59,5%) conheciam sobre a aplicabilidade do marcador sorológico anti-Hbs, 37 (88,1%) informaram sobre ser uma doença de notificação compulsória e sobre o esquema vacinal de zero, um e seis meses. E 21 (50,0%) compreendem sobre a relação da hepatite B e D. **Conclusão:** O conhecimento dos profissionais de saúde sobre o vírus da hepatite B foi considerando insuficiente, sobretudo em relação as vias de transmissão e marcadores sorológicos. São necessários programas de educação continuada e pesquisas de maior complexidade sobre a temática.

Palavras-chave: hepatite B, conhecimento, pessoal de saúde, atenção primária.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P147>

P-147 – SÍFILIS GESTACIONAL DIAGNOSTICADA EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS EM 2019

Paulo Henrique Alves da Silva¹, Melissa Nathalye Ramos e Gonçalves¹, Maria Clara de Sousa Lima Cunha¹, Lucas Nascimento Monteiro¹, Voney Fernando Mendes Malta¹, José Humberto Belmino Chaves¹, Geovana Santos Martins Neiva², Gentileza Santos Martins Neiva¹

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade de Maceió

Apresentador: Paulo Henrique Alves da Silva
E-mail: neivinha2@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível de alta incidência mundial provocada pela bactéria Gram-negativa *Treponema pallidum*. A transmissão pode ocorrer pelo contato sexual desprotegido com pessoa contaminada, com a mucosa, sangue ou saliva de pacientes infectados e por via transplacentária materno-fetal. Pode-se diagnosticar a sífilis gestacional por meio de exames de rastreio durante o pré-natal na grávida infectada que, se não tratada, ocasiona a sífilis congênita. Os adolescentes estão mais suscetíveis à gravidez e adquirir infecções sexualmente transmissíveis em razão do início precoce da vida sexual, associado ao fato de que em cada quatro jovens ativos sexualmente não usam camisinha. **Objetivo:** Descrever o perfil das mulheres acometidas por sífilis gestacional atendidas em Hospital Universitário de Maceió, Alagoas, durante o ano de 2019. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal com base na coleta e análise de prontuários eletrônicos de pacientes com sífilis gestacional, em que foram analisadas as variáveis: idade, titulação de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas e o trimestre gestacional diagnosticado. A tabulação de dados foi feita pelo *software* Microsoft Excel 365. **Resultados:** Foram atendidas 29 gestantes que testaram positivo para sífilis por meio do Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas. Dessas, 13 tinham entre 15 e 19 anos de idade, representando 44,83% dos atendimentos, enquanto que as gestantes de 20 a 24 anos representaram 13,79%. Já as de 8805,25 anos foram 11 casos, 37,93%. Houve apenas um caso de sífilis gestacional em adolescente (8804,14 anos). Existiu predomínio do diagnóstico no segundo trimestre gestacional (44,83%) e o trimestre com menos diagnósticos foi o primeiro (6,9%). **Conclusão:** A predominância de casos entre as mais jovens pode ser reflexo da insuficiente educação sexual escolar e parental, consequência da manutenção do sexo como tabu. Quanto ao diagnóstico, percebe-se a infeliz tendência de aderir tardiamente ao pré-natal, levando, na maioria dos casos, ao tratamento ineficaz.

Palavras-chave: sífilis, gestantes, cuidado pré-natal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P148>

P-148 – CARTILHA EDUCATIVA ACERCA DAS VULNERABILIDADES E DEMANDAS EM SAÚDE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+

Sara Araújo Bezerra¹, Victor Caetano Rodrigues¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Sara Araújo Bezerra

E-mail: saraaraujo@alu.ufc.br

Introdução: A desinformação dos profissionais de saúde acerca das vulnerabilidades da população LGBTQIA+, incluindo a suscetibilidade destes ao vírus da imunodeficiência humana, caracteriza-se como uma barreira para a promoção da saúde dessa população. Portanto, há necessidade de desenvolver estratégias para promoção de saberes específicos na formação dos profissionais. **Objetivo:** Desenvolver cartilha educativa para profissionais da saúde acerca das vulnerabilidades e demandas em saúde da população LGBTQIA+. **Métodos:** Trata-se de estudo de desenvolvimento tecnológico. O referencial teórico utilizado se baseia no princípio de educação libertadora proposto por Freire (1989). A elaboração da cartilha ocorreu em quatro etapas: 1. Revisão da literatura acerca das principais demandas em saúde da população LGBTQIA+, 2. Revisão das políticas de saúde integral, 3. Elaboração do conteúdo escrito da cartilha educativa, 4. Produção das ilustrações e *design* gráfico da cartilha, 5. Divulgação da cartilha por meio das mídias sociais do Grupo de Pesquisa Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará e da atenção primária em saúde. **Resultados:** A cartilha é composta de quatro seções, tendo por escopo: a explicação de noções básicas sobre a população LGBTQIA+, a exposição dos direitos dessa população e de suas principais demandas de saúde, na qual será abordada a prevenção e o tratamento do vírus da imunodeficiência humana, além de oferecer base para o atendimento e encaminhamento desses pacientes. Espera-se que a cartilha cumpra seu propósito informativo e atinja a maior quantidade de profissionais da saúde possíveis, além de contribuir para uma assistência mais especializada e humanizada. **Conclusão:** Verifica-se que essa cartilha procura apresentar conteúdos fundamentais para promoção da saúde integral da população LGBTQIA+, com ênfase em sua saúde sexual e prevenção do vírus da imunodeficiência humana. O *design* gráfico busca ser atrativo e estimular a leitura pelos profissionais.

Palavras-chave: educação em saúde, promoção da saúde, HIV, LGBTQIA+.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P149>

P-149 – PANORAMA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Sofia Oliveira de Souza¹, Beatriz Mendonça Gouveia de Melo¹, Marcela Veríssimo Santos de Almeida², Camila Montenegro de Carvalho¹, Fernanda Maria Ulisses Montenegro²

¹Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco

²Faculdade Pernambucana de Saúde

Apresentador: Sofia Oliveira de Souza

E-mail: sofia.souza@upe.br

Introdução: A sífilis, causada pela bactéria *Treponema pallidum*, é uma doença infecciosa, de evolução crônica e apresentações clínicas variáveis. A transmissão ocorre por via sexual, de forma vertical ou por transfusão sanguínea. A sífilis congênita, cuja cadeia de transmissão pode ser interrompida, acarreta graves implicações para o feto, que vão desde má-formação até óbito. Apesar dos esforços para a diminuição nos casos no Brasil, os números indicam aumento de 300% nos casos de sífilis congênita entre os anos de 2009 e 2019. Dessa forma, entender o panorama da sífilis congênita no país, bem como fatores que influenciam no aumento dos casos, é necessário para que sejam articuladas melhores medidas de prevenção, tratamento e acompanhamento. **Objetivo:** Analisar quais fatores estão associados ao aumento do número de casos de sífilis congênita no Brasil. **Métodos:** Trata-se de um estudo qualitativo, bibliográfico, tipo revisão integrativa na biblioteca virtual PubMed publicados nos últimos cinco anos. **Resultados:** Alguns fatores associados ao aumento dos casos de sífilis e sífilis congênita são unânimes entre os estudos. Quanto a: (i) educação sexual, são abordados a ausência do uso de preservativos e orientações sobre a doença antes e depois do diagnóstico; (ii) pré-natal, é citado início tardio, baixa qualidade e quebra na continuidade do cuidado; (iii) tratamento, quando inexistente apesar do diagnóstico, inadequado ou não realização do tratamento do parceiro. **Conclusão:** A detecção precoce, o aconselhamento, o manejo adequado dos casos, incluindo o tratamento da gestante e do parceiro, além da conscientização do uso do preservativo são métodos viáveis e acessíveis para obter o declínio da doença. Os profissionais de saúde são parte essencial desse processo, devendo assumir maior responsabilização perante esse problema, colaborando para garantir a integralidade do cuidado, uma das bases do Sistema Único de Saúde.

Palavras-chave: sífilis, sífilis congênita, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P150>

P-150 – PREVENÇÃO COMBINADA “AO VIVO PARA AS POPULAÇÕES MAIS VULNERÁVEIS À EPIDEMIA DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Adriano Queiroz da Silva¹, Maria Cristina Abbate¹, Aline Pilon Maurício da Silva¹, Allan Gomes de Lorena¹, Marcia da Silva Oliveira¹, Celso Ricardo Monteiro¹, Pedro Zavitoski Malavolta¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS da Cidade de São Paulo

Apresentador: Adriano Queiroz da Silva

E-mail: queiroz.ad@gmail.com

Introdução: A Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da cidade de São Paulo tem diversas esferas de diálogo com a sociedade civil, como organizações não governamentais, coletivos e lideranças das populações prioritárias e/ou mais vulneráveis ao vírus da imunodeficiência humana. Apesar de a COVID-19 ter colocado novas rotinas à população, como o isolamento e o distanciamento social, encontros sexuais ainda continuam acontecendo, por meio de aplicativos de encontros para homens que fazem sexo com homens, festas de jovens, sobretudo nas periferias da cidade, e o trabalho sexual, neste momento ainda mais precarizado. **Objetivo:** Analisar a estratégia de acesso às populações mais vulneráveis e prioritárias em contexto da pandemia da COVID-19 para manter a pauta e o debate sobre prevenção combinada ao vírus da imunodeficiência humana ativo nas redes sociais e plataformas de *streaming*. **Métodos:** Participação em *lives*, de aproximadamente uma hora, em parcerias com canais e perfis administrados e acessados por jovens, homens que fazem sexo com homens, mulheres transexuais/travestis e pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana ou da própria Coordenadoria, no Instagram, YouTube e Facebook, para tratar de prevenção combinada e temas transversais, como sexualidade, juventude, preconceito e discriminação. **Resultados:** De abril a dezembro de 2020, foram realizadas 24 *lives*, totalizando 26 horas no ar. O número de pessoas assistindo e a participação da audiência dependem de variáveis como tema abordado e influência da(s) pessoa(s) que estão participando da transmissão ao vivo. **Conclusão:** As *lives* têm sido uma importante estratégia a Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids para continuar a ampliar o diálogo sobre prevenção combinada, saúde sexual e direitos humanos com as populações de jovens, homens que fazem sexo com homens, pessoas transexuais e não binárias em razão do uso constante de redes sociais, especialmente no contexto da pandemia da COVID-19. Temas muito diretos demonstram menos acessos do que quando trazem discussões transversais à prevenção do vírus da imunodeficiência humana, como “Pessoas Trans e sexualidade”, “Sexo antes, durante e depois da pandemia”.

Palavras-chave: prevenção combinada, pandemia, coronavírus, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P151>

P-151 – HERPES GENITAL COMO DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL DAS ÚLCERAS GENITAIS MASCULINAS: RELATO DE CASO

Matheus Vinicius de Mesquita Soares¹, Kenneth Delano Correia Barros¹, Ellen Gizeli Vieira da Silva¹, Rafaella Silva Alcantara¹, Ingrid Ramos de Araújo¹, Vera Lúcia Tenório Correia da Silva¹, José Humberto Belmino Chaves¹, Geovana Santos Martins Neiva², Gentileza Santos Martins Neiva¹

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade da Cidade de Maceió

Apresentador: Matheus Vinicius de Mesquita Soares

E-mail: neivinha2@yahoo.com.br

Introdução: A primoinfecção herpética usualmente é uma manifestação mais severa que os surtos recidivantes, descritas por lesões eritemo-papulosas que evoluem para vesículas sobre base eritematosa, de localização diversa e pungentes. Embora as úlceras genitais masculinas sejam achados patológicos comumente associadas a herpes simples, podem ser, também, causadas por sífilis, cancroide, linfogranuloma venéreo, donovanose e traumas. Quando relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis, as úlceras genitais têm apresentação clínica variada que pouco se associa ao seu agente etiológico, o que torna essencial, caso disponíveis, o uso de exames diagnósticos que forneçam resultados imediatos, uma vez que a Organização Mundial da Saúde preconiza o tratamento sintomático das úlceras genitais. Na impossibilidade, deve-se avaliar as demais características clínicas do paciente, enfocando a presença de lesões vesiculosas características ativas. **Objetivo:** Ressaltar a relevância da investigação, por meio de exames diagnósticos, em quadros de úlcera genital masculina. **Métodos:** Obteve-se as informações por meio de consulta, redação da metodologia diagnóstica que o paciente foi submetido somado à revisão de literatura. **Resultados:** A. C. M., 31 anos, sexo masculino, compareceu ao ambulatório de infecções sexualmente transmissíveis por apresentar lesões ulcerativas no corpo do pênis de aparecimento súbito e negando episódios anteriores. Ao exame físico foram observadas várias microulcerações no corpo do pênis, correspondendo a vesículas e/ou bolhas imediatamente rompidas, dando um aspecto de úlcera extensa. Essas múltiplas e pequenas lesões ulceradas são recobertas por uma pseudomembrana amarelada rica em fibrina e circundadas por delicados halos eritematosos, o que as propicia um aspecto aftoide. São dolorosas ao menor toque. Foi realizado esfregaço com lâmina na lesão e a leitura citológica foi compatível com células de Tzanck. Foram prescritos aciclovir 400 mg de oito em oito horas por cinco dias. No retorno da consulta observou-se remissão completa das úlceras. **Conclusão:** Ao aparecimento de úlcera no genital masculino, é imperioso realizar diagnóstico diferencial com outras infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: exames e diagnósticos laboratoriais, úlcera, DST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P152>

P-152 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E MOTIVOS DO ABANDONO AO TRATAMENTO: UM ESTUDO SOBRE USUÁRIOS DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA EM INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/AIDS

Nathália Santana Simão¹, Fátima Portella Ribas Martins², Equipe do Projeto¹, Marcos Rodrigo Jerônimo da Costa¹, Márcia de Lima¹, Renato Chuster Hamed Humar¹

¹Aids Healthcare Foundation Brasil

²Serviço de Assistência Especializada em IST/AIDS

Apresentador: Nathália Santana Simão

E-mail: nathalia.simao@usp.br

Introdução: É expressivo o número de usuários que deixam de realizar o tratamento e os cuidados à saúde, principalmente para vírus da imunodeficiência humana/aids. Os serviços de assistência especializada visam proporcionar o tratamento a pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids, monitorando os usuários, traçando os perfis sociodemográficos e identificando os motivos para o abandono do acompanhamento. **Objetivo:** Analisar o perfil sociodemográfico e os motivos relacionados ao abandono do tratamento para o vírus da imunodeficiência humana/aids, por usuários do serviço de assistência especializada. **Métodos:** Estudo epidemiológico, transversal, retrospectivo, de natureza quantitativa. Foram analisados os usuários que corresponderam aos critérios: estar há mais de 90 dias sem dispensação dos antiretrovirais, sem consultas médicas agendadas e não ter retomado o acompanhamento durante todo o ano de 2020. Os dados foram coletados a partir dos prontuários dos usuários e dos sistemas de informação da unidade de saúde, planilhas e analisados pelo *software* Excel[®]. Projeto aprovado por comitês de ética. **Resultados:** No ano de 2020, 240 usuários não retornaram ao acompanhamento clínico. Do total, 174 (72,5%/240) eram homens cisgênero, seguido por 36 (15%/240) mulheres cisgênero. Média de idade em 37 anos, mínimo em 19 anos e máximo em 81 anos. Predomínio de ensino médio para 110 (46%/240) usuários. Em relação à etnia, 99 (41%/240) eram pardos. As vulnerabilidades sociais, como estar em situação de rua, a dependência química e as dificuldades de aceitação do diagnóstico aparecem como os principais motivos para abandono do tratamento. **Conclusão:** O vírus da imunodeficiência humana/aids ainda é alvo de expressivo

preconceito e julgamento social. Reconhecer o perfil dos usuários do serviço de assistência especializada e os motivos para abandono do tratamento permite aos profissionais planejar, organizar e implementar planos de cuidados individualizados, de modo a manter o vínculo com o serviço e garantir a continuidade do acompanhamento clínico e cuidados a saúde.

Palavras-chave: HIV, aids, serviço de saúde, tratamento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P153>

P-153 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS E FATORES ASSOCIADOS COM A PRÁTICA DO SEXO ORAL

Alicia Kerly da Silva Andrade¹, Carine Pacheco Alexandre¹

¹Universidade do Estado da Bahia

Apresentador: Alicia Kerly da Silva Andrade

E-mail: aliciaikerly@gmail.com

Introdução: O sexo oral ainda é visto como um tabu nas diversas classes sociais e níveis de escolaridade. Isso acarreta graves consequências, visto que, como se torna um assunto não discutido, os riscos que ele pode gerar se tornam muitas vezes negligenciados e em muitos casos são desconhecidos. **Objetivo:** Este estudo irá explorar o tema sobre a sexualidade do jovem universitário, a prática do sexo oral e a prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis, traçando um perfil sociodemográfico dessa população, estudando o comportamento sexual da amostra e identificando as práticas de risco para compreender melhor a dinâmica deste tema. **Métodos:** A amostra contou com 205 estudantes: 111 do curso de Medicina e 94 de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Nutrição. **Resultados:** Sobre as práticas sexuais dos participantes, 157 (69,8%) realizam sexo oral, porém 70,6% (120) nunca utilizaram preservativo ao menos uma vez na vida e apenas 7,8% (13 estudantes) usam camisinha regularmente. A orientação sexual mais prevalente foi de participantes que fazem sexo com pessoas do sexo oposto, representando 74,3% (n=168) da amostra, seguido por quem faz sexo com pessoas do mesmo sexo com 9,7% (n=22). Os resultados encontrados na pesquisa mostram que, mesmo que o grupo analisado tenha a prática de sexo oral presente com grande prevalência, o uso do método de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis mais comumente conhecido e difundido, a camisinha ainda é pouco utilizada por esses jovens. **Conclusão:** A população analisada é majoritariamente solteira e está na faixa etária de jovens adultos, o que os leva a maior chance de se expor a prática de sexo oral desprevenido com um maior número de parceiros e, assim, aumenta o risco de adquirir alguma infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: adulto jovem, sexualidade, sexo oral.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P154>

P-154 – PERFIL DA SÍFILIS CONGÊNITA NA REGIÃO DO MÉDIO PARAÍBA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO RETROSPECTIVO

Consuelo das Neves Lacerda Rodrigues¹, Reynaldo de Jesus Oliveira Júnior², Bruno Scrobatz Eurico¹, Elidivalda Santos de Lima de Freitas¹, Adriana Gomes Novaes¹, Luiz Henrique dos Santos Ribeiro³, Aryanne Karla Paulino Magalhães Honório²

¹Universidade Anhanguera

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Consuelo das Neves Lacerda Rodrigues

E-mail: consuelo.rodrigues@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis, nos últimos anos, apresenta-se como um grande problema de saúde pública. A sífilis congênita, por sua vez, pode acarretar danos irreparáveis, tanto do ponto de vista social quanto econômico. A região do Médio Paraíba está localizada no sul do estado do Rio de Janeiro (RJ), sendo considerada uma das mais estruturadas regiões de saúde desse estado. **Objetivo:** Apresentar o perfil da sífilis congênita na região do Médio Paraíba no período de 2015 a 2019 e identificar os determinantes de saúde para serem trabalhados para o controle da doença. **Métodos:** Estudo retrospectivo transversal com abordagem qualitativa, utilizando dados da Base de Dados Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde referente a sífilis congênita na região do Médio Paraíba no período de 2015 a 2019. **Resultados:** Os casos de sífilis congênita na região do Médio Paraíba correspondem a 1,22% dos partos realizados no período estudado, predominantemente são identificados nos sete primeiros dias de vida do recém-nascido (97,46%). Observa-se que o pré-natal é responsável pela identificação de 65,44% dos casos de sífilis e 26,52% dos casos são identificados no momento do parto; 1,04% dos casos evolui para óbito. Das mães captadas no pré-natal, 87,04% realizam adequadamente o tratamento para sífilis. Referente à caracterização da gestante, 69,16% são afrodescendentes e 25,33% brancas. Chama atenção no estudo o alto índice de gestantes adolescentes portadoras de sífilis, correspondendo a 44,57% no período, seguidas de adultas jovens na faixa etária de 20 a 29 anos, correspondendo a 40,68%. **Conclusão:** Conclui-se que a atenção a sífilis congênita na região é positiva, há baixa mortalidade e boa

cobertura no pré-natal e captação precoce dos casos. O estudo aponta a preocupação sobre a saúde da gestante adolescente, muito acometida pela sífilis na região.

Palavras-chave: sífilis congênita, gestação, promoção da saúde, pré-natal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P155>

P-155 – ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DE PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA E A VACINAÇÃO CONTRA COVID-19

Daila Alena Raenck da Silva¹, Cristina Bettin Waechter¹, Bruna dos Santos², Luiza Bortolatto Rizzieri², Aline Leite Silveira², Raphaela Popoviche Eifler³, Carla Regina Sell³, Luciana Silveira Egres², Daniela Santos Alves², Sophie Nouveau Fonseca Guerreiro²

¹Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³Ambulatório de Dermatologia Sanitária da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul

Apresentador: Sophie Nouveau Fonseca Guerreiro

E-mail: dailalena@gmail.com

Resumo: O cenário de pandemia, iniciado recentemente, colocou a população mundial em uma situação complexa e assustadora. A COVID-19 causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) impôs aos governos dos países do mundo inteiro atitudes de controle da doença em meio ao desconhecimento do agravo. A epidemia de vírus da imunodeficiência humana/aids apresenta similaridade a COVID 19, marcada, inicialmente, por desconhecimento sobre formas de transmissão, protocolos de prevenção e abordagens de tratamento. Objetiva-se relatar a experiência de monitoramento de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana a partir da vacinação contra COVID-19 em um Centro de Testagem e Aconselhamento no Sul do país. A estratégia iniciou-se em maio de 2021, a partir da liberação da vacinação para pessoas com doenças crônicas pelo Ministério da Saúde. A ação foi e segue sendo desenvolvida no Centro de Testagem e Aconselhamento do município de Porto Alegre (RS), pertencente à Secretaria Municipal de Saúde da cidade. Conta com a parceria do Ministério da Saúde e da Organização Pan-Americana de Saúde, visto que encontra-se no escopo de um projeto desenvolvido pelo compromisso firmado entre essas instituições. O monitoramento clínico ocorre no momento que a pessoa vivendo com vírus da imunodeficiência humana busca a vacinação. Busca-se pelos exames no de CD4 e carga viral nos sistemas de informação, bem como a regularidade do uso da terapia antirretroviral. Em oito dias de estratégias foram vacinadas e monitoradas 624 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Um número elevado desses usuários estava com os marcadores clínicos adequados e com as retiradas de terapia antirretroviral regulares. Aqueles que apresentaram inconformidades foram acolhidos conforme a sua necessidade e imediatamente inseridos no tratamento ou em atendimento com equipe multiprofissional. Diante da experiência demonstrada, verifica-se a possibilidade da construção de ações eficientes mesmo em meio a situações adversas. A estratégia apresentada agrega dois agravos complexos e mostra a importância da criação de medidas que extrapolam as práticas convencionais para o monitoramento das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, trazendo, por consequência, outro fato importante, que é a imunização contra COVID-19 nessa população.

Palavras-chave: imunização, HIV, pandemias.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P156>

P-156 – UM MEET COM A PREVENÇÃO: USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA PREVENÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DE PORTO VELHO, RONDÔNIA

Marcuce Antonio Miranda dos Santos¹, Eldenilson Gomes de Sousa¹, Thiago Fabricio dos Santos Geber¹, Jane Carvalho Cardoso¹

¹Associação Beradeiro

Apresentador: Marcuce Antonio Miranda dos Santos

E-mail: marcuce2017@gmail.com

Resumo: Trata-se de um projeto desenvolvido pela Beradeiro de Porto Velho (RO), com o apoio do Fundo Positivo, sobre a confecção de vídeos educativos sobre prevenção da sífilis, do vírus da imunodeficiência humana, das hepatites virais e outras infecções sexualmente transmissíveis. Com o advento da pandemia de COVID-19, utilizou-se da estratégia de uso das tecnologias digitais para manutenção das atividades da organização não governamental, potencializando a divulgação dos temas por meio de vídeos com duração máxima de três minutos. O objetivo foi manter as condutas de prevenção em meio a pandemia da COVID-19 nas comunidades tradicionais da cidade. O público-alvo foram adolescentes, jovens e suas famílias, de povos e comunidades tradicionais do campo, da floresta e das águas, em situação de vulnerabilidade momentânea em decorrência do avanço da pandemia em Porto Velho. Para a divulgação em massa,

utilizaram-se das redes sociais da Beradeiro e outros canais de comunicação de parcerias locais. A equipe da Beradeiro elaborou os roteiros dos temas abordados, bem como seus voluntário e convidados foram os protagonistas das filmagens. Os conteúdos foram divulgados nas comunidades tradicionais de Porto Velho por meio de 50 influenciadores digitais previamente selecionados para essa função, sendo exclusivamente moradores das 15 comunidades contempladas com o projeto. Como resultados foram produzidos 12 vídeos educativos, e o alcance registrados pelas redes sociais foi de cerca de 121 mil pessoas entre residentes nas comunidades atendidas e na área urbana da cidade. Foram estabelecidas parcerias estratégicas para multiplicar os conteúdos e alcançar o maior número de pessoas. Os influenciadores divulgaram os conteúdos em suas redes sociais, bem como nos diversos canais de comunicação existentes nas comunidades. O uso de tecnologias digitais em meio à pandemia mostrou-se eficaz para a manutenção das ações da Beradeiro, bem como proporcionou a um aumento nas ações preventivas e manutenção do tema durante a pandemia.

Palavras-chave: prevenção, infecções sexualmente transmissíveis, tecnologias.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P157>

P-157 – AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE PROFILAXIA PRÉ E PÓS-EXPOSIÇÃO AO RISCO DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UMA POPULAÇÃO

Edina Joana Soares¹, Josana Aparecida Horvart Dranka¹, Katy Regina da Silva¹, Luciana Osorio Cavalli¹, Marcia Claudete Weschenfelder¹, Roberto Ferreira Oizumi¹, Telma Cristina Pereira Leite¹, Wanila Arroyo Pitondo¹, Winny Hirome Takahashi Yonegura¹, Yara Alves Orso¹

¹Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias de Cascavel (PR)

Apresentador: Edina Joana Soares

E-mail: edina_js@hotmail.com

Introdução: Atualmente, observa-se uma grande preocupação na área da saúde com relação à informação da população sobre as práticas de prevenção combinada à infecção ao vírus do vírus da imunodeficiência humana. A expressão prevenção combinada do vírus da imunodeficiência humana refere-se a diferentes ações de prevenção, tanto as diretamente voltadas ao combate do vírus da imunodeficiência humana quanto aos fatores associados à infecção. Nesse contexto, sabe-se que a profilaxia pós-exposição e a profilaxia pré-exposição são eficazes para a prevenção do vírus da imunodeficiência humana em pessoas com risco aumentado em adquirir a infecção. No entanto, percebe-se que, principalmente nas populações com maior vulnerabilidade, o conhecimento sobre a profilaxia pós-exposição/profilaxia pré-exposição ainda é limitado. **Objetivo:** Este estudo, de caráter quantitativo, teve como objetivo avaliar a informação da população participante sobre a profilaxia pós-exposição e a profilaxia pré-exposição. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionário *on-line*, individual, composto de perguntas relacionadas ao objetivo da pesquisa, enviado de forma aleatória como convite e ou divulgação com o compartilhamento do *link*, sendo pessoalmente no Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias do município de Cascavel (PR) (pelos profissionais atuantes no serviço e pesquisadores responsáveis pelo estudo) e em mídias sociais. Os resultados das questões tiveram suas respostas obtidas e apresentadas por porcentagens e gráficos. **Resultados:** A pesquisa recebeu a resposta de 482 pessoas, sendo a maioria residentes na macrorregião Oeste do Paraná. Em relação à profilaxia pós-exposição, 69,5% já tinham compreensão sobre essa forma de prevenção ao vírus da imunodeficiência humana e 30,5% desconheciam. Já em referência à profilaxia pré-exposição, 42,7% não sabiam sobre essa questão, enquanto 57,3% tinham conhecimento prévio. Desses, 18% obtiveram informação sobre a profilaxia pré-exposição por meio do uso da internet e 42% por orientação de profissionais da saúde. **Conclusão:** Com o desenvolvimento do estudo, esperou-se contribuir com reflexões relativas à importância do conhecimento da população sobre a prevenção combinada ao vírus do vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: HIV, AIDS, tratamento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P158>

P-158 – GEOPROCESSAMENTO DOS CASOS NOTIFICADOS DE SÍFILIS CONGÊNITA NO CEARÁ ENTRE OS ANOS DE 2008 E 2018

Bruno Victor Barros Cabral¹, Révia Ribeiro Castro¹, Marcela de Freitas Matos², Leilane Barbosa de Sousa², George Jó Bezerra Sousa¹, Maria Lúcia Duarte Pereira¹

¹Universidade Estadual do Ceará

²Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Apresentador: Bruno Victor Barros Cabral

E-mail: bruno.barros@aluno.uece.br

Introdução: A sífilis congênita é uma doença infecciosa que, embora apresente diagnóstico e tratamento de baixo custo, permanece como problema de saúde pública. Um dos pilares para seu enfrentamento consiste na vigilância e no controle dos casos, tendo como estratégia adicional o uso de Sistema de Informação Geográfica. **Objetivo:** Analisar a distribuição espacial dos casos notificados de sífilis congênita no estado do Ceará no período de 2008 a 2018. **Métodos:** Estudo ecológico desenvolvido com os casos confirmados de sífilis congênita no Sistema Nacional de Agravos de Notificação no estado do Ceará entre 2008 e 2018, obtidos no Departamento de informática do Sistema Único de Saúde. Os dados possibilitaram a construção das taxas de incidência e mortalidade que foram suavizados pelo método bayesiano empírico local. O índice global de Moran e o Moran local foram realizados para verificar a existência de autocorrelação espacial. Utilizou-se o *software* GeoDa para as análises espacial das taxas bayesianas e o índice de Moran. **Resultados:** Foram obtidos 10.682 casos de sífilis congênita no período estudado. O índice de Moran apresentou uma associação espacial positiva para a incidência, demonstrando áreas de maior risco, e negativa para mortalidade. A existência de dependência da incidência da sífilis abrangeu 22 municípios pertencentes às mesorregiões Norte, Noroeste e região metropolitana de Fortaleza (CE), indicando que a taxa de incidência dos casos em um município está correlacionada no espaço com o valor médio da taxa de ocorrências nos municípios vizinhos. **Conclusão:** A existência de dependência espacial da incidência da sífilis congênita revela a presença de áreas de maior risco, instigando a necessidade por parte das autoridades de saúde responsáveis a compreensão dos fatores que elevaram a incidência e a construção de estratégias regionalizadas de enfrentamento da sífilis congênita.

Palavras-chave: sífilis congênita, distribuição espacial, incidência.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P159>

P-159 – THE USE OF DNA MICROARRAY ASSAY AS A DIAGNOSTIC TOOL TO STUDY PENILE CANCER ASSOCIATED WITH HUMAN PAPILLOMAVIRUS

Willker Menezes da Rocha¹, Camila Freze Baez², Larissa Alves Afonso¹, Fernanda Nahoum Carestati¹, Marianna Tavares Venceslau Gonçalves², Rafael Brandão Varela¹, Sílvia Maria Baeta Cavalcanti¹

¹Universidade Federal Fluminense

²Universidade Federal do Rio de Janeiro

Apresentador: Willker Menezes da Rocha

E-mail: willker.menezes@gmail.com

Introduction: The genital infection by the human papillomavirus (HPV) can result in a sexually transmitted disease associated with precursor lesions for carcinogenesis in the genital tract. In recent years, evidence was accumulated defining HPV as the etiologic agent of cervical cancer; however, the etiology of penile cancer is still open and lacks studies. This study aims to contribute to the epidemiologic knowledge regarding the prevalence of this virus in malignant lesions of the male genital tract, using the DNA microarray assay, a technique that allows the simultaneous detection of up to 32 different HPV genotypes. **Objective:** The aim of this study was to investigate the presence of HPV in penile malignant lesions, to genotype HPV, when present, to correlate the HPV infection and its genotypes with the histopathological data. **Methods:** A total of 112 penile cancer samples was collected in a cross-sectional study. The detection methodology consisted of (1) detecting the presence of HPV DNA by the polymerase chain reaction (PCR) technique with generic primers, (2) genotyping the HPV using the DNA microarray assay, and (3) correlation of the histopathology, tumor invasiveness, and the dispersion of malignant cells by the lymph nodes with the presence of HPV. **Results:** The HPV prevalence was 57.1% (64). The most prevalent genotype was the HPV16 (32.8%), followed by HPV6 (23.4%); HPV18, HPV35, and HPV45 (12.5%); HPV31 (10.9%); and HPV70 (7.8%). Of the HPV-positive samples, 25% were mixed infections. **Conclusion:** The role of the HPV infection was significant within the multifactorial etiology of penile cancer. There was statistical significance between the lesion invasiveness and the presence of high-risk HPV infection. Thus, genotype surveillance can promote a better understanding of the role of HPV genotypes in male cancer development, and the DNA microarray assay proved to be an efficient tool for both the epidemiological study and the diagnostics of the HPV.

Palavras-chave: HPV, men, DNA microarray, cancer.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P160>

P-160 – REALIZAÇÃO DA TESTAGEM PARA O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ENTRE OS PARTICIPANTES DO CARNAVAL DO RIO DE JANEIRO — ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS ANOS DE 2016 E 2018

Vinicius Rodrigues Fernandes da Fonte¹, Márcio Tadeu Ribeiro Francisco¹, Thelma Spindola¹, Carina D'Onofrio Prince Pinheiro¹, Paula Costa de Moraes¹, Laércio Deleon de Melo¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Vinicius Rodrigues Fernandes da Fonte

E-mail: vinicius-fonte@hotmail.com

Introdução: O enfrentamento à epidemia do vírus da imunodeficiência humana/aids vivência uma oportunidade de alcançarmos metas zero para novas infecções. Essa proposta ambiciosa está sustentada pelos avanços, principalmente, nas esferas de diagnóstico e tratamento. **Objetivo:** Comparar a realização da testagem para o vírus da imunodeficiência humana entre os participantes do carnaval do Rio de Janeiro (RJ) entre os anos de 2016 e 2018. **Métodos:** Trata-se de um estudo que comparou os bancos de dados de dois estudos transversais realizados no carnaval do sambódromo do Rio de Janeiro, realizados em fevereiro de 2016 e em fevereiro de 2018. Participaram da investigação 511 pessoas em 2016 e 541 em 2018, selecionadas por amostragem por conveniência. O critério de inclusão foi ter idade igual ou superior a 18 anos, vida sexual ativa e viver no Brasil há pelo menos 12 meses. O mesmo questionário foi aplicado em ambos os estudos. Foi realizada análise descritiva e empregado o teste qui-quadrado com significância de 95%. **Resultados:** Os dados mostram que não houve diferença significativamente estatística ($p \geq 0,05$) nas variáveis gênero, faixa etária, relacionamento estável, sexo com pessoa do mesmo sexo e múltiplos parceiros. No entanto, houve diferença na variável pessoas cadastradas em unidades básicas de saúde, mostrando ampliação de 205 (40,11%) em 2016 para 264 em 2018 (48,79%). No que tange à testagem para vírus da imunodeficiência humana alguma vez na vida, 346 (67,71%) relataram que fizeram em 2016 e 383 (70,79%) em 2018. O teste nos últimos 12 meses só foi realizado por 286 (55,97%) em 2016 e 270 (49,91%) em 2018. Apenas 78 (15,26%) fizeram teste rápido em 2016 e 92 (17%) em 2018. Não houve diferença estatística na comparação entre os períodos. **Conclusão:** Os dados evidenciam a importância da ampliação da testagem para o vírus da imunodeficiência humana na população como estratégia para diagnóstico precoce e início oportuno do tratamento.

Palavras-chave: vulnerabilidade, sexualidade, HIV, testes sorológicos.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P161>

P-161 – CARACTERIZAÇÃO DE MULHERES GRÁVIDAS POSITIVAS PARA O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA QUE VIVENCIAM VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

Verônica Gonçalves¹, Larissa de Souza Ananias¹, Izabela da Silva Pinheiro¹, Aylee de Souza Cordeiro¹, Isabela da Costa Monnerat¹, Selma Villas Boas Teixeira¹, Leila da Silva Rangel¹, Yamê Regina Alves¹, Luiza Pereira Maia de Oliveira¹

¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Verônica Gonçalves

E-mail: cnfaveronica@gmail.com

Introdução: A violência e o vírus da imunodeficiência humana são problemas sociais que possuem consequências nefastas à saúde das mulheres grávidas, principalmente. Esse contexto acarreta a alta prevalência de violência perpetrada por parceiro íntimo na gravidez, causando repercussões negativas à saúde do binômio mãe-bêbê e aumentando o risco de transmissão do vírus da imunodeficiência humana, bem como de outras infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Caracterizar o perfil sociodemográfico de mulheres grávidas convivendo com vírus da imunodeficiência humana e sua relação com a violência por parceiro íntimo. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, qualitativa, desenvolvida em três municípios do estado do Rio de Janeiro, sendo um hospital universitário, localizado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro (RJ), e duas unidades de assistência especializada em vírus da imunodeficiência humana/aids, localizadas nos municípios de Macaé (RJ) e Rio das Ostras (RJ). A técnica de coleta de dados foi um roteiro de entrevista semiestruturada. **Resultados:** Foram entrevistadas 27 mulheres, das quais 24 vivenciaram violência perpetrada por parceiro íntimo. As formas de violência relatadas foram a psicológica, para 19 mulheres, física, para 12 delas, sexual, para 5 das mulheres, patrimonial, para 10 delas, e moral, para 18 delas. Dessas, 10 se auto-declararam de cor preta, 10 pardas e 7 brancas. Quanto à escolaridade, apenas 1 possuía ensino superior completo, 11 possuíam ensino médio completo e 8 ainda não haviam concluído. Uma completou apenas o ensino fundamental e seis pararam de estudar ainda nesse período. Quanto ao preservativo, 22 nunca haviam usado. Onze relataram ter tido inúmeros relacionamentos. **Conclusão:** Os dados analisados possibilitaram a identificação do perfil das gestantes positivas para o vírus da imunodeficiência humana/aids nas regiões em questão, mostrando que a baixa escolaridade, a cor da pele preta ou parda, as relações sexuais com muitos parceiros e o não uso do preservativo podem se tornar fatores de risco tanto para vivenciar a violência perpetrada por parceiro íntimo como para contrair o vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: HIV, violência por parceiro íntimo, gravidez.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P162>

P-162 – CONHECIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA ACERCA DAS FORMAS DE TRANSMISSÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Vivien Cunha Alves de Freitas¹, Tyane Mayara Ferreira de Oliveira¹, Andrea Rodriguez Lannes Fernandes², Samila Gomes Ribeiro¹, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Cícero Mendes Siqueira¹, Karla Vanessa Pinto Vasconcelos¹, Francisca Elaine de Souza França¹, Victor Caetano Rodrigues¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade de Dundee

Apresentador: Vivien Cunha Alves de Freitas

E-mail: vivien-alves@hotmail.com

Introdução: A dificuldade de acesso ao serviço de saúde da população de rua, associada à falta de conhecimento, aumenta a vulnerabilidade aos diversos agravos, com destaque para as infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Identificar o conhecimento de mulheres em situação de rua acerca das formas de transmissão de vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Estudo transversal com uma amostra de 47 mulheres realizado nos meses de novembro e dezembro de 2020 no Refeitório Social, equipamento de assistência social destinado ao acolhimento de pessoas em situação de rua, localizado na cidade de Fortaleza (CE). Os critérios de inclusão foram: ser maior de 18 anos, considerar-se vivendo na rua e ser assistido pelo equipamento social. Não participaram aqueles que visivelmente estavam sob efeito de alguma substância psicoativa. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Utilizou-se um questionário elaborado com perguntas sobre formas de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana. Para a análise estatística, os componentes descritivos, por meio dos cálculos das frequências absolutas e relativas, foram elencados. **Resultados:** A média de idade das participantes foi de 41 anos. Em relação à situação conjugal, 53% (n=25) possuem parceiros fixos. Quanto às perguntas sobre as formas de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana, observou-se que a maioria conhece as diversas formas de transmissão, entretanto obteve-se o maior percentual de erros no item sobre o risco de infecção de infecções sexualmente transmissíveis ao ser picado por inseto, mosquito ou pernilongo, no qual 29 participantes (61%) afirmaram não saber e/ou concordar com a afirmativa. **Conclusão:** Apesar dos resultados satisfatórios, permanece a necessidade de ações inclusivas para esse público, levando em consideração a vulnerabilidade que os permeiam em seus diferentes aspectos, socioeconômicos, culturais e políticos, os quais favorecem suscetibilidade às infecções.

Palavras-chave: pessoas em situação de rua, populações vulneráveis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P163>

P-163 – A PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UM SERVIÇO NO OESTE DO PARANÁ

Luciana Osorio Cavalli¹, Josana Aparecida Dranka Horvath¹, Edina Joana Soares¹, Wanilla Arroyo Luiz Pitondo¹, Marcia Claudete Weschenfelder¹, Katy Regina da Silva Luz¹, Yara Helena Perin Orso¹, Roberto Ferreira Oizumi¹, Winny Hirome Takahashi Yonegura¹, Diana Mara Gaboardi Mariotti¹

¹Clinica de Diagnóstico por Imagem do Paraná

Apresentador: Luciana Osorio Cavalli

E-mail: lucianacavalli@yahoo.com.br

Introdução: A profilaxia pré-exposição é um método de prevenção ao vírus da imunodeficiência humana que teve sua eficácia comprovada e também está agora disponível, gratuitamente, pelo Sistema Único de Saúde para alguns grupos nos serviços de referência. **Objetivo:** Apresentar o fluxo de atendimento e os resultados em relação à profilaxia pré-exposição em um serviço especializado localizado na região Oeste do estado do Paraná. **Métodos:** Trata-se de um estudo retrospectivo que utilizou como fonte de informações as bases de dados do Ministério da Saúde e também relatórios públicos do serviço em questão. **Resultados:** O serviço, buscando facilitar o acesso e garantir melhor decisão do paciente em relação ao uso da medicação, estabeleceu um fluxo em que os pacientes que procuram para testagem e aconselhamento são abordados pela equipe em relação ao início da profilaxia, sendo solicitados os exames iniciais e realizado o agendamento para consulta médica. Verificou-se que esse serviço já teve 123 pacientes em uso de profilaxia, 104 ativos e 19 descontinuidades, percentual de 15%, abaixo dos 44% do Paraná e 41% do Brasil. Gays e homens que fazem sexo com homens representam 65% dos usuários. A faixa etária com maior procura está entre 25 a 39 anos (60%) e 78% possui mais de 8 anos de estudo. Apenas 29% relataram efeitos adversos nos primeiros 30 dias e 70% referiu fazer uso de todos os comprimidos. **Conclusão:** O serviço apresentado tem conseguido resultados semelhantes aos nacionais na maioria dos dados analisados, porém um índice menor de abandono o que poderia estar relacionado a organização interna em relação a indicação e ao acompanhamento. A disseminação da profilaxia em indivíduos com menor escolaridade também foi maior nesse serviço. Ainda é necessário ampliar

a divulgação da profilaxia para a população em geral, pois há muito mais pacientes dentro do público-alvo e ainda existe uma concentração da procura por brancos e de alta escolaridade.

Palavras-chave: profilaxia pré-exposição, HIV, antirretrovirais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P164>

P-164 – PREVENÇÃO DA TRANSMISSÃO VERTICAL NO PROJETO SÍFILIS NÃO!: UM ESTUDO SOBRE AS ESPECIFICIDADES DOS COMITÊS/ESPAÇOS DE INVESTIGAÇÃO DA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Thereza Cristina de Souza Mareco¹, Thaís Gois Farias de Moura Santos Lima¹, Marquiony Marques dos Santos¹, Ana Paula Cruz Beja Orrico Horta²

¹Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²Universidade Aberta de Portugal

Apresentador: Thereza Cristina de Souza Mareco

E-mail: thereza.csm@hotmail.com

Introdução: Os Comitês de Investigação da Transmissão Vertical são estratégicos para a prevenção da transmissão vertical da sífilis e uma das ações fundamentais do Projeto Sífilis Não!, principalmente por seu papel na análise de oportunidades que foram perdidas pela rede de vigilância/atenção, por seu potencial de identificar falhas/dificuldades na resposta à sífilis e por se configurar como espaço de recomendação de medidas de intervenção para qualificar a rede de serviços de saúde. **Objetivo:** Descrever e analisar a situação dos Comitês de Investigação da Transmissão Vertical a partir da implementação do Projeto Sífilis Não! nos municípios prioritários da região Norte do Brasil e discutir o papel desses espaços de investigação para a prevenção da transmissão vertical da sífilis. **Métodos:** Estudo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Coleta de dados realizada *on-line*, utilizando questionários aplicados pelo projeto na Plataforma Lues/FormLues de julho/2019 a dezembro/2020 e relatórios, atas de reuniões, relatos de experiências, entre outros documentos produzidos por atores do projeto. Utilizou-se análise de conteúdo e revisão bibliográfica/documental. **Resultados:** A região Norte tem oito municípios prioritários para o Projeto Sífilis Não!, todos com alguma estratégia de Comitês de Investigação da Transmissão Vertical para sífilis. A partir da implementação do projeto, cinco municípios prioritários e três estados da região passaram a contar com Comitês de Investigação da Transmissão Vertical em sua formação inicial para prevenção da transmissão vertical da sífilis. Entre as dificuldades para a instauração e fortalecimento dos Comitês de Investigação da Transmissão Vertical está a falta de recursos humanos. Atores estratégicos da região norte apontaram avanços/melhorias na rede de serviços a partir da instauração dos comitês, tais como: organização do espaço investigativo, investigação por visita domiciliar/prontuário e ampliação da rede. Quanto às oportunidades perdidas na prevenção da transmissão vertical da sífilis, verificou-se que há relação com ausências/falhas no acesso e assistência ao pré-natal. **Conclusão:** Os Comitês de Investigação da Transmissão Vertical são espaços relevantes para a prevenção da transmissão vertical da sífilis e a manutenção deles como eixo de prevenção no Projeto Sífilis Não! é fundamental para redução da sífilis congênita e, conseqüentemente, da mortalidade.

Palavras-chave: transmissão vertical, sífilis congênita, sífilis, políticas.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P165>

P-165 – PERFIL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ASSISTIDOS EM UM AMBULATÓRIO DO DISTRITO FEDERAL

Ricardo Azevedo de Menezes¹, Sylvia Maria Leite Freire¹

¹Secretaria de Saúde do Distrito Federal

Apresentador: Ricardo Azevedo de Menezes

E-mail: ricardo.azevedo.df@gmail.com

Introdução: Ao longo dos anos, a ciência proporcionou a descoberta de novas drogas antirretrovirais e novos protocolos de profilaxia da transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana com redução no número de casos pediátricos e aumento importante de tempo de sobrevivência. Atualmente, no Distrito Federal, todas as crianças vivendo com vírus da imunodeficiência humana são assistidas em um ambulatório único, onde também são acompanhados adolescentes (a maioria, nascidos com o vírus). **Objetivo:** Este trabalho tem por objetivo traçar o perfil do público atendido nesse serviço. Foi realizado estudo descritivo, transversal e retrospectivo, por meio de dados de cadastro próprio do serviço e resultados de exames laboratoriais obtidos pelo InterSystems TrakCare®. **Resultados:** O ambulatório assiste hoje 62 pacientes com idades variando entre 2 e 23 anos. Desses, 20 (32,2%) são crianças, 37 (59,7%) são adolescentes de 10 a 19 anos de idade e 5 (8,1%) têm 20 anos ou mais. Com relação à categoria de exposição, apenas três não ocorreram por transmissão vertical: um caso por transfusão sanguínea, outro por via sexual (na adolescência) e um terceiro ainda em investigação. Os últimos casos de transmissão vertical no Distrito Federal ocorreram em

2019. Com relação ao sexo biológico, a maioria (58,1%, n=36) nasceu menina. Nesse universo, um jovem identifica-se hoje como um homem transexual. A maioria dos casos (77,4%, n=48) tem carga viral indetectável. Dos 14 com carga viral detectável, o número de cópias/mL varia entre 42 e 21.109, com média de 2.699 e mediana de 334. Em todos esses casos, por meio de busca ativa, foi detectada falha na adesão à terapia antirretroviral. Nos últimos 12 meses, não houve nenhum caso de infecção oportunista. **Conclusão:** Alcançar a meta de indetectabilidade de carga viral em 90% dos pacientes tem sido um dos grandes desafios. Para além da oferta de consultas, exames e terapia antirretroviral, é preciso vencer obstáculos na esfera psicossocial, observando a singularidade de cada caso.

Palavras-chave: HIV, carga viral, criança, adolescente, transmissão vertical.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P166>

P-166 – USO DE PRESERVATIVOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS – ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Thelma Spindola¹, Bárbara Galvão dos Santos¹, Catarina Valentim Vieira da Motta¹, Vinicius Rodrigues Fernandes da Fonte¹, Laércio Deleon de Melo¹, Davi Côrtes de Medeiros¹, Noemia Lima Brasil de Amorim¹, Nathália Lourdes Nepomuceno de Oliveira¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Bárbara Galvão dos Santos

E-mail: barbaragssoares@gmail.com

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis atingem a população a nível mundial, havendo maior exposição dos jovens pela assunção de comportamentos de risco. **Objetivo:** Analisar comparativamente a utilização do preservativo entre jovens de duas instituições de ensino superior. **Métodos:** Estudo transversal, quantitativo, realizado em duas instituições de ensino superior no Rio de Janeiro (RJ), uma pública (A) e outra privada (B). Participaram estudantes sexualmente ativos, idades entre 18 e 29 anos, que responderam a um questionário. Dados foram analisados pela estatística descritiva e inferencial. Respeitaram-se todos os aspectos éticos de pesquisa envolvendo seres humanos. **Resultados:** Entre 1.268 estudantes, a maioria teve a primeira relação sexual entre 15 e 19 anos (A=78,03% e B=81,49%) e usaram preservativos (A=73,25% e B=73,66%). Informaram uso de preservativos com parceira fixa, sendo A=54,4% e B=44,6% estudantes. O valor $p=0,003$, ($<0,05$), então rejeita-se a hipótese nula, ou seja, o uso do preservativo com parceiros fixos depende da instituição. Já com parcerias eventuais os jovens informaram uso de preservativo, sendo A=76,56% e B=65,04%. Em ambas as instituições, contudo, informaram que não usavam preservativos de modo regular em todos os intercursos sexuais (A=57,50% e B=62,73%) e valor $p=0,057$ ($>0,05$). No que concerne ao uso de álcool ou drogas antes da última relação sexual, 367 (29,10%) estudantes de ambas as instituições referiram fazê-lo. Como valor $p=0,306$ ($>0,05$), aceita-se a hipótese nula, ou seja, ter ou não consumido álcool/drogas, independe da instituição. Acrescenta-se que sob o efeito dessas substâncias o uso de preservativos pode ser afetado. **Conclusão:** Os estudantes assumem um comportamento sexual de risco ao não utilizar preservativos de modo continuado nas práticas sexuais e ficam vulneráveis, embora acreditem ser pouco provável a exposição às infecções sexualmente transmissíveis. Em ambas as instituições os universitários são vulneráveis às infecções, sendo oportunas ações de educação em saúde.

Palavras-chave: prevenção primária, sexualidade, vulnerabilidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P167>

P-167 – FATORES ASSOCIADOS ENTRE A ADEÇÃO À TERAPIA ANTIRRETROVIRAL E AS DEMANDAS DO SERVIÇO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 EM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: ESTUDO TRANSVERSAL

Ana Amélia Nascimento da Bones^{1,2}, Rodrigo Benelli de Barcelos¹, Artur Boeck Trommer¹, Bruno Kras Friedrisch^{2,3}, Thais Yang Barreiros Silva², Rosângela Nery Barreto², Cibele Flores da Silva², Airton Tetelbom Stein¹

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

²Irmãdade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Ana Amélia Nascimento da Bones

E-mail: anageriatra@hotmail.com

Introdução: Durante a pandemia de COVID-19, o acesso a serviços de saúde/sociais ficaram restritos, o que pode afetar a adesão à terapia antirretroviral nas pessoas em situação de rua de Porto Alegre (RS). Nesse sentido, o Consultório na Rua gerenciar o cuidado da saúde/social das pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids. **Objetivo:** Avaliar fatores associados à adesão à terapia antirretroviral e às demandas do serviço social durante a pandemia de COVID-19 em pessoas em situação de rua em Porto Alegre, com a elaboração do ecomapa. **Métodos:** Estudo transversal, com dados do monitoramento do Consultório na Rua. **Resultados:** Foram analisados os dados do seguimento

de 297 (5,6%) pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids cadastradas entre 5.332 usuários do Consultório na Rua. Ao longo do monitoramento, 106 (35,6%) apresentam CD4 abaixo de 350, 138 (46,4%) encontram-se em adesão ao terapia antirretroviral e 160 (53,8%) usam esquema de primeira linha. Ainda, 136 (45,7%) perderam o vínculo ao não realizar exame de carga viral e/ou retirada de terapia antirretroviral no último ano. Das 297 pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids, 37 (12,4%) necessitaram de atendimento do serviço social, estando cinco (13,5%) imunossuprimidos (CD4 8804,200) e 13 (35,1%) indetectáveis. O compartilhamento do cuidado com serviço de infectologia ocorre em 22 (59,4%)PVHA, estando apenas 9 (40,9%) indetectáveis. Entre as demandas clínicas, ressaltam-se as associadas a pneumologia, dermatologia e psiquiatria. Entre as demandas sociais, ressalta-se o pedido de: abrigagem, documentos, benefícios sociais e contato com outros pontos da rede. A construção do ecomapa com os pontos da rede saúde e social abertos durante a pandemia originou a construção de um folder com os serviços e contatos para ser distribuídos. **Conclusão:** O gerenciamento clínico/social, por meio da tabela Excel, permite a organização do cuidado, com a identificação dos casos graves de imunossupressão, sem adesão à terapia antirretroviral e seus encaminhamentos clínicos/sociais. O ecomapa permite o reconhecimento dos pontos de assistência em funcionamento na pandemia COVID-19, traduzido em um instrumento prático para o usuário, o folder.

Palavras-chave: HIV, coronavírus, serviço social, vulnerabilidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P168>

P-168 – PROJETO DE INTEGRAÇÃO DE AÇÕES ENTRE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E VIGILÂNCIA EM SAÚDE NO AMAPÁ — CONTRIBUIÇÕES E DIFICULDADES

Rosa Maria Guimarães Brito¹, Josenir Carvalho², Stefano Barbosa Codenotti²

¹Universidade Federal do Amapá

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Rosa Maria Guimarães Brito

E-mail: rosagbrito@hotmail.com

Introdução: A integração das iniciativas entre Atenção Primária à Saúde e Vigilância em Saúde sempre representou uma limitação desafiadora para o Sistema Único de Saúde, sendo desenvolvido o Projeto Força Tarefa com a finalidade de prover apoiadores para corroborar com essa integração nos estados. **Objetivo:** Expor as construções que foram possibilitadas e as dificuldades experimentadas durante o trabalho das apoiadoras no estado do Amapá. **Métodos:** Relato de experiência, com algumas realizações e dificuldades vivenciadas pelas apoiadoras do Projeto Força Tarefa no estado do Amapá, de abril/2020 a março/2021, utilizando técnica de coleta de dados contínua, com diário de campo e coleta de dados secundários por meio de pesquisa no sistema para acompanhamento de desempenho dos apoiadores nos territórios, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Resultados:** Inicialmente o acesso aos gestores estaduais foi muito difícil e com muita resistência, momento em que a intervenção do Conselho de Secretarias Municipais de Saúde e da Superintendência Estadual do Ministério da Saúde foi primordial. Após a apresentação do projeto e proposta, conseguimos nos inserir, fomentar as discussões necessárias e apoiar as ações. Grande parte das atividades se materializaram em reuniões e eventos envolvendo a Secretaria Estadual de Saúde e a Superintendência de Vigilância em Saúde do Amapá, resultando em mais de 252 atividades realizadas, integrando diversas ações de saúde e contribuindo sobretudo para as ações de enfrentamento à COVID-19 e ao surto de sarampo. **Conclusão:** Apesar das dificuldades iniciais, foi possível desenvolver um trabalho bastante proveitoso, apoiando as instituições de saúde mediante o cenário epidemiológico sobreposto e semeando a percepção e compreensão da relevância da integração entre Atenção Primária à Saúde e Vigilância em Saúde, que proporciona melhor eficiência, efetividade e qualidade das ações em saúde, ampliando o alcance de resultados na perspectiva da integralidade da atenção. Este trabalho frutifica, ainda, no desenvolvimento de ações de Vigilância em Saúde transversais às ações das equipes de Atenção Primária à Saúde, com compartilhamento de responsabilidades e raciocínio epidemiológico.

Palavras-chave: atenção primária, intersetorialidade, vigilância em saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P169>

P-169 – ANTECEDENTES EPIDEMIOLÓGICOS DA PARCERIA SEXUAL DOS CASOS DE SÍFILIS EM GESTANTE NOTIFICADOS NO SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO ENTRE 2007 E 2019

Ana Karla Bezerra Lopes¹, Paulo Roberto Queiroz¹, Marquiony Marques dos Santos¹, Ângelo Giuseppe Roncalli da Costa Oliveira¹, Tatyana Maria Silva de Souza Rosendo¹, Kenio Costa de Lima¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Ana Karla Bezerra Lopes

E-mail: karlabiomed@gmail.com

Objetivo: Avaliar os antecedentes epidemiológicos da parceria sexual dos casos de sífilis em gestante notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação entre 2007 e 2019. **Métodos:** O estudo, do tipo ecológico, avaliou os dados referentes aos campos parceiro tratado concomitante à gestante, esquema de tratamento prescrito ao parceiro e motivo para o não tratamento do parceiro, contidos na ficha de notificação da sífilis em gestante. Foram incluídos no estudo todos os casos de sífilis em gestante notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação no período de 2007 a 2019. Realizou-se uma análise de frequência dos campos selecionados. **Resultados:** No período analisado foram notificados 351.718 casos de sífilis em gestante no Brasil. Nos antecedentes epidemiológicos da parceria sexual, apenas 19,4% dos parceiros foram tratados concomitantemente às gestantes, tanto a penicilina G benzatina como esquema de tratamento prescrito em 20,8% dos casos. A perda de contato com a gestante (6,4%) e outros motivos (8,6%) foram as principais razões para o não tratamento da parceria sexual. Todos os campos avaliados apresentaram menos de 50% de preenchimento, sendo motivo para o não tratamento do parceiro o campo com pior percentual de preenchimento. **Conclusão:** A baixa adesão ao tratamento do parceiro concomitante à gestante, além da baixa qualidade de preenchimento dos campos da ficha de notificação relacionados ao tema, reforça a importância de políticas voltadas à parceria sexual durante o pré-natal das gestantes com sífilis, para a redução efetiva dos casos de sífilis em gestante e congênita.

Palavras-chave: sífilis, epidemiologia, sistemas de informação em saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P170>

P-170 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CÂNCER DO COLO DE ÚTERO DIAGNOSTICADOS EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS NOS ANOS DE 2018 E 2019

Kenneth Delano Correia Barros¹, Rafaela Silva Alcantara¹, Ingrid Ramos de Araújo¹, Matheus Vinicius de Mesquita Soares¹, Ellen Gizeli Vieira da Silva¹, Marília Albuquerque Barbosa¹, José Humberto Belmino Chaves¹, Geovana Santos Martins Neiva², Gentileza Santos Martins Neiva¹

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade da Cidade de Maceió

Apresentador: Kenneth Delano Correia Barros

E-mail: kenneth.delano@gmail.com

Introdução: O câncer do colo uterino é uma neoplasia de grande impacto na saúde pública do Brasil. Apesar de ser altamente evitável, a doença mata 35,7 mil mulheres a cada ano nas Américas. A maioria (80%) desses casos ocorre na América Latina e no Caribe, onde as taxas de mortalidade são três vezes mais altas do que na América do Norte, destacando as desigualdades existentes em termos de riqueza, gênero e acesso aos serviços de saúde na região. **Objetivo:** O objetivo desta pesquisa foi analisar a prevalência de câncer do colo uterino diagnosticados no Hospital Universitário de Alagoas nos anos de 2018 e 2019. **Métodos:** Foi realizada uma análise retrospectiva dos casos diagnosticados de câncer do colo uterino em 2018 e 2019. Foram observadas as seguintes variáveis: idade, atipias em células escamosas e diagnóstico de células atípicas de significado indeterminado, por meio de frequência absoluta e relativa. **Resultados:** No total, 55 casos foram diagnosticados, sendo 26 (47,3%) casos no ano de 2018 e 29 (52,7%) no ano de 2019. A idade variou de 19 a 82 anos, sendo 11 (20,0%) idosas. Foi observado que a doença acometeu um número maior de mulheres entre 34 e 49 anos, 27 (49,09%). Foi observado também que apenas quatro pacientes utilizavam anticoncepcional oral (7,27%), sete (12,72%) já haviam realizado tratamento por radioterapia e nove (16,36%) tiveram sangramentos durante relação sexual. Houve uma maior incidência de atipias em células escamosas (60%), entre as quais as lesões intraepiteliais de alto grau tiveram predominância (60,6%). O diagnóstico de células atípicas de significado indeterminado foi observado em 21 casos (38,2%), entre os quais 13 (61,9%) são casos de células escamosas em que não se pode afastar lesão de alto grau e 11 dos casos de câncer apresentaram sinais sugestivos de doença sexualmente transmissível (20%). **Conclusão:** Os resultados revelaram que o sangramento durante relações sexuais pode ser um indicio de alterações no colo do útero e que a idade da perimenopausa e as infecções sexualmente transmissíveis podem aumentar as chances de surgimento de câncer do colo uterino, bem como que

a maioria dos casos em que houve resultado positivo as lesões eram de alto grau, o que evidencia uma demora na procura pelos serviços de diagnóstico.

Palavras-chave: câncer, saúde da mulher, DSTs, carcinoma, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P171>

P-171 – RECONSTRUIR-SE COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: PRÁTICAS DE PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA

Renata Lacerda Marques Stefaisk¹, Denize Cristina de Oliveira¹, Sérgio Corrêa Marques¹, Juliana Pereira Domingues¹, Yndira Yta Machado¹, Jéssica Grativol Aguiar Dias de Oliveira¹, Rômulo Frutuoso Antunes¹, Camila Laporte Almeida de Souza¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Renata Lacerda Marques Stefaisk

E-mail: renata_350@hotmail.com

Introdução: O aumento da expectativa de vida da população com vírus da imunodeficiência humana traz à tona novas questões de saúde, a exemplo das práticas relacionadas à sua qualidade de vida. **Objetivo:** Identificar na literatura as práticas de promoção da qualidade de vida realizadas por pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Revisão sistemática de literatura realizada nas bases de dados LILACS, BDENF e MEDLINE com inclusão de artigos publicados entre 2010 e 2020. Foram analisados oito estudos quanto a variáveis específicas e aos seus resultados em termos de práticas de promoção da qualidade de vida. **Resultados:** Foram construídas cinco categorias: 1. Movimento de resignificação de si e da vida: mudanças na autoimagem e na percepção de mundo, 2. Práticas relacionadas ao serviço de saúde que influenciam a qualidade de vida, 3. Incorporação de hábitos de vida mais saudáveis, 4. Manutenção de atividades cotidianas, 5. Práticas sociais que influenciam a qualidade de vida. Após o diagnóstico ocorre uma transição vivenciada em nível individual e coletivo que engloba um movimento de adaptação e resignificação de vida, além da busca pela normalidade possível para as suas atividades de vida cotidiana. Tal processo perpassa pela reorganização do ser, das relações e da vida em sociedade e é fundamental para que o grupo seja capaz de se organizar e realizar práticas em prol da sua qualidade de vida, as quais incluem a adesão ao tratamento, à prática de atividade física e de lazer, à realização de uma alimentação equilibrada e à manutenção de atividades cotidianas, como práticas religiosas e atividades laborais. **Conclusão:** O movimento de reconstrução pessoal e social após o diagnóstico permite a realização de práticas de promoção da qualidade de vida por parte desse grupo.

Palavras-chave: HIV, aids, qualidade de vida, saúde coletiva.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P172>

P-172 – CARACTERIZAÇÃO DA SÍFILIS GESTACIONAL NO ESTADO DE SERGIPE ENTRE OS ANOS DE 2009 A 2019

Beatriz Santos Pereira¹, Cris Magna dos Santos Oliveira¹, Marcus Valerius da Silva Peixoto¹

¹Universidade Federal de Sergipe

Apresentador: Beatriz Santos Pereira

E-mail: beatrizsantos199713@outlook.com

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível que acomete diversos órgãos. Nas gestantes, se não identificada e tratada precocemente, pode trazer diversos malefícios para a mulher e o feto. **Objetivo:** Analisar as características sociodemográficas de gestantes acometidas por sífilis no estado de Sergipe entre os anos de 2009 a 2019. **Métodos:** Trata-se de um estudo ecológico, descritivo de natureza quantitativa, utilizando dados secundários referente ao período de 2009 a 2019. As variáveis analisadas foram: faixa etária, cor/raça, idade gestacional e classificação clínica. **Resultados:** Foram identificados 3.568 casos, demonstrando o crescente número nos anos de 2012, 2015, 2017 e 2018, possuindo o último a maior taxa de incidência. No tocante à idade, observamos que a população com idade entre 20 a 29 anos apresenta a maior incidência, com um percentual de 49,55% dos casos. No quesito cor/raça, observamos uma maior prevalência em mulheres pardas (considerando pretas e pardas), apresentando o índice de 2.484 (69,62%) casos. Observa-se também uma maior prevalência da sífilis em mulheres que se encontram no segundo e terceiro trimestre da gestação – durante esses dez anos, 2.623 (75,51%) gestantes nos períodos gestacionais supracitados foram diagnosticadas. No entanto, mesmo após esses dados sabemos que o teste rápido e/ou Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas na gestação ainda é preconizado apenas no primeiro e no terceiro trimestre. A maioria das gestantes que são acometidas por essa patologia se apresentam no estágio de sífilis latente (2.574 casos), ou seja, muitas não sabem que estão com a doença. **Conclusão:** Foi observado que o estado de Sergipe apresentou um aumento de sífilis gestacional na década analisada.

Diante dessa situação destaca-se o papel dos profissionais que atuam principalmente em atenção primária para educação em saúde, oferta de preservativos, detecção, busca ativa do parceiro, tratamento e notificação adequada, garantindo um pré-natal de qualidade e diminuindo a disseminação dessa patologia.

Palavras-chave: sífilis, epidemiologia, enfermeiras, doença sexualmente transmissível.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P173>

P-173 – CAN THE THERAPEUTIC PROTOCOL RECOMMENDED FOR GONOCOCCAL INFECTION BE AFFECTED BY THE COVID-19 PANDEMIC?

Maria Luiza Scardua Pereira¹, Sarah Santos Gonçalves¹, Creuza Rachel Vicente¹, Carolina Salume Xavier¹, Bárbara Ellen Santos Carvalhais¹, Kenia Valeria Santos¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

Apresentador: Kenia Valeria Santos

E-mail: keniavaleria@gmail.com

Introduction: The World Health Organization has warned of antibiotics misuse in the COVID-19 pandemic. Currently, the clinical management protocol for patients with suspected or confirmed SARS-CoV-2 infection includes the use of empirical antibiotic therapy only for the treatment of bacterial pneumonia in patients admitted with severe acute respiratory syndrome. This protocol includes ceftriaxone, azithromycin, piperacillin/tazobactam, vancomycin, and meropenem. In Brazil, ceftriaxone 500 mg plus azithromycin 1 g is the recommended treatment regimen for mild and moderate anogenital gonococcal infection. The high consumption of these drugs for the treatment of COVID-19 may impact antimicrobial resistance, interfering with the treatment protocol for gonorrhea and other sexually transmitted infections. **Objective:** This study aims to describe the ceftriaxone and azithromycin dispensing before the COVID-19 pandemic and throughout 2020. **Methods:** Data of azithromycin and ceftriaxone dispensing in 2018, 2019, and 2020 were collected by MV2000i system at the central pharmacy of a reference hospital for the treatment of COVID-19, in Grande Vitória, Espírito Santo, Brazil. Data from cases of COVID-19 were obtained on the website of the Government of the State of Espírito Santo. **Results:** We observed an increase in azithromycin and ceftriaxone dispensing at the beginning of the pandemic compared to previous years. Azithromycin returns to previous levels from August 2020, but ceftriaxone remains with increased discharge until December. The annual accumulated azithromycin in 2018, 2019, and 2020 was 447, 590, and 1,866 units of 500 mg ampoule vial ($p=0.007$), respectively. For ceftriaxone, the annual cumulative was 8,299, 9,098, and 18,209 units of 1 g ampoule vial ($p<0.0001$) in the respective years. **Conclusion:** There was an increase in ceftriaxone and azithromycin dispensing in 2020. Surveillance of the antimicrobial susceptibility of *Neisseria gonorrhoeae* should be a priority to ensure the efficacy of the recommended therapeutic regimen for uncomplicated anogenital gonococcal infection.

Keywords: antibiotics, COVID-19, gonorrhea, ceftriaxone, azithromycin.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P174>

P-174 – INTENSIFICAÇÃO DA SUBNOTIFICAÇÃO DE CASOS DE SÍFILIS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Juliane Andrade¹, Ana Paula Rabelo Chaves¹, Daniela Mendes dos Santos Magalhaes²

¹Universidade de Brasília

²Secretaria do Estado de Saúde do Distrito Federal

Apresentador: Juliane Andrade

E-mail: juenf_andrade@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível sistêmica, crônica, curável e exclusiva do ser humano. A transmissão ocorre principalmente por contato sexual. Todavia, também pode ser transmitida verticalmente para o feto durante a gestação de uma mulher com sífilis não tratada ou tratada de forma inadequada. Configura-se como um grave problema de saúde pública, afetando a saúde e a qualidade de vida das pessoas. Em todo território nacional, foi instituída a notificação compulsória de sífilis congênita por meio da Portaria n. 542, de 22 de dezembro de 1986, a de sífilis em gestantes, por meio da Portaria n. 33, de 14 de julho de 2005, e a de sífilis adquirida, por intermédio da Portaria n. 2.472, de 31 de agosto de 2010. **Objetivo:** Descrever como a pandemia de COVID-19 intensificou a subnotificação da sífilis adquirida. **Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo elaborado por pesquisas na base de dados públicos de notificação de sífilis adquirida no ano de 2019 a 2020 no Distrito Federal, disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. **Resultados:** Em 2019 foram notificados 1.954 casos de sífilis adquirida no Distrito Federal. Em 2020 foram notificados apenas 898 casos. Essa brusca diminuição segue uma tendência nacional, visto que no Brasil,

em 2019, foram notificados 152.915 e, em 2020, os dados preliminares apontam apenas 49.154. **Conclusão:** Com a reorganização dos serviços de Atenção Primária à Saúde para enfrentamento do novo coronavírus, houve uma diminuição da oferta de testes sorológicos para infecções sexualmente transmissíveis. A intensificação da subnotificação da sífilis adquirida demonstra que, durante o período analisado, houve falha na detecção de novos casos, o que prejudica as ações de enfrentamento dessa infecção sexualmente transmissível em razão da falta de dados fidedignos para o planejamento de ações efetivas de controle do agravo, especialmente no contexto da pandemia.

Palavras-chave: coronavírus, sífilis, notificação de doenças.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P175>

P-175 – PREVALÊNCIA E GENOTIPAGEM DE PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM MULHERES QUE FAZEM SEXO COM MULHERES

Mariana Alice de Oliveira Ignacio¹, Thayna Santos Buesso¹, Julia Andrade Pessoa Morales¹, Giovana Fernanda Cosi Bento¹, Marcia Guimarães da Silva¹, Marli Teresinha Cassamassimo Duarte¹

¹Universidade Estadual Paulista

Apresentador: Mariana Alice de Oliveira Ignacio

E-mail: mariana.alice@unesp.br

Introdução: A infecção pelo papilomavírus humano entre as mulheres que fazem sexo com mulheres ainda é pouco conhecida e escassos estudos apoiam a transmissão sexual entre essa população. **Objetivo:** Descrever a prevalência e genotipagem de infecção pelo papilomavírus humano entre mulheres que fazem sexo com mulheres. **Métodos:** Estudo descritivo que incluiu 110 mulheres que declararam fazer sexo com mulheres nos últimos 12 meses, maiores de 18 anos e residentes no interior de São Paulo. Os dados foram obtidos por entrevista e exame físico ginecológico entre janeiro de 2019 e janeiro de 2020. A pesquisa e genotipagem para o papilomavírus humano foi realizada pelo Kit XGEN MULTI HPV CHIP, que possibilita a identificação de 35 genótipos, sendo os de alto risco (16, 18, 26, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 53, 56, 58, 59, 66, 68, 73 e 82) e baixo risco (6, 11, 40, 42, 43, 44, 54, 55, 61, 62, 67, 69, 70, 71, 72, 81 e 84). Os dados foram analisados por estatística descritiva. A pesquisa recebeu parecer favorável do comitê de ética local (parecer n. 3.009.410). **Resultados:** A maioria das participantes se autodeclarava branca (73,6%), não vivia com parceiras (86,4%), recebia penetração vaginal (92,7%) e fazia uso inconsistente de preservativo nas relações sexuais (89,1%). Aproximadamente um terço delas referiu troca de parcerias sexuais nos três meses que antecederam a coleta de dados (32,7%). A prevalência geral de papilomavírus humano foi de 56,4% e os genótipos de alto risco encontrados foram 16,18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, 58, 68, 73, 82, e de baixo risco 6, 11, 40, 42, 43, 44, 54, 55, 61, 62, 67, 70, 71, 72, 81. **Conclusão:** mulheres que fazem sexo com mulheres possuem altas prevalências de papilomavírus humano, com destaque para os genótipos de alto risco encontrados, demonstrando sua vulnerabilidade aos agravos relacionados ao papilomavírus humano.

Palavras-chave: HPV, homossexualidade feminina, IST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P176>

P-176 – O APOIO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO NO PROJETO SÍFILIS NÃO!

Chyrlly Elidiane de Moura¹, Vania Priamo¹, Carlos Alberto Pereira Oliveira¹, Ricardo Alexandro de Medeiros Valentim¹

¹Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Chyrlly Elidiane de Moura

E-mail: chyrlly.moura@lais.huol.ufn.br

Introdução: Durante os anos de 2018 e 2020, foi desenvolvido no âmbito de 72 municípios a Estratégia do Apoio de Pesquisa e Intervenção do Projeto Sífilis Não!. Esse surgiu a partir da necessidade de implementar ações estratégicas para o enfrentamento desse agravo considerado, mundialmente, um problema de saúde pública. **Objetivo:** O principal objetivo é a redução da sífilis adquirida e em gestantes, eliminar a sífilis congênita e constituir uma resposta integrada e colaborativa entre os pontos da rede de atenção, especialmente a Atenção Primária à Saúde. Para a eleição dos municípios prioritários, foi criado um índice composto englobando diversos indicadores, entre eles a taxa de incidência de sífilis congênita em menores de um ano e a de mortalidade perinatal, além de critérios populacionais. **Resultados:** Foram identificados 100 municípios que representam 31% da população brasileira em todas as regiões do país. A estratégia foi desenvolvida com 72 municípios prioritários 1 e 2, conforme critérios. O perfil das pessoas selecionadas exigia experiência no campo da Atenção Primária à Saúde, Vigilância à Saúde, Infecções Sexualmente Transmissíveis e organizações não governamentais para atender aos quatro eixos do projeto: educação, vigilância em saúde, cuidado integral, gestão e governança. Nesse contexto, o trabalho

começa a ser desenvolvido a partir de problemas previamente elencados, surgindo novos frente a realidade de cada lugar, destacando-se: ineficiência de processos de educação permanente, não inclusão da temática em espaços de governança, falta de articulação entre os instrumentos de gestão, irregularidade de oferta de testes não treponêmicos, ausência de política de educomunicação. **Conclusão:** Para o desenvolvimento dessas ações, o apoiador de pesquisa e intervenção foi ator estratégico. Entre os resultados se destacam a implantação de comitês/câmaras técnicas de prevenção da transmissão vertical, treinamento de profissionais quanto ao protocolo estabelecido e, principalmente, o manejo da sífilis na Atenção Primária à Saúde, além de ações comunicação para populações específicas.

Palavras-chave: sífilis, política, atenção à saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P177>

P-177 – AVANÇO NO ENFRENTAMENTO A SÍFILIS COM APOIO DO PROJETO SÍFILIS NÃO! EM SÃO LUÍS, MARANHÃO

Alessandra Coelho Vivekananda Meireles¹, Lívia Cristina Sousa¹, Wendel Alencar de Oliveira¹, Dorília Maria da Silva de Sousa Fernandes¹, Silvana Mendes Costa¹, Marconi Relner Mesquita Viana¹, Silvana de Jesus Gaspar Costa¹, Sione Macedo da Cunha¹, Ana Cristina Brandão Machado¹, Francelena de Sousa Silva¹

¹Secretaria Municipal de Saúde

Apresentador: Alessandra Coelho Vivekananda Meireles

E-mail: alessandravcm30@gmail.com

Introdução: O município de São Luís (MA) possui como meta a redução da transmissão vertical da sífilis congênita para o patamar adotado pelo Ministério da Saúde, de 0,5 casos para cada mil nascidos vivos, sendo necessários esforços conjuntos da gestão, profissionais de saúde e comunidade. O Projeto Sífilis Não! desde 2018 veio somar esforços com estratégias a nível gestão e sensibilização dos profissionais. **Objetivo:** Descrever a epidemiologia da sífilis em gestante, congênita e adquirida, em São Luís de 2013 a 2019. **Métodos:** A fonte utilizada foram casos registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação de 2013 a 2019. As definições de casos de sífilis adotadas são as preconizadas pelo Ministério da Saúde e Nota Informativa n. 2 — SEI/2017 — DIAHV/SVS/MS. **Resultados:** A taxa de incidência de sífilis em gestante em São Luís manteve-se crescente nos últimos sete anos: em 2013 eram 5,13/1000 nascidos vivos, atingindo 28,08/1000 nascidos vivos em 2018, correspondendo a um aumento percentual de 449,9%. Entre 2018 e 2019, houve redução de 20,2%. Dos casos de sífilis congênita, em 2013, a taxa era de 7,19/mil nascidos vivos, atingindo 13,71/mil nascidos vivos em 2018. De 2018 a 2019, houve redução de 41,87%. No período de 2013 a 2019 foram notificados 2.114 casos de sífilis adquirida. Nos últimos sete anos, foi verificado aumento nessa taxa. Em 2013 era de 5,31/100 mil/habitantes e, em 2018, foi de 57,9/100 mil/habitantes. No período de 2013 a 2019 foi declarado no Sistema de Informação de Mortalidade 11 óbitos por sífilis em crianças menores de um ano; de 2013 a 2016, houve redução no coeficiente bruto de mortalidade infantil por sífilis de 29,02/100 mil nascidos vivos em 2013 para 12,56/100 mil nascidos vivos em 2016, evidenciando uma possível subnotificação nos óbitos por sífilis. **Conclusão:** É necessária uma rede organizada e qualificada no cuidado para que o controle e manejo da sífilis sejam eficazes, sobretudo na atenção pré-natal. O município de São Luís tem se destacado nas estratégias.

Palavras-chave: epidemiologia, sífilis, monitoramento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P178>

P-178 – PRECISAMOS FALAR DE EDUCAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIAS NA SAÚDE: UM ESTUDO SOBRE A SÍFILIS EM CURSOS AUTOINSTRUCIONAIS ABERTOS A PARTIR DE PLATAFORMAS VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Kaline Araújo¹, Deyse Moura¹, José Bidarra², Célia Araújo³, Juciano Lacerda¹

¹Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²Universidade Aberta de Portugal

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Kaline Araújo

E-mail: kaline.sampaio@lais.huol.ufrn.br

Introdução: A oferta de cursos autoinstrucionais por meio de *e-learning* proporciona agilidade e flexibilidade na formação continuada de profissionais do Sistema Único de Saúde, bem como da população em geral. Plataformas de educação mediada por tecnologias podem ser ferramentas imprescindíveis na luta contra o avanço da sífilis, considerada um grave problema de saúde pública no mundo. **Objetivo:** Realizar um levantamento da oferta de cursos autoinstrucionais disponibilizados em plataformas virtuais abertas de educação em saúde que tratam do tema sífilis no que diz respeito à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento,

visando à capacitação de profissionais de saúde pública ou da população em geral. **Métodos:** Estudo descritivo realizado por meio de pesquisa de palavras-chave relacionadas à sífilis e a infecções sexualmente transmissíveis em plataformas abertas de educação a distância em saúde. **Resultados:** Das seis plataformas pesquisadas, três possuem cursos autoinstrucionais mediados por tecnologias com o tema central sífilis: Telelab (um curso — testes diagnósticos da sífilis), Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (um curso — prevenção, diagnóstico e controle de sífilis e outras infecções sexualmente transmissíveis) e Ambiente Virtual de Aprendizagem do Sistema Único de Saúde (21 cursos — prevenção, diagnóstico e tratamento da infecção). Também três plataformas apresentam cursos sobre infecções sexualmente transmissíveis que abordam a sífilis como subtema: Telelab (1 curso — testes rápidos), Campus Virtual da Fiocruz (um curso — Atenção à Saúde no sistema prisional) e Ambiente Virtual de Aprendizagem do Sistema Único de Saúde (sete cursos — prevenção, diagnóstico e tratamento). Campus virtual da Organização Pan-Americana de Saúde e OpenWho não apresentaram resultados. **Conclusão:** Conclui-se que o tema sífilis ainda não é tratado em grande abrangência por plataformas virtuais de educação aberta em saúde. Observa-se que a execução do Projeto Sífilis Não! fomentou a produção de recursos educacionais abertos sobre a infecções sexualmente transmissíveis, o que reforça a necessidade de políticas públicas específicas para doenças negligenciadas como a sífilis.

Palavras-chave: educação a distância, sífilis, IST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P179>

P-179 – O TIPO DE PARCERIA SEXUAL SE ASSOCIA COM A CANDIDÍASE VULVOVAGINAL NAS MULHERES?

Mariana Alice de Oliveira Ignacio¹, Giovanna Donegá Capovilla¹, Thayna Santos Buesso¹, Julia Andrade Pessoa Moraes¹, Marcia Guimarães da Silva¹, Marli Teresinha Cassamassimo Duarte¹

¹Universidade Estadual Paulista

Apresentador: Mariana Alice de Oliveira Ignacio

E-mail: mariana.alice@unesp.br

Introdução: A candidíase vulvovaginal entre mulheres que fazem sexo com mulheres é pouco estudada e escassos estudos apontam associação com número de parcerias sexuais no último ano e identidade bissexual. **Objetivo:** Estudar a associação entre o tipo de parceria sexual e candidíase vulvovaginal. **Métodos:** Estudo transversal que incluiu 330 mulheres, divididas em dois grupos – 110 mulheres que fazem sexo com mulheres e 220 mulheres que declararam sexo exclusivamente com homens –, maiores de 18 anos e residentes no interior do estado de São Paulo, captadas por chamada nos vários meios de comunicação digital, cartazes e panfletos. Dados obtidos de janeiro de 2019 a janeiro de 2020, por aplicação de questionário, instrumentos validados Alcohol Use Disorder Identification Test e Self Report Questionnaire e exame ginecológico e analisados por ajuste de modelo de regressão múltipla de Cox. Candidíase vulvovaginal foi diagnosticada na presença de blastoconídeos e/ou pseudo-hifas em esfregaço vaginal corado pelo método de Gram. Projeto aprovado pelo comitê de ética local (parecer número 3.320.951). **Resultados:** A mediana de idade e de anos de estudo concluídos das mulheres foi de 25 anos (18–50) e 15 anos (7–24), respectivamente, 75,5% se autodeclararam brancas, 81,2% não viviam com parceria, 25,2% trocaram de parceria nos últimos três meses e apenas 19,1% faziam uso consistente de preservativo. A prevalência geral de candidíase vulvovaginal foi de 9,7% (mulheres que fazem sexo com mulheres=10,0%, mulheres que fazem sexo com homens=9,5%). O tipo de parceria sexual não se associou independentemente da candidíase vulvovaginal [razão de prevalência = 0,95 (intervalo de confiança 95% 0,45–2,01), p=0,912], entretanto a maior escolaridade foi fator de proteção [razão de prevalência = 0,86 (intervalo de confiança 95% 0,76–0,96), p=0,011] e troca de parceria nos últimos três meses aumentou a prevalência de candidíase vulvovaginal [razão de prevalência = 2,45 (intervalo de confiança 95% 1,21–4,93), p=0,012]. **Conclusão:** O estudo sugere necessidade de educação em saúde, especialmente para aquelas mulheres com múltiplas parcerias sexuais e menor nível de escolaridade.

Palavras-chave: candidíase vulvovaginal, mulheres, homossexualidade feminina.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P180>

P-180 – SAÚDE SEXUAL DA POPULAÇÃO LGBT+ VIVENDO COM E SEM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Emerson Brito¹, Thayane Dornelles¹, Eliana Wendland¹

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Apresentador: Emerson Brito

E-mail: emerson-brito@hotmail.com

Introdução: A pandemia de COVID-19 impactou diretamente toda a população mundial, incluindo mudanças no comportamento sexual. A população LGBT+ é afetada de maneira desproporcional pela pandemia. **Objetivo:** Avaliar características do comportamento sexual da

população LGBT+ vivendo com e sem vírus da imunodeficiência humana durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. **Métodos:** Estudo transversal realizado entre setembro e outubro de 2020. Os participantes foram recrutados por meio de uma amostragem por conveniência, sendo convidados a responder um questionário online com questões sobre comportamento sexual divulgado por redes sociais e sites direcionados à população LGBT+ maior de 18 anos. **Resultados:** A amostra foi composta de 623 participantes (58,7% gays, 15,5% lésbicas, 21,5% bissexuais), entre os quais 57 (9,1%) referiram diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana. O uso de aplicativo de relacionamento foi maior entre as pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana (94,1%) comparado com pessoas sem vírus da imunodeficiência humana (84,4%) ($p=0,04$). Uma maior redução no uso dos aplicativos nos primeiros meses de pandemia foi observada em indivíduos sem vírus da imunodeficiência humana (52,3% versus 30,3%, $p=0,03$). Embora no geral tenha havido uma diminuição importante no número de relações sexuais, não houve diferença entre os grupos (60,8% com vírus da imunodeficiência humana versus 57,9% sem vírus da imunodeficiência humana, $p=0,86$), assim como no uso de preservativos. Entretanto, foi observada uma diminuição do número médio de parceiros casuais nesse período de 14 para 5 e de 4 para 2 entre pessoas vivendo com e sem vírus da imunodeficiência humana, respectivamente. **Conclusão:** A pandemia de COVID-19 impactou de forma importante no comportamento sexual da população LGBT+, com diminuição do número de parceiros casuais e aumento de uso de aplicativos de relacionamento, especialmente na população LGBT+ vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Políticas de saúde voltadas a essa população para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis são fundamentais e precisam ser mantidas e intensificadas durante a pandemia.

Palavras-chave: gênero, saúde sexual, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P181>

P-181 – INCIDÊNCIA DE COVID-19 EM PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Davi Oliveira Teles¹, Cicero Mendes Siqueira¹, Raquel Alves de Oliveira¹, Samila Gomes Ribeiro¹, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Purdenciana Ribeiro de Menezes², Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Secretaria da Administração Penitenciária do Ceará

Apresentador: Davi Oliveira Teles

E-mail: daviteles2155@gmail.com

Introdução: É fato que a prevalência de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana entre pessoas privadas de liberdade é preocupante no Brasil. Dito isso, a emergência da pandemia de COVID-19 trouxe novas vulnerabilidades a essa população. **Objetivo:** Identificar a incidência de COVID-19 nas pessoas privadas de liberdade vivendo com vírus da imunodeficiência humana e avaliar a associação entre a presença de sintomas de COVID-19 e a infecção por vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Trata-se de um estudo seccional realizado em 14 unidades prisionais cearenses em setembro e outubro de 2020. A população do estudo foram todos os prisioneiros com alguma comorbidade relacionada à infecção por SARS-Cov-2 e a amostra foi composta de todos os 46 prisioneiros soropositivos. Os dados foram coletados de formulários clínicos utilizados na triagem dos prisioneiros para realização de testes rápidos de COVID-19. A análise foi feita pelo Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 20. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer n. 3.921.161. **Resultados:** Entre 46 prisioneiros soropositivos para vírus da imunodeficiência humana, todos eram homens com menos de 60 anos. Quanto às associações entre o vírus da imunodeficiência humana e à presença de sintomas de COVID-19, a soropositividade apresentou significância ($p=0,036$), com a ocorrência de sintomas de COVID-19 em 12 (26,1%). Entre os sintomáticos, sete (15,2%) apresentaram sintomas respiratórios e um (2,2%) apresentou febre; os demais tiveram outros sintomas relevantes. Nenhum prisioneiro com vírus da imunodeficiência humana testou positivo para COVID-19, contudo dois (4,3%) soropositivos entraram em tratamento para a doença e um (2,2%) foi internado em Unidade de Terapia Intensiva. Não houve casos letais entre prisioneiros com vírus da imunodeficiência humana no momento pesquisado. **Conclusão:** A partir das vulnerabilidades associadas ao encarceramento e à infecção por vírus da imunodeficiência humana, torna-se necessário rígido acompanhamento desse grupo nas prisões para evitar contaminações descontroladas entre os prisioneiros e prevenir agravos na população com comorbidades, com o destaque às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana indicado nesta pesquisa.

Palavras-chave: infecções por coronavírus, infecções por HIV, prisioneiros.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P182>

P-182 – SERVIÇO AMBULATORIAL ESPECIALIZADO, ESPAÇO DE CUIDADO: RESSIGNIFICANDO OS SENTIDOS DA RETENÇÃO

Norma Noguchi¹, Sophia Rabelo¹, Marina Abe¹, Svetelania Ferreira¹, Lauricy Madi¹

¹Serviço de Assistência Especializada em HIV/AIDS Marcos Lottemberg

Apresentador: Lauricy Madi

E-mail: normaon@hotmail.com

Introdução: Segundo o Sistema de Controle Logístico de Medicamentos (2020), havia cerca de 4.900 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids em terapia antirretroviral, e aproximadamente 10% encontrava-se em abandono de tratamento em um Serviço Ambulatorial Especializado em infecções sexualmente transmissíveis/aids localizado na região norte do município de São Paulo (SP). Sabendo da importância da redução da taxa de abandono e pensando na meta mundial 90/90/90, a Coordenadoria Municipal de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids de São Paulo contratou uma agente de retenção para compor e auxiliar a equipe multiprofissional da unidade na busca ativa, monitoramento e mudança deste cenário. **Objetivo:** Repensar e ampliar estratégias para retenção das PVHA matriculadas em um Serviço Ambulatorial Especializado do município de São Paulo. **Métodos:** Foram identificados os pacientes que não retiravam os antirretrovirais há mais de 100 dias. Realizado busca ativa desses, que foram monitorados e convocados via WhatsApp ou via telefônica. No comparecimento ao Serviço Ambulatorial Especializado, a reaproximação foi realizada por uma consulta farmacêutica acompanhada pela agente de prevenção. Os prontuários desses pacientes foram identificados com fitas adesivas tarjadas para facilitar o monitoramento. **Resultados:** Após as convocações e consultas farmacêuticas, 55% estão em tratamento regular no Serviço Ambulatorial Especializado. Cerca de 90% dos contatos com sucesso foram realizados via WhatsApp. Entre os motivos de abandono, a maioria relatou problemas familiares e de saúde mental. Verificou-se por parte de alguns pacientes um movimento inquietante de volta à situação de abandono após primeira reaproximação. **Conclusão:** A busca ativa com convocação via WhatsApp resultou em uma estratégia exitosa, reforçando a importância do investimento em insumos que facilitem este processo. Verificou-se que ações isoladas em apenas um setor e centradas no tratamento medicamentoso não garantem a retenção. Evidenciou-se também a importância da adoção de tecnologias leves, de modo a promover um espaço de cuidado e ressignificação do tratamento. Para tal, é fundamental ampliar e criar novas estratégias que resultem no atendimento das necessidades de saúde da PVHA.

Palavras-chave: estratégias, monitoramento, aids, tratamento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P183>

P-183 – FATORES ASSOCIADOS À NEISSERIA GONORRHOEAE E CHLAMYDIA TRACHOMATIS EM HOMENS COM CORRIMENTO URETRAL EM UM SERVIÇO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Kleybson Samuel Melo de Andrade¹, Valdir Monteiro Pinto², Mariza Vono Tancredi², Carla Gianna Luppi², Roberto José Carvalho da Silva²

¹Centro Universitário das Américas

²Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS da Secretaria da Saúde do Governo do Estado de São Paulo

Apresentador: Kleybson Samuel Melo de Andrade

E-mail: kleybonsamuel@gmail.com

Introdução: *Neisseria gonorrhoeae* e *Chlamydia trachomatis* são as infecções sexualmente transmissíveis bacterianas mais prevalentes no mundo. Uretrites apresentam-se com corrimento de características variáveis e, quando não tratadas, podem gerar morbidades. Sua incidência está aumentando em todo o mundo. Os principais fatores de risco são: jovens, uso irregular de preservativos, múltiplas parcerias sexuais, antecedente de infecções sexualmente transmissíveis e baixo nível socioeconômico. **Objetivo:** Identificar os agentes etiológicos das uretrites em homens com corrimento. **Métodos:** Estudo de corte transversal em homens com corrimento uretral, maiores de 18 anos, entre outubro de 2018 e julho de 2020. Colhidos 20 ml de urina do primeiro jato para reação em cadeia da polimerase de *Neisseria gonorrhoeae/Chlamydia trachomatis*. Foram consideradas variáveis dependentes gonorreia e clamídia, e aplicou-se também um questionário estruturado. Foi utilizado programa estatístico STATA 10.0 para a análise de dados e associações. Aprovado pelo comitê de ética e pesquisa. **Resultados:** No total de 102 homens, observaram-se prevalências de *Neisseria gonorrhoeae* e *Chlamydia trachomatis* de 80,4% e 16,7%, respectivamente. A associação positiva com infecção por *Neisseria gonorrhoeae*: idades 25 a 29 anos [odds ratio ajustado (ORaj)=18,8 (intervalo de confiança 95% 1,6–21,1)], 19 a 24 anos [ORaj=9,5 ((intervalo de confiança 95% 1,1–18,5)] e 30 a 39 anos [ORaj=8,8 ((intervalo de confiança 95% 1,1–12,1)], cor parda [ORaj=31,5 ((intervalo de confiança 95% 1,5–62,2)], apresentar corrimento abundante [ORaj=10,2 ((intervalo de confiança 95% 2,6–19,2)] e apresentar status sorológico positivo para o vírus da imunodeficiência humana [ORaj=5,2 ((intervalo de confiança 95% 4,9–15,6)]. A associação positiva com infecção por *Chlamydia trachomatis*: idades entre 30 e 39 anos [ORaj=23,7 ((intervalo de confiança 95% 1,1–14,2)], raça/cor preta [ORaj=21,5 ((intervalo de confiança 95% 2,0–22,9)], indígena [ORaj=13,4 ((intervalo de confiança 95% 2,1–15,7)], ter parceiro sexual homem cisgênero [ORaj=5,4 ((intervalo de confiança 95% 1,3–11,7)] e apresentar

corrimento amarelado [ORaj=19,9 ((intervalo de confiança 95% 3,3–28,9)]. **Conclusão:** Há necessidade de políticas públicas para a implantação do diagnóstico etiológico nos serviços para minimizar os riscos de complicações, visto a associação maior em jovens, pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana e não brancos.

Palavras-chave: gonorreia, chlamydia, uretrite, homens, PCR.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P184>

P-184 – O PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍFILIS NO MUNICÍPIO DE VASSOURAS (RJ). ESTRATÉGIAS E DESAFIOS DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO BÁSICA PARA PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA SÍFILIS

Elisângela do Nascimento Fernandes Gomes¹, Thainá Souza Silva¹, Thais Maria Niemeyer da Rocha Monsores², André Luiz Vasconcelos Vargas¹, Rubens Vieira Gomes Júnior¹, Danielle Lamom Fernandes¹, Alessandra da Silva Souza¹, Jannaina Sther Leite Godinho Silva¹, Brenda Cortes da Silva¹, Vitória Aciolly Pessoa¹

¹Universidade de Vassouras

²Secretaria Municipal de Saúde

Apresentador: Elisângela do Nascimento Fernandes Gomes

E-mail: elisangelavass@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis é uma infecção bacteriana sistêmica, crônica e curável, conhecida há séculos. Nos últimos cinco anos teve um aumento constante da doença. O Ministério da Saúde vem incentivando a ampliação do diagnóstico e tratamento, no entanto, as taxas de morbidade materna, infecção congênita e mortalidade perinatal permanecem altas. **Objetivo:** O estudo teve como objetivo descrever a epidemiologia da sífilis no município de Vassouras (RJ) dos anos de 2016 a 2018. Compreender acerca das ações de promoção e prevenção dessa enfermidade desenvolvida pelos enfermeiros da Atenção Básica de Saúde. **Metodos:** Foi uma Pesquisa de campo, exploratória, descritiva e quantitativa. Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Vassouras, recebeu n. 3.569.360. Realizada nas Estratégias Saúde da Família, participaram 14 enfermeiros. Utilizado um questionário semiestruturado para coleta dos dados. Os dados foram analisados por estatística descritiva e apresentados sobre a forma de gráficos e tabelas. **Resultados:** Houve um declínio da infecção entre os anos 2016 a 2017 e, em 2018, um acentuado crescimento. É predominante no sexo feminino com 60,2%, as faixas etárias prevalente foram: de 15 a 24, com 30,8%, e 30 a 45 anos, com 27,8%. Na zona urbana apresenta a maioria dos casos com 76,7%. A sífilis adquirida permaneceu em maior número nos três anos. Os desafios apontados: preconceito, difícil acesso das unidades na zona rural, tratamento doloroso, levando a baixa adesão. Estratégias relatadas: oferta de testes rápidos, distribuição de preservativos, atividade educativa, busca ativa dos parceiros e abandono. **Conclusão:** Conclui-se que há a necessidade de reorganização, reformulação e no planejamento dos serviços oferecidos à população, para melhorar a assistência de enfermagem e a qualidade do atendimento, tendo como objetivo a adesão da comunidade, tornando efetivas as ações de promoção e prevenção da sífilis para redução dos índices de infecção no município.

Palavras-chave: epidemiologia, sífilis, enfermeiros, atenção básica.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P185>

P-185 – AVALIAÇÃO EPIDEMIOLÓGICO-CLÍNICA DE PESSOAS QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS EM SITUAÇÃO DE RUA COM SINTOMAS RESPIRATÓRIOS SUSPEITOS DE COVID-19 ATENDIDOS POR UM CONSULTÓRIO NA RUA DO SUL DO BRASIL

Ana Amélia Nascimento da Silva BONES¹, Thaise Ferrari², Paula Perusato², Bruno Kras Friderich³, Airtton Teltelbom Stein¹

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

²Residência Médica de Família e Comunidade de Porto Alegre

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Ana Amélia Nascimento da Silva BONES

E-mail: anageriatria@hotmail.com

Introdução: A pandemia da COVID-19 impulsionou diversas pesquisas, entretanto, após um ano, os estudos ainda são escassos em populações vulneráveis, como as que incluem as comunidades-chave das pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids e em situação de rua. Nesse contexto, o serviço de Consultório na Rua em Porto Alegre (RS) questionou-se como se refletiria a pandemia nos seus usuários e, especialmente, nas pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids atendidas. A preocupação com o bem-estar dos pacientes incentivou mudanças no processo de trabalho da equipe que, em vez de restringir os atendimentos durante a pandemia, ampliou os horários de funcionamento e atendeu em modo de livre demanda a fim de orientar sobre as medidas de precaução à

infecção e identificação precoce de casos suspeitos. **Objetivo:** Analisar o perfil das pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids em situação de rua com suspeita de COVID-19 atendidas por um Consultório na Rua em Porto Alegre. **Métodos:** Relato de experiência resultante do monitoramento em Excel das 298 pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids vinculadas ao Consultório na Rua, com 5.332 usuários cadastrados. **Resultados:** Dos pacientes analisados, 30 pacientes com sintomas respiratórios eram portadores do vírus da imunodeficiência humana, 20 realizaram teste RT-PCR, sendo cinco resultados detectáveis para SARS-Cov2 e 15 não detectados. Todos os pacientes com COVID-19 apresentaram carga viral de vírus da imunodeficiência humana não detectável, com CD4 acima de 50. A faixa etária mais acometida foi dos 30-39 anos. Em relação à raça autodeclarada, 53% são brancos, 43% pardos e pretos. A maioria é do sexo masculino (60%) e a população transgênero representa 10% dos atendidos. Dentro da população avaliada, apenas 40% apresentou carga viral de vírus da imunodeficiência humana não detectável e 33% dos pacientes tinha CD4 menor que 350 nos últimos exames feitos. O esquema antirretroviral mais prevalente foi Tenofovir+Lamivudina+Efavirenz, sendo o segundo mais prevalente com Dolutegravir. **Conclusão:** O monitoramento das comunidades-chave é uma ferramenta gratuita que permite a leitura da evolução da epidemia, permitindo planejamento de vacinas, atividades preventivas e aderência ao terapia antirretroviral.

Palavras-chave: vulnerabilidade, HIV, coronavírus, monitoramento, vínculo.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P186>

P-186 – STUDENTS' KNOWLEDGE OF COUNSELING AND TESTING CENTERS AT A UNIVERSITY IN SOUTHWEST GOIÁS

Luis Regagnan Dias¹, Cristiane Campos Marques de Oliveira^{1,2,3}, Nicole Nogueira Cardoso¹, Adriano Brito Sousa¹, Marcos Filipe Bueno Langkammer⁴, Carolina Barbosa Carvalho do Carmo⁴, Fabiana Nunes de Carvalho Mariz^{2,4}, Carla Nunes de Araújo³

¹Universidade de Rio Verde

²Centro de Testagem e Aconselhamento de Rio Verde

³Universidade de Brasília

⁴Universidade Católica de Brasília

Apresentador: Cristiane Campos Marques de Oliveira

E-mail: ccmrques@uol.com.br

Introduction: The Counseling and Testing Centers (CTC) provide public services aimed at the general population, offering access to serological tests for sexually transmitted infections (STI) and various forms of prevention, from the distribution of male condoms to confidential, individual, and anonymous counseling. **Objective:** This study aims to evaluate the knowledge of university students about CTC in the Southwest of the state of Goiás, Brazil. **Methods:** This is a cross-sectional observational study with a descriptive quantitative approach based on information collected through an online form. **Results:** The sample consisted of 120 students, of which 64 (53.3%) are white, 84 (70%) are women, 107 (89.2%) are single, and 88 (73.3%) are from health sciences courses. Sixty-six (55%) participants reported not knowing the CTC and only 7 (5.8%) attended a service at any time in their lives. About the services offered, 70 (58.3%) knew about the free offer of STI tests and 66 (55%) were unaware that the CTC offers individualized prevention strategies. Regarding the medical request, 76 (63.3%) students were unaware that there is no need and 79 (65.8%) were unaware that transvestites and transsexuals can use the social name. After answering the form, 107 (89.1%) participants agreed to seek assistance at the CTC eventually, if needed. **Conclusion:** The majority of students are white, women, single, from the health area, and unaware of the service and activities performed by the CTC. Thus, the study revealed a situation of clear ignorance of university students about CTC in the Southwest of Goiás, demonstrating the need to publicize the service aiming to increase the demand for care in the region.

Keywords: students, STI, epidemiology, knowledge, counseling.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P187>

P-187 – ANÁLISE DE FATORES GESTACIONAIS/ PUERPERAIS EM GESTANTES COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Bruno Diniz Batista¹, Erildo Vicente Muller¹, Camila Marineli Martins¹, Paula de Oliveira Herzinger¹, Felipe Cândia do Nascimento¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa

Apresentador: Bruno Diniz Batista

E-mail: paula.herzinger@hotmail.com

Introdução: Entre 2007 e 2019, as mulheres representaram cerca de 31% dos novos casos de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. Com relação às gestantes, entre os anos de 2000 e 2019, foram notificados ao todo 125.144 novos casos de vírus da imunodeficiência humana/aids, necessitando-se observar quais efeitos esse vírus teria durante uma gestação. **Métodos:** Estudo descritivo, longitudinal e retrospectivo baseado em prontuários físicos e

dados da ficha de notificação de agravo do Sistema de Controle de Exames Laboratoriais de 170 gestantes vírus da imunodeficiência humana positivo que no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2018 utilizaram o Serviço de Assistência Especializada/Centro de Testagem e Aconselhamento no município paranaense de Ponta Grossa. **Resultados:** Ao todo, 96,5% das gestantes realizaram o pré-natal, 58,2% apresentaram evidência laboratorial de infecção antes do pré-natal, 48,8% foram reportadas ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação durante o primeiro trimestre gestacional e 85,9% utilizavam terapia antirretroviral. Percebe-se, também, maior risco para parto cesáreo em pacientes que fizeram uso de terapia antirretroviral durante a gestação e durante o parto e que gestantes em terapia antirretroviral durante a gestação tiveram 1,90 vezes mais chance de evoluir para nascido vivo. **Conclusão:** Esse estudo revela a predominância da realização do pré-natal e do uso de terapia antirretroviral pelas gestantes analisadas. Além disso, aponta para o percentual de gestantes que desconhecem a evidência laboratorial de infecção antes do pré-natal. O maior destaque, contudo, é a insuficiente porcentagem de notificações ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação durante o primeiro semestre gestacional, que contribui para menor efetividade no controle epidemiológico e levantamento de dados realistas para formulação de políticas públicas de qualidade. Portanto, torna-se imperativo a formulação de políticas de saúde que visem assegurar a qualidade da assistência ao pré-natal.

Palavras-chave: HIV, aids, gestantes, pré-natal, puerpério.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P188>

P-188 – INDICADORES DE SÍFILIS: UMA ANÁLISE DO SISPACTO, PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DAS AÇÕES DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE E ATENÇÃO PRIMÁRIA NO MUNICÍPIO DE RAPOSA (MA), 2017–2020

Livia Cristina Sousa¹, José Adailton Roland Diniz¹, Paulo André Melo Oliveira¹, Gláucia de Oliveira Costa¹, Antonia Yara Moreira Lima Silva¹, Alessandra Coelho Vivekananda Meireles², Marconi Relner Mesquita Viana³

¹Secretaria Municipal de Saúde

²Universidade CEUMA

³Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Livia Cristina Sousa

E-mail: livia4dotor@gmail.com

Introdução: A sífilis consiste em importante problema de saúde pública mesmo com fácil acesso de informações e baixo custo de tratamento. **Objetivo:** Analisar os indicadores de sífilis da Atenção Primária, Programa de Qualificação das Ações de Vigilância em Saúde e Sistema Nacional Informatizado para Registro da Pactuação Nacional de Indicadores e Metas (SISPACTO). **Métodos:** Estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa. Foram utilizados dados secundários registrados no banco de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos e e-SUS no período de 2017 a 2020. **Resultados:** De 2017 a 2020, nasceram 1.587 crianças de mães residentes de Raposa. Dados do e-SUS apontam 749 testes rápidos de sífilis em gestantes no período de 2017 a 2020. A taxa de incidência de sífilis congênita passou de 4,0/1.000 nascidos vivos, em 2017, para 2,0/1.000 nascidos vivos, em 2019, evidenciando uma redução. Embora a cobertura de testes rápidos estejam baixa, os dados indicam uma melhora nas ações de vigilância, refletindo na atenção pré-natal, na qual realizaram-se várias intervenções para sua melhoria, tais como: diagnóstico situacional pelo diagrama de SchiKawa, capacitação dos profissionais sobre a testagem, estabeleceu-se fluxos de atendimentos e aplicação dos protocolos, rodas sobre orientação sexual/identidade de gênero, cursos sobre aplicação e efeitos adversos da penicilina, sensibilização quanto à captação precoce das gestantes e parcerias sexuais pelos ACS, cursos sobre preenchimento das fichas e-SUS e investigação de sífilis com critério de definição de caso, implementação do pré-natal do parceiro nas Unidade Básica de Saúde. Além disso, houve apresentação dos indicadores para os profissionais de saúde da ESP/ACS e sensibilização para o seu alcance. Há um processo contínuo de monitoramento e avaliação das produções dos profissionais por meio dos sistemas de informação, sendo importante para mudança do planejamento das ações de saúde. **Conclusão:** O trabalho permitiu uma análise da situação de saúde. Embora não se tenha alcançado os indicadores, essas estratégias foram essenciais para o combate da transmissão vertical. Entende-se que para melhoria desses indicadores é necessário o envolvimento de todos: gestão, profissionais e comunidade.

Palavras-chave: indicadores de saúde, sífilis, gestação, sífilis congênita.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P189>

P-189 – SÍFILIS EM GESTANTES NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE DE 2010–2020

Janmilli da Costa Dantas¹, Francisca Marta de Lima Costa Souza¹, Dhyanine Morais de Lima Raimundo¹, Janine da Costa Dantas², Rayza Régia Medeiros dos Santos de Oliveira³, Aline Fernandes de Araújo⁴, Priscila Aparecida Dantas Lourenço Jácome⁵, Candice Barbosa Militão de Lira⁵, Richardson Augusto Rosendo da Silva¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²SMS de Campo Redondo

³Secretaria de Estado de Saúde Pública

⁴Instituto Federal do Rio Grande do Norte

⁵(Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, Maternidade Escola Januário Cicco da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Janmilli da Costa Dantas

E-mail: janmilli@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis na gestação é um problema de saúde pública, podendo levar a abortamento espontâneo, morte fetal ou neonatal, prematuridade e graves danos à saúde do conceito, como o comprometimento oftalmológico, auditivo e neurológico, além do acometimento da saúde materna. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico dos casos de sífilis em gestantes na região Nordeste do Brasil no período de 2010 a junho de 2020. **Métodos:** Trata-se de um estudo ecológico, quantitativo, utilizando dados secundários disponíveis no site eletrônico do Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde no período de 2010 a junho de 2020. A coleta de dados foi realizada em maio de 2021. **Resultados:** Entre 2010 a junho de 2020, foram registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação 73.056 casos de sífilis em gestantes na região Nordeste do Brasil, sendo o ano de 2018 o de maior detecção, 14.780 casos. Quanto às características das gestantes, 52,1% tinham entre 20-29 anos de idade, 22,2% não havia completado o ensino fundamental e 67,2% declararam-se pardas. Em relação ao período do diagnóstico, 38,9% das gestantes foram diagnosticadas com sífilis no terceiro trimestre gestacional. Em relação à classificação clínica, 32,1% foram diagnosticadas com sífilis primária e 29% tiveram a forma clínica ignorada. No que se refere ao momento de diagnóstico, 44,1% foram diagnosticadas durante o pré-natal e 40% só tiveram o diagnóstico no momento do parto/curetagem. Apenas 6,9% das gestantes com sífilis realizaram o tratamento de forma adequada. **Conclusão:** Apesar das estratégias governamentais implementadas para controle do agravo da sífilis em gestantes, o estado destaca-se com números crescentes. É necessário que ações de diagnóstico precoce no início do pré-natal e instituição do tratamento adequado sejam garantidas, como também medidas direcionadas à prevenção e ao acompanhamento dessa população vulnerável.

Palavras-chave: sífilis, gestação, estudos de prevalência.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P190>

P-190 – TENDÊNCIA TEMPORAL DA AIDS NA POPULAÇÃO MASCULINA DE MATO GROSSO, BRASIL, 2009–2019

Tony José de Souza¹, Júlia Maria Vicente de Assis², Jussara Conceição Santos Pires², Solange da Silva Lima³

¹União das Faculdades Católicas de Mato Grosso

²Universidade Federal de Mato Grosso

³Universidade do Estado de Mato Grosso

Apresentador: Júlia Maria Vicente de Assis

E-mail: tonysouza@hotmail.com

Introdução: A aids é uma doença causada pelo vírus da imunodeficiência humana, que é um retrovírus adquirido principalmente por via sexual (sexo desprotegido) e sanguínea, por meio de objetos perfurocortantes contaminados. **Objetivo:** Analisar a tendência temporal da taxa de detecção da aids na população masculina residente em Mato Grosso, Brasil, 2009-2019. **Métodos:** Estudo ecológico, do tipo série temporal, pautado em dados secundários do censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação. A população do estudo foi composta pela taxa de detecção da aids registrada na população masculina residente em Mato Grosso, 2009 a 2019. Os dados do estudo foram coletados em etapa única, no período compreendido entre 17 e 18 de janeiro de 2021 por meio de acesso ao site do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A estimativa da taxa de detecção de aids foi realizada por meio de estatística descritiva, na qual TDAIDS = total de casos novos de aids registrados na população masculina/população masculina residente em Mato Grosso no período do estudo X 100.000 habitantes. Para realização do estudo obedeceu-se aos dispositivos contidos na Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados:** Ao longo dos anos do estudo, foram registrados 9.233 casos de aids na população masculina, e a taxa de detecção registrada em 2010 era de 23,4/100.000 habitantes, saltando para 26,6/100.000 habitantes em 2015 e 34,2/100.000 habitantes em 2019. **Conclusão:** Os achados evidenciam tendência crescente da taxa de detecção de aids na população masculina residente em Mato Grosso e reforçam a necessidade do enfrentamento da epidemia de aids no estado por meio de ações de promoção a saúde

e prevenção de doenças. Ressalta-se, ainda, a necessidade de políticas de saúde direcionadas à população masculina.

Palavras-chave: incidência, aids, epidemiologia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P191>

P-191 – TRANSMASCULINIDADES E PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E CÂNCER DE COLO UTERINO: CONVOCAÇÕES À ATENÇÃO BÁSICA

William Pereira Santos¹, Alcindo Antônio Ferla²

¹Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: William Pereira Santos

E-mail: pereirasantoswilliam@gmail.com

Introdução: Homens transgêneros têm direito às políticas de saúde para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e câncer cervical. **Objetivo:** Destacar a importância do exame citopatológico no combate ao câncer cervical em homens transgêneros. **Métodos:** Revisão seletiva da literatura no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Pesquisa documental e exploratória com seleção de referências publicadas de 2016 a 2021. **Resultados:** Lesões causadas por papilomavírus humano podem se manifestar normalmente na vulva, na vagina, no pêneo, no colo uterino e no ânus em homens transexuais e pessoas transmasculinas. O Ministério da Saúde orienta o preventivo para pessoas com sexo biológico feminino, entre 24 e 65 anos, independentemente da identidade de gênero, excetuando homens transexuais histerectomizados e/ou quem não iniciou a vida sexual. A população transexual frequentemente não realiza rastreamento do câncer cervical, enfrenta preconceitos culturais e físicos e obstáculos que dificultam a adesão ao rastreio. A Atenção Básica à Saúde deve desenvolver a capacidade de fomentar o acesso, com atendimentos diários, em horário amplo, por equipe multiprofissional. O serviço deve oferecer exames clínicos, tratamento adequado à necessidade individual, orientações sobre como evitar infecções sexualmente transmissíveis, além de incorporar abordagens sociais que permitam iniciativas favoráveis às condições de vida dessas pessoas nos territórios, com processos de cuidado compatíveis com a ideia da integralidade. Entendendo a transexualidade como uma condição de vida, os trabalhadores da saúde devem aprimorar conhecimentos e práticas para qualificar o acesso e o vínculo das pessoas transexuais, garantindo que a Política Nacional de Saúde Integral LGBT seja cumprida. **Conclusão:** A implantação de ações humanizadas à população transexual nos serviços de atenção básica permitiria identificar e acolhê-la nas unidades, mobilizando e monitorando cuidados de prevenção e diagnóstico precoce. A abordagem da problemática numa perspectiva da saúde coletiva permitiria avançar no alcance do direito à saúde e do cuidado integral, conforme determina a legislação brasileira, melhorando os indicadores de saúde da população.

Palavras-chave: atenção básica à saúde, câncer de colo uterino, comportamento sexual.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P192>

P-192 – ABANDONO DO TRATAMENTO DA TUBERCULOSE EM PACIENTES COINFECTADOS POR TUBERCULOSE/VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM PORTO ALEGRE

Samantha Correa Vasques¹, Luciana Silveira Egres¹, Daniela Santos Alves¹, Bruna Hentges¹, Máira Rossetto¹, Vinicius de Souza Casaroto¹, Luciana Barcellos Teixeira¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Daniela Santos Alves

E-mail: dnl.santosalves@gmail.com

Objetivo: Analisar os fatores associados ao abandono do tratamento de tuberculose em pacientes coinfetados por tuberculose/vírus da imunodeficiência humana na capital do Rio Grande do Sul. **Métodos:** Estudo de coorte retrospectiva conduzido com pacientes com coinfecção por tuberculose/vírus da imunodeficiência humana registrados entre 2009 e 2013. Foram coletados dados demográficos, clínicos, ocorrência de internações e óbito, de três bases de dados nacionais distintas que fazem parte do sistema nacional de vigilância em saúde e utilizou-se a técnica de *linkage* de dados. Comparações entre os grupos foram realizadas por meio de teste de homogeneidade de proporções baseado na estatística de qui-quadrado de Pearson ou Fisher para variáveis categóricas, ou teste t de Student ou Mann-Whitney para variáveis quantitativas. A fim de estimar a razão de chances de cada categoria exploratória de variáveis, foi utilizado o modelo de regressão logística. **Resultados:** Mantiveram-se associadas ao desfecho maior idade (*odds ratio*=1,02, intervalo de confiança=1,01–1,03), baixa escolaridade (*odds ratio*=1,50, intervalo de confiança=1,16–1,92), situação de entrada no serviço como reingresso após abandono (*odds ratio*=0,25, intervalo de confiança=0,10–0,63) e histórico de internação por complicações relacionadas a tuberculose/

vírus da imunodeficiência humana (*odds ratio*=1,55, intervalo de confiança=1,22–1,96). **Conclusão:** O abandono de tratamento na capital do Rio Grande do Sul contribui para que o município esteja entre as capitais com um dos maiores índices de tuberculose e de coinfecção por tuberculose/vírus da imunodeficiência humana no Brasil. A situação de entrada no serviço como reingresso após abandono se mostrou um fator de proteção para um novo abandono. As variáveis associadas ao abandono evidenciam os contextos de vulnerabilidade no qual os coinfetados estão inseridos.

Palavras-chave: tuberculose, HIV, coinfecção.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P193>

P-193 – OS DISCURSOS DE RISCO NAS NARRATIVAS DOS USUÁRIOS DE PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO

Otávio Luiz Costa¹

¹Universidade Federal do Paraná

Apresentador: Otávio Luiz Costa

E-mail: otavio2189@gmail.com

Introdução: O presente trabalho possui como finalidade compreender os discursos em torno das noções de risco nas narrativas dos usuários de profilaxia pré-exposição para prevenção a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. Fruto de pesquisa de dissertação, foram entrevistados 11 homens *gays* seguindo um enfoque metodológico qualitativo. **Objetivo:** O objetivo geral é verificar o modo como os usuários de profilaxia pré-exposição avaliam e gerenciam seus riscos de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, bem como averiguar os processos de sujeição e subjetivação desses sujeitos no que tange a prevenção e a seus hábitos e práticas sexuais. **Métodos:** A partir do método genealógico, propostos por Foucault, é possível entender a profilaxia pré-exposição e as práticas de prevenção tanto como produtoras de dispositivos de sujeição, por meio de mecanismos disciplinares e discursos em torno do controle da saúde, quanto de subjetivação, por meio de técnicas de si e de resistência. Seguir uma perspectiva foucaultiana, dentro da pesquisa qualitativa, é compreender o conjunto de dispositivos no qual o sujeito necessariamente está inserido e, a partir dessa rede de poderes, ele é capaz de construir sua subjetividade e emergir enquanto sujeito. **Resultados:** A partir dos resultados obtidos por meio de entrevista semiestruturada é possível afirmar que o sujeito que adere a profilaxia pré-exposição enquanto forma de prevenção aciona um conjunto de discursos em torno da saúde, compreendendo a sua vida sexual enquanto uma prática de risco a sua saúde e conclui que a profilaxia pré-exposição é uma possibilidade de gerenciar seus riscos de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. **Conclusão:** Na narrativa dos entrevistados é possível verificar que a noção de risco é acionada para pensar a sua sexualidade, o modo como lidam com esse campo de suas vidas acionam nesses sujeitos o sentimento de medo da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana/aids e risco a saúde e verificam na possibilidade do uso da profilaxia pré-exposição uma maneira de vivenciar suas práticas sexuais.

Palavras-chave: profilaxia pré-exposição, HIV, risco.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P194>

P-194 – SINAIS SUGESTIVOS DE INFECÇÃO SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL EM MULHERES SUBMETIDAS A EXAME DIAGNÓSTICO DE VAGINOSE BACTERIANA

Juliane Andrade¹, Leticia Nunes Coca dos Santos², Mariana Alice de Oliveira Ignácio³, Rúbica de Aguiar Alencar³

¹Universidade de Brasília

²Organização Social de Saúde Pirangi

³Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Apresentador: Juliane Andrade

E-mail: juenf_andrade@yahoo.com.br

Introdução: A vaginose bacteriana, principal causa de vulvovaginite, é resultado do desequilíbrio da microbiota vaginal, com redução da concentração de bactérias protetoras, aumento do pH e de bactérias patogênicas. Sua presença traz impactos na saúde da mulher e aumenta a suscetibilidade às infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Descrever a presença de sinais sugestivos de infecções sexualmente transmissíveis em mulheres submetidas a exame diagnóstico de vaginose bacteriana. **Métodos:** Estudo transversal realizado por meio da coleta de dados secundários, referentes à requisição do exame citopatológico e do resultado do Gram, exame padrão-ouro no diagnóstico de vaginose bacteriana. Participaram do estudo mulheres que realizaram simultaneamente ambos os exames em Centro de Saúde Escola do interior paulista entre janeiro de 2013 a julho de 2020. Na requisição do exame citopatológico existe um item referente a presença de sinais sugestivos de infecções sexualmente transmissíveis observados durante a avaliação ginecológica, como corrimentos, úlceras, condilomas, entre outros. **Resultados:** A amostra foi constituída de

1.894 mulheres, majoritariamente brancas (88,3%), com idade média de 38 anos, mais de 12 anos de escolaridade (36%) e sem parceria (49,7%). Houve uma prevalência de 30,4% de vaginose bacteriana e a identificação de sinais sugestivos de infecções sexualmente transmissíveis em somente 0,6%. **Conclusão:** Apesar da vaginose bacteriana ser um fator de risco para infecções sexualmente transmissíveis e ter apresentado um percentual relativamente alto, houve uma pequena parcela da amostra que apresentou sinais sugestivos, o que pode ser justificado por dificuldade no preenchimento da requisição, já que o conceito de sinal sugestivo pode ser amplo, por exemplo, corrimento pode ser sugestivo de vaginose bacteriana, que não é uma infecção sexualmente transmissível, mas também de gonorreia, clamídia e doença inflamatória pélvica, além de casos latentes de infecções sexualmente transmissíveis. Diante disso, ressalta-se a importância de incorporar na rotina da consulta ginecológica exames que contribuam para o diagnóstico das infecções sexualmente transmissíveis, como os testes rápidos já disponíveis na rede nacional.

Palavras-chave: vaginose bacteriana, IST, mulheres, sinais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P195>

P-195 – FATORES QUE INTERFEREM NA QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Pedro Paulo Corrêa Santana¹, Marilda Andrade¹, Viviane Saraiva de Almeida¹, Harlon França de Menezes¹, Phelipe Austríaco Teixeira², Thelma Spindola³, Geilsa Soraia Cavalcanti Valente¹, Simone Martins Rembold⁴, Giuliana Fernandes e Silva⁴, Thainá Ferreira Matias⁴

¹Universidade Federal Fluminense

²Fundação Oswaldo Cruz

³Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁴Universidade Anhangüera de São Paulo

Apresentador: Pedro Paulo Corrêa Santana

E-mail: psantana.uff@gmail.com

Introdução: Com a terapia antirretroviral, houve o declínio das taxas de mortalidade e doenças relacionadas ao vírus da imunodeficiência humana/aids, proporcionando longevidade, modificando o perfil epidemiológico expandindo seu público de acometidos e qualidade de vida. **Objetivo:** A partir disso, têm-se como objetivos deste estudo identificar os fatores que influenciam a qualidade de vida de idosos com o vírus da imunodeficiência humana e discutir as formas de enfrentamento dos fatores que afetam a qualidade de vida. **Métodos:** Tratou-se de uma revisão integrativa de literatura, utilizando a estratégia PICO (acrônimo para paciente, intervenção, comparação e desfecho), cuja busca, realizada na Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde, US National Library of Medicine e Cumulative Index to Nursing Allied Health Literature, ocorreu nos dias 21 e 22 de novembro de 2017, como estado da arte do projeto de tese de doutorado. **Resultados:** Nos resultados, foram encontrados 24.122 artigos, dos quais 13 foram selecionados para análise, emergindo duas categorias: fatores que influenciam a qualidade de vida de idosos com o vírus da imunodeficiência humana e formas de enfrentamento dos fatores que afetam a qualidade de vida desses idosos. Os fatores que influenciam a qualidade de vida de idosos com vírus da imunodeficiência humana/aids, com base nos estudos levantados, são a idade, a independência, as preocupações com o sigilo de sua condição diagnóstica, a sintomatologia, o desenvolvimento das atividades sexuais, a preocupação financeira, as comorbidades, a rejeição, a autoimagem negativa, a autodepreciação e a depressão. **Conclusão:** As formas de enfrentamento aos fatores que afetam a qualidade de vida dos idosos com vírus da imunodeficiência humana/aids são o incentivo à prática de atividade física, o uso correto da terapia antirretroviral, a abordagem das doenças crônicas e oportunistas, a avaliação dos determinantes sociais da saúde e o aperfeiçoamento da assistência profissional por meio da educação continuada e permanente.

Palavras-chave: idoso, qualidade de vida, HIV, aids, adaptação psicológica.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P196>

P-196 – UMA ABORDAGEM SOBRE A REALIZAÇÃO DOS EXAMES DE CD4 E CARGA VIRAL NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL

Vitaliano de Oliveira Leite Junior¹, Ana Karoline Moreira¹, Antônia Myllena Franco Xavier¹, Bianca Aline Santos da Silva¹, Jessica Maysa Oliveira Batista¹, Julyeth Oliveira Ferreira¹, Taynara de Jesus Costa Conceição¹, Yuri Sandro Lima de Azevedo¹, Sílvia Cristina Viana Silva Lima¹

¹Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Vitaliano de Oliveira Leite Junior

E-mail: yurisandro11@gmail.com

Introdução: A imunidade é um fator de proteção importante contra a COVID-19, especialmente, em grupos que potencialmente possuem maior risco, como por exemplo, as pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Dessa forma, faz-se necessário o constante monitoramento da saúde das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, pois a diminuição de linfócitos e o aumento da carga viral revela supressão ou depressão imunológica,

deixando as pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana suscetíveis a diversas patologias. **Objetivo:** Analisar a quantidade exames de CD4 e carga viral realizados no período de 2019 a 2021. **Métodos:** Trata-se de uma análise descritiva com abordagem quantitativa. Utilizaram-se informações do painel de monitoramento de dados sobre vírus da imunodeficiência humana dos anos de 2019 a 2021, produzido pelo Ministério da Saúde. **Resultados:** Observou-se que, no ano de 2019, foram realizados 455.542 exames para detecção do grupo de diferenciação CD4 e 919.516 de carga viral, apresentando os meses de maio e março com maior quantitativo, respectivamente. Em 2020, houve queda na realização desses exames, contabilizando 305.921 exames de CD4 e 729.999 de carga viral, havendo maior realização no mês de março. Em 2021, até o mês de fevereiro 50.679 exames para detecção CD4 e 114.850 para detecção de carga viral, sendo o mês de janeiro apresentado com maior quantitativo de testes. **Conclusão:** Nota-se redução no número de exames realizados em 2020 e 2021 em comparação ao ano de 2019; inferem-se consequências e restrições pandêmicas da COVID 19. Esse monitoramento possibilita a adoção de terapias preventivas às infecções oportunistas, busca a efetividade do tratamento e garante a melhor qualidade e expectativa de vida dos pacientes, facilitando o controle epidemiológico do vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: HIV, infecções por HIV, contagem de linfócito CD4.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P197>

P-197 – ESTUDO DE SAZONALIDADE DA DEMANDA E DA POSITIVIDADE DE TESTE NÃO TREPONÊMICO EM UM LABORATÓRIO PRIVADO DO MUNICÍPIO DE NITERÓI/RJ

Vânia Maria de Almeida Gomes¹, Mauro Romero Leal Passos², Licínio Esmeraldo da Silva², Aline Giselle Azevedo Goulart², Cristina Bittar³, Julia Sampaio de Souza Morais²

¹Centro de Testagem e Referência Goncalense

²Universidade Federal Fluminense

³Laboratório Bittar

Apresentador: Julia Sampaio de Souza Morais

E-mail: vaninhamarrie@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis é uma doença infectocontagiosa, bacteriana, sistêmica, crônica, curável e uma doença sexualmente transmissível exclusiva de humanos. Quando não tratada, evolui para estágios de gravidade variada e com grande potencial de transmissão vertical. No Brasil, as campanhas educativas são intensificadas (para não falar que só ocorrem) na época do carnaval. **Objetivo:** Identificar se ocorrem alterações na demanda e na positividade de teste não treponêmico (Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas) em laboratório de medicina suplementar no município de Niterói (RJ). **Métodos:** Estudo descritivo retrospectivo, quantitativo e qualitativo utilizando resultados de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas de um laboratório de medicina suplementar de Niterói no período de 2014 a 2019. Coletamos dados por meio de pesquisa documental dos resultados, fornecidos mediante autorização do laboratório, preservando o sigilo dos pacientes. Foi feita a decomposição sazonal e de série temporal mensal, avaliando a tendência e a tendência exponencial pelo modelo multiplicativo, de número de exames padronizado: multiplica-se o número de exames realizados em cada mês de cada ano pela razão entre o maior número de dias trabalhados daquele ano e o número de dias trabalhados no mês em questão. **Resultados:** Foram realizados 34.767 exames, com 1.637 Estudos Laboratoriais de Doenças Venéreas reatores (descartando os repetidos) nos anos estudados, analisados pelo programa SPSS. Houve aumento do número de exames em 2019 (6.488), contudo foi mantida a distribuição de testes reatores durante os meses desse ano. **Conclusão:** Não há sazonalidade de testes reatores em laboratório de medicina suplementar sediado em Niterói no período estudado e os casos se distribuem de forma equiparada no decorrer dos meses e dos anos.

Palavras-chave: sífilis, sazonalidade, diagnóstico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P198>

P-198 – CASOS DE SÍFILIS E VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM ADOLESCENTES GRÁVIDAS: UM ESTUDO DESCRITIVO

Jamira Martins¹, Juliana Kelly¹, William Caracas¹, Renata Gadelha¹, Brenda Sales², Stephany da Silva², Gisetti Corina², Rodrigo Pinheiro², Ana Cláudia de Medeiros², Jordana de Almeida¹

¹Universidade Federal do Paraíba

²Universidade Federal de Campina Grande

Apresentador: Jamira Martins

E-mail: jamira.martins@academico.ufpb.br

Introdução: A adolescência é uma fase marcada pela ocorrência de alterações fisiológicas, estruturais, anatômicas e psicológicas. A gravidez indesejada e as infecções sexualmente transmissíveis são dois problemas de saúde pública que trazem repercussões negativas nesse ciclo de vida. **Objetivo:** Descrever os dados epidemiológicos de sífilis e vírus da imunodeficiência humana em adolescentes grávidas. **Métodos:** O levantamento de dados envolveu uma análise descritiva, retrospectiva, com abordagem quantitativa. Foram compilados dados de

casos de sífilis e vírus da imunodeficiência humana em adolescentes grávidas no período de 2015 a 2020, notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação do estado do Rio Grande do Norte. **Resultados:** Foram registrados 1.188 casos de vírus da imunodeficiência humana e sífilis em adolescentes gestantes de 10 a 19 anos no estado do Rio Grande do Norte, durante o período de 2015 a 2020. Desses, 89,5% (1064) referem-se a sífilis e observa-se uma tendência acentuada da doença no ano de 2018, correspondendo a 20,5% (218) dos casos em comparação aos outros anos do estudo. Os casos de vírus da imunodeficiência humana para o mesmo período corresponderam a 10,4% (124), no entanto apresentou aumento no número de casos com o passar dos anos, 21,7% (27) em 2020. **Conclusão:** Em vista desses resultados, é notável que a gravidez na adolescência e a presença de vírus da imunodeficiência humana e sífilis nessa população é um problema de saúde pública vigente em nosso país, especialmente no estado local do estudo. Diante desse cenário, sublinha-se a importância da prevenção do vírus da imunodeficiência humana e sífilis durante as consultas de pré-natal e, mais veementemente, ações de educação sexual, fornecendo informações sobre sexualidade, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: adolescente, gravidez, IST, sífilis, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P19>

P-199 – PROCESSO DE ENFERMAGEM EM PUÉRPERA QUE VIVE COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS E EVOLUIU COM QUADRO DE HEMORRAGIA PÓS-PARTO

Maisa Leitão de Queiroz¹, Jéssica Karen de Oliveira Maia², Raquel Silveira Mendes³, Edgley Carneiro Aguiar², Juliana Sampaio Santos², Morgana Boaventura Cunha², Luana Duarte Wanderley Cavalcante², Raquel Ferreira Gomes Brasil², Livia de Paulo Pereira³, Vanessa da Frota Santos³

¹Centro Universitário Ateneu

²Maternidade Escola Assis Chateaubriand

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: No Brasil, mesmo com os avanços nos serviços de saúde voltados para a saúde materna, a hemorragia continua sendo uma das principais causas de morte no pós-parto. **Objetivo:** Relatar o processo de enfermagem aplicado a puérpera com vírus da imunodeficiência humana/aids. **Métodos:** Trata-se um estudo descritivo, do tipo estudo de caso, realizado em abril de 2021, em Fortaleza (CE). Utilizou-se o *North American Nursing Diagnosis Association* para escolha dos diagnósticos de enfermagem e o NIC para delimitação das intervenções de enfermagem. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética, sob número 1.899.089. **Resultados:** L.B.M., 35 anos, sexo feminino, G2P2CA0, no 4º dia de pós-parto cesáreo por retrovírose e hemorragia pós-parto. Ao exame físico, paciente apresentou sangramento transvaginal aumentado com eliminação de coágulos, útero amolecido e, acima da cicatriz umbilical, encontrava-se hipocorada. Foi aberto protocolo de hemorragia pós-parto, com administração de soro ringer lactato, ácido tranexâmico, metilergometrina e ocitocina de manutenção em bomba de infusão contínua, além de ser realizada sondagem vesical de demora para avaliação do débito urinário. Seguiu em uso de hidróxido de ferro. A partir das informações, levantaram-se os diagnósticos de enfermagem: débito cardíaco diminuído associado com a alteração da pré-carga, pós-carga e alteração no volume sistólico, risco de pressão arterial instável, risco de sangramento associado à complicação pós-parto, risco de infecção relacionado a hemoglobina diminuída e procedimento invasivo. Traçaram-se, as seguintes intervenções: administrar a medicação prescrita, realizar monitoração hemodinâmica e controle hídrico, monitorar sinais vitais, observar sinais de sangramento, palpar fundo uterino, trocar absorventes para avaliar o sangramento transvaginal, identificar sinais de infecção, prestar apoio emocional e reduzir a ansiedade. **Conclusão:** O processo de enfermagem favorece para uma abordagem mais equânime, o que acaba por contribuir para a realização de ações mais relevantes em cada contexto, favorecendo, assim, o desenvolvimento de uma assistência mais efetiva.

Palavras-chave: período pós-parto, HIV, processos de enfermagem.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P200>

P-200 – ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DOS CASOS DE COINFEÇÃO TUBERCULOSE-VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

William Caracas Moreira¹, Dilyane Cabral Januário¹, Juliana Kelly Batista da Silva¹, Luciana Maria Bernardo Nóbrega¹, Jamira Martins dos Santos¹, Renata Olivia Gadelha Romero¹, Jordana Almeida Nobrega¹, Oriana Deyze Correia Paiva Leadebal¹

¹Universidade Federal da Paraíba

Apresentador: William Caracas Moreira

E-mail: williamcaracaslins@gmail.com

Introdução: A tuberculose encontra-se estreitamente associada ao vírus da imunodeficiência humana. Os indivíduos com vírus da imunodeficiência humana têm 37 vezes mais chances de apresentar um quadro de tuberculose do que os indivíduos sem o vírus. A tuberculose relacionada ao vírus da imunodeficiência humana modificou o panorama de contenção da tuberculose mundialmente, conduzindo a um crescimento nos registros dessa doença, bem como em sua letalidade e morbidade. **Objetivo:** Descrever os aspectos epidemiológicos dos casos de coinfeção tuberculose-vírus da imunodeficiência humana no Brasil (2011–2020). **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo retrospectivo, referente aos casos de coinfeção tuberculose-vírus da imunodeficiência humana compreendidos no período de 2011 a 2020. Os dados foram obtidos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Foram analisadas as seguintes variáveis: ano, unidade federativa, sexo, raça, faixa etária, escolaridade e zona de residência. **Resultados:** No Brasil, entre os anos de 2011 e 2020, foram notificados pelo menos 7 mil casos em cada ano, totalizando 89.086 casos de coinfeção tuberculose-vírus da imunodeficiência humana. Do total de casos, 71,05% pertencem ao sexo masculino, 93,3% possuem de 20 a 59 anos, 43,47% são pardos e 0,47% gestantes. Os estados que concentram maior número de casos são São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, com 21,11%, 15,13% e 14,17%, respectivamente. Entre os casos, prevalecem os coinfectados que possuem baixa escolaridade, com ensino fundamental incompleto (38,72%) e os que residem em zona urbana (72,11%). **Conclusão:** Em suma, observou-se que há um número que persistentemente significativo ao longo dos anos, concentrados na região Sudeste do país. Assim, tem-se a importância da investigação epidemiológica, tida como o primeiro passo para minimizar o número de casos de coinfeção tuberculose-vírus da imunodeficiência humana no país e promover subsídios para ações em políticas públicas.

Palavras-chave: infecções por HIV, tuberculose, estudos epidemiológicos.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P201>

P-201 – UMA ABORDAGEM SOBRE A DISPENSAÇÃO DOS ANTIRRETROVIRAIS PARA O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA DURANTE A COVID-19 NO MARANHÃO

Antônia Myllena Franco Xavier¹, Bianca Aline Santos da Silva¹, Julyeth Oliveira Ferreira¹, Ana Karoline Moreira¹, Jéssica Maysa Oliveira Batista¹, Vitaliano de Oliveira Leite Junior¹, Taynara de Jesus Costa Conceição¹, Yuri Sandro Lima de Azevedo¹, Sílvia Cristina Viana Silva Lima¹

¹Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Antônia Myllena Franco Xavier

E-mail: bianca.aline@live.com

Introdução: A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana envolve um amplo espectro de apresentações clínicas. Em indivíduos não tratados, estima-se que o tempo médio entre o contágio e o aparecimento da aids seja dez anos. Pessoas idosas vivendo com vírus da imunodeficiência humana ou pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana que tenham problemas cardíacos ou pulmonares podem apresentar maior risco de infecção e de desenvolverem complicações da COVID-19. O Ministério da Saúde segue as diretrizes da Organização Mundial da Saúde para o tratamento do vírus da imunodeficiência humana e possui protocolos clínicos e terapêuticos normatizando o tratamento. **Objetivo:** Analisar a distribuição da dispensação dos antirretrovirais do vírus da imunodeficiência humana durante a pandemia da COVID-19. **Métodos:** Trata-se de uma abordagem explicativa analítica, de natureza bibliográfica. Utilizaram-se dados oficiais do Ministério da Saúde, disponíveis nas plataformas digitais, e informações do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre vírus da imunodeficiência humana/aids. A partir das informações encontradas, pôde-se conhecer o atual cenário de atraso na dispensação dos antirretrovirais para vírus da imunodeficiência humana. **Resultados:** O quantitativo de pessoas com vírus da imunodeficiência humana com pelo menos uma dispensação de antirretroviral apresenta uma discreta redução em seus valores de 2019 a 2020. Os dados até fevereiro de 2021, em comparação com o mesmo período nos anos anteriores, permitem afirmar um indicativo de declínio na dispensação. Quanto ao atraso no recebimento das medicações (antirretroviral), usando o parâmetro da última dispensação no ano, foi encontrado em 2019 um percentual de 22% dos pacientes com atraso de recebimento do antirretroviral de 30 dias ou mais. No 2020, aumentou para 27% e, em 2021, em apenas dois meses, já alcançou 22% o atraso para o recebimento dos antirretrovirais. **Conclusão:** A pandemia da COVID-19 influenciou diretamente e negativamente na dispensação dos antirretrovirais, apesar do esforço dos entes federados em seguir os protocolos. Certamente, o atraso na dispensação dos antirretrovirais pode interferir na adesão ao tratamento e, por consequência, na qualidade de vida das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: HIV, antirretrovirais, coronavírus.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P202>

P-202 – COVID-19 E VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UMA COMBINAÇÃO PERIGOSA

José Almir Santana¹, Vitoria de Jesus Menezes¹, Daniele Cristiane Barros Rodrigues¹, Karoline Santos da Silva¹, Daniela Cabral Pizzi Teixeira¹, João Lucas Tavares de Lima¹, Marco Aurélio Oliveira Goes¹, Nadja Oliveira Ribeiro¹, Mayara Karoline Freire Gomes¹, Lígia Mara Dolce de Lemos²

¹Secretaria de Estado da Saúde de Sergipe

²Universidade Federal de Sergipe

Apresentador: José Almir Santana

E-mail: jalmirs@infonet.com.br

Introdução: Pessoas com vírus da imunodeficiência humana estão entre as condições consideradas de risco para a complicação da COVID-19. A pandemia de COVID-19 trouxe uma preocupação referente ao surgimento de casos de óbitos pela coinfeção vírus da imunodeficiência humana/aids/COVID-19. **Objetivo:** Identificar casos de vírus da imunodeficiência humana/aids entre os óbitos ocorridos por COVID-19 e relacionar à dispensação da terapia antirretroviral. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal com abordagem descritiva dos óbitos por COVID-19 associados a vírus da imunodeficiência humana/aids entre março de 2020 e 14 de maio de 2021, em Sergipe, realizado por meio de *linkage* com os seguintes sistemas de informação: mortalidade (Sistema de Informação de Mortalidade), agravos de notificação (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), Controle Logístico de Medicamentos (Sistema de Controle Logístico de Medicamentos) e Vigilância Epidemiológica da Gripe. **Resultados:** Ocorreram, no período, 4.640 óbitos por COVID-19 em Sergipe. Desses, 28 (0,60%) eram pessoas soropositivas para o vírus da imunodeficiência humana. Dos 28 óbitos identificados, 22 (79%) ocorreram e pessoas do sexo masculino e 6 (21%) no sexo feminino e os menores de 60 anos foram mais acometidos pelos óbitos (89,2%). Com relação à dispensação da terapia antirretroviral, dos 28 óbitos estudados, 12 não tiveram dispensação, justamente os que tiveram o diagnóstico do vírus da imunodeficiência humana no mesmo ano do óbito, oito tiveram dispensação apenas uma ou duas vezes, cinco tiveram dispensação regular e três com dispensação irregular. **Conclusão:** Os dados do estudo levaram-nos a concluir que pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids com diagnóstico tardio, que não iniciaram o tratamento com os medicamentos antirretrovirais ou que iniciaram o tratamento mas não deram continuidade e adquirem a infecção pelo novo coronavírus, podem apresentar grandes dificuldades de recuperação em relação à COVID-19. O uso correto e oportuno da terapia antirretroviral pelas pessoas soropositivas funciona como fator que favorece ao bom restabelecimento da saúde com relação à COVID-19. Os resultados deste estudo podem auxiliar no planejamento de ações nos serviços que atendem pessoas com vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: vírus da imunodeficiência humana, aids, coronavírus, sistemas de informação, causas de morte.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P203>

P-203 – TRANSMISSÃO VERTICAL DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NA BAHIA — ANÁLISE DE NOTIFICAÇÕES DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM GESTANTES E DE CRIANÇAS EXPOSTAS ENTRE 2009–2019

Carla Santos Almeida¹, Ana Gabriela Álvares Travassos¹

¹Universidade do Estado da Bahia

Apresentador: Carla Santos Almeida

E-mail: carla_reb@hotmail.com

Introdução: A feminização da infecção do vírus da imunodeficiência humana, com aumento dos casos durante a idade reprodutiva, impacta diretamente na saúde da mulher, trazendo repercussões na gestação e na transmissão vertical durante o parto e amamentação. A falta de acompanhamento adequado e o diagnóstico tardio são determinantes para desfechos negativos para o binômio mãe-filho. **Objetivo:** Analisar as notificações de vírus da imunodeficiência humana em gestantes e de crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana no estado da Bahia entre 2009–2019. **Métodos:** Trata-se de estudo ecológico, descritivo, com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação das notificações de vírus da imunodeficiência humana em gestantes e de crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana no estado da Bahia entre 2009–2019. Em relação às gestantes, observaram-se raça, pré-natal, e profilaxia antirretroviral. Em relação às crianças, observou-se a evolução temporal das notificações. **Resultados:** Foram registradas 4.529 notificações de vírus da imunodeficiência humana em gestantes no período, com tendência de aumento, sendo 2016 o ano com maior número de registros (518, 11,4%). No tocante à raça, 81% (3.672) eram pretas e pardas. Quanto ao acompanhamento pré-natal, observou-se que 8,1% (371) das mulheres não o realizaram, além de 10% (452) de casos ignorados.

Apenas 39,6% (1.794) das gestantes possuem registro de profilaxia antirretroviral e 51,5% tiveram essa informação ignorada. Nesse período, foram registradas 3.998 crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana, com aumento progressivo entre 2009 (94, 2,3%) e 2015 (641, 16%). Observa-se queda em 2016 (288) e novo aumento entre 2017–2019. **Conclusão:** O panorama de gestantes com vírus da imunodeficiência humana no estado da Bahia é preocupante, com aumento progressivo do número de casos, principalmente na população preta/parda. Observa-se acesso ao pré-natal insuficiente, bem como subnotificação quanto à profilaxia antirretroviral e ao número de crianças expostas. Evidencia-se necessidade de fortalecimento das políticas públicas existentes, bem como de melhora na qualidade dos registros, possibilitando a elaboração de ações preventivas/assistenciais efetivas no enfrentamento dessa realidade.

Palavras-chave: HIV, epidemiologia, transmissão vertical.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P204>

P-204 – ANÁLISE DE GESTANTES COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA E CRIANÇAS EXPOSTAS EM DIFERENTES TERRITÓRIOS DE PORTO ALEGRE

Rafael Henrique Flores Ribeiro¹, Daniela Santos Alves¹, Luciana Egres¹, Daila Alena Raenck da Silva¹, Bruna Hentges¹, Vinícius de Souza Casaroto¹, Matheus Rangel¹, Luciana Barcellos Teixeira¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Daniela Santos Alves

E-mail: dnl.santosalves@gmail.com

Introdução: A epidemia do vírus da imunodeficiência humana possui taxas de prevalência distintas no que se refere às macrorregiões de estados e também dentro de municípios brasileiros. Porto Alegre (RS) possui elevada taxa de transmissão vertical. A identificação das singularidades dentro de territórios distintos na cidade, no que tange às gestantes com vírus da imunodeficiência humana e crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana, possibilita avanços em termos de políticas públicas. **Objetivo:** Analisar variáveis sociodemográficas e de saúde de gestantes com vírus da imunodeficiência humana e crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana, comparando-as nas oito gerências distritais de Porto Alegre, a fim de identificar regiões com maior vulnerabilidade. **Métodos:** Estudo de coorte histórica, com dados coletados entre 2000 a 2017 do Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Comparações foram realizadas por meio do teste de homogeneidade de proporções baseado na estatística de qui-quadrado de Pearson. O nível de significância utilizado foi de 5%. Considerou-se a divisão das oito gerências distritais em Porto Alegre. **Resultados:** Foram analisadas 8.520 gestantes e crianças. Observou-se diferença entre as gerências quanto à raça/cor das gestantes, escolaridade, início do pré-natal e perda de seguimento. Houve maior predomínio de mulheres pretas nas gerências RES e LENO ($p < 0,001$). Maior predomínio de gestantes sem nenhuma escolaridade nas gerências RES, CEN e SCS ($p < 0,001$). Maior percentual de gestantes com diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana antes do pré-natal nas gerências LENO e RES ($p < 0,001$). Maior percentual de gestantes que iniciaram o pré-natal após a 12ª semana na gerência RES ($p < 0,001$). Maiores percentuais de perda de seguimento nas gerências CEN, NHNI e RES ($p < 0,001$), e maiores percentuais de crianças infectadas nas gerências NHNI, PLP, GCC, LENO e PES ($p < 0,001$). **Conclusão:** Evidencia-se um maior perfil de vulnerabilidade na gerência RES, uma área geográfica com alta vulnerabilidade social. Recomenda-se a consideração das especificidades dos territórios para o desenvolvimento de ações de prevenção.

Palavras-chave: criança, gestantes com HIV, vulnerabilidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P205>

P-205 – COMUNICAÇÃO ENTRE ENFERMEIRAS E GESTANTES NA REALIZAÇÃO DO TESTE RÁPIDO ANTI-VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NO PRÉ-NATAL

Gilmar de Lucena Beserra¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Paula Marciana Pinheiro de Oliveira², Izabel Cristina de Souza¹, Cicero Mendes Siqueira¹, Amanda Lucio Mendes Andrade³, Samantha Matos Borges¹, Juliana de Oliveira Barros Costa⁴, Fábiana Redjane Moura Bessa¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

³Secretaria da Saúde do Estado do Ceará

⁴Secretaria Municipal da Saúde de Fortaleza

Apresentador: Gilmar de Lucena Beserra

E-mail: gilmaralucenaufc@gmail.com

Introdução: Uma comunicação eficaz possibilita uma melhor assistência em saúde, entre elas na realização do teste rápido anti-vírus da imunodeficiência humana nas consultas de pré-natal, no Brasil. No período de 2000 até junho de 2020, foram notificadas

134.328 gestantes infectadas com vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Avaliar a comunicação entre enfermeiras e gestantes na realização do teste rápido anti-vírus da imunodeficiência humana durante as consultas de pré-natal. **Métodos:** Estudo observacional, com abordagem qualitativa, realizado de janeiro a agosto/2020 em uma Unidade de Atenção Primária à Saúde em Fortaleza, Ceará. As participantes foram quatro enfermeiras que atuam na unidade de saúde e 116 gestantes. Utilizado instrumento de observação das consultas pré-natal e registrados os dados em diário de campo. Dados transcritos no *website* wordcloud.com, foi utilizada a ferramenta nuvem de palavras. Foram organizados em categorias e realizada análise de conteúdo. Aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa, parecer 3.815.743. **Resultados:** Os resultados foram apresentados em duas categorias de análise: (1) Medo das gestantes acerca do teste rápido anti-vírus da imunodeficiência humana e (2) Empatia e cuidado de enfermagem na realização do teste. Sobre a primeira categoria as gestantes expressaram uma comunicação efetiva e confiança nas enfermeiras. Algumas relataram que nunca realizaram o teste antes, além de algumas demonstrarem medo em saber do resultado. Muitas gestantes verbalizaram o alívio de ver o resultado negativo. Sobre a segunda categoria, a comunicação das enfermeiras e as gestantes foi caracterizada por empatia e cuidado; as profissionais explicaram como seria realizado o teste rápido e, com empatia, a importância do rastreio durante o pré-natal. **Conclusão:** Evidenciou-se efetividade na comunicação entre enfermeiras e gestantes na realização de testes rápidos anti-vírus da imunodeficiência humana. Salienta-se a importância de um processo comunicativo esclarecedor e de confiança entre gestante e enfermeira na realização de testes rápidos anti-vírus da imunodeficiência humana.

Palavras-chave: enfermagem, cuidado pré-natal, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P206>

P-206 – MORTALIDADE POR SIFILIS TERCIÁRIA NO BRASIL, 2009–2019

Maria Clara de Sousa Lima Cunha¹, Lucas Nascimento Monteiro¹, Melissa Nathalye Ramos e Gonçalves¹, Paulo Henrique Alves da Silva¹, Voney Fernando Mendes Malta¹, José Humberto Belmino Chaves¹, Geovana Santos Martins Neiva², Gentileza Santos Martins Neiva¹

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade da Cidade de Maceió

Apresentador: Maria Clara de Sousa Lima Cunha

E-mail: neivinha2@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis, uma infecção sexualmente transmissível, é provocada pela bactéria Gram-negativa *Treponema pallidum*. O contato sexual desprotegido com pessoa contaminada, a mucosa, o sangue ou a saliva de pacientes infectados e a via transplacentária materno-fetal são vias de transmissão. A sífilis tardia ou terciária é o resultado final da história natural dessa doença, ocorrendo quando ela não é detectada e/ou tratada adequadamente. Ela é a fase mais grave da doença, podendo afetar múltiplos órgãos e resultar na neurosífilis e na sífilis cardiovascular. **Objetivo:** Avaliar o comportamento da mortalidade por sífilis terciária, segundo a etnia, entre 2009 e 2019, no Brasil. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional retrospectivo que relaciona a etnia ao óbito por sífilis terciária a partir da base de dados do TABNET/Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Os dados foram selecionados pelas seguintes categorias: período entre 2009–2019, capítulo da 10ª Classificação Internacional de Doenças “Algumas doenças infecciosas e parasitárias”, grupo da 10ª Classificação Internacional de Doenças “Infecção de transmissão predominantemente sexual”, categoria da 10ª Classificação Internacional de Doenças “A52”, cor/raça “todas as categorias”. **Resultados:** Houve um aumento nos óbitos por sífilis tardia de 2009 a 2019, de 17 para 60 (elevação de 253,0%). Analisando etnicamente, o número de casos em brancos foi de 8 para 27 (crescimento de 237,5%). Nos pretos, subiu de 2 para 10 (aumento de 400,0%). Nos pardos, houve incremento de 5 para 21 mortes (aumento de 320,0%). Na etnia amarela, foi retratado um caso isolado em 2013. Em valores absolutos, os pretos demonstraram maior aumento do número de casos, seguidos pelos pardos e brancos, cujo número de casos também aumentou consideravelmente. **Conclusão:** Os resultados mostram a necessidade de maior acesso à informação e aos serviços de saúde, principalmente em comunidades de baixa renda, para que haja um aumento de sua notificação e, consequentemente, uma diminuição do número de óbitos.

Palavras-chave: sífilis, doença sexualmente transmissível, mortalidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P207>

P-207 – PESSOAS QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NAS UNIDADES PRISIONAIS: PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO, DE ACOMPANHAMENTO E DO COMPORTAMENTO SEXUAL

Pedro Augusto Bossonario¹, Rubia Laine de Paula Andrade¹, Nanci Michele Saita¹, Melisane Regina Lima Ferreira¹, Rafaela Oliveira Bonfim¹, Aline Aparecida Monroe¹

¹Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Apresentador: Pedro Augusto Bossonario

E-mail: pedro.bossonario@gmail.com

Introdução: Diante do encarceramento brasileiro em massa, a identificação do perfil e das características de acompanhamento das pessoas privadas de liberdade que vivem com vírus da imunodeficiência humana colabora para a proposição e oferta de ações em saúde, visando à diminuição da transmissão do vírus nessa população. **Objetivo:** Descrever o perfil sociodemográfico, de acompanhamento e do comportamento sexual das pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana em situação de privação de liberdade. **Métodos:** Estudo descritivo, do tipo levantamento, cujos dados foram coletados entre agosto e novembro de 2015 em seis unidades prisionais do interior de São Paulo, após o cumprimento dos preceitos éticos. A população foi composta de pessoas que viviam com vírus da imunodeficiência humana e estavam encarceradas há mais de seis meses. As variáveis abordaram características sociodemográficas, de acompanhamento e prática sexual. Os dados foram analisados por estatística descritiva a partir da distribuição de frequência absoluta e relativa. **Resultados:** Foram incluídos 85 indivíduos, dos quais 82,4% do sexo masculino, 56% possuíam entre 23 e 39 anos, 50,6% solteiros, 40% concluíram o ensino fundamental II, 89,4% referiram utilização de drogas ilícitas antes do encarceramento, e a mediana do tempo de diagnóstico do vírus da imunodeficiência humana foi de 8 anos. Destaca-se que 50,6% tiveram o diagnóstico de infecção pelo vírus no sistema prisional e 78,8% possuíam prescrição de antirretroviral. Quanto às práticas sexuais, 20% referiram nunca ou quase nunca utilizar preservativos durante o sexo e 28,2% sempre o utilizavam. Nos 12 meses anteriores à entrevista, 38 participantes referiram a prática de relação sexual, sendo 73,7% com parceria fixa e 34,2% recebiam visita íntima. **Conclusão:** O perfil sociodemográfico identificado acompanha a trajetória da epidemia do vírus da imunodeficiência humana no Brasil. Reconhece-se que a prática do sexo seguro no contexto prisional representa um importante desafio na prevenção e controle do vírus da imunodeficiência humana e exige estratégias de enfrentamento pautadas em tecnologias educativas e no autocuidado apoiado.

Palavras-chave: HIV, prisões, assistência à saúde, prevenção.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P208>

P-208 – KNOWLEDGE OF UNIVERSITY STUDENTS ABOUT SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS: A LITERATURE REVIEW

Carolina Barbosa Carvalho do Carmo¹, Marcos Filipe Bueno Langkamer¹, Luis Regagnan Dias², Adriano Brito Sousa², Nicole Nogueira Cardoso², Cristiane Campos Marques de Oliveira², Fabiana Nunes de Carvalho Mariz¹, Carla Nunes de Araújo³

¹Universidade Católica de Brasília

²Universidade de Rio Verde

³Universidade de Brasília

Apresentador: Carolina Barbosa Carvalho do Carmo

E-mail: carolbcarmo@gmail.com

Introduction: Sexually transmitted infections (STIs) are a serious health care problem, with an estimated annual incidence of 357 million cases by the World Health Organization (WHO). It is important to recognize that young adults are responsible for more than half of all STI cases. **Objective:** The aim of this review was to determine the general knowledge of university students about STI. **Methods:** A literature review was conducted to identify knowledge studies of undergraduate students about STI. The electronic database MEDLINE was searched for articles published in the past 5 years, using the following MeSH terms: “Sexually Transmitted Diseases,” “Knowledge,” “University,” and “Students.” Studies’ titles and abstracts were screened for eligibility and relevant articles were read in full and included in the review. **Results:** A total of nine articles were selected for the final analysis. When compared to other courses, health students had higher rates of knowledge and showed more correct answers to the questions about STI than students from other courses. For some students, the consciousness acquired at the university acted as a protection factor to avoid risky sexual behavior. In contrast, in one study, only 13% of the students declared feeling they had enough knowledge to avoid getting infected. The source of knowledge may vary. Concerning a Chinese study, students declared their knowledge about STI was obtained mainly at school. HIV was the best known STI, although 90% of the participants in one study were unaware that an infected person might not have any symptoms. Comparisons between sex and age evidenced knowledge variation in some studies. **Conclusion:** The average of knowledge level about STI among university students varies between 30% and 60% in the analyzed studies. HIV/AIDS was the best known STI and this result shows the need for emphasizing other STI information among university students.

Keywords: STI, awareness, university, young adults.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P209>

P-209 – VÍDEO EDUCATIVO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE E DOS DIREITOS SOCIAIS DA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO

Victor Caetano Rodrigues¹, Sara Araújo Bezerra¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Victor Caetano Rodrigues

E-mail: victorcaetano@alu.ufc.br

Introdução: Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, o Brasil, em 2019, era considerado o país em que mais se assassinavam pessoas transgêneras. Há desinformação da população transsexual sobre seus direitos básicos, como a proteção contra a violência, o reconhecimento de sua identidade de gênero, do processo transsexualizador e de como prevenir e tratar a infecção por vírus da imunodeficiência humana, à qual estão suscetíveis. **Objetivo:** Construir roteiro de vídeo educativo voltado à população transgênero para promoção da saúde e dos direitos sociais. **Métodos:** Trata-se de estudo de desenvolvimento tecnológico. O referencial teórico utilizado se baseia nos princípios propostos por Freire. A elaboração do roteiro do vídeo ocorreu em quatro etapas: 1. Revisão da literatura acerca das principais demandas em saúde e sociais da população transgênero, 2. Elaboração do conteúdo do roteiro do vídeo, 3. Produção e edição do vídeo, 4. Divulgação do vídeo por meio das mídias sociais do Grupo de Pesquisa Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva, do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará e da Atenção Primária em Saúde. **Resultados:** O roteiro do vídeo é composto de duas entrevistas: a primeira contém seis perguntas direcionadas ao processo transsexualizador e vulnerabilidades de saúde, e a segunda apresenta sete perguntas voltadas à violência, ao preconceito e às fragilidades sociais e de saúde, incluindo o risco de infecção por vírus da imunodeficiência humana, vivenciados pela população transsexual. Duas pessoas transsexuais participaram do vídeo, as quais irão interagir diretamente com a câmera. As questões abordam estigma e violência contra a população transsexual, direitos sociais, direitos em saúde, especialmente voltados ao processo transsexualizador e à prevenção do vírus da imunodeficiência humana. **Conclusão:** Verificou-se que o roteiro do vídeo educativo apresenta conteúdos fundamentais para promoção da saúde integral da população transsexual, destacando-se a saúde sexual e prevenção do vírus da imunodeficiência humana, dos direitos sociais e prevenção à violência.

Palavras-chave: promoção da saúde, educação em saúde, pessoas transgênero, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P210>

P-210 – ABORTAMENTO PREVISTO EM LEI EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ENTRE MARÇO DE 2018 A SETEMBRO DE 2020

João Victor Jacomele Caldas¹, Lúcia Carla Polaco Covre¹, Luana Pelicioni Rangel Braga¹, Letícia Toso Alves¹, Danielle de Oliveira Machado¹, Hans Alberto Toledo de Fonseca², Mayara Emerick dos Santos Jacomele³, Helena Lúcia Barroso dos Reis¹, Neide Aparecida Tosato Boldrini¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

²Universidade do Estado da Bahia

³Universidade Iguazu

Apresentador: João Victor Jacomele Caldas

E-mail: joaovictorcaldas@hotmail.com

Introdução: Apesar de o aborto no Brasil não ser considerado crime nos casos de risco de vida materno e em casos de estupro desde 1940, e mais recentemente em casos de anencefalia, muitas mulheres encontram barreiras no sistema jurídico e assistencial para realização do aborto, mesmo nos casos previstos em lei. **Objetivo:** Descrever o perfil clínico e sociodemográfico das mulheres submetidas à interrupção legal da gestação em hospital universitário entre março de 2018 e setembro de 2020 em Vitória (ES). **Métodos:** Estudo de coorte retrospectiva com revisão de prontuários de todas as pacientes que tiveram interrupção da gravidez por razões legais. Foram excluídas pacientes que sofreram aborto espontâneo e pacientes que levaram gestação a termo, mesmo nos casos de estupro ou fetos anencefálicos. **Resultados:** Foram encontradas 39 pacientes, sendo 22 gestações interrompidas por serem frutos de violência sexual e 17 de fetos anencefálicos. A média de idade gestacional no momento do abortamento foi de 16 semanas e 6 dias. Dezoito pacientes eram primíparas. A média de idade foi 24,5 anos, tendo três delas 14 anos. Seis pacientes apresentaram intercorrências. Foram encontrados dois testes rápidos de sífilis positivos, sendo eles nas pacientes com fetos anencefálicos. **Conclusão:** Os resultados condizem com a literatura ao detalhar uma população vulnerável. Constatou-se, neste estudo, tratar-se de uma população jovem, de primíparas, de solteiras e com baixa escolaridade. Ter um perfil detalhado dessas gestantes é de suma importância para planejamentos de políticas públicas para conduzir adequadamente e de forma humanizada as pacientes que apresentam essa demanda.

Palavras-chave: aborto legal, anencefalia, estupro, delitos sexuais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P211>

P-211 – PERFIL SEXUAL DE MULHERES DURANTE A GESTAÇÃO E PUERPÉRIO: UMA ANÁLISE TRANSVERSAL

Isabelle Barros Sousa¹, Purdenciana Ribeiro de Menezes¹, Lia Gomes Lopes¹, Camila Teixeira Moreira Vasconcelos¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Isabelle Barros Sousa

E-mail: isabellebarros38@gmail.com

Introdução: A sexualidade é vista como uma expressão cultural, comportamental, biológica e psicológica, não apenas se limitando às relações sexuais, mas a um processo que envolve também relações afetivas. No ciclo gravídico-puerperal a sexualidade pode ser influenciada por uma série de mudanças que afetam os comportamentos e cuidados de saúde. **Objetivo:** Avaliar o perfil sexual de mulheres na gestação e puerpério. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal realizado com 60 mulheres que realizavam consultas de puericultura em uma unidade de Atenção Básica em Saúde em Fortaleza, Ceará. As mulheres foram questionadas quanto a prática de atividade sexual, presença de dispareunia, uso de preservativo e prevalência de infecções sexualmente transmissíveis durante a gestação e após o parto. Os dados foram analisados por meio do programa SPSS e para as variáveis dicotômicas foi utilizado o teste de qui-quadrado de Pearson e para as variáveis categóricas, o teste U de Mann-Whitney. **Resultados:** A idade média das mulheres da amostra foi 26,2 (desvio padrão: 5,7), variando entre os 18 aos 40 anos. Em relação à função sexual das mulheres, 91,7% (n=55) eram sexualmente ativas, 56,7% (n=34) usavam preservativo, 61,7% (n=37) não relataram dispareunia e 90,0% (n=54) não relatou nenhuma infecção sexualmente transmitida. Mulheres casadas retornavam à atividade sexual com mais frequência (p=0,043) e aquelas que realizaram parto cesáreo usaram preservativo com mais frequência (p=0,002). Além disso, foi evidenciada significância entre o estado civil e a atividade sexual (p=0,043), e as mulheres solteiras relataram menos atividades sexuais. **Conclusão:** Os resultados encontrados mostram que as mulheres apresentam comportamentos de saúde adequados e que tanto o estado civil e a via de parto influenciam na prática e nos cuidados relacionados à saúde sexual e reprodutiva.

Palavras-chave: gravidez, sexualidade, gestantes.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P212>

P-212 – A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO DA GESTANTE DIANTE DO DIAGNÓSTICO DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Mayara Karoline Freire Gomes¹, João Lucas Tavares de Lima¹, José Almir Santana¹

¹Secretaria de Estado da Saúde

Apresentador: Mayara Karoline Freire Gomes

E-mail: mayara.freire@saude.se.gov.br

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana foi descoberto no Brasil no ano de 1982. O causador da doença crônica mais conhecida como aids, em que a pessoa vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids tem seu sistema imunológico comprometido, pois as principais células atacadas são os linfócitos T CD4. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é mostrar que a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana ainda persiste e que as crianças que nascem de mães infectadas também podem nascer com carga viral, sendo diagnosticadas após o primeiro mês de vida. A meta é erradicar a transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana e fazer com que a criança não desenvolva aids em seus primeiros anos de vida. **Métodos:** O estudo foi uma pesquisa de campo em que foram extraídos dados do Sistema de Informação de Agravos e Notificações, sistema utilizado em todo território brasileiro e em experiência na área de vigilância epidemiológica como referência técnica da vigilância do vírus da imunodeficiência humana/aids da Secretaria Estadual de Saúde. **Resultados:** De 2016 a 2020 foram notificadas 516 gestantes vírus da imunodeficiência humana, 477 crianças expostas e 6 crianças no agravo aids no Sistema de Informação de Agravos de Notificação; entre essas, 3 foram diagnosticadas com vírus da imunodeficiência humana e 3 já com a aids, sendo todas infectadas por transmissão vertical, seja por via cordão umbilical, seja por amamentação, que também é proibida nesses casos. **Conclusão:** Diante do que foi exposto é importante que os serviços de saúde abranjam e ofereçam uma assistência voltada para saúde da mulher de forma integral, seja em idade fértil, seja gestante. O diagnóstico do vírus da imunodeficiência humana é algo ainda temido por muitos, mas o que precisa ser informado à população é que existe tratamento e é gratuito, para que não ocorra a transmissão vertical para essas crianças e também a infecção entre parceiros.

Palavras-chave: HIV, gestante, transmissão vertical.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P213>

P-213 – ANÁLISE DE ESCOLARIDADE DAS GESTANTES NOTIFICADAS COM SÍFILIS NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA

Lucas Fernandes de Oliveira¹, Maria Alix Leite Araújo¹, Ana Fátima Braga Rocha², Ana Karinne Dantas de Oliveira³, Aline Sales Nunes Félix¹

¹Universidade de Fortaleza

²Faculdade de Tecnologia do Nordeste

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Lucas Fernandes de Oliveira

E-mail: lukas-ks@hotmail.com

Introdução: O sistema de saúde vem enfrentando a sífilis como problema de saúde pública e econômica. Na gestação a infecção ocasiona uma série de malefícios para o bebê, tais como anemia, problemas ósseos, sendo necessária a internação e seguimento da criança. A notificação compulsória da sífilis auxilia no controle e no seguimento, viabilizando estratégias de prevenção. Em 2019, no estado do Ceará, foram identificados e notificados 3.169 casos, e em gestantes a taxa de detecção é de 18,4 casos/1.000 nascidos vivos, com o total de 2.337 casos. No município de Fortaleza (CE), entre os anos de 2015 e 2020, foram notificados 3.099 casos em gestantes, segundo registro do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. **Objetivo:** Analisar o grau de escolaridade das gestantes notificadas com sífilis no município de Fortaleza. **Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo e documental, retrospectivo à análise dos casos notificados/confirmados de gestantes com sífilis no período de 2015 a 2020 em Fortaleza. A coleta de dados se deu a partir do banco virtual de domínio público intitulado Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. **Resultados:** A prevalência encontrada foi de gestantes com ensino fundamental incompleto e com escolaridade ignorada, principalmente nos anos de 2017 a 2019. A maior frequência de escolaridade são dos 5º e 8º anos do ensino fundamental, que apenas no ano de 2019 tiveram 205 registros e, em 2020, 63. Todavia, neste mesmo período o mundo enfrenta uma grave crise sanitária por conta da pandemia do novo COVID-19. No total de casos desse grau de escolaridade há 758 casos, já em outros graus de estudo encontramos um número inferior. **Conclusão:** O baixo nível escolar pode ser conexo com a falta ou poucas práticas de saúde, logo mostrando-se um fator contributivo para a infecção da sífilis e, como consequência da não adesão ou não comparecimento ao pré-natal, levando a infecção para criança, desenvolvendo o fator congênito.

Palavras-chave: perfil de saúde, gestantes, sífilis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P214>

P-214 – RELATO DE CASO: INTOXICAÇÃO CUMARÍNICA LEVANDO A DIAGNÓSTICO OPORTUNO DE INFECÇÃO PELO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Andressa Caroline Kuzma¹, Eduardo Augusto Schutz¹, Isabella Dal Piva Nogueira¹, Winicius Gomes Valadao¹, Caroline Gonçalves dos Santos¹, Rodrigo Bianchi Zancanaro¹, Sthefany Josephine Klein Ottoni Guedes¹, Elisa Carolina de Almeida Negrello¹, Mariana de Oliveira Kaneta¹, Juliana Gerhardt Moroni¹

¹Hospital Universitário do Oeste do Paraná da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Apresentador: Andressa Caroline Kuzma

E-mail: andressa.kuzma@gmail.com

Introdução: Em muitas situações, a aids não é vista como a primeira possibilidade entre os diagnósticos diferenciais. Por isso, neste caso, destaca-se a associação entre intoxicação por cumarínicos e infecção por vírus da imunodeficiência humana, desvendada na revisão de sistemas. **Objetivo:** Relatar caso clínico de aids concomitante à intoxicação por cumarínicos. **Métodos:** Estudo descritivo por meio da análise retrospectiva de prontuário médico eletrônico. **Resultados:** Mulher, 56 anos, diabética e hipertensa, foi internada com rebaixamento do nível de consciência devido a gengivorragia e hematúria maciças. Na ocasião, acompanhantes informaram que paciente fazia uso de varfarina por tromboembolismo pulmonar prévio e anti-inflamatórios por epigastralgia crônica. Ao exame, KPTT e RNI não coaguláveis firmaram o diagnóstico de intoxicação cumarínica, revertida com a administração de vitamina K. Após recobrar a consciência, foi realizada a revisão de sistemas, sendo descobertos emagrecimento de 40 kg em 8 meses, uso frequente de antibióticos por faringoamigdalites de repetição, úlceras em membros inferiores e em vulva. Durante o internamento, apresentou linfopenia, candidíase orofaríngea, além de flogose em joelho esquerdo, sendo diagnosticada artrite séptica tendo as úlceras em membros inferiores como porta de entrada. Baseado nesses achados, foi levantada a hipótese de imunossupressão, como vasculite ou neoplasia, porém o resultado da sorologia para vírus da imunodeficiência humana foi reagente e o diagnóstico final foi aids, tendo como doenças definidoras a síndrome consumptiva associada ao vírus da imunodeficiência humana e candidíase esofágica. A paciente recebeu alta hospitalar após evolução satisfatória do caso, para tratamento ambulatorial. **Conclusão:** Em enfermarias de clínica médica, diante de casos de manifestações clínicas que sugerem imunossupressão, o diagnóstico de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana deve ser uma das hipóteses diagnósticas. Além disso, fazem-se necessárias medidas de saúde pública que permitam o diagnóstico da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana de forma ambulatorial (como campanhas de rastreio e oferecimento do teste em qualquer consulta médica) antes que progrida para a aids.

Palavras-chave: HIV, aids, infecções oportunistas, doença consumptiva.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P215>

P-215 – COMO MANTER O TEMA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/AIDS NA MÍDIA NO ANO DA PANDEMIA DA COVID-19

José Almir Santana¹, Willian Bruno Couto de Matos¹

¹Secretaria de Estado da Saúde

Apresentador: José Almir Santana

E-mail: jalmirs@infonet.com.br

Introdução: O tema pandemia da COVID-19 tomou conta das reportagens e dos noticiários da mídia e das redes sociais. Outros temas importantes, como as infecções sexualmente transmissíveis/aids, deixaram de ser prioridade para divulgação. Ficou bastante evidente a mudança de comportamento da sociedade. Tornou-se um desafio, manter o tema infecções sexualmente transmissíveis na mídia neste momento difícil. **Objetivo:** Manter como pauta durante todo o ano, principalmente no período da pandemia da COVID-19, na mídia de Sergipe, os temas ligados às infecções sexualmente transmissíveis/aids. **Métodos:** Foi elaborada uma programação de datas temáticas, além das datas já conhecidas, associadas direta ou indiretamente aos temas infecções sexualmente transmissíveis/aids: Dia Mundial da Tuberculose (coinfecção tuberculose-vírus da imunodeficiência humana), Dia internacional da Mulher (infecção do vírus da imunodeficiência humana e sífilis na mulher), Dia das Mães (importância do pré-natal), Dia dos Pais (o pré-natal do parceiro), Dia da Descoberta do Vírus da Imunodeficiência Humana, Dia da Descoberta do Primeiro Caso de Aids, Dia dos Namorados, Dia do Homem (saúde sexual masculina e infecções sexualmente transmissíveis), Dia do Sexo (incentivo ao uso do preservativo), Dia da Gravidez na Adolescência, Dia Nacional da Sífilis, Dia da Prevenção da Aids no Local de Trabalho, Dia da Criança e Dia da Criança Soropositiva (prevenção da transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana). Cada data é contextualizada com algum tema ligado às infecções sexualmente transmissíveis/aids. Há a produção de um texto que enviado para os principais órgãos de comunicação e para as redes sociais. **Resultados:** Os diversos órgãos de comunicação passaram a divulgar as 16 datas associando ao tema infecções sexualmente transmissíveis/aids. Mensalmente, a divulgação das datas vem gerando sugestão de pauta e reportagens interessantes na mídia sergipana, principalmente nas emissoras de rádio e televisão e nas redes sociais. **Conclusão:** Colocar na pauta dos meios de comunicação de massa o tema infecções sexualmente transmissíveis/aids o ano todo gera várias reportagens educativas. A mídia tem grande influência na mudança de interesses e de atitudes da população.

Palavras-chave: coronavírus, HIV, comunicação.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P216>

P-216 – PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM SERVIÇO DE REFERÊNCIA NA CAPITAL DO PIAUÍ

Karina Alves Amorim de Sousa¹, Welber Silva Araújo², Telma Maria Evangelista de Araújo³

¹Secretaria Estadual de Saúde do Piauí

²Associação de Ensino Superior do Piauí

³Universidade Federal do Piauí

Apresentador: Karinna Alves Amorim de Sousa

E-mail: karinnaduda@gmail.com

Introdução: A profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana compõe estratégia da prevenção combinada. É um método de prevenção à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana que consiste na tomada diária de medicação que impede infecção antes da exposição. Indicada para pessoas em maior risco de contrair o vírus da imunodeficiência humana. No Piauí foi implantada inicialmente no Centro de Testagem e Aconselhamento da capital em 2019. **Objetivo:** Caracterizar os usuários da profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana atendidos no Centro de Testagem e Aconselhamento na capital no primeiro ano de oferta. **Métodos:** Estudo descritivo, quantitativo, transversal, realizado por meio do levantamento de dados dos indivíduos em uso da profilaxia pré-exposição no período de junho de 2019 a junho de 2020. Os registros foram provenientes de prontuários e do sistema de controle logístico de medicamentos. Foram realizadas análises de estatística descritiva simples. **Resultados:** Observaram-se 55 usuários, 91% homens; 42% tinham entre 26 e 35 anos, 62% eram pardos, 82% possuíam mais de 12 anos de estudo, 86% residiam na capital, 72,73% eram homossexuais, 70% buscaram a profilaxia pré-exposição pela imprensa, 35% já haviam usado a profilaxia pós-exposição pelo menos uma vez no último ano, 86% mencionaram relações sexuais com até dez pessoas nos últimos três meses e 42% relataram usar preservativos em todas as relações sexuais, 20% não usam preservativos ou fazem de forma irregular. Quanto acompanhamento clínico, 66% retornaram ao serviço com 30 dias, 77% não apresentaram infecção sexualmente transmissível nos últimos seis meses, 75% continuaram usando a medicação e não apresentavam desconforto, 87% tomaram todos os comprimidos

diariamente. Dos que sentiram desconfortos, 67% continuaram com a profilaxia e 33% abandonaram. **Conclusão:** Necessidade de descentralização da oferta a outros serviços, tendo em vista boa aceitabilidade com demanda inicial. Importância de criar estratégias para acompanhamento e monitoramento dos usuários para melhor qualidade na atenção. Divulgar aos profissionais de saúde para encaminhar usuários com indicação.

Palavras-chave: profilaxia pré-exposição, HIV, prevenção de doenças.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P217>

P-217 – REPERCUSSÕES DA PANDEMIA POR COVID-19 NAS AÇÕES DOS SERVIÇOS CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO/SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA NO ENFRENTAMENTO DAS HEPATITES VIRAIS

Josué Souza Gleriano¹, Elton Carlos de Almeida², Janise Braga Barros Ferreira³, Lucieli Dias Pedreschi Chaves⁴

¹Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidade de São Paulo

²Ministério da Saúde

³Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

⁴Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Apresentador: Josué Souza Gleriano

E-mail: josuegleriano@unemat.br

Introdução: Na pandemia da COVID-19 percebe-se descontinuidade de campanhas e ações de detecção de diversos agravos, inclusive as do plano de enfrentamento às hepatites virais. **Objetivo:** Analisar, segundo a perspectiva de gestores e profissionais de saúde, as repercussões da pandemia por COVID-19 para os serviços de referência às hepatites virais. **Métodos:** Trata-se de pesquisa avaliativa (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 01481918.0.0000.5393) desenvolvida no estado de Mato Grosso. Participaram os responsáveis pela gestão da área de hepatites virais da Secretaria de Estado de Saúde e profissionais responsáveis dos serviços de referência e/ou profissionais de saúde indicados por esses responsáveis da região sul-mato-grossense, escolhida por possuir maior quantidade de serviços de referência. Para exame utilizou-se a análise temática emergindo a categoria pandemia de COVID-19 e fragilidades na atenção às hepatites virais. **Resultados:** Percebem-se dificuldades de organização e implementação de estratégias para favorecer o cuidado durante a pandemia, principalmente em ações de prevenção, redução de campanhas e de testagem, além do monitoramento, com priorização de acompanhamento dos casos graves. Não foram relatadas diretrizes e estratégias por parte da gestão estadual, especificamente à Secretaria de Vigilância em Saúde, para direcionar a atenção nos serviços de saúde. Houve redução do serviço administrativo na gestão estadual, além de interromper e/ou diminuir o atendimento dos centros de referência. Os relatos mostraram limitação no quantitativo de pessoal e também o remanejamento de profissionais para atendimento nos serviços específicos para atendimento à COVID-19. **Conclusão:** Nesse momento de pandemia, não se pode deixar de reafirmar a importância da área técnica do Programa Nacional de Hepatites Virais e dos gestores estaduais como apoiadores na elaboração de diretrizes e estratégias que efetuem as melhores condições possíveis para atender as diferentes demandas que emergem nos sistemas locais de saúde.

Palavras-chave: hepatite viral humana, serviços de saúde, pandemia.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P218>

P-218 – SEXUALLY TRANSMITTED INFECTION CAMPAIGNS FOCUSING ON KEY POPULATIONS PROMOTED BY THE MINISTRY OF HEALTH

Cristhiane Campos Marques de Oliveira^{1,2,3}, Maríhá Thais Trombetta^{2,3}, Alvaro Macedo de Carvalho², Daniel Martins Borges², Izabela Junqueira Magalhães⁴, Luiza de Lima Pereira⁴, Pâmela Araújo da Silva⁴, Thays da Silva Queiroz¹, Fabiana Nunes de Carvalho Mariz^{3,4}, Carla Nunes de Araújo³

¹Centro de Testagem e Aconselhamento de Rio Verde

²Universidade de Rio Verde

³Universidade de Brasília

⁴Universidade Católica de Brasília

Apresentador: Cristhiane Campos Marques de Oliveira

E-mail: ccomarques@uol.com.br

Introduction: According to the Clinical Protocol and Therapeutic Guidelines for the management of sexually transmitted infections (STIs) from the Brazilian Ministry of Health, it is necessary to stimulate combined prevention in addition to advertising campaigns aimed at reaching key population. These include gays and other men who have sex with men (MSM), people who use alcohol and other drugs, people deprived of their liberty, sex workers, and transgender people. The goal of this strategy is an effective promotion of sexual health facing the HIV epidemic. **Objective:** The aim of this study was to assess STI prevention and communication campaigns aimed on the aforementioned key populations through documentary

research in Brazil. **Methods:** This analysis was based on data from advertising pieces of national HIV/AIDS prevention campaigns carried out between 1998 and 2020. The search for these advertising pieces was carried out at the National Department for the Surveillance, Prevention and Control of Sexually Transmitted Infections, HIV/AIDS and Viral Hepatitis, on the Ministry of Health website. **Results:** During the period, 64 STI/HIV/AIDS campaigns were performed and only nine were aimed at gays and other MSM, sex workers, and transgender people. Between 1998 and 2001, there were no campaigns for this audience, the last one being held in 2015. Thus, it was observed there were no campaigns for the past 6 years aimed at this vulnerable population. **Conclusion:** There is a lack of STI campaigns that target key population despite their high-risk behavior. As a result, there is less information reaching these individuals, which leads to a deficient health education and is unable to interrupt the chain of transmission not only of HIV but also of other STIs.

Keywords: sexually transmitted infections, HIV/AIDS, health promotion.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P219>

P-219 – FLUXO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM SÍFILIS ADQUIRIDA ATENDIDAS EM UM SERVIÇO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO

Nathalia Lima Pedrosa¹

¹Universidade de Brasília

Apresentador: Nathalia Lima Pedrosa

E-mail: nati.ufc@gmail.com

Introdução: A sífilis continua sendo um problema de saúde pública. No contexto do Distrito Federal, a rede de saúde possui um serviço de testagem rápida localizado numa região central, devendo ter sua acessibilidade geográfica analisada. **Objetivo:** Analisar o fluxo de pessoas com sífilis adquirida atendidas em um serviço de testagem e aconselhamento. **Métodos:** Realizou-se estudo ecológico, descritivo-exploratório, em serviço de testagem e aconselhamento para infecções sexualmente transmissíveis localizado no Distrito Federal. Estudaram-se casos novos de sífilis adquirida, com idade maior ou igual a 18 anos. Aplicou-se questionário semiestruturado sobre dados sociodemográficos, de saúde e sobre o roteiro geográfico do domicílio até o serviço. Fez-se análise espacial com malha da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal, elaborando-se um mapa de fluxo do tipo radial. Criou-se um ponto onde se localizam o serviço e centroides representando cada região administrativa. Construiu-se matriz com a representação da origem (centroide da região administrativa do endereço de residência) e do destino (serviço de saúde), computado mais de um deslocamento para indivíduos que foram a outro local antes de chegar ao serviço. O estudo foi aprovado por um comitê de ética e pesquisa. **Resultados:** Entrevistaram-se 36 pessoas entre 10/03/2020 e 25/07/2020, com idades entre 19–67 anos (média de 31,4 anos), maioria do sexo masculino (86%), pardos (52,8%) com ensino médio completo (38,9%). A maioria residia no Plano Piloto (mesma localização do serviço) e em Taguatinga. Do total, 14% dos clientes não residiam no Distrito Federal. O transporte principal utilizado foi o coletivo (66,7%). Nem toda dinâmica espacial foi pendular domicílio-serviço: 22% tiveram percurso em outros serviços para diagnóstico e 47% acumularam resolução de questões de saúde com outras no trajeto até o serviço. **Conclusão:** Apesar da distância poder ser maior domicílio-serviço, um serviço de testagem e aconselhamento em local estratégico pode ser positivo por ser próximo a locais de interesse.

Palavras-chave: sífilis, acesso aos serviços de saúde, análise espacial.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P220>

P-220 – FATORES ASSOCIADOS À TESTAGEM ANTI-VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ENTRE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS DA CIDADE DO RECIFE, 2017

Isabô Ângelo Beserra¹, Iracema de Jesus Almeida Alves Jacques¹, Naide Teodósio Valois Santos¹, Laís de Souza Pedrosa², Sandra Brignol³, Ana Maria de Brito¹

¹Instituto Aggeu Magalhães da Fundação Oswaldo Cruz Pernambuco

²Universidade Federal de Pernambuco

³Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Isabô Ângelo Beserra

E-mail: isabo-angelo@hotmail.com

Introdução: Determinados fatores individuais, sociais e programáticos dificultam a realização da testagem anti-vírus da imunodeficiência humana em travestis e mulheres transexuais. Portanto, conhecer esses fatores é imprescindível para a adoção de estratégias de ampliação de acesso ao teste e, consequentemente, aumentar o conhecimento do status sorológico e tratamento precoce nesse grupo. **Objetivo:** Estimar a prevalência de testagem anti-vírus da imunodeficiência humana e os fatores associados à realização do teste, entre travestis e mulheres transexuais, residentes ou trabalhadoras da cidade do Recife (PE). **Métodos:** Estudo quantitativo, de corte seccional, com base em 350 recrutadas pela metodologia

Respondent-Driven Sampling entre janeiro e março de 2017. A análise de dados considerou o desenho complexo de amostragem. Foram estimadas as prevalências de realização do teste de vírus da imunodeficiência humana no último ano anterior à entrevista. Por meio de modelos de regressão logística foram identificados fatores associados à testagem regular de vírus da imunodeficiência humana. **Resultados:** A cobertura de teste no último ano foi de apenas 48,3%. Entre os fatores associados à maior probabilidade de realização de teste de vírus da imunodeficiência humana no último ano, destacaram-se a identidade de gênero como mulher (*odds ratio*=2,34, intervalo de confiança 95% 1,11–4,93), não ter sido presa (*odds ratio*=7,32, intervalo de confiança 95% 2,92–18,30) e não ter se sentido mal consigo mesma nem ter se achado um fracasso ou uma decepção (*odds ratio*=7,57, intervalo de confiança 95% 2,74–20,90). **Conclusão:** O achado de baixa prevalência de testagem no último ano (48,3%) e os fatores associados à maior probabilidade de realização do teste, relacionados a maior aceitação da condição transexual, apontam para que sejam adotadas abordagens inovadoras para testagem ao vírus da imunodeficiência humana, atendendo melhor às necessidades da população de travestis e mulheres transexuais e centradas nas barreiras de acesso ao diagnóstico e tratamento, com estímulo a práticas sexuais seguras, enfrentamento do estigma e das condições de vulnerabilidade.

Palavras-chave: prevalência, testes sorológicos, amostragem, travestis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P221>

P-221 – AIDS NO RIO GRANDE DO NORTE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DOS ÓBITOS

Renata Olívia Gadelha Romero¹, Juliana Kelly Batista da Silva¹, Leidyanne Barbosa de Medeiros¹, Édija Anália Rodrigues de Lima¹, Juliana Soares Campos², Denise Guerra Wingert², Ivoneide Lucena Pereira³, Joanna Angélica Araújo Ramalho³, Renata Cândido da Silva³, Jordana de Almeida Nogueira¹

¹Universidade Federal do Paraíba

²Secretaria Estadual de Saúde Pública do Rio Grande do Norte

³Secretaria Estadual de Saúde do Paraíba

Apresentador: Renata Olívia Gadelha Romero

E-mail: renataogadelha@gmail.com

Introdução: Desde a descoberta dos primeiros casos de vírus da imunodeficiência humana no Brasil, o país desenvolve ações de enfrentamento à infecção e seus esforços e resultados têm sido reconhecidos mundialmente, especialmente no que diz respeito ao tratamento com distribuição gratuita e universal da terapia antirretroviral. Todavia, nos últimos anos, o número de óbito mostra que as iniciativas de prevenção ao vírus da imunodeficiência humana/aids e às infecções oportunistas ainda necessitam de maiores esforços. O monitoramento dos óbitos é fundamental para avaliar a magnitude da epidemia. **Objetivo:** Descrever o perfil e as causas mencionadas ao óbito de pacientes que foram diagnosticados com aids. **Métodos:** Foi realizado um estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa, dos óbitos notificados no Sistema de Informação de Mortalidade no período de 2010 a 2020 no estado do Rio Grande do Norte. **Resultados:** No período analisado, houve o registro de 1.283 óbitos por aids, dos quais 11,8% (152) ocorreram no ano de 2016, apresentando tendência de declínio o número de óbitos nos anos subsequentes, 72% (920) dos óbitos foi predominante no sexo masculino, com uma razão de sexo de 25 homens para 10 mulheres, 58% (749) tinham a cor parda, 55% (707) das pessoas com aids que evoluíram para o óbito residiam na região metropolitana e 32% (415) tiveram como causa básica do óbito a doença pelo vírus da imunodeficiência humana e como causa associada as doenças infecciosas e parasitárias. A taxa de mortalidade foi de 3,9 por 100 mil habitantes. **Conclusão:** Apesar do incentivo à adesão à prevenção combinada, o registro de óbito deveria ser um evento sentinela uma vez que as estratégias padrão-ouro deveriam estar disponíveis e ao alcance de todos, com o intuito de promover subsídios para atuação na prevenção de comorbidades e proporcionar qualidade de vida as pessoas convivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids.

Palavras-chave: síndrome de imunodeficiência adquirida, causas de morte, vigilância epidemiológica.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P222>

P-222 – COMPORTAMENTOS SEXUAIS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM MINORIAS SEXUAIS

Izabel Cristina de Souza¹, Gilmar de Lucena Beserra¹, Wesley Monteiro Amorá¹, Tainan Maria Cruz Lopes Tavares¹, Cícero Mendes Siqueira¹, Paula Renata Amorim Lessa Soares¹, Samila Gomes Ribeiro¹, Ana Karina Bezerra Pinheiro¹

¹Universidade Federal do Ceará

Apresentador: Izabel Cristina de Souza

E-mail: izabelsouzaenf@gmail.com

Introdução: As minorias sexuais, comumente representadas por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis, intersexuais e outras expressões ou identidades de gênero (LGBTI+) apresentam vulnerabilidades específicas, tornando-se foco de estudos para melhor compreensão de suas necessidades. **Objetivo:** Identificar comportamentos sexuais na população LGBTI+ e vulnerabilidades para aquisição de infecções sexualmente transmissíveis. **Métodos:** Pesquisa do tipo observacional com delineamento transversal realizada em espaços de socialização LGBTI+ em Fortaleza (CE) nos meses outubro a dezembro de 2019. A amostra foi obtida por conveniência, sendo entrevistadas pessoas autodeclaradas LGBTI+ por meio de instrumento contendo dados sociodemográficos e comportamento sexual. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará sob parecer 3.921.161. **Resultados:** Participaram 254 pessoas com idade entre 18 a 40 anos (mediana de 22 anos). Dessas, 144 (56,6%) haviam realizado testagem para infecções sexualmente transmissíveis no último ano, que indicou que nove (3,5%) apresentaram as seguintes infecções sexualmente transmissíveis: clamídia (1), herpes (1), vírus da imunodeficiência humana (1), papilomavírus humano (2) e sífilis (4). Apenas quatro relataram terem sido tratadas. Quanto ao uso do preservativo no último trimestre, 58 (36,2%) daqueles com parceria fixa relataram nunca usar, do total de 53 (49%) daqueles com parcerias casuais. No tocante à prática de sexo químico, dos que possuíam parceria fixa, 84 (52,8%) já o tinham praticado pelo menos uma vez, e 56 (51,3%) entre os que tinham parceria casual. Na penetração anal receptiva, 69 (50,7%) nunca usavam preservativo em suas parcerias fixas e 23 (25,8%) nunca o utilizava em parcerias casuais. **Conclusão:** Os achados apontam para uma baixa taxa de infecções sexualmente transmissíveis, prevalecendo a sífilis, com menos da metade dos diagnosticados tendo sido tratada. Aqueles com parcerias fixas relataram usar menos preservativo durante sexo anal receptivo e aqueles com parcerias casuais usaram menos preservativo no último trimestre. Salienta-se a importância da qualificação profissional para o atendimento e condução de grupos e suas especificidades.

Palavras-chave: comportamento sexual, minorias sexuais e de gênero, doenças.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P223>

P-223 – ACOLHIMENTO E O SERVIÇO SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A DISCUSSÃO DAS AÇÕES PROFISSIONAIS DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM UM SERVIÇO ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO DE PESSOAS COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Taiara Paim de Almeida¹, Fernanda Favero Alberti¹, Lígia Carangache Kijner¹, Raphaela Popoviche Eifler¹, Carla Regina Sell¹, Gabriela Dutra Cristiano¹

¹Ambulatório de Dermatologia Sanitária

Apresentador: Taiara Paim de Almeida

E-mail: taiarapaim90@gmail.com

Introdução: O acolhimento é parte das diretrizes da Política Nacional de Humanização e objetiva pôr em prática os princípios do Sistema Único de Saúde: universalização, equidade e integralidade. **Objetivo:** Este relato de experiência tem como objetivo refletir, de forma sistematizada, sobre as vivências e práticas profissionais oportunizadas pela Residência Integrada em Saúde, com a temática do acolhimento em um serviço especializado no atendimento de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids. Consiste em analisar, por meio da sistematização de experiências, as ações da equipe multiprofissional, composta de assistentes sociais, psicólogas, nutricionistas, enfermeiras e farmacêuticas, a fim de qualificar práticas e agregar conhecimento que possa colaborar com a reorganização desse serviço, na perspectiva de garantir e qualificar o acesso à saúde. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa participante, apoiada na sistematização de experiências vivenciadas pela assistente social pesquisadora. O material de análise foi o diário de campo, com registros das experiências relacionadas à temática ao longo do período da residência, ainda em andamento. **Resultados:** A partir de reuniões de equipe multiprofissional foram construídos microprojetos que pudessem gerar impacto no acolhimento, resultados ainda provisórios. O primeiro projeto foi nomeado Os 30 anos do SUS e buscou estimular a compreensão dos/as trabalhadores/as enquanto protagonistas do processo de construção. Os participantes elencaram como principais demandas relacionadas ao acolhimento e aos processos de trabalho: a reunião de equipe, ambiência da recepção e disseminação dos fluxos. Foram realizados cinco encontros, tendo o acolhimento como centralidade dos debates, conjuntamente com a reflexão sobre o processo de trabalho. **Conclusão:** Entre as principais propostas deste trabalho, observou-se que a mudança da prática profissional gerou desconforto de maneira positiva, estimulou a participação e o engajamento na busca por melhorias que remetem ao bem-estar da coletividade, além de contribuir para uma prática mais adequada às necessidades de pessoas com vírus da imunodeficiência humana/aids.

Palavras-chave: acolhimento, serviço social, equipe interdisciplinar de saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P224>

P-224 – A POPULAÇÃO-CHAVE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS NO CONTEXTO DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Francisco Jackson Pereira Alves¹, João Marcos de Araújo Leite¹, Anna Karynne da Silva Melo¹

¹Universidade de Fortaleza

Apresentador: Francisco Jackson Pereira Alves

E-mail: jacksonalves12@hotmail.com

Introdução: A Organização Pan-Americana da Saúde retrata o vírus da imunodeficiência humana como agente de destruição das células imunes, enfraquecedor do sistema imunológico. O vírus da imunodeficiência humana é configurado como um risco, caracterizado-se como grande problema de saúde mundial, com mais de 35 milhões de mortes ao redor do globo. Nesse cenário, discussões e estratégias para enfrentamento são pautadas a partir das camadas mais vulneráveis. Entre essas populações estão os homens que fazem sexo com homens. **Objetivo:** A partir do exposto o objetivo deste trabalho é descrever a população chave, homens que fazem sexo com homens no contexto do vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Trata-se de um recorte do trabalho “Assunção de risco e vírus da imunodeficiência humana: uma revisão sistemática”, o qual teve como objetivo analisar, na literatura, o conceito de assunção de risco e sua relação com a experiência de vírus da imunodeficiência humana. No caso deste estudo, realizamos um recorte em que privilegiamos uma das categorias encontradas no trabalho maior, ou seja, a categoria que abordou as discussões sobre os homens que fazem sexo com homens. **Resultados:** Como resultados vimos que a população-chave homens que fazem sexo com homens é estigmatizada e discriminada. São tratados como principais agentes transmissores de vírus da imunodeficiência humana/aids por contraírem o vírus com mais frequência e apresentarem comportamentos de risco. Excluem-se fatores que os tornam mais vulneráveis, como raça, renda e a falta de redes de apoio. É fundamental retratar que os homens que fazem sexo com homens pretos e latinos sofrem com a epidemia de maneira desigual por aspectos socioculturais, propiciando uma taxa mais assentada nas infecções. **Conclusão:** Diante na análise foi percebido que há a falta de políticas que possam prestar apoio aos homens que fazem sexo com homens. Por tanto ressalta-se a importância de haver um diálogo aberto com as populações-chave, visando a realizações de medidas em relação à saúde e ao cuidado, podendo ser formuladas e subsidiadas para melhor tratamento, atenção e integralidade a sua saúde.

Palavras-chave: HIV, assunção de risco, vulnerabilidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P225>

P-225 – INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/AIDS: ACONSELHAMENTO DURANTE O PRÉ E PÓS-TESTE

Ana Maria Silveira dos Santos Galarça¹, Gladys Betemps Silveira¹

¹Departamento de IST/AIDS/HV da Secretaria de Saúde de Pelotas

Apresentador: Ana Maria Silveira dos Santos Galarça

E-mail: anamariagarca@gmail.com

Introdução: A experiência do aconselhamento durante o pré e pós-teste tem proporcionado à equipe diversos outros momentos com o usuário, que vão além da rotina preestabelecidas no diagnóstico da infecções sexualmente transmissíveis/aids e hepatites virais. Não são raras as vezes em que a equipe percebe o retorno do usuário do serviço, mesmo após já serem sido encaminhados para o acompanhamento em outros serviços. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo relatar a experiência da equipe do Centro de Testagem e Aconselhamento quanto ao aconselhamento durante o atendimento no serviço. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo na modalidade de relato de experiênci, no Centro de Testagem e Aconselhamento de Pelotas (RS). O estudo conta o relato de quatro profissionais do serviço, duas enfermeiras e duas assistentes sociais. **Resultados:** Pelo relato dos profissionais que compõem a equipe e repensando as estratégias de atendimento, descobrimos que existe uma preocupação muito grande por parte da equipe com a satisfação de esclarecimentos sobre a saúde geral. Tal atitude estreita a relação usuário/aconselhador e fortalece a importância do acolhimento do pré e pós-teste, fazendo desse momento uma entre elação usuário aconselhador. Diante do exposto percebe-se que o Centro de Testagem e Aconselhamento-Pelotas está conseguindo realizar seu trabalho com uma visão de envolvimento nas relações interpessoais, criando vínculo com a comunidade assistida e, assim, permitindo a interação na rede, construindo uma tenção integral e, portanto, deixando de ser somente a porta de entrada das pessoas convivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids. **Conclusão:** A permissão desses novos encontros permite ao usuário uma liberdade ao retorno do serviço. O aconselhamento a comunidade faz toda a diferença quando o profissional se dispõe em colocar em prática a realidade da escuta, valorizando o humano com todo o seu envolvimento no meio em que vive. Pretende-se aprimorar o momento com a certeza de manter o vínculo com a comunidade

Palavras-chave: aids, enfermagem, aconselhamento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P226>

P-226 – MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DOS CUIDADOS DE SAÚDE PRESTADOS POR ENFERMEIROS ÀS PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Jéssica Grativol Aguiar Dias de Oliveira¹, Denize Cristina de Oliveira¹, Juliana Pereira Domingues¹, Yndira Yta Machado¹, Renata Lacerda Marques Stefaisk¹, Rômulo Frutuoso Antunes¹, Camila Laporte Almeida de Souza¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Jéssica Grativol Aguiar Dias de Oliveira

E-mail: jessicaygrativol@gmail.com

Introdução: O objeto de estudo consiste nas representações e memórias das práticas de cuidados de saúde realizadas por enfermeiros às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Analisar as memórias e as representações sociais das práticas de cuidados de saúde prestados por enfermeiros às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana em nível ambulatorial. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na teoria das representações sociais, associada à perspectiva da memória social. Participaram deste estudo 28 enfermeiros das regiões Norte, Nordeste e Sudeste, em serviços especializados de atenção às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. A coleta de dados foi realizada entre 2011 e 2013 sendo utilizado questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada, submetidos a análises de estatística descritiva simples e temático-categorial, respectivamente. **Resultados:** Os resultados se expressam em seis categorias: 1. Dimensão conceitual do cuidado de saúde, 2. Modalidades de cuidado de saúde prestados/exigidos às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, 3. Modalidades de cuidado de enfermagem prestados às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, 4. Recursos tecnológicos e profissionais para o cuidado de saúde, 5. Qualidade do cuidado, facilidades e dificuldades enfrentadas nas práticas do cuidado de saúde, 6. Atuação profissional do início da epidemia até o ano de 2013. Observou-se, desde o início da epidemia de aids até 2013, crescente evolução e modificação das representações sociais e das práticas de cuidado de saúde às pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana, que foram se adaptando às mudanças tecnológicas, aos avanços da ciência, à introdução da terapia antirretroviral e à cronicidade da aids, caracterizando em 2013 um cuidado de saúde integral. **Conclusão:** As representações sociais elaboradas na sociedade, ao longo da epidemia, influenciaram as práticas dos enfermeiros e dos demais profissionais de saúde. Nota-se um importante movimento de mudança comportamental e de práticas em relação aos cuidados profissionais que tem se tornado mais científico, mais acessível e mais inclusivo.

Palavras-chave: percepção social, assistência a saúde, memória, enfermeiro, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P227>

P-227 – CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DA QUALIDADE DE VIDA POR PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UMA COMPRENSÃO NECESSÁRIA

Denize Cristina de Oliveira¹, Sergio Corrêa Marques¹, Yndira Yta Machado¹, Tadeu Lessa da Costa², Gláucia Alexandre Formozo², Rodrigo Leite Hipólito³, Renata Lacerda Marques Stefaisk¹, Juliana Pereira Domingues¹, Hellen Pollyana Mantelo Cecilio⁴, Rômulo Frutuoso Antunes¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Macaé

³Universidade Federal Fluminense, Campus Niterói

⁴Universidade Estadual de Maringá

Apresentador: Denize Cristina de Oliveira

E-mail: dcouerj@gmail.com

Introdução: A qualidade de vida possui uma dimensão subjetiva, resultante da interpretação individual sobre a vida, mas também uma dimensão coletiva, afeita a construção social da realidade sobre o viver com vírus da imunodeficiência humana/aids. **Objetivo:** Descrever as representações sociais da qualidade de vida entre pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Pesquisa com abordagem qualitativa, orientada pela teoria das representações sociais, realizada em serviços de atendimento especializado localizados em três municípios no estado do Rio de Janeiro (RJ) com 68 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Coleta de dados realizada por meio de questionário socioeconômico e entrevista semiestruturada em profundidade, analisados por estatística descritiva e análise lexical com os softwares SPSS 20.0 e IRaMuTeQ. **Resultados:** Predomínio de sexo feminino, idade entre 18 e 38 anos, ensino médio, participantes empregados, recebendo renda familiar mensal de até R\$ 2.000,00, heterossexuais e homossexuais, com tempo de diagnóstico e uso da terapia antirretroviral menor que seis anos, que usam preservativos sempre. Em relação à saúde, referiram não possuir sintomas, não se consideram doentes, avaliam positivamente a própria saúde e qualidade de vida. A análise lexical demonstrou que os conteúdos implicados no conceito de qualidade de vida envolvem os serviços, ações

e profissionais de saúde, o uso dos medicamentos antirretrovirais, as práticas sexuais e de prevenção, as relações interpessoais e familiares, além de aspectos adaptativos e funcionais exigidos para a manutenção do estado de equilíbrio do corpo, da mente e das relações sociais. A qualidade de vida é percebida em sua positividade, como uma possibilidade a ser alcançada, reforçando sua multidimensionalidade e dinamicidade no grupo de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Conclusão:** Os conteúdos representacionais ratificam o processo de transformação do pensar e do viver com vírus da imunodeficiência humana em função do contexto externo, ao ter como consenso a avaliação positiva da qualidade de vida e a adoção de um conceito ampliado e multidimensional.

Palavras-chave: qualidade de vida, HIV, aids, percepção social.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P228>

P-228 – A IMPORTÂNCIA DO AGENTE DE PREVENÇÃO JUNTO AO CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO, A ARTICULAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS SERVIÇOS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO LOCAL

Suelen Aparecida da Silva¹, Mateus Batista da Silva¹

¹Centro de Testagem e Aconselhamento Dr. Sergio Arouca

Apresentador: Suelen Aparecida da Silva

E-mail: ctasergioarouca@gmail.com

Resumo: A Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da cidade de São Paulo conta com projetos de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis/aids, sendo estes Cidadania Arco-Íris, focado na população de homens que fazem sexo com homens, Plantão Jovem, para jovens da comunidade, Projeto de Redução de Danos Sampa, voltado à prevenção das infecções sexualmente transmissíveis na perspectiva da redução de danos a álcool e outras drogas, Elas por Elas, para orientar mulheres em situação de vulnerabilidade, Tudo de Bom Projeto, para mulheres profissionais do sexo, e Arrasa, Mona!, para transexuais e travestis. Esses trabalhos são desenvolvidos pelos agentes de prevenção que fazem uma abordagem de extrema importância a todo esse público citado, diminuindo assim a disseminação de infecções sexualmente transmissíveis/aids no território. Pensando nisso desenvolvemos uma parceria com um dos nossos agentes de prevenção e uma rádio comunitária local para ampliar a divulgação do trabalho feito pelo Centro de Testagem e Acolhimento, orientando a população local quanto ao acesso e ao tipo de serviço que é ofertado ali. Fundado em 3 de dezembro de 2003, o Centro de Testagem e Aconselhamento está localizado no extremo leste da cidade de São Paulo, no bairro do Itaim Paulista, região classificada com alta vulnerabilidade social pelo Índice Paulista de Vulnerabilidade Social, onde desenvolve um trabalho de prevenção as infecções sexualmente transmissíveis. O objetivo dessa parceria é fazer com que toda população pudesse conhecer mais do trabalho do Centro de Testagem e Aconselhamento e dos agentes e assim trazer esse público ao serviço. O método utilizado foi uma fala assertiva sobre os serviços gratuitos oferecidos como uso de profilaxia pós-exposição, profilaxia pré-exposição, testagens, terapia antirretroviral, distribuição de preservativos internos, externos, gel lubrificante, fazendo com que a população pudesse ter interesse em procurar nossos serviços. O resultado da parceria trouxe grandes benefícios, pois tivemos um aumento da população em busca do Centro de Testagem e Aconselhamento e ampliação na divulgação além das realizadas pelos agentes nas abordagens presenciais. Concluímos que este trabalho teve um resultado satisfatório, trabalho este de suma importância no combate as infecções sexualmente transmissíveis/aids no território.

Palavras-chave: prevenção, divulgação, comunicação.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P229>

P-229 – AMPLIANDO A PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO PARA AS POPULAÇÕES MAIS VULNERÁRIAS E PRIORITÁRIAS À EPIDEMIA DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Adriano Queiroz da Silva¹, Maria Cristina Abbate¹, Allan Gomes de Lorena¹, Aline Pilon Maurício da Silva¹, Márcia da Silva Oliveira¹, Levi Pinheiro¹, Susete Menin Rodrigues¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS da Cidade de São Paulo

Apresentador: Adriano Queiroz da Silva

E-mail: queiroz.ad@gmail.com

Introdução: A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana no município de São Paulo (SP) acompanha a tendência nacional, marcadamente concentrada nos segmentos mais expostos ao vírus da imunodeficiência humana/aids, como *gays* e outros homens que fazem sexo com homens, pessoas transexuais, profissionais do sexo e pessoas que usam drogas, o que envolve grande complexidade relacionada à exclusão social e diversas violações de direitos. **Objetivo:** Aumentar o conhecimento das populações mais vulneráveis e prioritárias sobre profilaxia pré-exposição, ampliar a capacidade de atendimento e o número de locais que ofertam a profilaxia, aumentar o número de usuárias/os em uso de profilaxia pré-exposição, sobretudo a população de pessoas transexuais. **Métodos:** A Coordenadoria

de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da cidade de São Paulo decidiu implantar primeiramente em serviços da Rede Municipal Especializada em Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids mais afastados do centro da cidade e, pioneiramente, em 2018, também em Centros de Testagem e Aconselhamento. Posteriormente, foi ampliado para as 26 unidades da Rede Municipal Especializada e mais 28 unidades de referência de hormonização para pessoas transexuais. Além de maneira precursora, buscou incluir profissionais da enfermagem, farmacêuticos/os e cirurgiões/ões dentistas como prescritores da profilaxia. **Resultados:** Até março de 2021, 54 serviços municipais ofertavam profilaxia pré-exposição na cidade de São Paulo e 11.088 pessoas iniciaram o uso da profilaxia, sendo 44% de pessoas negras e 82,6% de homens *gays* e bissexuais (cis e transgênero). A inclusão de outros profissionais, para além de médicas/os, na prescrição da profilaxia pré-exposição, que já representa 17,4% das dispensações de medicamento de 2020 a abril de 2021. **Conclusão:** A inserção das unidades de hormonização aumenta a capacidade de inclusão de novas/os usuárias/os, sobretudo às pessoas trans, e a capilaridade dessa estratégia de prevenção no município. O trabalho de educação entre pares também é fundamental para aumentar o conhecimento sobre prevenção combinada e promover a aproximação com os serviços de saúde.

Palavras-chave: educação, prevenção, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P230>

P-230 – SÃO PAULO PREPARADA PARA A PREVENÇÃO COMBINADA ÀS PESSOAS TRANSEXUAIS

Adriano Queiroz da Silva¹, Maria Cristina Abbate¹, Aline Pilon Maurício da Silva¹, Allan Gomes de Lorena¹, Márcia da Silva Oliveira¹, Susete Menin Rodrigues¹, Levi Pinheiro¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS da Cidade de São Paulo

Apresentador: Adriano Queiroz da Silva

E-mail: queiroz.ad@gmail.com

Introdução: A população de mulheres transexuais e travestis é uma das mais vulneráveis à epidemia de vírus da imunodeficiência humana/aids e recentes pesquisas têm indicado que homens transexuais que se relacionam com outros homens *gays* ou bissexuais cisgêneros podem ter também apresentar vulnerabilidade acrescida. Em razão disso, as estratégias de prevenção devem promover e facilitar a adesão às novas tecnologias de prevenção, como a profilaxia pré-exposição e a profilaxia pós-exposição para essa população. **Objetivo:** Aumentar o conhecimento sobre essa nova tecnologia, ampliar o número de pontos de acessos de profilaxia pré-exposição e profilaxia pós-exposição e a quantidade de pessoas em uso da profilaxia, bem como a adesão, adicionando a prevenção combinada ao cuidado integral à saúde. **Métodos:** A partir de setembro de 2020, a Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da cidade de São Paulo, da Secretaria Municipal da Saúde, junto à Atenção Básica e às Coordenadorias Regionais de Saúde, capacitou médicas/os, enfermeiras/os, farmacêuticos/os e cirurgiões/ões dentistas para prescrição de profilaxia pré-exposição e multiprofissional para o atendimento e implementou a oferta de profilaxia pré-exposição e profilaxia pós-exposição nas referências de hormonização para pessoas transexuais em todas as seis macrorregiões do município. **Resultados:** Em abril de 2021, todas as 28 unidades de hormonização (entre Unidade Básica de Saúde, AMA e Rede Hora Certa) já estavam aptas para a oferta de profilaxia pré-exposição e profilaxia pós-exposição para homens e mulheres transexuais, travestis e pessoas não binárias em acompanhamento nesses serviços de referência. Até o momento, 16 pessoas tiveram acesso à profilaxia pós-exposição e 32 pessoas iniciaram a profilaxia pré-exposição nessas unidades. **Conclusão:** A oferta de profilaxia pré-exposição em unidades referências de hormonização tem o potencial de diminuir barreiras ao acesso das pessoas trans à prevenção combinada, posto que o número de mulheres transexuais, travestis, homens transexuais e pessoas não binárias em uso de profilaxia pré-exposição ainda é muito baixo, tanto na cidade de São Paulo (SP), quanto no Brasil.

Palavras-chave: vulnerabilidade, prevenção, pessoas transgênero.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P231>

P-231 – CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE ACESSO À PREVENÇÃO COMBINADA COM LIDERANÇAS DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Aline Pilon Maurício da Silva¹, Maria Cristina Abbate¹, Adriano Queiroz da Silva¹, Allan Gomes de Lorena¹, Márcia Oliveira da Silva¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS

Apresentador: Aline Pilon Maurício da Silva

E-mail: aline.pilon.ms@gmail.com

Introdução: A Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids do município de São Paulo criou, em março de 2019, o comitê consultivo de políticas de

prevenção para travestis e mulheres transexuais, composto de lideranças dessa população, com o intuito de ampliar cada vez mais o acesso das populações mais vulneráveis à prevenção combinada ao vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Buscar compreender a situação atual dessa população transexual e travesti perante a pandemia de COVID-19 e desenvolver estratégias voltadas a prevenção ao vírus da imunodeficiência humana/aids com essa população. **Métodos:** Durante a quarentena realizamos reuniões *on-line* pela plataforma Zoom, além de, nesse contexto de pandemia, introduzir os assuntos de prevenção em lives e post em diversas redes sociais. **Resultados:** As mulheres transexuais e travestis sofreram o aumento da vulnerabilidade, na qual a maioria depende do trabalho sexual que diminuiu em grande escala. A partir das reuniões foi possível perceber que, mesmo com a pandemia, muitas delas não cessaram as atividades sexuais; uma parte encontra-se em situação de rua em razão da diminuição de renda para moradia e até mesmo alimentação. Assim foi necessário buscar formas transversais para se falar de prevenção ao vírus da imunodeficiência humana, como a implementação da prevenção em conjunto a outras instituições, como as unidades que ofertam hormonização e organizações da sociedade civil, para que se possam introduzir insumos e assunto sobre prevenção indiretamente. **Conclusão:** Para conseguir introduzir a prevenção ao vírus da imunodeficiência humana, estipulamos a inclusão de preservativos internos (femininos), externos (masculinos) e gel lubrificante nas cestas básicas que estão sendo entregues a essa população pela sociedade civil. Também foram introduzidas profilaxia pré-exposição e profilaxia pós-exposição nas unidades que ofertam hormonização, facilitando o acesso dessa população a essas intervenções. Além de realizar conversas sobre prevenção e comunicação nas redes sociais com as agentes de prevenção, da Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids, que exercem o trabalho voluntário com suas pares.

Palavras-chave: transexual, travesti, HIV, aids, prevenção.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P232>

P-232 – ARTICULADORES/AS DE PREVENÇÃO: UMA ESTRATÉGIA PARA AMPLIAR O ACESSO DA PREVENÇÃO COMBINADA AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA COM COLETIVOS CULTURAIS DE PERIFÉRIAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Allan Gomes de Lorena¹, Adriano Queiroz da Silva¹, Aline Pilon Maurício da Silva¹, Marcia da Silva Oliveira¹, Maria Cristina Abbate¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS

Apresentador: Allan Gomes de Lorena

E-mail: allangdl.usp@gmail.com

Introdução: Articuladores/as de prevenção são lideranças cisgêneros e/ou transexuais que atuam em coletivos culturais nas periferias de São Paulo (SP) com a premissa de ampliar o acesso às estratégias de prevenção combinada ao vírus da imunodeficiência humana junto a seus pares. **Objetivo:** Relatar a experiência do processo de trabalho de articuladores/as de prevenção realizado pela Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da cidade de São Paulo. **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência com o propósito de produzir uma descrição do processo de trabalho de articuladores/as de prevenção, permitindo, assim, uma análise dos/as autores/as que participaram da construção dessa estratégia. **Resultados:** O trabalho com articuladores/as de prevenção tem sido realizado desde o final de 2018 por meio de testagem rápida extramuro de vírus da imunodeficiência humana, indo a campo para oferecer o teste de vírus da imunodeficiência humana para ampliar o cardápio de prevenção de jovens, negros, LGBTQIA+ de periferias em relação ao acesso a profilaxia pós-exposição, profilaxia pré-exposição, autoteste de vírus da imunodeficiência humana e tratamento para infecções sexualmente transmissíveis e vírus da imunodeficiência humana. Ações de testagem realizadas nos *saraus*, *slams*, fluxos de *funk*, comunidade *ballroom*, rolêzinhos permitiram produzir uma estratégia de prevenção demandada por esses grupos. Quantitativamente, mais de 25 testagens extramuros foram realizadas de 2018 a 2020, contabilizando 4.058 testes com positividade de 1,9% em relação a 0,4% da população geral. Ainda, mais de 0 agentes de prevenção foram cadastrados nos anos supracitados, além de 8 articuladores/as em campo. **Conclusão:** A Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids construiu uma estratégia exitosa de articulação com jovens, negros, LGBTQIA+ de periferia, congregando uma resposta social e programática da epidemia de vírus da imunodeficiência humana alinhada com outros espaços de produção da vida dessas populações.

Palavras-chave: prevenção, HIV, diagnóstico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P233>

P-233 – SUPORTE SOCIAL PERCEBIDO POR IDOSOS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Nikaelly Pinheiro Mota¹, Jéssica Karen de Oliveira Maia¹, Brehnda Maria Caldeira², José Wagner Martins da Silva¹, Glauberto da Silva Quirino², Marli Teresinha Gimenez Galvão¹

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade Regional do Cariri

Apresentador: Nikaelly Pinheiro Mota

E-mail: nikaellyp04@gmail.com

Introdução: Na vigência do vírus da imunodeficiência humana, pessoas com idade 8805,50 anos são considerados idosos. Tais idosos, desenvolvem enfrentamentos negativos como estratégia de evitar situações de estigma e discriminação no contexto familiar e na vida cotidiana decorrente de diversos constrangimentos por conta do vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Verificar o suporte social percebido por idosos vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Pesquisa transversal, realizada durante sete meses de 2019, cuja avaliação envolveu 92 idosos acompanhados em Serviço Público Especializado em um município do Ceará, região Nordeste do Brasil. Foram incluídas pessoas com 8805,50 anos com vírus da imunodeficiência humana/aids e em uso de terapia antirretroviral. Para coleta de dados empregou-se a Escala de Suporte Social para pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids, constituída por 22 itens, na qual o escore total varia de 22 a 110 pontos. **Resultados:** Os participantes tinham idades entre 50-71 anos, eram do sexo masculino (54,3%), casados (41,3%), com reduzida inserção escolar (66,3%), tempo de infecção em média de nove anos, todos usando a terapia antirretroviral em média de 7,3 anos. O suporte social percebido pelos idosos encontrou-se como moderado (34-66%). As médias do Suporte Social Instrumental foram inferiores (2,8) quando comparadas ao emocional (3,0). Obteve-se menor média (2,5) no relacionado à disponibilidade de apoio aos cuidados de saúde, como lembrar a hora de um medicamento ou o dia de fazer um exame. Em relação a maior média, constatou-se o item relativo à disponibilidade de apoio para melhorar o conhecimento sobre o problema de saúde, que refere-se ao suporte social emocional (3,7). **Conclusão:** As principais fontes de apoio em relação ao suporte social instrumental foram marido/esposa/companheiro(a), família que mora com o participante, família que não mora com o participante e amigos. Quanto ao suporte social emocional, as maiores fontes foram profissionais de saúde, amigos, marido/esposa/companheiro(a), família que não mora com o participante e familiares que coabitam com o idoso.

Palavras-chave: HIV, apoio social, saúde do idoso.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P234>

P-234 – AÇÕES NO PRIMEIRO DE DEZEMBRO NO MOMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19

José Almir Santana¹, Zênia Maria Santos Silva¹, João Lucas Tavares de Lima¹, Marco Aurélio Oliveira Goes¹, Katia Marília Ribeiro Silva Lima¹, Mayara Karoline Freire Gomes¹

¹Secretaria de Estado da Saúde

Apresentador: José Almir Santana

E-mail: jalmirs@infonet.com.br

Introdução: Em virtude da pandemia da COVID-19, tivemos que procurar alternativas no dia 1º de dezembro para informar à população sobre o vírus da imunodeficiência humana, com apoio da mídia local. Boa parte da população atual não tem conhecimento do que ocorreu no início da epidemia do vírus da imunodeficiência humana. Dados mostraram baixa procura pelos testes rápidos nas Unidades Básicas de Saúde e muitas pessoas soropositivas atrasaram o início do tratamento. **Objetivo:** Mostrar a história da aids, alertando as pessoas que não vivenciaram o início da epidemia, para uma maior atenção com relação às novas tecnologias de prevenção. Divulgar a importância do autoteste no período da pandemia da COVID-19, em razão da queda da procura pelos testes rápidos e divulgar a campanha Indetectável=Intransmissível. **Métodos:** Foi realizada a exibição de um filme sobre a história da aids no sistema cinema *drive-in*, no estacionamento do Museu da Gente Sergipana, permitindo o acesso de até 25 veículos com 4 pessoas em cada. O outro evento foi a exposição denominada “Os Indetectáveis” para visitação pública, de forma controlada, na sede da Secretaria de Estado da Saúde. **Resultados:** A exibição do filme no cinema *drive-in* atraiu, principalmente, casais, que conheceram como foi o início da epidemia do vírus da imunodeficiência humana e também a praticidade do autoteste. A Exposição “Os Indetectáveis”, realizada durante todo o mês de dezembro, foi bastante frequentada, mostrando a importância de testar, tratar e aderir ao tratamento. **Conclusão:** A exibição do filme no cinema *drive-in* atraiu, principalmente, casais, que ficaram conhecendo não só o que ocorreu no início da epidemia do vírus da imunodeficiência humana, como também a simplicidade da utilização do autoteste. Permanecer indetectável preserva a saúde da pessoa que vive com vírus da imunodeficiência humana e evita a transmissão sexual do vírus. É importante o uso de novas estratégias nas campanhas educativas sobre o vírus da imunodeficiência humana neste momento da pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: coronavírus, HIV, campanhas de saúde, prevenção de doenças.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P235>

P-235 – CÂNCER ANAL: UM ENSAIO SOBRE ETIOLOGIA, CONDIÇÕES DE RISCO, VULNERABILIDADE E CUIDADOS AOS PORTADORES

William Pereira Santos¹, Nathalia Barbosa do Espírito Santo Mendes², Alcindo Antônio Ferla³

¹Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora

²Centro Universitário Academia

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: William Pereira Santos

E-mail: pereirasantoswilliam@gmail.com

Introdução: O câncer anal é um tumor cuja incidência é influenciada por fatores individuais e condições de vulnerabilidade. No Brasil apresentou crescimento nas últimas décadas. Uma provável explicação para as taxas de incidência é a baixa abrangência dos programas de rastreamento. **Objetivo:** Refletir sobre aspectos de risco, necessidade de diagnóstico precoce e cuidado às pessoas com câncer anal nos serviços públicos de saúde e associar a vulnerabilidade social ao conceito de grupo de risco para compreender o adoecimento e planejar os cuidados em saúde. **Métodos:** Trata-se de uma revisão sistemática com busca por meio de consulta realizada em bases de dados eletrônicas de domínio público: SciELO, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Resultados:** Construíram-se dois eixos de análise, numa perspectiva da saúde coletiva: no primeiro, buscou-se analisar a relevância da etiologia, fatores de riscos biológicos e condições de vulnerabilidades para desenvolvimento do câncer a que os sujeitos estão expostos para refletir sobre o cuidado, incorporando conhecimentos a partir de estudos da saúde coletiva. E, no segundo, buscou-se analisar políticas análogas, principalmente o Programa de Controle de Câncer de Colo do Útero, visto que as patologias compartilham semelhanças cito-histológicas, etiológicas, fatores de riscos, técnicas para diagnóstico e profissionais de saúde. **Conclusão:** É possível incorporar no Sistema Único de Saúde uma política de diagnóstico precoce para qualificar e expandir as iniciativas de promoção e atenção às pessoas. O profissional citotécnico pode ser um fator decisivo na implantação da política de cuidado, ampliando a assistência à população e qualificando os serviços.

Palavras-chave: citologia, integralidade em saúde, prevenção primária.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P236>

P-236 – SAZONALIDADE DA DEMANDA E DE POSITIVIDADE DE TESTE ANTI-VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UM LABORATÓRIO PRIVADO DO MUNICÍPIO DE NITERÓI (RJ) — 6 ANOS DE ANÁLISE, 2014–2019

Julia Sampaio de Souza Morais¹, Gabriela Dutra Cardozo¹, Tainá Ludmila Malta de Araújo¹,

Deyvison de Carvalho Souza¹, João Paulo Werdan Curty Estephaneli¹, Cristina Bittar²,

Mauro Romero Leal Passos¹

¹Universidade Federal Fluminense

²Laboratório Bittar

Apresentador: Julia Sampaio de Souza Morais

E-mail: ssampaiojulia@gmail.com

Introdução: Apesar dos esforços na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, ainda há muito que avançar. É uma pesquisa inovadora, pois ainda não encontramos artigos sobre a demanda e a positividade de teste anti-vírus da imunodeficiência humana aos respectivos meses do ano. Ainda destacamos que as campanhas educativas no Brasil ocorrem, basicamente, na época do carnaval. **Objetivo:** Analisar a distribuição temporal de demanda e positividade de testes anti-vírus da imunodeficiência humana imunoenzimáticos em um laboratório de Niterói (RJ). **Métodos:** Estudo descritivo retrospectivo quantitativo com análise de demanda de exames, positividade e perfil básico da população que procura o laboratório da rede privada para realização do teste sorológico anti-vírus da imunodeficiência humana. Análise do período de 2014 a 2019 do Laboratório Bittar, sediado em Niterói. Os pacientes não foram identificados e foi realizada uma pesquisa de dados documental dos resultados armazenados na matriz de Niterói. **Resultados:** Aqui, dados parciais de 2018 e 2019. Entre os participantes, 75% mulheres e 25% homens. Os reagentes foram: 35% mulheres e 65% homens. A faixa etária mais prevalente foi de 31 a 39 anos, elevando e decrescendo aos 14 e 39 anos, respectivamente. Do total de 10.807 exames, 46 (0,4%) foram reagentes, com confirmação. Não houve variação significativa do número de testes realizados e nos dias trabalhados entre os meses tendo a média mensal de 450 testes e 25 dias trabalhados. Março, maio, agosto e outubro foram os meses com maior número de testes positivos com uma média de 3,75 testes por mês. Junho e julho não tiveram testes reagentes nos dois anos estudados, e o número de testes realizados não foi inferior ao dos outros meses. **Conclusão:** As mulheres e adultos realizaram mais testes, com maioria não reatora e maioria dos reagentes entre homens. É necessário incluir dados de mais anos na pesquisa. Contudo, os dados parciais não apontam sazonalidade que favoreça a relação reagentes/carnaval.

Palavras-chave: HIV, ELISA, sazonalidade, série temporal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P237>

P-237 – SÍFILIS MATERNA E CONGÊNITA DE GESTANTES ADOLESCENTES

Daniele Socorro de Brito Souza Paiva¹, Amanda Maués Ramos², Ilka Lorena de Oliveira Farias Costa², Sérgio Beltrão de Andrade Lima¹, Ana Paula Oliva Reis³

¹Universidade do Estado do Pará

²Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará

³Secretaria de Saúde do Estado do Pará

Apresentador: Daniele Socorro de Brito Souza Paiva

E-mail: dsbspaiva@gmail.com

Introdução: A adolescência, idade considerada pela Organização Mundial da Saúde entre 10 e 19 anos, é uma fase de várias mudanças hormonais, físicas, psicológicas e comportamentais. O início da vida sexual ativa sem proteção pode favorecer a gestação indesejada e a infecções sexualmente transmissíveis, especialmente a sífilis. **Objetivo:** Estimar a incidência de sífilis materna e congênita de gestantes adolescentes. **Métodos:** Estudo descritivo, retrospectivo e transversal com análise de dados coletados do Sistema de Informações em Saúde (TABNET) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde sobre sífilis materna e congênita de gestantes adolescentes no Brasil no período de 2010 a 2019. **Resultados:** Foi observado um aumento gradativo da incidência de sífilis materna e de sífilis congênita em todas as faixas etárias maternas, inclusive em gestantes adolescentes, com um crescimento de número de casos notificados nesse grupo de 2010 a 2018 em 719% e 446%, respectivamente, apresentando uma pequena redução em 2019. Nos 10 anos do estudo foram registrados 332.860 casos de sífilis em gestantes e 175.381 casos de sífilis congênita, dos quais 87.602 (26,3%) e 42.171 (24,0%) foram em adolescentes, de modo respectivo, mantendo essa proporção com poucas variações no decorrer do estudo. Entre as adolescentes, houve um predomínio da faixa etária materna de 15 a 19 anos, em relação a 10 a 14 anos, tanto na sífilis em adolescentes (95,1% versus 4,91%) quanto na sífilis congênita (96,0% versus 4%). **Conclusão:** A sífilis materna e a sífilis congênita apresentaram um aumento de sua incidência nos últimos 10 anos, inclusive nas gestantes adolescentes. Este estudo corrobora a importância de ações educativas e políticas públicas que ajudem a prevenir gestações indesejadas e infecções sexualmente transmissíveis e que favoreçam a adesão das gestantes ao pré-natal, bem como ao diagnóstico e tratamento de sífilis na assistência materna, especialmente nas adolescentes.

Palavras-chave: sífilis, gestação, adolescência, sífilis congênita.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P238>

P-238 – NÍVEL DE ESPERANÇA DE VIDA DE GESTANTE QUE VIVE COM AIDS E LINFOMA DE BURKITT

Maisa Leitão de Queiroz¹, Jéssica Karen de Oliveira Maia², Livia Karoline Torres Brito³,

Livia de Paulo Pereira², Vanessa da Frota Santos², Marli Teresinha Gimeniz Galvão²

¹Centro Universitário Ateneu

²Universidade Federal do Ceará

³Maternidade Escola Assis Chateaubriand

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: Os antirretrovirais permitem que as pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana tenham uma vida prolongada, tornando o aids uma doença crônica. Assim, gestantes que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids e com câncer nutrem sentimentos diários aumentados de medo, desesperança, necessitando de intervenções protéticas. **Objetivo:** Avaliar o nível de esperança na vida de gestante que vive com vírus da imunodeficiência humana e linfoma de Burkitt. **Métodos:** Desenvolveu-se estudo de caso mediante aprovação de um comitê de ética em maio de 2021, intercedido por cuidados de enfermagem a uma gestante hospitalizada em uma maternidade de Fortaleza (CE). Utilizaram-se a anamnese e a Escala de Esperança de Herth para explorar os quesitos da esperança, permitindo intervenções em face da resposta diante de 12 afirmativas da escala que versam sobre: otimismo, planejamento, solidão, enfrentamento das dificuldades, fé, medo do futuro, felicidade, sentir-se forte, dar e receber amor, saber aonde quer ir, valor do dia e da vida. **Resultados:** A gestante discordou completamente sobre sentir-se sozinha e possuir medo do futuro, mas concordou completamente sobre: sentir-se otimista, possuir planos a longo e curto prazo, enxergar possibilidades diante das dificuldades, ter fé, lembrar-se de tempos felizes e prazerosos, sentir-se forte, sentir-se capaz amar, saber aonde quer chegar, acreditar no valor dos dias e acreditar no valor e utilidade da vida. Portanto, de acordo com os critérios da escala, a gestante nutria esperança na vida. Assim, no bojo da vivência de aids e de um câncer, o seu vivenciar era de otimismo mesmo diante de duas doenças graves. **Conclusão:** A utilização da Herth balizou o cuidado de enfermagem proporcionando intervenções direcionadas para manter sua motivação e o enfrentamento positivo diante das doenças que vivenciava.

Palavras-chave: gravidez, HIV, expectativa de vida.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P239>

P-239 – SIGNIFICADOS SOBRE VIVER COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS PARA PACIENTES ACOMPANHADOS PELO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NO MUNICÍPIO DE SERRA/ES

Kamila Venturini Machado¹, Eliane Tozato Pereira¹, Ester dos Santos Freitas¹

¹Escola Superior de de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória

Apresentador: Kamila Venturini Machado

E-mail: venturinkami@gmail.com

Resumo: Em razão dos avanços do Sistema Único de Saúde ao longo dos anos, as formas de prevenção e cuidado foram ampliadas a partir do entendimento de fatores que influenciam o convívio pós-diagnóstico de infecção, tais como socioeconômicos, estigmatização e preconceito e a disseminação de informações sobre vírus da imunodeficiência humana/aids que interferem na qualidade de vida. O presente estudo é resultado da pesquisa “Desafios do Diagnóstico e Convívio com vírus da imunodeficiência humana/aids: Percepções e Significados”, cujo objetivo foi conhecer como é conviver com o vírus da imunodeficiência humana/aids para os pacientes acompanhados no Centro de Testagem e Aconselhamento, e Serviço de Atendimento Especializado do município de Serra (ES). Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada tendo como critério pacientes com no mínimo um ano de convívio com vírus da imunodeficiência humana/aids. A partir desse critério foram selecionados 10% dos 288 pacientes, totalizando 28 entrevistados. Os dados revelaram a importância do suporte da rede de apoio com família e/ou com parceiro (a) para o enfrentamento das dificuldades da adesão ao tratamento e ao convívio com vírus da imunodeficiência humana/aids, pois é comum que ocorra a ocultação do resultado por se tratar de uma condição cujo estigma e preconceito ainda são muito presentes na sociedade. Por outro lado, os entrevistados relataram que ao longo do tempo a convivência com vírus da imunodeficiência humana/aids se torna normal, em virtude da melhoria na qualidade de vida, resultado da adesão contínua ao tratamento de antirretrovirais, e do acompanhamento multiprofissional do Sistema Único de Saúde: evidencia-se que a oferta de tratamento e acompanhamento viabiliza a promoção do cuidado e autoaceitação dos pacientes, e a democratização de informações seguras se torna fundamental ao processo de conviver com vírus da imunodeficiência humana/aids e no combate ao preconceito e à estigmatização sobre a doença na sociedade. Isso posto, é necessário investimento massivo no Sistema Único de Saúde, bem como a realização de práticas preventivas para atenuar os efeitos do preconceito e da desinformação.

Palavras-chave: HIV, aids, política, saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P240>

P-240 – CITOLOGIA ANAL: ALTERNATIVA PARA DIAGNÓSTICO DE ALTERAÇÕES INDUZIDAS POR PAPILOMAVÍRUS HUMANO E PARASITAS EM APOIO AO CUIDADO NA REDE DE SAÚDE

William Pereira Santos¹, Vanessa Silva de Souza Borges², Alcindo Antônio Ferla³

¹Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora

²Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: William Pereira Santos

E-mail: pereirasantoswilliam@gmail.com

Introdução: A citopatologia anal é utilizada de forma similar à técnica citológica cervical para diagnosticar lesões precursoras e câncer invasor induzidos pelo papilomavírus humano. Também pode ser aplicada para diagnosticar parasitas responsáveis por outras infecções sexualmente transmissíveis e, ocasionalmente, identificar microrganismos exclusivos do trato gastrointestinal (amebas, cistos e ovos de larvas). Qualificar os laudos de diagnóstico citopatológico pode apoiar o cuidado desde a atenção primária. **Objetivo:** Revisar a aplicação da técnica para diagnósticos neoplásico e inflamatório no canal anal. **Métodos:** Revisão seletiva da literatura no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. As fontes foram recuperadas com a pergunta: “Como a citologia anal pode apoiar o cuidado nos serviços de saúde?”. **Resultados:** Fontes recuperadas sugerem coleta de material do canal anal nas Unidades Básicas de Saúde e o encaminhamento para laboratórios de citopatologia. Nessa fase são emitidos diagnósticos conforme alterações observadas nas células escamosas/glandulares. Parasitas devem ser descritos de forma reprodutível. No caso de herpes e papilomavírus humano, a técnica, limitada para visualização dos vírus, identifica alterações citopáticas causadas pelas infecções. Outros agentes podem ser identificados pela morfologia, além do estado inflamatório: *Trichomonas*, *Candida*, *Chlamydia trachomatis*. Infecções causadas por protozoários, fungos e/ou bactérias aumentam o risco de câncer anal. Algumas alterações detectadas não são patogênicas das infecções e exames mais específicos podem ser indicados no laudo para apoiar a decisão clínica ainda na atenção primária. A descrição precisa, com laudos com sugestões complementares de diagnóstico, pode orientar as práticas clínicas nos serviços, ampliando a resolutividade e qualidade das ações desde a atenção primária, qualificando os sistemas,

redes de atenção e indicadores de saúde. **Conclusão:** A correlação clínico-citológica no laudo diagnóstico facilita o acompanhamento e tratamento adequados. Com a definição da indicação de exames adicionais será possível traçar melhor os protocolos de cuidado à população em diferentes agravos, apoiando ações de promoção e proteção à saúde nos serviços territoriais.

Palavras-chave: atenção primária à saúde, citologia, IST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P241>

P-241 – A NEGAÇÃO DA SEXUALIDADE DA PESSOA IDOSA PROVOCANDO A INVISIBILIDADE DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA, RESULTANDO EM DIAGNÓSTICO DE AIDS: OBSERVAÇÃO APÓS A INAGURAÇÃO DE UM NOVO SERVIÇO AMBULATORIAL DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA

Liney Araujo¹, Paulo Fernando Campos Simões², José Savio dos Santos³, Tania Maria Gomes da Silva¹, Adriana Santos da Silva Teles⁴, Willian Benedito Proença Junior Proença⁴

¹Centro Universitário de Maringá

²Faculdade Fasipe

³Universidade de Ribeirão Preto

⁴Secretaria Municipal de Saúde de Cuiabá

Apresentador: Liney Araujo

E-mail: liney.araujo50@gmail.com

Introdução: Na década de 1990, Cuiabá (MT) inaugurava o primeiro Serviço Ambulatorial de Assistência Especializada em infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana/aids. Logicamente, em 22 anos de serviço o número de infectado pelo vírus da imunodeficiência humana/aids aumentou, principalmente nos novos bairros, situados distantes desse Serviço Ambulatorial de Assistência Especializada, havendo a necessidade da implantação de um novo serviço, inaugurado em 08/2020 na região mais populosa da capital, onde estão 17 unidades de saúde da Atenção Primária e Secundária. Nos sete meses de funcionamento o serviço vivenciou a realização de diagnóstico em um número não esperado de pessoas idosas em franco estado de aids. É científico que a expectativa de vida da população aumentou, com as terapias hormonais, como os medicamentos para fortalecer a potência sexual, promovendo uma melhor qualidade de vida sexual nessa população. No entanto, os profissionais cuidadores nas unidades de saúde ainda não compreendem a velhice enquanto etapa da vida, marcando-a como sinônimo de incapacidades, de natureza social, física, mental e sexual. Ao relacionarem a sexualidade com envelhecimento têm a pessoa idosa como assexuadas. **Objetivo:** Apresentar para os profissionais de saúde a prevalência do vírus da imunodeficiência humana a sua negação da atividade sexual nessa população, colocando-a vulnerável a esses agravos. **Métodos:** Estudo descritivo e quantitativo realizado no período de 09/2020 a 03/2021. **Resultados:** Dos 140 usuários cadastrados no serviço, 27 (19%) estão na idade de 60 a 72 anos, 9 (33%) são mulheres e 18 (67%) homens. Todos estavam clínica e laboratorialmente com aids e apresentavam mais de uma comorbidade, além da história epidemiológica compatível de mínimo oito anos de adoecimento. Relataram que nesse período buscaram sistematicamente as unidades de saúde para alívio dos sinais e sintomas ora apresentados. **Conclusão:** Os profissionais de saúde estão desassistidos da sólida ciência do vírus da imunodeficiência humana/aids e do contexto político/social sexual da pessoa idosa, naturalizando a sua morte precoce quando associada e esses agravos.

Palavras-chave: idoso, HIV, aids, profissional de saúde, sexualidade, serviço de saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P242>

P-242 – CASAI SORODIFERENTES: MULHERES COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA, UM DESENCADEADOR DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ESTUDO REALIZADO EM UM SERVIÇO ESPECIALIZADO

Liney Araujo¹, Paulo Fernando Campos Simões², Tania Maria Gomes da Silva¹, Marcelo Picinin Bernuci Bernuci¹

¹Centro Universitário de Maringá

²Faculdade Fasipe

Apresentador: Liney Araujo

E-mail: liney.araujo50@gmail.com

Introdução: Fazendo um paralelo com os contextos do vírus da imunodeficiência humana e da violência doméstica, ambos estão entre os agravantes sociais, históricos e de saúde, podendo, ainda, funcionar como potencializadores da condição suscetível desses grupos, afastando deles a possibilidade de condições básicas de bem-estar físico, mental e social. Tidas como pandemias e importante problemas de saúde pública, os números estatísticos traduzem a violência contra as mulheres e o vírus da imunodeficiência humana/aids como a existência de um problema agudo e de longa duração, produzindo impactos negativos e significativos nas vidas das pessoas acometidas por esse ou esses agravos. Levando em conta a questão da violência, considera-se que conviver com vírus da imunodeficiência

humana é um provável agregador na geração de vulnerabilidade de gênero. O vírus da imunodeficiência humana e a violência doméstica possuem um caráter interdisciplinar que transitam pelas áreas de saúde, buscando um diálogo com as ciências sociais para compreender o indivíduo, principalmente a mulher vírus da imunodeficiência humana/aids, a partir do entorno que a constitui e a significa. Isso porque são vários os estigmas e preconceitos associados à doença e ao ato de adoecer, à fragilidade do corpo, às formas de transmissão, à prevenção e ao tratamento. **Objetivo:** Analisar se a soropositividade é um fator desencadeante da violência de gênero contra mulheres vírus da imunodeficiência humana/aids parceiras homens sorodiferentes. **Métodos:** Um estudo transversal, de abordagem qualitativa e exploratória, onde dez mulheres vírus da imunodeficiência humana/aids foram entrevistadas nos meses de 05 a 09/2020. **Resultados:** Das dez entrevistadas, quatro mulheres indicaram ter sofrido violência ligada ao vírus da imunodeficiência humana do ex ou atual companheiro. Outras seis mulheres passaram pela mesma situação e mais, sofreram violência de algum familiar. **Conclusão:** Ter vírus da imunodeficiência humana ainda é estar vulnerável às inumeráveis discriminações. A não aceitação e ou repulsa de pessoas com quem se mantém um relacionamento afetivo ou um familiar constituiu uma situação agravante para que essa mulher comprometa a adesão ao tratamento e seguimento do agravo.

Palavras-chave: violência doméstica, violência de gênero.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P243>

P-243 – A EDUCOMUNICAÇÃO E O ESTADO DA ARTE NA QUALIFICAÇÃO DAS AÇÕES PARA A RESPOSTA RÁPIDA À SÍFILIS

Chyrlly Elidiane de Moura¹, Emilly Bezerra Siqueira de Miranda², Edna Gomes de Souza Batista³, Ana Paula Muniz de Magalhães²

¹Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²Secretaria Municipal de Saúde de Natal

³Secretaria Municipal de Saúde de Parnamirim

Apresentador: Chyrlly Elidiane de Moura

E-mail: chyrlly.moura@lais.huol.ufrn.br

Introdução: A sífilis é uma infecção bacteriana transmitida por meio da relação sexual sem proteção com um indivíduo infectado ou de uma gestante ao seu conceito quando esta não for tratada ou tratada inadequadamente. A situação da sífilis no Brasil é preocupante e a infecção precisa ser controlada. Entre os compromissos assumidos pelo Brasil em 2016 na Agenda de Ações Estratégicas para Redução da Sífilis está a inclusão de ações conjuntas com a estratégia interministerial de Resposta Rápida à Sífilis nas Redes de Atenção (Projeto Sífilis Não!), tendo como objetivo reduzir a sífilis adquirida, a sífilis em gestantes e eliminar a sífilis congênita no Brasil. Um dos eixos trabalhados no Projeto Sífilis Não! é a educação, que visa ao fortalecimento da informação e à educação para a qualificação da atenção à saúde na prevenção, assistência, tratamento e vigilância da sífilis. **Objetivo:** O objetivo deste relato é descrever as principais ações de educação realizadas nos municípios prioritários de Natal e Parnamirim (RN) e os impactos para o controle da sífilis. **Métodos:** As experiências são apresentadas sequencialmente proporcionando uma visão geral das ações e os resultados que implicam na qualificação da rede de cuidado às pessoas com sífilis por meio do engajamento dos gestores, profissionais da saúde e sociedade civil. **Resultados:** As ações desenvolvidas nos territórios dentro do eixo educação impactaram no fortalecimento da resposta rápida à sífilis e consequentemente no controle da sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita, contribuindo para a qualificação do cuidado às pessoas com sífilis no âmbito da Rede de Atenção à Saúde desses municípios. **Conclusão:** É notório que a educação permanente das equipes e o uso das mídias são aliados na qualificação da informação e no estímulo a responsabilização de todos os atores envolvidos na luta contra a sífilis.

Palavras-chave: sífilis, informação e comunicação em saúde, mídias sociais.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P244>

P-244 – DESENVOLVIMENTO DE UM PROTÓTIPO DE APLICAÇÃO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS SOBRE GRAVIDEZ E SÍFILIS NA GESTAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Andressa Cristina Batista de Lacerda Oliveira¹, Aline Pinho Dias¹, Lina Morgado², Ana Katarine de Oliveira Caldeira¹, Ana Beatriz de Almeida Medeiros Moura¹, Maurício da Silva Oliveira Júnior¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²Universidade Aberta de Portugal

Apresentador: Andressa Cristina Batista de Lacerda Oliveira

E-mail: andressa_cris88@hotmail.com

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível sistêmica, de evolução crônica, sujeita a surtos de agudização e períodos de latência quando não tratada, causada pela bactéria *Treponema pallidum*, que pode produzir as formas adquirida ou congênita da doença. **Objetivo:** Diante da epidemia de sífilis, reconhecida no Brasil desde o ano de 2016,

e do déficit de discussões a respeito dessa infecções sexualmente transmissíveis durante o pré-natal, o estudo em questão teve como objetivo identificar déficits de informações que as gestantes apresentam em relação a sífilis na gestação e a sífilis congênita para auxiliar no desenvolvimento de um recurso educacional mediado por tecnologia como estratégia educacional para promoção à saúde e enfrentamento desse problema de saúde pública. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, com abordagem quantitativa sobre o nível de conhecimento a respeito da sífilis apresentado pelas gestantes atendidas no pré-natal de alto risco da Maternidade do Divino Amor em Parnamirim (RN) para auxiliar na identificação das necessidades de informação dessa população e desenvolvimento de um protótipo de recurso educacional inovador para formação da gestantes atendidas no pré-natal que utilize a mediação tecnológica e a interface entre educação e comunicação como estratégia de educação em saúde a distância. **Resultados:** Foram investigadas 46 gestantes que demonstraram lacunas no conhecimento sobre a sífilis no que se refere a: sinais e sintomas da sífilis, medidas de prevenção e transmissão vertical. **Conclusão:** Tais achados subsidiaram a elaboração de protótipo de recurso educacional, o qual pretende se constituir numa importante fonte de informação para adoção de medidas preventivas de saúde, com recursos que desenvolve no usuário autonomia, empoderamento e habilidades de comunicação, contribuindo nesse processo de aprendizagem para a melhoria dos indicadores de saúde nessa população e redução dos casos de sífilis congênita a partir da formação de gestantes durante o pré-natal.

Palavras-chave: educação a distância, educação em saúde, cuidado pré-natal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P245>

P-245 – RECORTE HISTÓRICO DA SÍFILIS NA OBRA DE GILBERTO FREYRE

Edilbert Pellegrini Nahn Junior¹, Carlos Miguel Kleinsorgen Motta Antunes¹, Gustavo Estevam Gonçalves Martins¹, Jhoson Cunha Lopes¹

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro

Apresentador: Gustavo Estevam Gonçalves Martins

E-mail: carlosmiguelkma@gmail.com

Introdução. A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível conhecida como doença de mil faces, em razão da diversidade de suas apresentações clínicas. De forma semelhante, os significados a elas atribuídos variam ao longo da história, um dos quais é abordado na obra do escritor e antropólogo Gilberto Freyre. Em “Casa-Grande e Senzala”, é relatado que a lesão dermatológica sifilítica era um símbolo de virilidade no Brasil escravista, já que atestava a entrada dos filhos dos senhores no mundo adulto. **Objetivo:** Analisar a concepção histórica da sífilis no cenário brasileiro, com ênfase na obra de Freyre, dado o conhecimento pouco difundido acerca dessa temática. **Métodos:** Revisão e análise dos aspectos históricos da sífilis abordados em “Casa-Grande e Senzala”, além de estudos, encontrados em bases de dados, que o referenciem. **Resultados:** A obra de Freyre foi publicada num momento oportuno, aguçando o desejo de muitos de conhecer a história de nosso país, inclusive das doenças trazidas pelos europeus. Como relatado pelo autor, as lesões genitais eram motivo de contentamento, “o brasileiro a ostentava como quem ostentasse uma ferida de guerra”. Além disso, a contaminação ocorria nas senzalas, mas não que o negro já viesse contaminado: isso se dava porque os senhores das casas-grandes contaminavam as escravas à medida em que reforçava sua virilidade. Em suas palavras, “por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sifilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem”. **Conclusão:** A obra apresenta pontos ainda não superados em relação à sífilis, merecendo total atenção sobre sua embriogênese em território brasileiro. Embora já tenham muitos avanços no seu manejo, graças a métodos diagnósticos e antibioterapia específica desenvolvidos, ainda são frequentes manifestações graves, além do seu desconhecimento pela população. Desse modo, cabe pensar: a investigação desse passado ajudaria na elucidação da dinâmica atual da sífilis?

Palavras-chave: sífilis, história, antropologia médica.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P246>

P-246 – PREVALÊNCIA DE CASOS DE SÍFILIS REGISTRADOS EM UM CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO

Angela de Souza Garcia Damiani¹, Juliana Lemes dos Santos¹, Geovane Barbosa da Silva¹, Kelly Silva Rodrigues¹, Luiza Mariana Alvarez Elicker¹, Taila Brant¹, Ana Lidia Toebe¹, Janaina Coser¹, Graziella Alebrant Mendes¹, Janice de Fátima Pavan Zanella¹

¹Universidade de Cruz Alta

Apresentador: Janice de Fátima Pavan Zanella

E-mail: jzanella@unicruz.edu.br

Introdução. A sífilis é considerada um problema de saúde pública, já que contribui para perdas gestacionais e eleva o risco da transmissão do vírus da imunodeficiência humana. A doença é causada pela bactéria *Treponema pallidum* e, quando não tratada, pode evoluir a estágios que comprometem a pele e órgãos como o coração fígado e sistema nervoso

central. **Objetivo:** Determinar a prevalência de sífilis adquirida, gestacional e congênita em um Centro de Testagem e Aconselhamento. **Métodos:** Estudo retrospectivo transversal, descritivo e analítico, cuja amostra foram dados clínicos e sociodemográficos da ficha de notificação compulsória dos pacientes diagnosticados com sífilis adquirida, congênita e gestacional no biênio de 2018/2019. Os dados clínicos avaliados compreenderam: forma da sífilis (adquirida, gestacional ou congênita) e idade. E os dados sociodemográficos: etnia, escolaridade, sexo e local de residência (zona rural ou zona urbana). As avaliações, entre as variáveis qualitativas, foram verificadas pelo teste qui-quadrado, de Pearson. Todas as análises foram bilaterais com nível de significância preestabelecido para o erro alfa de 5 ($p < 0,05$). Estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta (RS) (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética 28707219.8.0000.5322), sob o parecer consubstanciado n. 3.906.070. **Resultados:** Foram notificados 86 casos de sífilis no período de estudo, sendo 15 (17,4%) casos em 2018 e 71 (82,6%) casos em 2019. Predominaram pacientes com sífilis adquirida, 62 (72,1%) casos, seguidos de pacientes com sífilis gestacional, 18 (20,9%), e congênita, 6 (7,0%). A idade média dos pacientes do estudo foi de 30,3 anos ($\pm 11,9$). A maioria dos participantes era do sexo feminino, de origem étnica branca, possuía escolaridade de nível médio incompleto e residia em zona urbana. **Conclusão:** Os resultados obtidos são relevantes e podem oferecer informações úteis para subsidiar as políticas de saúde na prevenção, no tratamento e acompanhamento desse grupo de pacientes.

Palavras-chave: *Treponema pallidum*, sífilis congênita, doenças sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P247>

P-247 – AVALIAÇÃO DO IMPACTO NO ATENDIMENTOS ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM AMBULATÓRIO DO OESTE DO PARANÁ DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Josana Aparecida Dranka Horvath¹, Winny Hirome Takahashi¹, Luciana Osorio Cavalli¹, Edina Joana Soares¹, Yara Helena Perin Orso¹, Marcia Claudete Weschenfelder¹, Roberto Ferreira Oizumi¹, Wanila Arroyo Pitondo¹, Katy Regina da Silva Luz¹, Diana Mara Gaboardi Mariotti¹

¹Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias da Prefeitura Municipal de Cascavel (PR)

Apresentador: Josana Aparecida Dranka Horvath

E-mail: josannah@hotmail.com

Introdução: O Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias é um serviço de referência aos ambulatórios de vírus da imunodeficiência humana, hepatites virais, infec-tologia e infecções sexualmente transmissíveis em Cascavel (PR). Diante da pandemia de COVID-19 e a interrupção da maioria dos serviços ambulatoriais do município no final de março de 2020, surgiu a preocupação em não interromper o atendimento nesse serviço. **Objetivo:** Avaliar as estratégias e impacto dos atendimentos ambulatoriais de infecções sexualmente transmissíveis durante a pandemia, diante das restrições. **Métodos:** Relato de experiência de estratégias utilizadas para manutenção dos atendimentos de infecções sexualmente transmissíveis e avaliação do quantitativo dos atendimentos realizados no período de abril a dezembro de 2020 em comparação ao mesmo período de 2019, utilizando relatórios de atendimento ambulatorial. **Resultados:** As estratégias criadas pensando em garantir atendimentos com segurança – reformulação de agendas médicas com maior intervalo entre as consultas, garantia do atendimento por livre demanda, equipamentos de proteção individual para servidores, barraca externa como sala de espera, uso rede sociais como Facebook e WhatsApp para esclarecer dúvidas e/ou agendar consultas, fortalecimento de vínculos com projetos *on-line* e informação à imprensa e ao *call center* municipal sobre atendimentos prioritários – visaram garantir que demandas de infecções sexualmente transmissíveis não fossem totalmente desassistidas durante a pandemia. O quadro de profissionais médicos desse ambulatório foi reduzido em 50%, e enfermagem em 30%, não considerando afastamentos por suspeita de COVID-19. O número de atendimentos entre abril e dezembro de 2019 foi de 1.362, enquanto no mesmo período de 2020 foi de 1.015 (queda de 25,4%). Destaca-se o mês de abril de 2020, com diminuição de 78% nos atendimentos. **Conclusão:** Infecções sexualmente transmissíveis não deixaram de ocorrer ou ter complicações com a presença da pandemia. O conhecimento e organização da equipe, mesmo reduzida, são destaques dessa avaliação, garantindo o acesso ao serviço público para diagnóstico e tratamento de infecções comumente pouco valorizadas.

Palavras-chave: IST, saúde pública, gestão em saúde, coronavírus.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P248>

P-248 – IMPLANTAÇÃO DO ATENDIMENTO DE PROFILAXIA PRÉ EXPOSIÇÃO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA EM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS DO OESTE DO PARANÁ

Josana Aparecida Dranka Horvath¹, Priscila Gonçalves Josepetti Santili², Edina Joana Soares¹, Roberto Ferreira Oizumi¹, Luciana Osorio Cavalli¹, Winny Hirome Takahashi¹, Yara Helena Perin Orso¹, Jackeline Natale Araujo³, Diana Mara Gaboardi Mariotti¹, Marcia Claudete Weschenfelder¹

¹Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias da Prefeitura de Cascavel (PR)

²Secretaria Municipal de Saúde de Marilía

³Vigilância Epidemiológica, 10ª Regional de Saúde

Apresentador: Josana Aparecida Dranka Horvath

E-mail: josannah@hotmail.com

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana é um vírus considerado epidêmico e sem possibilidade de cura, porém com possibilidade de tratamento e diferentes formas de prevenção. O termo Prevenção Combinada reúne diferentes estratégias para prevenção, que incluem preservativos/gel lubrificante, tratamento precoce aos portadores de vírus da imunodeficiência humana e infecções sexualmente transmissíveis, vacinação para hepatite B e papilomavírus humano, prevenção da transmissão vertical, testagem de vírus da imunodeficiência humana universal, redução de danos, uso da profilaxia pós-exposição e da pré exposição ao vírus da imunodeficiência humana. A profilaxia pré-exposição compreende o uso de antiretrovirais para reduzir o risco de adquirir a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. A implantação do protocolo atendimento de profilaxia pré-exposição nos serviços é um desafio para gestão pública. **Objetivo:** Intervenções para implantação da profilaxia pré-exposição em um serviço público de referência em vírus da imunodeficiência humana/aids do Oeste do Paraná. **Métodos:** Relato de experiência sobre o processo de implantação da profilaxia pré-exposição a partir da proposta de intervenções de educação permanente à equipe multiprofissional da assistência e gestores por meio da metodologia de aprendizado significativo, utilizando disparadores como textos, artigos, discussão de casos de pacientes e cursos *on-line* de formação. **Resultados:** A proposta ocorreu em espaços de reuniões de gestores e de equipe, grupos de estudos e cursos online no período de janeiro a junho de 2020. Os espaços oportunizaram aprimorar o conhecimento sobre profilaxia pré-exposição, compartilhamento de diferentes pontos de vista baseado na vivência/formação de cada profissional e a definição em conjunto com a equipe da estruturação do fluxo de atendimento da profilaxia pré-exposição de acordo com realidade local. Após espaços de discussões realizados, os profissionais relataram maior comodidade em realizar abordagens, e os atendimentos iniciaram a partir agosto de 2020. **Conclusão:** O atendimento de profilaxia pré-exposição requer habilidade/conhecimento dos profissionais e organização do serviço, sendo necessário que haja garantia pela gestão pública da manutenção destes espaços de discussão de saberes contínuos entre a equipe, recursos humanos e materiais.

Palavras-chave: gestão em saúde, prevenção, HIV, educação permanente.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P249>

P-249 – O USO DO AUDIOVISUAL, NO CONTEXTO DA SÍFILIS, COMO AGENTE FACILITADOR COMUNICACIONAL DE PREVENÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Anderson de Almeida¹, Juciano Lacerda¹

¹Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentador: Anderson de Almeida

E-mail: anderson.almeida.1@ufrn.br

Introdução: Comunicar assertivamente é um dos maiores desafios da atualidade, principalmente se tratando de política pública voltada para os jovens brasileiros em um contexto de aumento dos casos de sífilis nessa faixa etária. No Brasil é observado o uso predominante de pessoas brancas na comunicação institucional em saúde do governo brasileiro. Entretanto, é consolidado socialmente que nas periferias do país pessoas pretas são maioria e essa comunicação não atua de forma significativa nessa faixa da sociedade. Com a finalidade de atender a esse público e robustecer a política de prevenção da sífilis, foi desenvolvida uma peça musical e um clipe audiovisual, ambos intitulados “Sem Vacilação”, com a participação de artistas nacionais, linguagem e formato específicos no âmbito do Projeto Sífilis Não!. **Objetivo:** Neste trabalho se pretende identificar o posicionamento comunicacional do Projeto Sífilis Não! diante da ação musical e audiovisual que se propôs inovar no formato de produção adotado, na linguagem e no estilo musical, atrelado ao uso das redes sociais como veículo orgânico impulsor, com o foco em um determinado segmento da sociedade, seu contexto social, racial e econômico. **Métodos:** Baseando-se no estudo descritivo e na pesquisa bibliográfica, propõe-se contextualizar o tema e seus adendos, as análises quantitativas e qualitativas geradas por sites de hospedagem de vídeos, *streams* e plataformas virtuais de música. **Resultados:** O engajamento virtual mostra eficiência na classificação da audiência da produção realizada, bem como a exatidão do fechamento do ciclo comunicacional da proposta. O material foi distribuído em rádios e plataformas virtuais e compartilhado nas redes sociais do projeto, do Ministério da Saúde, de artistas e canais relevantes. **Conclusão:** A observação mostra expressivos números de visualizações nas redes sociais, *feedback* positivo e a formação de uma conscientização da população-alvo da ação, bem como a efetividade do conceito de prevenção da sífilis.

Palavras-chave: sífilis, comunicação, audiovisual, internet.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P250>

P-250 – VÍRUS DA HEPATITE C EM PACIENTES HEMODIALISADOS: UMA BREVE REVISÃO

Alaides de Abreu Santos¹, Talia Hahn Augusto¹, Geovane Barbosa da Silva¹, Tatiana Mugnol¹, Luiza Mariana Alvarez Elicker¹, Taila Brant¹, Ana Lídia Toebe¹, Kelly Silva Rodrigues¹, Janaina Coser¹, Janice de Fátima Pavan Zanella¹

¹Biomedicina da Universidade de Cruz Alta

Apresentador: Alaides de Abreu Santos

E-mail: jzanella@unicruz.edu.br

Introdução: A hepatite C é um problema de saúde pública, com maior prevalência em pacientes com doença renal crônica. **Objetivo:** Conhecer a relação do vírus da hepatite C em pacientes hemodialisados. **Métodos:** Foi realizada uma revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa. A busca artigos ocorreu em março de 2019. Foram selecionados artigos no idioma de português e inglês, extraídos de sites de coleção como LILACS, SciELO, PubMed, EBSCO e Ministério da Saúde, no período de 2009-19 e utilizados os seguintes descritores em português: HCV, hepatite C, hemodiálise, doença renal, diálise. E, em inglês: *hepatitis c, hemodialysis, renal disease, dialysis*. Ao todo, neste estudo foram incluídos oito artigos. **Resultados:** A hepatite C é causada por um vírus com genoma de fita simples ácido ribonucleico, envelopado, com um diâmetro que varia de 55 a 65 nm, da família *Flaviviridae*, do gênero *Hepacivirus*. O Brasil registrou 24.460 casos de hepatite C em 2017, sendo Porto Alegre (RS) a capital com as maiores taxas (90,7 casos/100 mil habitantes). A proporção de infecções por via sexual foi de 9,2%, relacionadas ao uso de drogas, 8,1%, e as infecções por via transfusional, 6,8%. Pacientes com a doença renal crônica são predispostos a contaminação pelo vírus. As principais formas de contágio de pacientes em hemodiálise têm sido as diversas transfusões sanguíneas, resultados falso-negativos, fazendo uma disseminação por equipamento, objetos compartilhados pelos pacientes e quebra de biossegurança dos próprios profissionais. O teste de hepatite C deve ser feito em todos os pacientes que iniciarem o programa de hemodiálise, com confirmação utilizando-se os testes moleculares. **Conclusão:** A infecção em pacientes com doença renal crônica em hemodiálise vem aumentando ao longo do tempo. Fazem-se necessários maiores cuidado e prevenção nos centros de hemodiálise para que haja redução da contaminação pelo vírus da hepatite C em pacientes com doença renal crônica.

Palavras-chave: HCV, hemodialise, doença renal crônica.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P251>

P-251 – EPIDEMIOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONTROLE DAS ENDEMIAS DA REGIÃO AMAZÔNICA

Rosa Maria Guimarães Brito¹, Ana Caroline Moura Rodrigues Costa¹, Daianne Freires Fernandes¹, Rosa Natália Muniz Carneiro Mota¹, Cássio Diogo Almeida Monteiro¹, Emanuelle Tavares Rodrigues¹, Amanda Alves Fecury¹, Demilo Yamaguchi da Pura¹, Rosemary Ferreira de Andrade¹

¹Universidade Federal do Amapá

Apresentador: Rosa Maria Guimarães Brito

E-mail: rosagbrito@hotmail.com

Introdução: Endemias são agravos que ocorrem em quantidade esperada de casos, com variações sazonais, baseadas na ocorrência de anos anteriores não epidêmicos, em certa região e período, sendo determinadas por condicionantes relacionados a aspectos socioeconômicos e biopsicoculturais. As políticas públicas são representadas por medidas, ações e atuações governamentais, afetando a vida das populações. **Objetivo:** Investigar o perfil epidemiológico e as políticas públicas de controle das endemias na Região Amazônica. **Métodos:** Estudo transversal, qualitativo e descritivo, com investigações em bases de dados como, SciELO, PubMed, MedLine. Foram utilizados estudos que contivessem as endemias da Amazônia associadas às políticas públicas. **Resultados:** Apresentou a análise baseada nas políticas públicas dos artigos investigados, com as endemias mais comuns na Região Amazônica, entre elas dengue, malária, febre amarela, hanseníase, tuberculose e leishmaniose, sendo possível identificar que a Região Amazônica é um ambiente bastante suscetível às endemias em razão das questões associadas a aspectos socioeconômicos, culturais, psicossociais e biológicos evidenciados como contribuintes para o avanço e a duração das endemias. Assim, é necessário compreender esses determinantes para um efetivo enfrentamento planejado e adequado a essa realidade, com ações governamentais, estratégias de controle e políticas públicas visando à redução de casos dessas doenças na Região Amazônica e, consequentemente, melhorias nas condições de vida dessas populações. Também foi referida a carência de estudos de impacto das políticas públicas nas populações ribeirinhas, uma grande fragilidade, considerando que se trata de um público com mais dificuldade de acesso aos sistemas de saúde. **Conclusão:** A compreensão do processo epidemiológico das endemias na Região Amazônica implica em investigação e análise, sendo imprescindível

uma atuação integralizada e direcionada ao alcance de condições de amparo a esses povos pelo sistema público, por meio de estratégias que envolvam combate, fiscalização, orientação e monitoramento, ressaltando, ainda, o papel de corresponsabilidade da sociedade em geral no aspecto preventivo.

Palavras-chave: endemias, Região Amazônica, políticas públicas.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P252>

P-252 – VIGILÂNCIA DA CRIANÇA EXPOSTA AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: CONTRIBUIÇÕES DA BUSCA ATIVA DE CASOS EM PORTO ALEGRE

Danielle Lodi Silva¹, Daniela Riva Knauth¹, Daniela Santos Alves¹, Luciana Silveira Egres¹, Bruna Hentges¹, Karen da Silva Calvo¹, Vanderlei da Silva Passos¹, Mariana Alberto da Silva¹, Rafael Henrique Flores Ribeiro¹, Luciana Barcellos Teixeira¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentador: Danielle Lodi Silva

E-mail: dnl.santosalves@gmail.com

Introdução: Porto Alegre (RS) apresenta elevada taxa de transmissão vertical. Perda de seguimento é aquela criança que foi exposta ao vírus da imunodeficiência humana e que, no momento do encerramento do caso, não foi localizada na rede de saúde para a realização de diagnóstico laboratorial. **Objetivo:** Contribuir para o aprimoramento do sistema de vigilância de crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana na cidade de Porto Alegre, por meio da busca ativa das perdas de seguimento. **Métodos:** Estudo com abordagem quantitativa e qualitativa. O componente qualitativo consiste em registros em diários de campo e entrevista em profundidade de mães de crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana. O componente quantitativo é um estudo de coorte histórica em Porto Alegre no período de 2000 a 2017, com 8.520 gestantes e crianças. Apresenta-se a descrição do trabalho de campo da busca ativa de crianças expostas ao vírus da imunodeficiência humana, registradas como perda de seguimento. Trata-se de estudo em andamento. **Resultados:** Foram visitadas 53 unidades de saúde para a busca ativa de 208 crianças. Em muitos casos não foi possível realizar a abordagem por motivos diversos (presença de outros familiares no domicílio, agendamento na unidade de saúde sem comparecimento, mudança de endereço). Foram abordadas 97 mães e crianças, e 7 mães recusaram participação na pesquisa. Entre as 90 restantes, 54 já haviam realizado o teste anti-vírus da imunodeficiência humana, mas não havia laudo no sistema. Foram testadas 36 crianças, das quais 3 apresentaram sorologia positiva. Situação socioeconômica, ausência de conhecimentos e condições psicológicas foram algumas barreiras identificadas. **Conclusão:** O estudo revela os contextos de vulnerabilidade nos quais as mulheres e as crianças estão inseridas, sinalizando aos serviços de saúde a necessidade de conhecer essa realidade para tentar evitar a perda de seguimento. Para a busca ativa, a pesquisa criou uma lista de sistemas que servem de base para o monitoramento.

Palavras-chave: criança, HIV, transmissão vertical, vigilância.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P253>

P-253 – DERMATOSE VULVAR, UM DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL COM SÍFILIS SECUNDÁRIA: RELATO DE CASO

Melissa Nathalye Ramos e Gonçalves¹, Paulo Henrique Alves da Silva¹, Maria Clara de Sousa Lima Cunha¹, Lucas Nascimento Monteiro¹, Voney Fernando Mendes Malta¹, Vera Lúcia Tenório Correia da Silva¹, José Humberto Belmino Chaves¹, Geovana Santos Martins Neiva², Gentileza Santos Martins Neiva²

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade da Cidade de Maceió

Apresentador: Melissa Nathalye Ramos e Gonçalves

E-mail: neivinha2@yahoo.com.br

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível de alta incidência mundial provocada pela bactéria Gram-negativa *Treponema pallidum*. A transmissão pode ocorrer pelo contato sexual desprotegido com pessoa contaminada, com mucosa, sangue ou saliva de pacientes infectados e por via transplacentária materno-fetal. Em 2016, a Organização Mundial da Saúde estimou 6,3 milhões de novos casos de sífilis no mundo, sendo a prevalência em homens e mulheres de 0,5%, com valores regionais variando de 0,1% a 1,6%. Prevalências altas de sífilis foram observadas entre segmentos das populações-chave no Brasil, como homens que fazem sexo com homens (9,9%), trabalhadoras do sexo (8,5%) e pessoas privadas de liberdade (3,8%). Essa patologia é dividida em quatro estágios, sendo o segundo denominado sífilis secundária, a qual tem como sua principal manifestação clínica a presença de pápulas acastanhadas/avermelhadas palmo-plantar e placas mucosas. As dermatoses vulvares (líquens) se apresentam como lesões em pápulas

ou placas eritematosas descamativas e eventualmente erosivas, principalmente na região dos grandes lábios. **Objetivo:** Relatar um caso de sífilis secundária com dermatose vulvar como diagnóstico diferencial. **Métodos:** Os dados foram obtidos de consulta, entrevista e registro dos métodos diagnósticos aos quais a paciente foi submetida e revisão de literatura. **Resultados:** Mulher, 42 anos, foi encaminhada ao ambulatório da ginecologia por dermatose vulvar por lesões descamativas hipercrômicas vulvares há aproximadamente seis meses e referindo vários tratamentos anteriores. Ao exame de vulva: placas avermelhadas hipercrômicas ocupando o monte púbico e intróito vaginal. Observaram-se manchas hipercrômicas em região palmar e plantar. Solicitada dosagem laboratorial para doença venérea com titulação 1:168. Foi recomendado tratamento com penicilina benzatina 1200 UI em cada glúteo. **Conclusão:** O exame clínico e direcionamento da investigação laboratorial para sífilis são indispensáveis mediante anormalidades epiteliais genitais, sendo vital investigar toda a pele em busca de anormalidades.

Palavras-chave: sífilis, doenças da vulva, diagnóstico diferencial.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P254>

P-254 – PROCESSO DE ENFERMAGEM EM PUÉRPERA QUE VIVE COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS E SUSPEITA DE TUBERCULOSE

Maisa Leitão de Queiroz¹, Livia Karoline Torres Brito², Patrícia de Oliveira Bastos³, Edgley Carneiro Aguiar², Juliana Sampaio Santos², Morgana Boaventura Cunha², Luana Duarte Wanderley Cavalcante², Raquel Ferreira Gomes Brasil², Livia de Paulo Pereira³, Vanessa da Frota Santos³

¹Centro Universitário Ateneu

²Maternidade Escola Assis Chateaubriand

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: A tosse crônica é uma queixa frequente e inespecífica entre os adultos, podendo ser indicativa de diversas comorbidades, entre elas a tuberculose, sendo comum observar o maior risco dessa entre pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Relatar o processo de enfermagem aplicado a puérpera com vírus da imunodeficiência humana/aids e suspeita de tuberculose. **Métodos:** Trata-se um estudo descritivo, do tipo estudo de caso, realizado em abril de 2021, em Fortaleza (CE). Utilizou-se o *North American Nursing Diagnosis Association* para escolha dos diagnósticos de enfermagem e o NIC para delimitação das intervenções de enfermagem. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética sob número 1.899.089. **Resultados:** Puérpera, 19 anos, sexo feminino, G3P2A1, no 3º dia pós-parto cesáreo por retrovírose sem tratamento e tosse crônica, suspeita de tuberculose. Ao exame físico, paciente apresentou tosse produtiva esporádica, mamas lactantes, com ingurgitamento após uso de cabergolina, útero contraído abaixo da cicatriz umbilical, ferida operatória com boa cicatrização, sem sinais flogísticos, hematoma e sem seroma. membros inferiores sem sinais de tromboembolismo, com panturrilhas livres e sem empastamento. Seguiu em uso de hidróxido de ferro. A partir das informações, levantaram-se os diagnósticos de enfermagem: amamentação interrompida relacionada com contraindicações a amamentação, risco de sangramento associado a complicação pós-parto, risco de infecção relacionado a procedimento invasivo, padrão respiratório comprometido relacionado à tosse. Traçaram-se as seguintes intervenções: administrar a medicação prescrita, observar complicações, monitorar sinais vitais, observar sinais de sangramento, palpar fundo uterino, acompanhar a troca de absorventes para avaliar o sangramento transvaginal, identificar sinais de infecção, prestar apoio emocional e reduzir a ansiedade. **Conclusão:** O processo de enfermagem favorece a realização de uma assistência direcionada para cada contexto de forma equânime, promovendo, assim, a melhoria na qualidade do cuidado prestado.

Palavras-chave: período pós-parto, HIV, processos de enfermagem.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P255>

P-255 – PROGRAMA DE SAÚDE NA ESCOLA: UMA IMPORTANTE ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO À SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE DE RAPOSA (MA)

Livia Cristina Sousa¹, José Adailton Roland Diniz¹, Paulo André Melo Oliveira¹, Gláucia de Oliveira Costa¹, Antonia Yara Moreira Lima Silva¹, Alessandra Coelho Vivekananda Meireles², Marconi Relner Mesquita Viana³

¹Secretaria Municipal de Saúde

²Universidade CEUMA

³Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Livia Cristina Sousa

E-mail: livia4dotor@gmail.com

Introdução: Baseado no escopo da promoção da saúde, o Programa de Saúde na Escola prevê a realização de ações articuladas entre saúde e educação, em conformidade com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. **Objetivo:** Descrever as ações de saúde sexual e reprodutiva no Programa de Saúde na Escola. **Métodos:** Relato de experiência, com adolescente em duas escolas públicas de Raposa (MA), em 2019. Dividiram-se as salas em quatro estações temáticas. Contabilizaram-se 362 estudantes nos dois dias de atividades. **Resultados:** A atividade desenvolveu-se por meio de oficinas lúdicas participativas. Os adolescentes foram separados em grupos, coordenados pelos profissionais da ESF/NASF e ACS. A estação 1 teve como foco à sífilis, onde os alunos ficaram à vontade para fazerem perguntas sobre a doença. Na estação 2, o foco foi a oficina de preservativo, onde houve simulação do uso correto, desmitificação da redução do prazer sexual, acondicionamento, abertura do laço e a negociação do uso com as parcerias sexuais. Na estação 3, o foco foi sobre gravidez na adolescência. Enfatizou-se a gravidez na adolescência e o pré-natal precoce. Havia peças anatômicas de feto, bonecos com sinais clínicos de sífilis. Na estação 4, o foco foi o tapete lúdico, colorido da mandala de prevenção combinada do vírus da imunodeficiência humana. Os alunos, em roda, com música e balões que, após estourados, continham perguntas produzidas pelos estudantes, os quais ficavam livres para fazer questionamentos, expor suas ideias e seus pontos de vista sobre formas de prevenção combinada, identidade de gênero, orientação sexual, discriminação às populações-chave e nome social. **Conclusão:** O Programa de Saúde na Escola tem mobilizado ações relevantes e os resultados dessas ações demonstram um amplo alcance desse programa e de suas contribuições para a melhoria no cuidado da saúde da população escolar.

Palavras-chave: PSE, saúde sexual e reprodutiva, atenção primária de saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P256>

P-256 – CAMPANHA DE COMBATE À SÍFILIS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA EM DERMATOLOGIA SANITÁRIA: UMA ESTRATÉGIA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Leonardo José Lora Barraza¹, Monica Fresneda Vorontsova², Thays Merçon¹, Marcos Davi Sousa³, José Augusto da Costa Nery²

¹Instituto Oswaldo Cruz

²Instituto de Dermatologia Rubem David Azulay

³Hospital Universitario Gaffrè e Guinlé

Apresentador: Leonardo José Lora Barraza

E-mail: leo.loraba@gmail.com

Introdução: Este é um projeto de extensão que ocorre no nosso instituto de dermatologia desde 2017. A ação foi estruturada na prevenção do agravo, reconhecimento dos sintomas e testagem oportuna, voluntária, sigilosa e gratuita. **Objetivo:** Relatar a experiência da campanha por meio de dois eixos de atividades de extensão e de pesquisa. **Métodos:** Essa iniciativa tem sido dividida em dois eixos: a primeira etapa com uma atividade de extensão e a segunda com uma atividade de ensino e pesquisa. **Resultados:** A ação inicial foi a realização gratuita de testes rápidos para o rastreamento de sífilis. Na edição de 2017, 93 usuários foram testados, a maioria eram mulheres (68%), jovens (43%), 94% declararam sua orientação sexual como heterossexual, 3% homens que fazem sexo com homens e 3% bissexual. Do total, 88% negaram história de infecções sexualmente transmissíveis anteriores, entretanto 2% referiam antecedente de sífilis. Quanto à prática sexual, 55% afirmaram prática exclusivamente genital, 21% oral e genital, percentagens menores representaram outros tipos. E 80% referiram uso irregular do preservativo. Cinco usuários tiveram teste reagente para sífilis. Dos participantes que afirmaram saber como a sífilis é transmitida, apenas 23% usam preservativo sempre. Em outubro de 2017 e 2019, realizamos as atividades de pesquisa e extensão com o Seminário “Dia Nacional de Combate à Sífilis” dividido em dois blocos de mesas-redondas sobre questões epidemiológicas, aspectos clínicos e de tratamento, testes laboratoriais, coinfeção por vírus da imunodeficiência humana, sífilis na gravidez, sífilis congênita e o atendimento humanizado para a inclusão, promovendo um espaço para trocas de informações e experiências. **Conclusão:** Independentemente do tamanho da amostra da atividade de extensão, 5% de resultados positivos para sífilis mostram que a prevalência na população é realmente significativa. O preservativo não é utilizado em todas as relações sexuais por diversos fatores, principalmente pelos jovens. Nessa perspectiva, este projeto pode promover mudanças e sensibilização em prol da saúde sexual e reprodutiva.

Palavras-chave: sífilis, prevenção primária, sorodiagnóstico da sífilis.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P257>

P-257 – PREVALÊNCIA DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ENTRE HOMENS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Camila Laporte Almeida de Souza¹, Denise Cristina de Oliveira¹, Sergio Corrêa Marques¹, Renata Lacerda Marques Stefaisk¹, Jéssica Grativol Aguiar Dias de Oliveira¹, Rômulo Frutuoso Antunes², Yndira Yta Machado¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

²Instituto Nacional do Câncer

Apresentador: Camila Laporte Almeida de Souza

E-mail: camila.laporte@hotmail.com

Introdução: Os homens são o principal grupo afetado pela infecção do vírus da imunodeficiência humana atualmente, contudo o diagnóstico nesse grupo ainda causa impacto e estranhamento na população. A descoberta muitas vezes ocorre em razão das parceiras sexuais que apresentam o diagnóstico de soropositividade e após procuram um serviço especializado a fim de realizar o teste. **Objetivo:** Tem-se por objetivo discutir as políticas públicas de controle do vírus da imunodeficiência humana/aids para os homens e suas contribuições para as taxas de prevalência de vírus da imunodeficiência humana nesse grupo. **Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada nas bases de dados da BVS e Scielo, com uso dos descritores “Política de Saúde”, “HIV”, “aids” e “Diagnóstico”, sendo considerado critério de inclusão artigos dos últimos cinco anos. Foram analisados seis estudos quanto aos seus resultados e suas recomendações em termos das políticas específicas para o grupo de homens que fazem sexo com homens. **Resultados:** Hábitos como as múltiplas parcerias sexuais, consumo de drogas ilícitas e o consumo de álcool aumentam a suscetibilidade a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. A ausência de uma política específica para a prevenção da contaminação por vírus da imunodeficiência humana em homens limita a identificação dos infectados, principalmente de homens que fazem sexo com homens, que apresentam alta prevalência. Os homens estudados reconhecem o contágio em momentos de doação de sangue ou busca do serviço de saúde por iniciativa própria. **Conclusão:** A falta de estratégias na atenção básica à saúde, que é a porta de entrada do Sistema Único de Saúde, de testagem ampliada dos homens que fazem sexo com homens dificulta a assimilação dos infectados, contribuindo para a disseminação da doença. Com isso, impede que estratégias de conscientização sejam lançadas em direção a esse grupo, visando menor propagação do vírus, como também a ausência de testes nas unidades de saúde, falta de treinamentos dos profissionais para testagem e a própria organização das unidades.

Palavras-chave: política de saúde, HIV, aids, diagnóstico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P258>

P-258 – A IMPORTÂNCIA DAS PLATAFORMAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DE GESTÃO PÚBLICA, ESPECIALMENTE O PROJETO ECHO, NA DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE POR CONTA DA PANDEMIA DE COVID-19

Robinson Fernandes de Camargo¹, Carlos Eduardo Gonçalves Goulart¹, Flávio Andrade Santos¹, Marcelo Antonio Barbosa¹, Adriana dos Reis Santos Moura¹, Valdir Monteiro Pinto¹, Joselita Maria de Magalhães Caraciolo¹, Zarifa Houry¹, Maria Cristina Abbate¹

¹Coordenadoria de IST/AIDS da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo

Apresentador: Robinson Fernandes de Camargo

E-mail: cgoulart@prefeitura.sp.gov.br

Resumo: As reuniões gerenciais, reuniões técnicas, capacitações e atualizações profissionais sempre foram frequentes na Coordenadoria de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids da cidade de São Paulo, mas de forma presencial. Porém, em razão da pandemia de COVID-19, houve a necessidade de fazermos adequações para que as capacitações pudessem ser realizadas, pois houve a necessidade de atendermos as orientações de distanciamento social. Dessa forma, começamos as reuniões, atualizações e capacitações virtuais em vírus da imunodeficiência humana/sífilis/hepatites e, conseqüentemente, atingimos expressivo número de profissionais de saúde. O Projeto ECHO tem seu foco em discussão de casos clínicos complexos e teve início em São Paulo em 2017, porém, por conta da pandemia de COVID-19, foi autorizado que realizássemos capacitações e reuniões nos temas de infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana e aids. É desenvolvido por meio da plataforma Zoom Pro, única plataforma possível de desenvolver o Projeto ECHO. Cada sala de reuniões é possível recebermos até 1.500 participantes. Ao longo do ano de 2020 foram realizadas 2 teleclínicas de testes rápidos para vírus da imunodeficiência humana/sífilis/hepatites, com 283 pontos conectados, 6 teleclínicas com 1.115 pontos conectados, 25 teleclínicas de profilaxia pós-exposição e profilaxia pré-exposição com 691 pontos conectados, 34 reuniões com gerentes da Rede Municipal Especializada com 3.036 pontos conectados, 49 capacitações virtuais com 9.415 pontos conectados, ou seja, foram 116 eventos com 14.540 pontos conectados no total, e em cada ponto temos no mínimo 1 participante. Vale ressaltar que o custo para desenvolvimento das capacitações é praticamente zero. Com

os números apresentados, referentes às participações dos profissionais de saúde, nesses eventos virtuais em 2020, fica evidente como foi importante a aceleração digital que a pandemia de COVID-19 proporcionou. Com isso, as capacitações e atualizações virtuais tornaram-se parte importante dos processos de trabalho. Por fim, a metodologia de se comunicar a distância, em tempo real, mostrou-se muito eficaz, importante e fundamental que se torne parte do processo de trabalho definitivo.

Palavras-chave: teleclínicas, capacitação, atualização, profissionais, echovirus.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P259>

P-259 – PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA POR PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ATENDIDOS EM SERVIÇO DE REFERÊNCIA

Edjane Silva Araujo¹, Claudia Regina de Andrade Arrais^{1,2}, Ana Luisa Duarte Cantanhede¹, João Victor da Cunha Silva¹, Cindy Lima Pereira^{1,3}, William Pereira Santos⁴, Nilviane Pires Silva Sousa⁵, Allan Kardec Barros⁵

¹Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão

²Secretaria Municipal de Saúde de Imperatriz

³Laboratório de Processamento da Informação Biológica

⁴(Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora

⁵Programa de Pós Graduação em Engenharia Biomédica da Universidade Federal do Maranhão

Apresentador: Claudia Regina de Andrade Arrais

E-mail: claudiaarraisrosa@hotmail.com

Introdução: A prática de atividades físicas por pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana tem sido recomendada reiteradamente na literatura médica. Tal medida não farmacológica mostra-se eficaz na prevenção e no tratamento de quadros clínicos de dislipidemia, lipodistrofia e resistência à insulina associados tanto à ação do vírus quanto aos efeitos adversos da terapia antirretroviral. No entanto, estima-se que apenas 50,7% das pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana estejam em conformidade com as diretrizes de exercícios físicos recomendadas. **Objetivo:** Analisar a prevalência e os fatores associados à prática de atividades físicas em pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional retrospectivo formado por 276 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana em terapia antirretroviral, atendidos no Serviço Ambulatorial Especializado de um município do interior do Maranhão durante o ano de 2018. As variáveis analisadas foram prática de atividades físicas, sexo, idade, peso e escore de risco de Framingham. Classificou-se a amostra em dois grupos: praticantes e não praticantes de atividade física. Para a análise estatística utilizou-se o *software* SPSS® versão 19.0. Os resultados foram considerados significativos se $p < 0,05$. **Resultados:** Entre os participantes do estudo, 44,6% (n=123) eram mulheres e 55,4% (n=153) eram homens. Ademais, desse contingente total de pacientes, 67% (n=185) eram não praticantes de atividades físicas e, desses, 91,4% (n=169) possuíam baixo risco de eventos cardiovasculares, segundo escore de risco de Framingham, e 8,6% possuíam risco moderado e alto. O grupo praticante de atividades físicas apresentou menor mediana na variável idade [37 (31–45) anos, $p=0,004$] e maior mediana na variável peso [68 (60–77,5) kg, $p=0,015$]. Entre os praticantes de atividades físicas, houve uma alta prevalência de risco baixo, onde 98,9% (n=90) apresentaram risco baixo e apenas 1,1% (1) de risco moderado e alto. **Conclusão:** A ausência da prática de atividades físicas é prevalente entre pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana e estes estão mais associados ao moderado e alto risco de eventos cardiovasculares. Nesse sentido, é essencial que a equipe do Serviço Ambulatorial Especializado priorize ações que influenciem a prática de atividades físicas a fim de evitar morte precoce por doença cardiovascular.

Palavras-chave: HIV, exercício físico, fatores de risco, doenças cardiovasculares.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P260>

P-260 – DESAFIOS PARA A GESTÃO NO ENFRENTAMENTO DAS HEPATITES VIRAIS NO ESTADO DE MATO GROSSO

Josué Souza Gleriano¹, Elton Carlos de Almeida², Janise Braga Barros Ferreira³, Lucieli Dias Pedreschi Chaves⁴

¹Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidade de São Paulo

²Ministério da Saúde

³Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

⁴Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Apresentador: Josué Souza Gleriano

E-mail: josuegleriano@unemat.br

Introdução: A função dos gestores no trabalho institucional de um programa de atenção à saúde é essencial para organização da atenção e enfrentamento do enfoque que o programa responde. No caso das hepatites o Programa Nacional para Prevenção e Controle das

¹Hospital Universitário Lauro Wanderley

²Universidade Federal da Paraíba

Apresentador: Patricia da Silva Araújo

E-mail: patriciaaraujo_nurse@yahoo.com.br

Introdução: A hepatite B destaca-se como uma importante infecção no cenário das populações vulneráveis, tanto pelos danos causados ao indivíduo como pelo impacto a saúde pública. **Objetivo:** Identificar a vulnerabilidade a hepatite B considerando características sociodemográficas, comportamentos de risco e situação vacinal dos trabalhadores da construção civil. **Métodos:** Estudo transversal, realizado com 381 trabalhadores da indústria da construção civil. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado com características sociodemográficas e de comportamentos de risco (presença de tatuagens, história de transfusão sanguínea, compartilhamento de material de higiene, vacinação contra o vírus da hepatite B e uso do preservativo). Os dados foram processados e analisados por meio do Statistical Package for Social Sciences (SPSS). **Resultados:** Houve predomínio de trabalhadores do sexo masculino (97,4%), com faixa etária de 30-39 anos (34,1%), casados (81,4%), com escolaridade de até oito anos de estudo (66,6%), com renda entre 1 a 1,5 salários mínimos (52,8%). Com relação ao comportamento de risco, 10% possuem alguma tatuagem ou um *piercing* no corpo, 4,5% deles tinham história de transfusão sanguínea. O compartilhamento de material de higiene é prática comum a 45,4% dos entrevistados. No que se refere ao estado vacinal, 95,5% dos trabalhadores não apresentaram o cartão de vacina, e mais de 55% não são imunizados para hepatite, segundo relato verbal. Dos 4,5% que apresentaram o cartão, 13,6% disseram ter recebido pelo menos uma dose para hepatite B. Quanto a frequência do uso do preservativo nos últimos 12 meses, 47,6% responderam que nunca o utiliza e 34,2% afirmaram utilizar às vezes. **Conclusão:** Os trabalhadores da indústria da construção civil apresentam comportamento de risco relacionado a compartilhamento de produtos de higiene, tatuagem e a baixa cobertura vacinal, segundo relato verbal.

Palavras-chave: hepatite B, construção civil, comportamento de risco.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P265>

P-265 – DOENÇA EXTREMAMENTE RARA MIMETIZANDO CONDILOMA ACUMINADO

Emanuel Henrique da Silva Franco¹, Thomas de Aquino Paulo Filho¹, Filipe Lauria Paulo¹, Maria de Fatima Ruiz¹, Indira Rezende Ferreira e Souza¹, Gessica Andrade Carneiro¹

¹Instituto de Pesquisa e Ensino Médico

Apresentador: Emanuel Henrique da Silva Franco

E-mail: dremanuelhfranco@gmail.com

Paciente masculino heterossexual de 58 anos com pápulas e placas verrucosas na região perianal e nádegas há um ano. Nega comorbidades e qualquer história progressiva de doença sexualmente transmissível. Exames sorológicos Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas, anti-vírus da imunodeficiência humana, HTLV 1 e 2, HBsAg e anti-HVC não reagentes. Realizada biópsia cutânea que demonstrou tipo extremamente raro de poroqueratose de Mibelli na região glútea denominada de poroqueratose piticotrópica. Foi iniciado tratamento com acitretina oral com boa resposta terapêutica. Motivo da apresentação: Doença extremamente rara na região perianal e glútea mimetizando condiloma acuminado por papilomavírus humano.

Palavras-chave: poroqueratose de Mibelli, condiloma acuminado, acitretina.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P266>

P-266 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICOS DAS GESTANTES DIAGNOSTICADAS COM SÍFILIS NOS ANOS DE 2015–2020 NA CIDADE DE MANAUS, AMAZONAS

Maria Laura Brunelli Innocente¹, Patrícia Leite Brito¹, Bruna de Moura Moraes¹

¹Universidade Federal do Amazonas

Apresentador: Maria Laura Brunelli Innocente

E-mail: mlaurainnocente@gmail.com

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível disseminada no mundo. Em gestantes, deve-se fazer o rastreio por causa do risco de transmissão vertical e sífilis congênita. No Amazonas, embora existam campanhas para reduzir a doença, sua prevalência continua elevada. **Objetivo:** Traçar o perfil epidemiológico das gestantes diagnosticadas com sífilis na cidade de Manaus (AM) entre 2015–2020. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional, descritivo, retrospectivo, transversal e quantitativo. Os dados são do Departamento de Doenças e Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, no período de 2015–2020. Foram analisados: período gestacional, idade, escolaridade, classificação clínica e momento do diagnóstico. Gráficos elaborados no Excel. **Resultados:** Entre 2015–2020 foram notificados 5.987 casos de sífilis em gestantes em Manaus, sendo 705 em 2015, 1.056 em 2016, 1.248 em 2017, 1.171 em 2018, 1.250 em 2019 e 557 em 2020. Do total, 30,1%

foram diagnosticados no terceiro trimestre, 28% no segundo e 21,6% no primeiro. Ao todo, 1,4% tinham entre 10–14 anos, 27,5% entre 15–19 anos, 50,3% entre 20–29 anos, 18,4% entre 30–39 anos e 2,2% 40 anos ou mais; 467 não concluíram o ensino médio, enquanto 13 tinham nível superior; 2.598 casos apresentavam sintomatologia de sífilis primária, enquanto 1.339 de sífilis latente; 1.173 foram diagnosticadas no pré-natal, 1.471 no parto ou na curetagem e 139 após o parto. **Conclusão:** Mesmo com campanhas, ainda pode-se notar que a sífilis é uma doença prevalente em Manaus. A dificuldade em ter acesso ao pré-natal pode resultar no diagnóstico tardio, comprometendo a saúde do recém-nascido. A falta de dados e a subnotificação dificultam traçar o perfil epidemiológico das gestantes afetadas, obstaculizando o desenvolvimento de políticas públicas para esse público. É fundamental que os profissionais de saúde incentivem as gestantes a comparecerem as consultas de pré-natal e a realizar rastreios de infecções sexualmente transmissíveis. Deve-se também conscientizar sobre a importância do sexo seguro e do autocuidado.

Palavras-chave: sífilis, cuidado pré-natal, sífilis congênita.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P267>

P-267 – A PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO E A QUALIDADE DE VIDA SEXUAL DE CASAIS SORODIFERENTES PARA O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UM ESTUDO DE COORTE

Rosane Quadros¹

¹Ambulatório de Infectologia de Sapucaia do Sul

Apresentador: Rosane Quadros

E-mail: rosanemakar@gmail.com

Introdução: Relações de casais sorodiferentes são cada vez mais frequentes, necessitando de um olhar diferenciado quanto às estratégias de prevenção, como a profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana e questões relacionadas à vida afetivo-sexual. **Objetivo:** Mensurar o impacto da profilaxia pré-exposição na qualidade de vida sexual de casais sorodiferentes para o vírus da imunodeficiência humana, identificar as principais mudanças na vida sexual destes casais após seis meses de uso de profilaxia pré-exposição, descrever o perfil do usuário de profilaxia pré-exposição e as principais infecções sexualmente transmissíveis rastreadas no momento da indicação da profilaxia pré-exposição e após seis meses, medir a taxa de adesão, soroconversão e abandono após 180 dias de uso da profilaxia. **Métodos:** Realizado uma coorte prospectiva no Ambulatório de Infectologia de Sapucaia do Sul (RS). Um questionário de avaliação e acompanhamento de profilaxia pré-exposição e um instrumento de quociente sexual, sendo este específico para cada sexo, foram aplicados após a consulta de elegibilidade e no sexto mês de uso da profilaxia pré-exposição. **Resultados:** O desempenho sexual global melhorou após o uso da profilaxia pré-exposição na população geral (74,8+17,8 vs 78,6+15,5, p=0,02). Casais homossexuais melhoraram seu padrão geral de desempenho sexual após seis meses de uso da profilaxia pré-exposição, sendo evidenciado pelo quociente sexual e pelos discursos da categoria tranquilidade e serenidade na relação. Casais heterossexuais modificaram os domínios de preliminares e excitação pessoal, sintonia com o parceiro e satisfação que o homem proporciona a sua parceira e controle da ejaculação, este último de forma negativa. Um modelo de regressão linear ajustado para idade, orientação sexual e sorologia identificou apenas o sexo feminino como variável independente associada a melhora na pontuação (diferença +2,4 [intervalo de confinância 95% 1,04–14,4, p=0,025]). **Conclusão:** A profilaxia pré-exposição mitigou a transmissão do vírus da imunodeficiência humana, fortaleceu os relacionamentos sexuais e impactou positivamente na qualidade de vida sexual dos casais sorodiferentes.

Palavras-chave: profilaxia pré-exposição, HIV, qualidade de vida.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P268>

P-268 – POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTROLE DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Mariana do Socorro Quaresma Silva¹, Mariana Quaresma Silva¹

¹Centro Universitário do Pará

Apresentador: Mariana do Socorro Quaresma Silva

E-mail: marianaquaresmamed@gmail.com

Introdução: A síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) é causada pelo vírus da imunodeficiência humana, cujos primeiros casos positivos notificados no Brasil datam do início dos anos 1980, quando tiveram início políticas públicas que visam a prevenção de novos casos e o tratamento daqueles já existentes. **Objetivo:** Revisar e discutir as políticas públicas de saúde para pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids.

Métodos: Foi realizada uma revisão integrativa de literatura acerca das políticas voltadas para pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids, com coleta de dados realizada no período de 05 a 20 de abril de 2021 nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, National Library of Medicine e Scientific Electronic Library Online. Critérios de inclusão: artigos correlatos ao tema publicados entre 2016 e 2020. Critérios de exclusão: artigos concernentes ao tema, entretanto fora da área proposta. **Resultados:** Foram encontrados 32 artigos; após o critério de exclusão, resultaram em 15 artigos, que abordam as políticas públicas ao longo do tempo e fazem referência ao primeiro documento do Ministério da Saúde com orientação sobre a aids, à criação do primeiro programa para controle de aids do Ministério da Saúde, à distribuição gratuita de medicamentos, à importância do papel da sociedade civil nas políticas e ao papel das universidades e secretarias para a construção e fortalecimento dos centros de referência para pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids. **Conclusão:** Ao longo do tempo percebemos avanços e retrocessos acerca das políticas, os quais são diretamente influenciados pelo cenário político e pelo desenvolvimento científico e tecnológico do país. Períodos de crise política e econômica impactam na produção científica e resultam em cortes de gastos nas áreas da saúde e da educação, o que prejudica a execução das políticas

Palavras-chave: aids, políticas públicas, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P269>

P-269 – O PROFISSIONAL DO SEXO E SUAS VULNERABILIDADES: RELATO DE CASO

Júlia Sampaio Fernandes Camacho¹, Amanda Ramiro Gomes da Silva¹, Júlia Sampaio de Souza Moraes¹, Matheus Fernandez de Oliveira¹, Mauro Romero Leal Passos¹

¹Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Júlia Sampaio Fernandes Camacho

E-mail: juliascamacho@gmail.com

Introdução: Ser profissional do sexo é opção de prazer ou de necessidade de ganho comercial? Sendo profissão, deve ser compartilhada com a família? **Objetivo:** Discutir o caso de um paciente, profissional do sexo atendido no Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ). **Relato de caso:** Jovem masculino, 21 anos, homossexual, exclusivamente passivo, solteiro, profissional do sexo, foi tratado de condilomas acuminados no ânus no Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Universidade Federal Fluminense em 2019. Retornou em abril de 2021 com queixas de dor e secreção anal. Foi diagnosticado e medicado para gonorreia. Durante a consulta, relatou início de programas sexuais (SIC) aos 17 anos, visando independência financeira provisória. Relatou que as relações são diárias e que o sexo anal penetrativo sem preservativo rende um valor financeiro quatro vezes maior do que o com preservativo. Disse praticar sexo oral ativo também sem preservativo. Confirmou ciência de vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis, incluindo vírus da imunodeficiência humana. Perguntado se a família sabe dessa atividade, respondeu: “Meus pais não precisam saber”. Oferece-se em páginas na internet, porém possui clientes fixos (apenas do sexo masculino). Faz uso diário de profilaxia pré-exposição para vírus da imunodeficiência humana, mas nunca foi submetido a testes rápidos para infecções sexualmente transmissíveis ou teve tais diálogos com qualquer profissional de saúde. Relatou orgulho pela profissão (SIC). O jovem retornou ao serviço para acompanhamento e, no momento, estamos conversando para encaminhamento para atenção mais elaborada. Prescrevemos esquema de vacinação contra papilomavirus humano com justificativa para realização em unidade pública. **Conclusão:** Com acolhimento adequado e sem preconceitos, conseguimos bom diálogos para reflexões pelo paciente e pela equipe de atendimento. Confirmamos, ainda, a necessidade de atenção global a qualquer paciente de rede de saúde pública e privada, especialmente para pessoas com lesões genitais/anal e com múltiplos parceiros sexuais.

Palavras-chave: IST, profissionais do sexo, sexualidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P270>

P-270 – A DISTÂNCIA ENTRE A AVALIAÇÃO DAS POPULAÇÕES-CHAVE/PRIORITÁRIAS E A COLETA DE DADOS COLETADOS DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NO BRASIL

Ana Amélia Nascimento da Silva BONES¹, Angela Jornada Ben², Silvio César Cazela¹, Carine Blatt¹, Airton Tetelbom Stein¹

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

²Vrije Universiteit Amsterdam

Apresentador: Ana Amélia Nascimento da Silva BONES

E-mail: anageriatra@hotmail.com

Introdução: O enfrentamento ao vírus da imunodeficiência humana está para completar 40 anos e calcula-se que haja cerca de 36,7 milhões de pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana/aids no mundo. No Brasil, estima-se que existam atualmente 718 mil casos diagnosticados. Muitos avanços já foram conquistados, como o direito à terapia antirretroviral universal e até a profilaxia pré-exposição para grupos que apresentam situações de risco. A notificação compulsória das pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana/aids teve início em 1986 e, com vírus da imunodeficiência humana, em 2014 no Brasil. Mesmo a ficha de notificação sendo relativamente recente para vírus da imunodeficiência humana, as informações a serem preenchidas nos campos não incluem informações mais detalhadas sobre identidade de gênero e prática sexual. **Objetivo:** Analisar o desafio de pesquisar sobre populações-chave e prioritárias em grandes bancos de informações envolvendo a epidemia do vírus da imunodeficiência humana no Brasil, comparando com os padrões de outras fichas de notificação de vírus da imunodeficiência humana/aids no mundo. **Métodos:** Pesquisa bibliográfica das fichas de notificações de vírus da imunodeficiência humana/aids internacionais, com catalogação dos campos associados. **Resultados:** Entre as 21 fichas de notificação avaliadas, todas apresentam campos relacionados a raça/cor, idade, escolaridade, e 16 apresentam campos sobre a prática sexual, 12 sobre gênero, incluindo homens e mulheres transexuais. Campos como estar em situação de rua ou no sistema prisional constam em oito fichas de notificação. Para discussão, compara-se a ficha de notificação da Austrália, que avalia a prática sexual com número de parceiros, se é casual, se é feita associada com uso de drogas e se já ocorreu o início da terapia antirretroviral, com a ficha de notificação brasileira, que questiona se a prática sexual se relaciona com homens e/ou mulheres. **Conclusão:** As políticas públicas devem estar atentas aos grupos-chave/prioritários na epidemia do vírus da imunodeficiência humana. Pode ser desafiador avaliar dados como identidade de gênero se não são descritos. Para tanto, a ficha de notificação pode ser instrumento de coleta de dados apurados para embasar propostas para prevenção, diagnóstico precoce, tratamento e fundamentação das políticas públicas.

Palavras-chave: HIV, AIDS, identidade de gênero.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P271>

P-271 – AVALIAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS EM SAÚDE SEXUAL: A OFICINA REMOTA ENQUANTO ESTRATÉGIA DE PESQUISA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Gabriel Rocha Marcelino¹, Ruth da Conceição Costa e Silva Sacco¹, Yunara Fernandes Venturelli¹, Amanda de Siqueira Cabral¹, Patrícia Maria Fonseca Escalda¹, Mauricio Robayo Tamayo¹, Marcos Takashi Obara¹, Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira¹, Ana Valéria Machado Mendonça¹

¹Universidade de Brasília

Apresentador: Gabriel Rocha Marcelino

E-mail: gabrielrocha.marcelino@gmail.com

Introdução: No Brasil, os índices elevados de infecções sexualmente transmissíveis entre jovens caracterizam um problema de saúde pública. Nesse contexto, a produção e a disseminação de materiais educativos pode informá-los sobre comportamentos de risco e prevenir esses agravos. Entretanto é relevante incluí-los no processo de produção e avaliação desses materiais para conhecer suas reais especificidades. **Objetivo:** Construir uma metodologia pela qual jovens possam avaliar materiais educativos sobre saúde sexual utilizados em campanhas do Ministério da Saúde. **Métodos:** Utilizou-se a oficina enquanto estratégia de pesquisa, considerando suas articulações teórico-metodológicas e implicações ético-políticas. A proposta foi construída para avaliação de materiais dos últimos dez anos relacionados à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, vírus da imunodeficiência humana/aids e hepatites virais por estudantes de 15 a 24 anos da rede pública de ensino do Distrito Federal. Considerando o contexto da pandemia de COVID-19, optou-se pela construção de uma metodologia na qual a oficina pudesse ser desenvolvida de forma remota. De forma complementar, realizou-se busca bibliográfica nas bases de dados SciELO, MEDLINE e LILACS. **Resultados:** Selecionou-se a plataforma Microsoft Teams, ferramenta *on-line* gratuita de comunicação e colaboração de equipes. Estimou-se a duração da oficina em três horas, incluindo a divisão de 25 a 30 participantes em salas distintas, momentos conjuntos de plenária e comunicação verbal/escrita entre os participantes e moderadores. A oficina foi estruturada nos

eixos: ambientação, definição de fluxo e itinerário para participação, aproximação com os materiais comunicacionais, rodízio para análise dos materiais e produção/ressignificação do material analisado. **Conclusão:** As oficinas possibilitam criar processos de pesquisa com potencial de transformação social, que, se aliado ao protagonismo jovem, amplia o conhecimento de percepções sobre o objeto estudado. Espera-se que a aplicação desse método contribua com a qualificação de materiais educacionais, engajando jovens em sua produção e prevenindo efetivamente infecções sexualmente transmissíveis, vírus da imunodeficiência humana/aids e hepatites virais.

Palavras-chave: ISTS, educação em saúde, jovens, políticas públicas.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P272>

P-272 – PANORAMA DE USO DE TESTES RÁPIDOS SÍFILIS E VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE EM CAPITAIS BRASILEIRAS

Mayra Gonçalves Aragón¹, Geralda Carolina Alves², Pâmela Cristina Gaspar³, Angélica Espinosa Miranda³

¹Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Doenças Infecciosas

²Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

³Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde

Apresentador: Mayra Gonçalves Aragón

E-mail: mayra.aragon@aims.gov.br

Introdução: O Ministério da Saúde disponibiliza para todo o território nacional testes rápidos para sífilis, vírus da imunodeficiência humana, hepatite B e C. Essas são ferramentas essenciais para o rastreamento e detecção precoce das infecções sexualmente transmissíveis na Atenção Primária à Saúde. **Objetivo:** Realizar um panorama do uso de testes rápidos de sífilis e vírus da imunodeficiência humana pela Atenção Primária à Saúde nas capitais brasileiras e Distrito Federal. **Métodos:** Análise transversal de respostas de equipes de Saúde da Família no Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica, em seu terceiro ciclo, referente aos anos 2015-2017. Utilizaram-se duas perguntas do módulo de avaliação externa sobre a disponibilidade dos testes rápidos de sífilis e vírus da imunodeficiência humana, com possibilidade de resposta sim ou não. **Resultados:** A análise evidenciou que a maioria das capitais apresentou mais de 80% de respostas positivas sobre disponibilidade de testes rápidos de ambos os agravos, com exceção de sete municípios (Belém, Curitiba, Goiânia, João Pessoa, Manaus, Recife e Teresina). A comparação de disponibilidade entre testes rápidos de sífilis e vírus da imunodeficiência humana demonstrou que 13 municípios, entre as 27 capitais brasileiras, apresentaram maior disponibilidade de testes rápidos de vírus da imunodeficiência humana, enquanto oito apresentaram maior disponibilidade de testes rápidos sífilis, e em sete municípios a disponibilidade foi a mesma entre ambos testes. A diferença de disponibilidade entre testes rápidos de vírus da imunodeficiência humana e testes rápidos sífilis variou entre 0,6% a 8,7%. **Conclusão:** Os resultados demonstraram oferta elevada de testes rápidos de sífilis e vírus da imunodeficiência humana na Atenção Primária à Saúde, no entanto ressalta-se que algumas localidades apresentaram baixa disponibilidade de testes rápidos, abaixo de 50%, e que em metade dos municípios houve maior disponibilidade de testes rápidos vírus da imunodeficiência humana que testes rápidos sífilis, o que pode ser crítico para o tratamento de sífilis em gestantes. A implementação de teste duo, que abarca os dois agravos no mesmo dispositivo pode ser uma estratégia interessante para aumentar o diagnóstico e tratamento de sífilis na Atenção Primária à Saúde.

Palavras-chave: sífilis, HIV, diagnóstico, atenção primária à saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P273>

P-273 – A PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UM MUNICÍPIO BRASILEIRO DE FRONTEIRA

Taiane Acunha Escobar^{1,2}, Maria Aparecida de Medeiros Bofill¹, Heleno Miranda de Araújo¹, Ana Cristina Rodrigues da Silva¹, Mara Rejane Fagundes de Matos¹, Aline Fernandes de Quadros¹, Tanise da Câmara Jacques¹, Patrícia Rodrigues Flores¹, Elza Romero Sommer¹, Carla Tourem Argemi^{1,2}

¹Secretaria de Saúde, Prefeitura Municipal de Uruguaiana (RS)

²Universidade Federal do Pampa

Apresentador: Taiane Acunha Escobar

E-mail: taianeescobar@hotmail.com

Uruguaiana (RS), fronteira com a Argentina, está entre os dez municípios gaúchos prioritários no enfrentamento ao vírus da imunodeficiência humana/aids. Desde

1995, o Programa Municipal de Infecções Sexualmente Transmissíveis/Aids atua na prevenção, no diagnóstico e no tratamento de infecções sexualmente transmissíveis. Atualmente divide-se em Centro de Testagem e Aconselhamento e Serviço de Atendimento Especializado. O Centro de Testagem e Aconselhamento desenvolve ações de prevenção articuladas, na perspectiva de integração do serviço com a comunidade na qual está inserido. Nesse sentido, objetivo do trabalho foi realizar um levantamento sobre a adesão à estratégia de prevenção combinada profilaxia pré-exposição no Centro de Testagem e Aconselhamento de Uruguaiana no período de 2020 e 2021. Foi utilizado o Sistema de Controle Logístico de Medicamentos, programa de monitoramento e dispensa de profilaxia pré-exposição do Departamento de Doenças e Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde. Em 2020 o Centro de Testagem e Aconselhamento registrou uma oferta de profilaxia pré-exposição. Já em 2021, até o mês de maio, foram registrados seis atendimentos. Quatro pessoas iniciaram o uso do esquema, uma está em fase de realização de exames e outra desistiu após o primeiro atendimento. Ao analisar a classificação da população elegível, observou-se a utilização da profilaxia pré-exposição por dois grupos: homens que fazem sexo com homens (n=2) e parceiro(a) de pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids (n=4). O levantamento de dispensa e monitoramento da profilaxia pré-exposição mostrou um aumento considerável na adesão comparando os anos estudados. Em 2020 a procura pela profilaxia pré-exposição foi baixa por conta do início da pandemia, que diminuiu e dificultou o acesso aos usuários. Entretanto, atualmente, está sendo amplamente ofertada durante os atendimentos de testagem e aconselhamento pelos profissionais vinculados ao Centro de Testagem e Aconselhamento. A profilaxia pré-exposição é uma estratégia de prevenção importante para reduzir o risco de infecção do vírus da imunodeficiência humana por meio de relações sexuais da população que acessa o serviço de Aconselhamento e Testagem do município de Uruguaiana.

Palavras-chave: fármacos anti-HIV, vírus da aids, prevenção de doenças.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P274>

P-274 – QUALIFICAÇÃO DO BANCO DE SÍFILIS CONGÊNITA DO SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NITERÓI, 2018–2019

Fábia Lisboa de Souza¹, Marcella Martins Alves Teofilo¹, Kamila Cabral Kosa², Yasmin Nascimento Farias¹, Ana Lúcia Fontes Eppinghaus¹, Márcia Santana¹

¹Fundação Municipal de Niterói

²Instituto de Estudos de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Apresentador: Fábia Lisboa de Souza

E-mail: fabinhals@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita, agravo de notificação compulsória no país desde 1986, é um grave problema de saúde pública, com elevadas taxas de incidência no país, no estado do Rio de Janeiro e também no município, visto que os fatores determinantes se concentram não apenas na qualidade do acompanhamento ofertado, mas também em fatores sociais, econômicos, culturais e comportamentais. **Objetivo:** Revisar os casos de sífilis congênita notificados em 2018 e 2019 e qualificar o banco do Sistema de Informação de Agravos de Notificação municipal para esse agravo. **Métodos:** Revisão de todos os casos de sífilis congênita notificados à Coordenação de Vigilância do Município, com diagnóstico em 2018 e 2019. O trabalho foi realizado por técnicos da vigilância epidemiológica pela análise das fichas do Sistema de Informação de Agravos de Notificação e de um questionário de investigação do pré-natal preenchido pela unidade do território de residência do caso. As variáveis do questionário complementam o processo de investigação e permitem identificar situações de vulnerabilidade e falhas na assistência. **Resultados:** Em 2018 foram notificados 204 casos, sendo 125 residentes em Niterói (RJ). Após análise das fichas, 25 eram de crianças expostas à sífilis materna e não foram inseridas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Dos 100 casos, após investigação, 19 residiam em outros municípios, 33 eram de criança exposta, e foram excluídos do banco, e 48 permaneceram como caso de sífilis congênita. Em 2019, foram notificados 402 casos, sendo 233 residentes no município. Desses, 168 foram considerados casos segundo os critérios do Ministério da Saúde e inseridos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Após investigação, 29 residiam em outro município e 28 foram considerados criança exposta, 111 permaneceram no banco como caso de sífilis congênita. **Conclusão:** A análise e investigação dos casos é de grande importância para qualificar o banco de dados, dar fidedignidade aos indicadores de saúde, além de identificar problemas para encaminhamento com a gestão e propor ações de educação permanente visando ao controle do agravo.

Palavras-chave: sífilis congênita, vigilância, sistema de informação em saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P275>

P-275 – USO DE MÍDIA SOCIAL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL SOBRE SEXUALIDADE E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Almeida Mendonça¹, Anne Hellen Brito Leite¹, Cleiton Mateus Santos Siqueira¹, Dayanne Cristina Barreto da Paixão¹, Flávia Luryane Ferreira Sandes¹, Lorena Santos Lima¹, Maria de Lara Lucilla de Carvalho¹, Maria Rafaella Carvalho de Jesus¹, Paula Rosane Sousa Andrade¹, Brenda Evelin Barreto da Silva^{1,2}

¹Universidade Federal de Sergipe

²Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde

Apresentador: Amanda Almeida Mendonça

E-mail: amanda.almeida@gmail.com

Introdução: As redes sociais são importantes meios de comunicação e interação em massa. Diante do cenário da pandemia do coronavírus, ações de extensão presenciais foram suspensas, necessitando-se a adoção de mídias sociais para dar continuidade à educação em sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivo:** Relatar a experiência da utilização do Instagram como ferramenta educacional sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis durante a pandemia do coronavírus. **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência dos membros da Liga Acadêmica de Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis da Universidade Federal de Sergipe. As atividades remotas ocorrem desde maio de 2020, tendo como foco o aplicativo Instagram. **Resultados:** A plataforma Instagram oferece recursos que possibilitam o compartilhamento de informações e a interação com usuários. O Instagram da Liga Acadêmica de Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis da Universidade Federal de Sergipe tem cerca de 1.000 seguidores. Entre esses, mais da metade estão localizados na capital sergipana, Aracaju, e possuem entre 25 e 34 anos. Como estratégias para propagar conhecimento sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis, a Liga Acadêmica de Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis da Universidade Federal de Sergipe realiza *lives*, desenvolve vídeos e cards interativos e didáticos, faz indicação de livros e filmes e realiza enquetes. Entre esses, observa-se que as enquetes têm gerado maior engajamento e *feedback*, pois é o tipo de conteúdo em que o seguidor pode avaliar o conhecimento sobre a temática e aprender de forma dinâmica e divertida. As postagens são realizadas entre uma e três vezes por semana, tanto no *feed* de notícias quanto nos *stories*. O alcance médio de cada postagem atinge cerca de 300 usuários, um bom número levando-se em consideração o total de seguidores. **Conclusão:** O uso do Instagram tem sido útil para disseminar informações e fornecer conhecimento de forma didática e prática não só para estudantes/profissionais da saúde, mas também à população geral.

Palavras-chave: rede social, IST, sexualidade, educação para a saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P276>

P-276 – ÓBITOS PERINATAIS POR SÍFILIS CONGÊNITA EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO NO ESPÍRITO SANTO: UMA SÉRIE DE CASOS

Marina Deorce de Lima¹, Izabella Cardoso Lara¹, Franco Luis Salume Costa¹, Laura Gonçalves Rodrigues Aguiar¹, Izadora Novaes Bohier¹, Lavinya Araujo Callegari¹, Jacob Henrique da Silva Klippel¹, Julienne Dadalto dos Santos¹, Johanna Abreu de Araujo¹, Carolina Loyola Prest Ferrugini¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

Apresentador: Marina Deorce de Lima

E-mail: izacarlara97@gmail.com

Introdução: Mais de 1 milhão de casos de sífilis são diagnosticados em gestantes anualmente, sendo grande parte não tratada ou tratada inadequadamente. Isso ocorre por inúmeras falhas no acompanhamento pré-natal, podendo resultar em óbito fetal, morte neonatal, prematuridade, baixo peso ao nascer e sífilis congênita. De fato, sem tratamento, estima-se que 70% das gestantes com sífilis terão complicações na gravidez. **Objetivo:** Descrever os casos de óbitos perinatais ocorridos em um hospital universitário no Espírito Santo de janeiro de 2018 a abril de 2021. **Métodos:** Foram analisados prontuários hospitalares de 11 gestantes, a fim de obter dados relacionados à história clínica e aos exames complementares realizados. **Resultados:** A idade das pacientes variou de 15 a 34 anos (média: 22,2), estando cinco no segundo trimestre da gestação e seis no terceiro. Para a confirmação do diagnóstico de sífilis, foi realizado teste rápido treponêmico associado ao Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas. Também foram efetuados testes para vírus da imunodeficiência humana, HBsAg e hepatite C, cujos resultados foram não reagentes. A porcentagem de gestantes cujo número de consultas pré-natais foi abaixo do mínimo recomendado foi de 82% (média: 3,9 consultas). Verificou-se que três gestantes faziam uso de substâncias psicoativas (álcool, nicotina, cocaína e maconha). Quanto ao desfecho, foram observados seis natimortos e seis neomortos, sendo dois gemelares e todos com peso adequado para idade gestacional. Destaca-se que apenas dois pacientes relacionavam-se com parceiros em tratamento para a sífilis. **Conclusão:** Os casos relatados evidenciam que, mesmo com tratamento disponível e eficaz, a sífilis é uma causa importante de óbito perinatal. Assim, recomenda-se que toda gestante tenha acesso a pré-natal adequado, com testagem para sífilis na primeira consulta e

no terceiro trimestre, tornando-se imprescindível a triagem e o tratamento do parceiro para a erradicação da bactéria. A conscientização sobre a importância do pré-natal demonstra-se fundamental na mitigação de tais desfechos gestacionais devastadores.

Palavras-chave: sífilis congênita, mortalidade perinatal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P277>

P-277 – O USO DE CONTEÚDO COLABORATIVO NA PREVENÇÃO DE SÍFILIS EM GESTANTES

Bruno Cássio de Andrade e Silva¹, Gustavo Kleber Bezerra Coutinho¹, Nadyne Dayonara Mauricio de Amorim¹, Lúcio Manuel Gomes de Sousa²

¹Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²Universidade Aberta de Portugal

Apresentador: Bruno Cássio de Andrade e Silva

E-mail: bruno.cassio@lais.huol.ufrn.br

Introdução: O Brasil enfrenta, há anos, uma epidemia de sífilis, infecção sexualmente transmissível que tem tratamento e cura. Para o enfrentamento a essa grave doença, causada pela bactéria *Treponema pallidum*, foi adotado em 2017 um pacto interfederativo, por meio de uma política de saúde pública denominada Projeto Resposta Rápida à Sífilis nas Redes de Atenção, com atuação em todo o território nacional. Um dos grupos prioritários para receber ações dessa iniciativa é composto de mulheres gestantes. Há necessidade de investir na produção de conteúdos que estimulem a prevenção e sejam direcionados a esse público específico. **Objetivo:** Evidenciar como o emprego de conteúdo colaborativo pode fazer a diferença para auxiliar na prevenção de casos de sífilis em mulheres gestantes e, por consequência, colaborar com a redução dos casos de sífilis congênita, registrados a partir da transmissão vertical da doença. **Métodos:** Este é um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, que reúne uma amostragem de três linhas de pesquisas que se complementam e são desenvolvidas com enfoque na atenção básica em saúde em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, mas com perspectiva de serem adaptadas às diferentes realidades brasileiras. **Resultados:** O desenvolvimento de ferramentas digitais de comunicação em rede, a partir do uso de conteúdo colaborativo, capazes de serem implementadas no Sistema Único de Saúde e auxiliarem no atendimento de mulheres gestantes acometidas ou não por casos de sífilis. **Conclusão:** É possível perceber a potencialidade do conteúdo colaborativo na produção de alternativas que se apresentem eficazes para prevenir o aumento de casos de sífilis em mulheres gestantes, mas, para isso, devem ser levadas em consideração as condições de acesso à internet, os dispositivos móveis de comunicação e o emprego de linguagem de fácil compreensão.

Palavras-chave: sífilis, gestantes, conteúdo colaborativo, ferramentas.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P278>

P-278 – OCORRÊNCIA E DISTRIBUIÇÃO DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NO MUNICÍPIO DE ARACAJU ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2018

Beatriz Santos Pereira¹, Cris Magna dos Santos Oliveira¹, Marcus Valerius da Silva Peixoto¹

¹Universidade Federal de Sergipe

Apresentador: Beatriz Santos Pereira

E-mail: beatrizsantos199713@outlook.com

Introdução: Nos últimos anos tem sido observada uma elevação na taxa de incidência em todo mundo. A situação dos indicadores no Brasil tem acompanhado a tendência mundial, entretanto podem existir disparidades locais. **Objetivo:** Analisar a ocorrência e distribuição dos casos de vírus da imunodeficiência humana no município de Aracaju entre os anos de 2014 a 2018. **Métodos:** Estudo ecológico, descritivo, de natureza quantitativa. Os dados foram disponibilizados pela Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde do Estado de Sergipe e categorizados de acordo com ano, sexo e idade. **Resultados:** No período analisado, foram notificados 927 casos de vírus da imunodeficiência humana, com maior aumento nos anos de 2015, 2017 e 2018, apresentando o último ano a maior taxa de incidência, com um percentual total de 30,96% dos casos. Em relação ao sexo observamos a prevalência da infecção na população masculina, expondo um percentual pleno de 73,03% dos casos identificados. Outro fato relevante é que o número de casos nessa população quadruplicou. No tocante à idade, a maior incidência em ambos os sexos é na população entre 20 e 29 anos, com 375 casos (40,45%). Outro índice crítico é o aumento do vírus da imunodeficiência humana na idade entre 30 a 39 anos, que durante os cinco anos viu o número de casos passar de 7,97% para 30,07%, representando um aumento de 377,29%. **Conclusão:** O município de Aracaju apresentou crescimento da incidência de vírus da imunodeficiência humana entre os anos de 2014 e 2018, com proporções maiores no grupo do sexo masculino, jovens, na faixa etária de 20 a 29 anos. A inclusão do vírus da imunodeficiência humana na lista de notificação compulsória possibilitou uma melhor compreensão da infecção nas diferentes regiões do país. Entretanto o conhecimento da realidade não se traduziu na implementação de respostas efetivas do sistema de saúde frente

a essa realidade, sendo necessária ações educativas mais eficazes com o intuito diminuir a incidência da infecção.

Palavras-chave: HIV, notificação compulsória, epidemiologia, adulto jovem.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P279>

P-279 – ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES DE SÍFILIS CONGÊNITA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO NA CIDADE DE NITERÓI DE 2016 A 2020

Andrea Menezes Gonçalves¹, Mauro Romero Leal Passos¹, Carolina Batista Fernandes¹, Ilana Rangel Messias¹, Stephanie Barçante¹, Aduino Dutra Moraes Barbosa¹, Selma Maria de Azevedo Sias¹, Renato de Souza Bravo¹, Fernando Raphael de Almeida Ferry²

¹Universidade Federal Fluminense

²Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Andrea Menezes Gonçalves

E-mail: andreaginecologista@gmail.com

Introdução: A eliminação da sífilis congênita é um desafio da saúde pública mundial, mesmo tendo diagnóstico e tratamento definidos. A falha de planos anteriores força as autoridades a repensar as estratégias de detecção e controle, sendo a notificação compulsória ferramenta importante na obtenção de dados. **Objetivo:** Analisar as notificações de sífilis congênita entre janeiro de 2016 e agosto de 2020 pelo Departamento de Vigilância Epidemiológica do Hospital Universitário Antônio Pedro. **Métodos:** Estudo retrospectivo, descritivo e quantitativo dos dados de fichas de notificação de sífilis congênita no Hospital Universitário Antônio Pedro. Na análise descritiva das variáveis categóricas foram utilizadas as frequências absolutas e relativas, já para numéricas foram utilizadas medidas tendência central e dispersão. Foram feitas correlação de Spearman, testes de Mann-Whitney e exato de Fisher, com o *software* R (versão 4.0.3). Foram considerados os critérios de Hills para causalidade. **Resultados:** Das 67 fichas examinadas, foram excluídas duas por duplicidade. Foram analisadas 48 variáveis. Nenhuma ficha estava completamente preenchida e alguns dados estavam ausentes em mais de 90%. Dos dados maternos: 60% de Niterói (RJ), com idade de 23,09 anos em média, pardas (32,31%), 13,85% pararam os estudos entre a quinta e a oitava série e 80% fizeram pré-natal, porém menos da metade teve tratamento adequado indicado. Quanto às crianças: 55,38% eram do sexo feminino, 40% pardas, com idade média de 90,98 dias e 72,31% nasceram no Hospital Universitário Antônio Pedro, sendo isso significativo para serem assintomáticas (69,23%, $p=0,001$) e, quando presente, o sintoma foi a icterícia. **Conclusão:** A melhora do seguimento e investigação dos casos notificados pode diminuir significativamente essa alta porcentagem de informações ausentes, melhorando a qualidade da informação. A grande maioria fez acompanhamento pré-natal e, portanto, trata-se de caso evitável, já que o diagnóstico materno no período periparto acontece quando a transmissão vertical já ocorreu.

Palavras-chave: sífilis congênita, monitoramento epidemiológico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P280>

P-280 – FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS E CLÍNICOS RELACIONADOS AO USO DA PROFILAXIA PÓS-EXPOSIÇÃO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM SÃO LUÍS, MARANHÃO

Alessandra Coelho Vivekananda Meireles¹, Wellyson da Cunha Araújo Firmo¹, Andressa Mayara Mendes Brandão¹

¹Universidade CEUMA

Apresentador: Alessandra Coelho Vivekananda Meireles

E-mail: alessandravm30@gmail.com

Introdução: A profilaxia pós-exposição ao vírus da imunodeficiência humana está disponível no Sistema Único de Saúde desde 1999, atualmente, tecnologia inserida no conjunto de estratégias da prevenção combinada, que, dessa maneira, amplia formas de intervenção, evitando novas infecções. **Objetivo:** Caracterizar usuários que buscam a profilaxia pós-exposição pela condição socioeconômica e se houve conclusão do seguimento das consultas e soroconversão para o vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Estudo transversal e descritivo, realizado em dois Centros de Testagem e Aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis/aids, referências para dispensação e seguimento clínico da profilaxia pós-exposição no município de São Luís, Maranhão, realizado com dados secundários dos anos de 2016 a 2020, coletados com instrumento composto de 53 variáveis. Análise dos dados realizada por *software* estatístico, considerando-se um nível de significância de 5% ($p<0,05$). **Resultados:** Pesquisa composta de 733 respondentes, sendo 76,10% homens, faixa etária mais ocorrente foi adulto jovem, com 56,89%, maioria pardos, 37,24%, solteiros, 73,94%, com ensino médio, 38,61%. Quanto à orientação sexual, 45,16% heterossexuais. A categoria de exposição prevalente foi relação sexual consentida, 84,18%, tipo de exposição membrana mucosa, com 85,95%, e material biológico o sêmen, com 51,84%. Verifica-se maior porcentagem de retorno as consultas de quatro a seis semanas, com 30,83%, enquanto a menor porcentagem está na consulta de 15 dias, com 9,55%. Na caracterização

da soroconversão, 12,55% pacientes não reagentes para vírus da imunodeficiência humana e 87,04% não retornaram para acompanhamento. **Conclusão:** O estudo permitiu refletir que o fato do usuário não ter comparecido às consultas clínica-laboratorial não significa afirmar que não houve adesão à profilaxia pós-exposição e soroconversão, uma vez que os antirretrovirais são disponibilizados aos usuários por 28 dias e possuem sua eficácia comprovada cientificamente. Importante a equipe traçar estratégias que fortaleçam ao usuário percepção sobre seu autocuidado e retorno às consultas para desfecho sorológico e fortalecimento à adesão ao tratamento.

Palavras-chave: profilaxia pós-exposição, HIV, adesão.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P281>

P-281 – PROFISSIONAL ACOMETIDO POR ACIDENTE PERFUROCORTEANTE: UM RELATO DE CASO

Ana Maria Silveira dos Santos Galarça¹, Gladys Betemps Silveira¹

¹Departamento de IST/AIDS/HV da Secretaria de Saúde de Pelotas

Apresentador: Ana Maria Silveira dos Santos Galarça

E-mail: anamariagalarca@gmail.com

Introdução: O Centro de Testagem e Aconselhamento tem como principais ações a oferta de testagem rápida de forma confidencial e anônima, bem como a educação em saúde e aconselhamento para todas as pessoas que buscavam o serviço. O Centro de Testagem e Aconselhamento de Pelotas (RS), além de acolher usuários com exposição sexual, também acolhe os profissionais acometidos por acidentes originados por exposição ocupacional a materiais biológicos potencialmente contaminados. **Objetivo:** Este trabalho tem como objetivo descrever o relato de um usuário acolhido no Centro de Testagem e Aconselhamento pela equipe profissional. **Métodos:** O método utilizado foi relato de caso no qual usuário relata que trabalhou em uma instituição de saúde no ano de 2015 como profissional de higienização. Conta que, ao remover o lixo após um procedimento ambulatorial, sofreu um acidente ocupacional com instrumental perfurocortante que culminou na contaminação pelo vírus da hepatite C. **Resultados e Conclusão:** Observa-se que os materiais perfurocortantes devem ser manuseados e descartados de maneira adequada, e os profissionais devem utilizar o equipamento de proteção individual de forma a evitar os riscos de contaminação em ambiente de trabalho com a capacidade de suprir a demanda dos acidentes ocupacionais. Assim, compete à instituição de saúde o provisionamento de um serviço que proporcione apoio aos trabalhadores, bem como os cuidados imediatos nos casos em que ocorram acidentes com material biológico possivelmente contaminado, a partir da elaboração de um protocolo institucional. Enquanto isso, a equipe do Centro de Testagem e Aconselhamento continua a acolher e a identificar-se com as necessidades da comunidade, pois todos os atendimentos devem estar pautados nos princípios do Sistema Único de Saúde, tendo a consciência que devem promover a integralidade da assistência de forma humanizada.

Palavras-chave: acidentes, lesão com agulha, hepatite C.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P282>

P-282 – PRÁTICAS DE PREVENÇÃO AO PAPILOMA VÍRUS HUMANO ADOTADAS POR GRADUANDAS DE ENFERMAGEM

Nathália Moerbeck¹, Thelma Spindola¹, Paula Moares¹, Laercio Melo¹, Catarina Motta¹, Barbara Galvão¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Thelma Spindola

E-mail: tspindola.uerj@gmail.com

Introdução: o papilomavírus humano é uma das infecções sexualmente transmissíveis mais frequentes no mundo e que representa a principal alteração para a ocorrência do câncer de colo uterino. **Objetivo:** Analisar as representações sociais de graduandas de enfermagem sobre as práticas de prevenção adotadas para a infecção pelo papilomavírus humano. **Métodos:** Estudo de abordagem qualitativa, alicerçada na teoria das representações sociais com o emprego da abordagem processual. Participaram 30 graduandas de enfermagem de uma universidade pública do Rio de Janeiro matriculadas no sétimo e oitavos períodos e sexualmente ativas. Foram empregados como instrumento de coleta de dados um questionário e uma entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados com emprego da técnica de análise de conteúdo na modalidade temático-categorial. **Resultados:** O processo de análise resultou em 2.182 unidades de registro, distribuídas em 37 temas, que por sua vez foram aglutinados em cinco categorias. Neste recorte será apresentado apenas os dados da categoria “Práticas de prevenção do papilomavírus humano adotadas pelas graduandas de enfermagem”, que corresponde a 540 (24,75%) unidades de registro e 11 temas. Em suas falas as estudantes ressaltaram a importância do uso de preservativos em suas práticas sexuais, a realização do exame de Papanicolaou e os testes diagnósticos como recursos

adotados para a prevenção do papilomavírus humano. Revelaram, contudo, que o uso de preservativos era associado ao tipo de parceria sexual (fixo ou eventual) e, também, que costumam dispensar medidas protetivas em relacionamentos homoafetivos por atribuírem ao gênero masculino a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis. **Conclusão:** As graduandas de enfermagem reconhecem o papilomavírus humano como uma infecção de transmissão sexual e revelaram a adoção de práticas de prevenção como a imunização, o exame preventivo e o uso de preservativos. Entretanto, associam o preservativo para a prevenção de uma gestação não planejada e deixam de usar esse recurso em relacionamentos homoafetivos e com parceiros fixos.

Palavras-chave: HPV, IST, prevenção, saúde da mulher.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P283>

P-283 – ANÁLISE DA AUTOPERCEPÇÃO DE UMA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO RISCO DA INFECÇÃO AO VÍRUS DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Edina Joana Soares¹, Josana Aparecida Horvart Dranka¹, Katy Regina da Silva¹, Luciana Osorio Cavalli¹, Marcia Claudete Weschenfelder¹, Roberto Ferreira Oizumi¹, Telma Cristina Pereira Leite¹, Wanila Arroyo Pitondo¹, Winny Hirome Takahashi Yonegura¹, Yara Alves Orso¹

¹Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias de Cascavel (PR)

Apresentador: Edina Joana Soares

E-mail: edina_js@hotmail.com

No Brasil, a epidemia de vírus da imunodeficiência humana/aids está concentrada em alguns segmentos populacionais, como homens que fazem sexo com homens, pessoas transexuais e profissionais do sexo. Nesse sentido, deve-se considerar que apenas pertencer a um desses grupos não é suficiente para caracterizar indivíduos como frequentemente expostos ao vírus da imunodeficiência humana. Ou seja, leva-se em consideração práticas e parcerias sexuais ou situações específicas que podem determinar maiores chances de exposição ao vírus. Este estudo, de caráter quantitativo, teve como objetivo avaliar a autopercepção dos entrevistados em relação ao seu risco de infecção ao vírus da imunodeficiência humana. Os dados foram obtidos por meio de aplicação de questionário *on-line*, individual, composto de perguntas relacionadas ao objetivo da pesquisa, enviado como convite ou por divulgação com o compartilhamento de *link*, sendo: pessoalmente no Centro Especializado de Doenças Infecto Parasitárias do município de Cascavel (PR) e em mídias sociais. Os resultados foram analisados e apresentados por porcentagens e gráficos. Responderam ao questionário 482 pessoas, sendo 69,9% do sexo feminino e 30,1% masculino. Em relação à identidade sexual, 78% referiram ser heterossexuais e 15% homossexuais. Do total, 308 participantes (63%) relataram ter uma única parceria sexual fixa nos últimos 12 meses, com 52% sem uso de preservativo, enquanto 217 (45%) referiram um ou mais parceiros eventuais nesse mesmo período, com 15,7% sem uso de preservativo. Entre os entrevistados, 115 (23,8%) responderam que nunca colheram exame para vírus da imunodeficiência humana e 98 (20,3%) o fizeram há mais de dois anos. E quando questionados sobre a chance de se infectarem, 72% dos participantes acreditaram ter nenhuma ou pouca chance de se infectar pelo vírus da imunodeficiência humana. Dessa forma, observou-se que a maioria dos participantes, por apresentarem parceria fixa, não se consideravam em risco de adquirir vírus da imunodeficiência humana, o que pode torná-los mais vulneráveis à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana e seu diagnóstico tardio.

Palavras-chave: autopercepção, avaliação de risco, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P284>

P-284: SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE AND FACTORS ASSOCIATED WITH HIV DIAGNOSIS IN MEN WHO HAVE SEX WITH MEN ATTENDED AT A COUNSELING AND TESTING CENTER IN SOUTHWEST GOIÁS

Nicole Nogueira Cardoso¹, Cristhiane Campos Marques de Oliveira^{1,2,3}, Luis Regagnan Dias¹, Adriano Brito Sousa¹, Carolina Barbosa Carvalho do Carmo⁴, Marcos Filipe Bueno Langkamer⁴, Fabiana Nunes de Carvalho Mariz^{3,4}, Carla Nunes de Araújo³

¹Universidade de Rio Verde

²Centro de Testagem e Aconselhamento de Rio Verde

³Universidade de Brasília

⁴Universidade Católica de Brasília

Apresentador: Cristhiane Campos Marques de Oliveira

E-mail: ccmrques@uol.com.br

Introduction: Men who have sex with men (MSM) have a higher prevalence of the human immunodeficiency virus (HIV) infection in relation to general population. **Objective:** The aim of this study was to describe the sociodemographic profile and risk factors associated with MSM diagnosed with HIV in a Counseling and Testing Center (CTC) in Rio Verde (Goiás) during the year of 2018. **Methods:** This is an observational

cross-sectional study with descriptive and retrospective quantitative approach. Information was collected during pretest and post-test counseling carried out with users attended at the CTC. **Results:** The sample consisted of 126 MSM individuals, 124 were tested for HIV, of which 96 were nonreactive, 28 reagents, and 2 did not perform the test. Among the 28 (22.2%) MSM who presented HIV-positive serology, the average age was 27.8 years, 21 (78%) were single, 17 (65%) were brown, and 12 (43%) were service sector workers. Of the total, 22 (79%) had no previous STI and 18 (64.3%) had more than one partner. Concerning drug use in the past 12 months, 25 (89.3%) drank alcohol, and of these, 17 (68%) reported occasional consumption. Regarding the use of condoms with fixed partnership in the past 12 months, 9 (32%) used and 10 (36%) did not use a condom because they trust their partners. In relation to the use of condoms with occasional partners, 10 (35%) reported inconsistent use in sexual relations. With reference to the reason for not using it, 11% did not like it, 7% trusted the partner, 4% did not have time to wear it, and 4% did not believe in its effectiveness. **Conclusion:** Most MSM diagnosed with HIV are young, single, brown, have multiple partners, and inconsistent use of condoms in fixed and occasional relations. This highlights the need for preventive strategies that reach this population group.

Keywords: men who have sex with men, epidemiology, serological test, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P285>

P-285 – INCIDÊNCIA DE SÍFILIS GESTACIONAL EM UMA GERÊNCIA DISTRITAL SANITÁRIA DA CAPITAL GAÚCHA

Gabriela Marques de Ávila¹, Maria Luiza Martins Flôr¹, Etiane Brum Ferraz¹, Laura Gantes Rodrigues Dias¹, Samira da Silva Carvalho¹

¹Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre

Apresentador: Gabriela Marques de Ávila

E-mail: gabee.avila@gmail.com

A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível, considerada uma epidemia mundial, cujo agente etiológico é a bactéria *Treponema pallidum*. A transmissão da sífilis acontece pelo ato sexual, incluindo sexo oral sem uso de preservativo, contato direto com toque nas lesões, transfusões sanguíneas e por transmissão vertical. Na gestação, essa infecção pode apresentar consequências graves para o feto caso não seja diagnosticada e tratada o mais precoce possível. Objetivou-se identificar a incidência de sífilis gestacional nos últimos cinco anos na Gerência Distrital Sanitária Centro do município de Porto Alegre (RS). Foi realizado um estudo transversal descritivo com abordagem quantitativa. Foram analisados dados do período 2016–2020 provenientes do portal Business Intelligence da Secretaria de Saúde do município de Porto Alegre do Estado do Rio Grande do Sul. Foram analisados os dados da Gerência Distrital Sanitária Centro, composta de três Unidades de Saúde, que possuem juntas uma população adstrita de 277.426 habitantes. No período analisado foram identificados 174 casos de sífilis em gestantes, sendo 22 (2016), 27 (2017), 30 (2018), 54 (2019) e 41 (2020). Observou-se que entre 2016-2019 houve um aumento no número dos diagnósticos, com queda em 2020. Percebeu-se um aumento nos casos de sífilis em gestantes nos últimos anos, este número de 2016 a 2019. No ano de 2020, por conta da pandemia de COVID-19 e do isolamento social ocasionado por ela, houve um decréscimo significativo no número de casos de sífilis gestacional diagnosticados, sugerindo uma possível relação com esse resultado.

Palavras-chave: sífilis, gravidez, atenção primária.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P286>

P-286 – ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DA SÍFILIS CONGÊNITA EM UMA CIDADE DO OESTE DO PARANÁ

Gustavo de Paula Ensina¹, Winny Hirome Takahashi Yonegura¹, Josana Aparecida Dranka Horvath²

¹Fundação Assis Gurgacz

²Secretaria Municipal de Saúde

Apresentador: Gustavo de Paula Ensina

E-mail: gpensina@gmail.com

Introdução: A sífilis não tratada ou inadequadamente tratada, quando ocorre na gestação, pode levar à transmissão vertical e resultar em aborto, natimorto, prematuridade ou várias manifestações clínicas, muitas vezes inaparentes ao nascimento. Assim, a sífilis congênita trata-se de uma doença que pode ser prevenida pelo diagnóstico precoce da infecção na gestante e seu tratamento adequado. **Objetivo:** Analisar as características da sífilis congênita no município de Cascavel (PR), comparando com os números nacionais, estaduais e municipais, a fim de entender como o manejo de cada gestante pode contribuir em cada caso de sífilis congênita e então auxiliar nas ações para controle desse agravo. **Métodos:** Estudo retrospectivo, de caráter descritivo, bibliográfico e documental, feito por meio de levantamento de dados

epidemiológicos, na forma de notificação compulsória, de onde obtiveram-se informações dos casos de sífilis congênita no município de Cascavel entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2020, num total de 70 crianças. **Resultados:** Embora 82,8% das gestantes tenham realizado pré-natal, 85,7% delas não receberam tratamento ou o fizeram de forma inadequada. Como desfecho da sífilis gestacional, tivemos no período analisado quatro abortamentos (5,71%) e sete natimortos (10%). E apesar de a cidade de Cascavel liderar a comparação em âmbito municipal, estadual e nacional entre o número de diagnósticos de sífilis gestacional, nossa cidade ficou em último lugar no desfecho da sífilis congênita. **Conclusão:** Um pré-natal adequado, com diagnóstico precoce e manejo da mulher infectada e de suas parcerias sexuais, e posteriormente os cuidados na maternidade são peças fundamentais na prevenção da sífilis congênita. Dessa maneira, a ampliação dos esforços de notificação, além de melhorias na qualidade do pré-natal e do tratamento, é imprescindível para impedir que o conceito sofra com uma evolução desfavorável.

Palavras-chave: sífilis congênita, prevenção, saúde pública.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P287>

P-287 – TERAPIAS INTEGRATIVAS PARA OS PROFISSIONAIS DO CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO VISANDO AO ALÍVIO DO ESTRESSE GERADO PELA PANDEMIA

Suelen Aparecida da Silva¹, Solange Aparecida Neumann Salome¹

¹Centro de Testagem e Aconselhamento Dr. Sergio Arouca

Apresentador: Suelen Aparecida da Silva

E-mail: ctasergioarouca@gmail.com

Introdução: Os profissionais da saúde sofrem de estresse relacionado ao trabalho ou estresse ocupacional. Normalmente é porque os profissionais enfrentam altas expectativas, mas podem não ter tempo suficiente, habilidades e apoio social no trabalho. Isso pode levar a doenças físicas, síndrome de *burnout* e exaustão grave. Conseqüentemente, os profissionais de saúde podem não conseguir proporcionar serviços de alta qualidade. O estresse e o *burnout* também podem ser caros para as organizações e os sistemas de saúde, pois profissionais doentes tiram muitas licenças e podem até mudar de emprego. Nós avaliamos o quanto diversas intervenções conseguem prevenir o estresse ou o *burnout* de profissionais de saúde. As terapias integrativas reconhecem a subjetividade interior, as emoções que podem afetar a saúde do corpo, sendo elas uma ferramenta fundamental usada para prevenção de doenças, promoção a saúde de forma integral, tal como prevê o Sistema Único de Saúde. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é mostrar que as terapias têm um resultado positivo quando também são utilizadas no alívio do estresse ocupacional, tendo um efeito relaxante e auxiliando na saúde dos profissionais do Centro de Testagem e Aconselhamento durante o enfrentamento da pandemia e no dia a dia do trabalho. **Métodos:** O método aplicado foi o uso de diversas práticas, sendo elas meditação, auriculoterapia, ventosaterapia e alongamento, sendo realizadas por profissionais da rede de infecções sexualmente transmissíveis/aids capacitados, semanalmente, em um dia da semana, nos dois períodos de trabalho com duração de uma hora, havendo revezamento dos trabalhadores para evitar aglomeração e manter a continuidade do serviço. **Resultados:** O resultado foi muito satisfatório, pois verificamos, por meio de relatos dos profissionais, um efeito positivo na redução do estresse. **Conclusão:** Concluímos que essas terapias realizadas trouxeram grandes benefícios na saúde do trabalhador e auxiliaram no enfrentamento da pandemia de forma mais saudável, mostrando que vale a pena ter um olhar humanizado aos profissionais da saúde, promovendo cuidados a quem cuida.

Palavras-chave: tratamento, estresse, pandemia, saúde.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P288>

P-288 – A NECESSIDADE MASSIFICAR NA POPULAÇÃO A CUMPLICIDADE DA SÍFILIS NA PERPETUAÇÃO DA EPIDEMIA DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Paulo Fernando Campos Simões¹, Liney Araujo², José Savio dos Santos³, Tania Maria Gomes da Silva², Adriana Santos da Silva Teles⁴, Willian Benedito Proença Junior⁴

¹Faculdade Fasipe

²Centro Universitário de Maringá

³Universidade de Ribeirão Preto

⁴Secretaria Municipal de Saúde de Cuiabá

Apresentador: Paulo Fernando Campos Simões

E-mail: liney.araujo50@gmail.com

Introdução: A ciência pontuou as ações sinérgicas entre sífilis e vírus da imunodeficiência humana, o que resultou em uma constatação de cumplicidade entre os agravos quando na condição de coinfeção, perpassando pelas questões sociocultural, sexual e fisiopatológica. A sífilis é curável. O vírus da imunodeficiência humana é totalmente controlável,

a partir de uma pessoa infectada, com carga viral indetectável, não transmitir o vírus via sexual para sua parceria. Porém a inóxia na política de promoção, prevenção e tratamento precoce das infecções sexualmente transmissíveis torna-as uma imensurável problemática na saúde pública mundial. A sífilis cada vez mais vem acometendo a população sexualmente ativa, aumentando a sua vulnerabilidade à transmissibilidade do vírus da imunodeficiência humana. Na outra face, há uma evolução atípica do *treponema* quando associado ao vírus da imunodeficiência humana. Inclui-se em quaisquer faixas etárias, quando não tratada precocemente, leva a incapacidade física e ou mental do ser humano, chegando ao óbito. **Objetivo:** Mostrar o aumento exponencial de coinfeção de sífilis adquirida e vírus da imunodeficiência humana, observando a sífilis como responsável pela perpetuação da epidemia desses retrovírus. **Métodos:** Estudo transversal, observado no período de 01 a 04/2021, em um Serviço de Assistência Especializado. Foi usado o teste rápido para detecção da coinfeção sífilis e vírus da imunodeficiência humana. **Resultados:** Dos 213 testes rápidos realizados para sífilis e vírus da imunodeficiência humana, 44 pessoas apresentaram sífilis como primeiro diagnóstico. Desses, 28 homens estavam coinfectados com vírus da imunodeficiência humana, sendo que dois já estavam em quadro de aids. Não houve registro em mulheres. A definição de coinfeção dos agravos e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis seguiu o fluxograma definido pelo Ministério da Saúde. **Conclusão:** Massificar na população sexualmente ativa que as infecções sexualmente transmissíveis em especial a sífilis é melhor combustível para a entrada do vírus da imunodeficiência humana nas células humanas e a necessidade do diagnóstico e tratamento precoce é o caminho para a redução dos casos de vírus da imunodeficiência humana nessa população.

Palavras-chave: coinfeção, sífilis, HIV, infecção.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P289>

P-289 – CONHECIMENTO SOBRE O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ENTRE RESIDENTES DE UM COLÉGIO TÉCNICO

Vanessa Moura Carvalho de Oliveira¹, Alice da Silva¹, Daniella Carvalho Araújo¹, Mikaela Dagles de Sousa¹, Láisa Rebecca Sousa Carvalho¹, Matheus Sousa Marques Carvalho¹, Cecília Natelly da Silva Gomes¹, Rosilane de Lima Brito Magalhães¹

¹Universidade Federal do Piauí

Apresentador: Vanessa Moura Carvalho de Oliveira

E-mail: vanessa.moura29@outlook.com

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana é considerado um problema de saúde pública. Diante de elevadas prevalências de infecções sexualmente transmissíveis é importante ampliar o conhecimento sobre essas infecções em populações jovens. **Objetivo:** Analisar o conhecimento sobre o vírus da imunodeficiência humana entre adolescentes residentes de um colégio técnico público de uma capital do Nordeste do Brasil. **Métodos:** Estudo transversal realizado em uma Escola Técnica do estado do Piauí. Critérios de inclusão: ser residente na escola e estar devidamente matriculado em um dos cursos ofertados. Os dados foram coletados por meio da aplicação do questionário e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os alunos menores de idade apresentaram o termo assinado pelos pais ou responsáveis. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, com parecer de número 107.557/2016. **Resultados:** Setenta e dois estudantes participaram da pesquisa. Do total, 43 (59,7%) eram do sexo masculino, 69 (95,8%) eram solteiros e a faixa etária predominante foi de 14 a 19 anos (65,3%). Nas questões relacionadas ao conhecimento sobre o vírus da imunodeficiência humana, 66 (91,7%) estudantes informaram o uso do preservativo como principal forma de prevenção do vírus da imunodeficiência humana e 68 (94,4%) informaram que o vírus da imunodeficiência humana pode ser transmitido por meio de relações sexuais desprotegidas. A transmissão do vírus da imunodeficiência humana por meio da picada de insetos foi referida por 28 (38,9%), e 50 (69,4%) alunos informaram que a gestante que recebe tratamento adequado durante a gravidez e o parto tem chances menores de transmissão do vírus da imunodeficiência humana para o filho. As principais fontes de informação relatadas foram a internet e a televisão, por 31 (43%) e 10 (13,8%) participantes, respectivamente. **Conclusão:** A maioria dos estudantes respondeu corretamente aos questionamentos sobre o vírus da imunodeficiência humana. Mesmo assim, ainda há necessidade de incentivo a adesão às formas de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis para redução de práticas sexuais de risco.

Palavras-chave: estudantes, HIV, conhecimento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P290>

P-290 – UM TRISTE RETRATO DE SÍFILIS CONGÊNITA NOS DIAS ATUAIS NO BRASIL. RELATO DE CASO COM REAÇÃO EM CADEIA DA POLIMERASE DE FRAGMENTO DE PLACENTA POSITIVO PARA *TREPONEMA PALLIDUM*

Mauro Romero Leal Passos¹, Ariela Gomes de Melo², Renata de Queiroz Varella², Felipe Dinou Leal Passos², Isabelle de Carvalho Rangel⁴, Ricardo de Souza Carvalho⁴, Julia Sampaio de Souza Morais¹, Lika Nishimori²

¹Universidade Federal Fluminense

²Hospital Universitário de Vassouras

³Universidade de Vassouras

⁴Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Mauro Romero Leal Passos

E-mail: ssampaiojulia@gmail.com

Introdução: Sífilis congênita é doença sinalizadora de falhas grosseiras no sistema de saúde pública. **Objetivo:** Relatar caso de sífilis congênita com análise com reação em cadeia da polimerase. **Relato de caso:** Gestante, 20 anos, G1 P0, atendida no Hospital Universitário de Vassouras (RJ) em trabalho de parto em 2/2/2020. O Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas (23/10/2019) foi reator 1:8 e FTA-Abs IgG + e IgM – (24/10/2019) sem tratamento para a sífilis. Mas a paciente mostrou Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas 1:1 do início da gestação. No início do pré-natal não fez teste rápido para sífilis por falta na Unidade Básica de Saúde, pois só tinha para vírus da imunodeficiência humana. Negou lesões genitais ou em pele. Em 2/2/2020 (internação), teve parto eutócico, com 35 semanas e 1 dia. O Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas da mãe, nesse dia, foi reator 1:32. O recém-nascido (feminino) possuía lesões em palmas das mãos, plantas dos pés e pele de pernas (fotos). O Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas do recém-nascido foi reator 1:32. Exames de líquor cefalorraquiano não mostraram neurosífilis. O recém-nascido foi tratado e permaneceu internado por 25 dias. Recebeu alta em bom estado. A histopatologia da placenta evidenciou infiltrado leucocitário polimorfonuclear e arteríolas exibindo infiltrado linfoplasmocitário da parede com quadro de corioamnionite aguda, deciduíte aguda e arterite linfoplasmocitária. O exame de biologia molecular com reação em cadeia da polimerase para *Treponema pallidum* de fragmento de placenta e de raspado de pele do recém-nascido foram positivos (foto). Embora a gestante tenha fornecido endereço do município da maternidade, após vários contatos por telefone e visita ao endereço declarado, detectamos que o pré-natal e o seu endereço fixo eram de outro município da região. A gestante fez pré-natal em Barra do Pirai (RJ) e em Japeri (RJ). **Conclusão:** Mesmo com pré-natal na rede pública ainda ocorrem casos de sífilis congênita hodiernos, mostrando falhas inaceitáveis de todo o sistema. Exame de FTA-Abs IgM nada agrega no diagnóstico. O acompanhamento da parceria sexual ainda é negligenciado.

Palavras-chave: sífilis congênita, IST, DST, gestantes, pré-natal.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P291>

P-291 – MANIFESTAÇÃO CLÍNICA NÃO USUAL DA SÍFILIS SECUNDÁRIA

Fabrizio Max Vieira¹, Maria de Fátima Maklouf¹, Carlos Monson¹

¹Faculdade Ipemed Afya

Apresentador: Fabrizio Max Vieira

E-mail: fmaxvieira@gmail.com

Introdução: Desde os primeiros relatos da sífilis na história da humanidade, tem-se verificado que é uma doença com alta frequência global, inclusive entre os brasileiros, apesar da adoção de iniciativas de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis difundidas pelo governo. O recrudescimento da prevalência e incidência e a sua mortalidade em todo o mundo justificam o estudo em tela. **Objetivo:** Demonstrar, por meio de relato de caso clínico, que as manifestações não usuais da sífilis secundária podem ocorrer com frequência muito elavada. **Métodos:** Análise descritiva de um caso clínico respaldado pela produção científica em fluxo com o propósito de demonstrar os resultados observados. Paciente feminino, 15 anos, procura a Unidade Básica de Saúde para reavaliação do quadro clínico de hipótese conflitante após diagnóstico e tratamento proposto pela Unidade de Pronto Atendimento previamente, evoluindo com refratariedade e repercussão estética desfavorável. Afirma que há um mês evoluiu com lesões disseminadas em tronco, membros e face de aspecto maculopapular, bem delimitadas, homogêneas e pruriginosas. Ausência de exsudação. Nega febre. Nega ulcerações genitais prévias. Vida sexual ativa sem uso de preservativos. Solicitado teste rápido de doença sexualmente transmissível, com positividade para sífilis. Iniciada a administração da penicilina benzatina e realizada a notificação. Solicitado Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas, o qual evidenciou 1/64. No momento, paciente encontra-se em acompanhamento clínico; portanto, de prognóstico indefinido. **Resultados:** Este caso clínico ilustra o polimorfismo da sífilis secundária, sendo mandatório ao médico ter um amplo conhecimento dessa entidade mórbida, com o estabelecimento de um diagnóstico precoce, instaurar um tratamento efetivo, eficiente e seguro, capaz de promover uma convalescença satisfatória e reduzir os índices estatísticos tão elevados. **Conclusão:** O potencial de apresentação dermatológico variado da sífilis aponta a necessidade de, sempre que possível, ela seja cogitada como hipótese diagnóstica plausível no que tange às demais doenças dermatológicas, bem como a relevância da realização de *screening* investigativo adequado em casos suspeitos.

Palavras-chave: sífilis, pele, negligenciada, diagnóstico.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P292>

P-292 – NARRATIVAS SOBRE O COTIDIANO DE PESSOAS QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS: ANÁLISE DAS REPERCUSSÕES NA VIDA APÓS O DIAGNÓSTICO

DST - J bras Doenças Sex Transm 2021;33(Suppl. 1):5-88 - ISSN on-line: 2177-8264

Ana Eliza de Carvalho Fonseca¹, Paola Trindade Garcia¹, Ana Beatriz Barbosa Lima Nascimento², Renata Cristina dos Santos Oliveira³

¹Universidade Federal do Maranhão

²Santa Casa de Misericórdia de Sobral

³Hospital Universitário Presidente Dutra

Apresentador: Ana Eliza de Carvalho Fonseca

E-mail: anaelizacf@outlook.com

Introdução: Desde a descoberta do vírus da imunodeficiência humana, ocorreram significativos avanços no conhecimento sobre o tema e no cuidado às pessoas que vivem com a infecção. Ainda assim, o diagnóstico do vírus da imunodeficiência humana, no contexto atual, impacta de forma marcante a vida dos indivíduos em diferentes questões. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é analisar as implicações do diagnóstico de vírus da imunodeficiência humana em pessoas atendidas em um Centro de Testagem e Aconselhamento. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utiliza o método de análise de narrativas, realizada com 28 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana atendidas em um Centro de Testagem e Aconselhamento do Maranhão. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, que continham questionamentos sobre as mudanças que ocorreram na vida do indivíduo após o diagnóstico. **Resultados:** As narrativas dos entrevistados refletem as formas como o diagnóstico do vírus da imunodeficiência humana pode modificar a vida do indivíduo, principalmente quanto aos aspectos social e econômico e quanto ao enfrentamento de estigmas e preconceitos relativos à infecção. Segundo os relatos, esses impactos repercutem, sobretudo, no afastamento de familiares e amigos, mudanças na auto percepção e no estilo de vida, dificuldades na obtenção de renda, alterações de humor e surgimento de sentimentos de fragilidade. **Conclusão:** É evidente que o diagnóstico do vírus da imunodeficiência humana pode implicar em repercussões marcantes em diferentes âmbitos da vida dos indivíduos, tornando imprescindível uma atenção direcionada às demandas desse grupo por parte da sociedade, das políticas públicas e dos profissionais de saúde.

Palavras-chave: HIV, diagnóstico, impacto psicossocial, pesquisa qualitativa.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P293>

P-293 – IDOSO COM MÚLTIPLOS CONDILOMAS ACUMULADOS (PAPILOMAVÍRUS HUMANO) EM PÊNIS E SÍFILIS LATENTE TARDIA: RELATO DE CASO

Júlia Sampaio Fernandes Camacho¹, Amanda Ramiro Gomes da Silva¹, Júlia Sampaio de Souza

Moraes¹, Matheus Fernandez de Oliveira¹, Mauro Romero Leal Passos¹

¹Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Júlia Sampaio Fernandes Camacho

E-mail: juliasfcamacho@gmail.com

Introdução: As célebres frases “pensar sifiliticamente” e “a sífilis é uma grande imitadora” ainda são necessárias no Brasil de 2021. **Objetivo:** Apresentar caso de um paciente idoso com condilomas acuminados em pênis e sífilis, ambos sem tratamento. **Relato de caso:** Homem, 74 anos, sexualmente ativo, encaminhado por médico da rede básica de saúde ao Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis da Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), para tratamento de verrugas genitais. Mostrou dois exames de Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas não reagentes (3 e 30/3/2021) e um teste treponêmico de pesquisa de anticorpos IgG e IgM reagentes (30/3/2021), ambos feitos em laboratório privado e sem qualquer tratamento. Apenas falaram: “Resolva isso lá no Setor de Doença Sexualmente Transmissível (SIC)”. Relatou relações sexuais com diversas mulheres jovens (menos de 25 anos de idade) e várias vezes sem preservativo. Diz que há meses tenta ser tratado, mas não consegue. Nada fala com as parcerias sexuais e, mesmo com muitas lesões (fotos), nenhuma negou relacionamento. No serviço realizamos testes rápidos para vírus da imunodeficiência humana, hepatite B e C, não reatores. Já o testes rápidos para sífilis foi reator. Procedemos tratamento com ATCA a 80% nas lesões e penicilina benzatina para sífilis latente tardia (7,2 milhões UI-IM). Mesmo relutante, insistimos para comunicar aos contatos sexuais para nos procurar. Em três semanas o paciente ficou sem lesões de papilomavírus humano e concluiu esquema com penicilina. Está em acompanhamento. Disse que já avisou uma parceira de 21 anos. **Conclusão:** Em duas semanas resolvemos doenças de muitos meses, quíqá anos. Sífilis deve entrar na rotina de pesquisa dos diversos problemas de saúde, especialmente de pessoas com múltiplas parcerias sexuais, com lesões genitais, independentemente da idade.

Palavras-chave: doenças sexualmente transmissíveis, IST, HPV, sífilis, idoso.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P294>

P-294 – ANTIGOS E NOVOS SIGNIFICADOS DA AIDS ENTRE PESSOAS QUE VIVEM COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA RESIDENTES EM MUNICÍPIOS INTERIORES DO RIO DE JANEIRO

Gabriel Fonseca de Souza¹, Sergio Corrêa Marques¹, Reynaldo de Jesus Oliveira Junior¹,

Denize Cristina de Oliveira¹, Antonio Marcos Tosoli Gomes¹

¹Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentador: Gabriel Fonseca de Souza

E-mail: gabrielfonsecasouza@gmail.com

Introdução: Compreender como as pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana concebem o vírus da imunodeficiência humana/aids reveste-se de importância por possibilitar identificar como ressignificam esse fenômeno e norteiam os seus comportamentos. **Objetivo:** Identificar os significados atribuídos ao vírus da imunodeficiência humana/aids por pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana residentes em pequenos municípios do Médio Paraíba do Rio de Janeiro (RJ). **Métodos:** Estudo descritivo, apoiado na teoria do núcleo central das representações sociais. Participaram 80 pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana residentes nos municípios pequenos da Região Médio Paraíba e acompanhados nos ambulatórios dos programas municipais de infecções sexualmente transmissíveis/aids e hepatites. O perfil dos participantes foi obtido por questionário sociodemográfico e os conteúdos representacionais pela técnica de evocação livre de palavras ao termo aids. Os dados socioeconômicos foram organizados no *software* Excel e os conteúdos evocados foram tratados pela técnica do quadro de quatro casas com o *software* EVO. **Resultados:** Os participantes são, em sua maioria, do sexo masculino, com idade inferior a 40 anos e baixa escolaridade, afirmam viver com familiares ou amigos, não apresentar sintomatologia e não se sentir doente. A análise prototípica evidencia que as expressões/palavras mais frequentes e mencionadas mais prontamente são: doença normal (69), medo (32), no núcleo central, e preconceito (41), na primeira periferia. Na zona de contraste estão as palavras ruim, morte e sofrimento, que revelam um subgrupo que pensa diferente dos demais participantes. Na segunda periferia observam-se as expressões/palavras doença crônica, força de vontade, medicações e vida normal. Os dados revelam uma representação com significados positivos e negativos. Para o grupo, a aids significa uma doença normal, mas também promotora de medo e preconceito. Para uma parte do grupo ela também significa uma doença crônica e que possibilita uma vida normal. **Conclusão:** Existe um processo de mudança sendo operado na representação da aids, em que convivem novos conteúdos e elementos arcaicos presentes nas primeiras representações da aids.

Palavras-chave: HIV, aids, ativismo social.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P295>

P-295 – LIGA ACADÊMICA DE SEXUALIDADE E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS EM SERGIPE

Lorena Santos Lima¹, Paula Rosane Sousa Andrade¹, Amanda Almeida Mendonça¹, Anne Hellen Brito Leite¹, Cleiton Mateus Santos Siqueira¹, Dayanne Cristina Barreto da Paixão¹, Maria de Lara Lucilla de Carvalho¹, Maria Rafaela Carvalho de Jesus¹, Flávia Luryane Ferreira Sandes¹, Brenda Evelin Barreto da Silva²

¹Universidade Federal de Sergipe

²Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Sergipe

Apresentador: Lorena Santos Lima

E-mail: lore_na1010@hotmail.com

Introdução: As Ligas Acadêmicas visam à aproximação dos alunos à concepção do tripé de ensino, pesquisa e extensão e complementam o conhecimento/atuação em áreas não contempladas pelo currículo da graduação. **Objetivo:** Apresentar a importância da Liga Acadêmica de Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis da Universidade Federal de Sergipe na formação acadêmica em Enfermagem. **Métodos:** Há 12 anos, a Liga Acadêmica de Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis atua dentro do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Sergipe. É composta de discentes da graduação do segundo ao décimo período, docentes do curso e discentes de mestrado e doutorado. Cada membro possui função especificada em regimento próprio. **Resultados:** A liga oferece diversas oportunidades científicas e assistenciais que são importantes para a formação acadêmica e profissional, podendo-se destacar: a) reuniões quinzenais: planejamento e organização de ações, discussão de artigos científicos e de casos clínicos; b) participação e apresentação de trabalhos em eventos científicos; c) estímulo e preparo para serem divulgadores e multiplicadores de conhecimento das atividades da liga aos demais alunos e comunidade, inclusive por meio de redes sociais; d) capacitação e realização de campanhas de testes rápidos, ações de educação sexual e preventiva; e) acompanhamento de profissionais em ambulatórios de referência de infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana/aids; f) colaboração em ações/eventos do calendário dos programas estadual e municipal de infecções sexualmente transmissíveis/vírus da imunodeficiência humana/aids. Assim, a relevância deste projeto está na capacitação de futuros enfermeiros sobre sexualidade, prevenção e controle das infecções sexualmente transmissíveis e assistência de enfermagem a pessoas com infecções sexualmente transmissíveis ou vivendo com vírus da imunodeficiência humana. A participação na Liga Acadêmica de Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis garante experiências inovadoras para desenvolvimento de raciocínio crítico, tomada de decisão e ampliação do conhecimento sobre a temática. **Conclusão:**

A Liga Acadêmica de Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis contribui para a formação de enfermeiros em relação à sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, a fim de melhor atender as necessidades de saúde para as diversidades e vulnerabilidades da sociedade sergipana.

Palavras-chave: curso de enfermagem, sexualidade, IST.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P296>

P-296 – SIGNIFICANDO A GESTÃO DO CUIDADO PARA OS PROFISSIONAIS QUE EXERCEM ASSISTÊNCIA À PESSOA VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA/AIDS

Bruna Coelho¹, Betina Hörner Schindwein Meirelles¹, Daniela Farias Rüdiger¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina

Apresentador: Bruna Coelho

E-mail: bruninhacoelho@gmail.com

Introdução: Com o surgimento da terapia antirretroviral e do acesso gratuito ao tratamento a todas as pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids, a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana tornou-se uma condição crônica, passível de controle. Para o incentivo à adesão à terapia antirretroviral e melhor qualidade de vida, é preciso dispor de um cuidado planejado. **Objetivo:** Compreender o significado de gestão do cuidado para equipe multiprofissional que presta assistência a pessoa que vive com vírus da imunodeficiência humana/aids em capital do Sul do Brasil. **Métodos:** Pesquisa qualitativa, com aporte metodológico da teoria fundamentada nos dados. Os dados foram coletados no ano de 2017, na Rede de Atenção à Saúde de uma capital do Sul do Brasil, contando com 19 participantes. A análise e coleta de dados foram realizadas concomitantemente. Para análise dos dados foi utilizado o *software* NVivo 10. **Resultados:** Os participantes percebem a gestão do cuidado como uma ferramenta de organização que vai desde o diagnóstico da pessoa que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids até adesão ao tratamento. O foco dos profissionais na gestão do cuidado ainda encontra-se em nível profissional, no contato pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids e profissional de saúde no seu dia a dia. Quando analisados os relatos dos entrevistados em nível gestor, na Secretaria Municipal de Saúde, percebe-se a ampliação do conceito de gestão do cuidado para nível organizacional, sistemático e societário. Ressalta-se a complexidade da condição crônica do vírus da imunodeficiência humana/aids e a necessidade de gerir o cuidado desde as políticas de saúde efetivas para essa população até a responsabilidade para o autocuidado. **Conclusão:** A gestão do cuidado para pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana/aids é compreendida como multidimensional, atingindo diversos setores e pontos da Rede de Atenção à Saúde. Oferece um cuidado planejado, organizado e de qualidade desde diagnóstico precoce, tratamento e melhora da qualidade de vida do indivíduo.

Palavras-chave: gestão em saúde, HIV, síndrome de imunodeficiência adquirida.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P297>

P-297 – NO SAMBA DA PREVENÇÃO O BATUQUE MAIS ALTO É O DA PREVENÇÃO COMBINADA

Vinícius Rodrigues Fernandes da Fonte¹, Márcio Tadeu Ribeiro Francisco¹, Thelma Spindola¹, Carina D'Onofrio Prince Pinheiro², Paula Costa de Moraes¹, Laércio Deleon de Melo¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

²Universidade Veiga de Almeida

Apresentador: Vinícius Rodrigues Fernandes da Fonte

E-mail: vinicius-fonte@hotmail.com

Introdução: Ao pensarmos em recursos tecnológicos, teríamos condições suficientes para evitarmos novas infecções pelo vírus da imunodeficiência humana. A prevenção combinada amplia a gama de opções que indivíduos possuem para se prevenir, para além do uso do preservativo. **Objetivo:** Descrever as condutas sexuais, a realização da testagem para o vírus da imunodeficiência humana e o conhecimento sobre prevenção combinada entre os participantes do carnaval. **Métodos:** Estudo transversal realizado com 630 participantes do carnaval no Rio de Janeiro (RJ), selecionados pela amostragem por conveniência. Os dados foram coletados no sambódromo, com auxílio de um questionário em fevereiro de 2017. O critério de inclusão foi ter idade igual ou superior a 18 anos. Foi realizada análise descritiva. **Resultados:** Participaram 347 (55,1%) mulheres e 283 (44,9%) homens; 462 (77,5%) declaravam-se heterossexuais e 115 (19,3%) homo/bissexuais; a média de idade foi de 39,62 anos; 342 (55,3%) não possuíam cadastro em unidades de atenção básica; 436 (69,5%) possuíam parceiro fixo; 70 (16,1%) já traíram sexualmente seus parceiros sexuais com outras pessoas nos últimos 12 meses; 472 (75,4%) e 244 (39,8%) praticaram relação sexual vaginal e anal, respectivamente, nos últimos 12 meses; 426 (67,9%) tiveram relação sexual sem preservativo com parceiro fixo nos últimos 12 meses, enquanto 77 (12,3%) tiveram relação sexual sem preservativo com parceiros casuais; 329 (52,6%) fizeram teste para vírus da imunodeficiência humana nos últimos 12 meses; 509 (82,4%) não fizeram teste

rápido para o vírus da imunodeficiência humana. Apenas 72 (11,7%) procuraram serviço de saúde após falha ou não utilização do preservativo, 377 (60,3%) sabem onde o teste para o vírus da imunodeficiência humana é realizado gratuitamente, 396 (64,4%) não sabem o que é profilaxia pós-exposição. **Conclusão:** A população vinculada ao mundo do samba possui comportamentos sexuais de risco e desconhecimento quanto às novas estratégias da prevenção combinada, como a disponibilidade de profilaxia pós-exposição.

Palavras-chave: HIV, prevenção de doenças, vulnerabilidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133298>

P-298 – LESÃO CONDILOMATOSA EM CAVIDADE ORAL ASSOCIADO A DOENÇA POR PAPILOMAVÍRUS HUMANO INDUZIDA NA VULVA: RELATO DE CASO

Ellen Gizeli Vieira da Silva¹, Rafaella Silva Alcantara¹, Ingrid Ramos de Araújo¹, Matheus Vinicius de Mesquita Soares¹, Kenneth Delano Correia Barros¹, Vera Lúcia Tenório Correia da Silva¹, José Humberto Belmino Chaves¹, Geovana Santos Martins Neiva², Gentileza Santos Martins Neiva¹

¹Universidade Federal de Alagoas

²Faculdade da Cidade de Maceió

Apresentador: Ellen Gizeli Vieira da Silva

E-mail: neivinha2@yahoo.com.br

Introdução: O condiloma acuminado é uma doença causada pelo papilomavírus humano e a principal via de transmissão é a relação sexual. Trata-se de uma infecção sexualmente transmissível com manifestação clínica, principalmente no trato anogenital. Contudo, pode ocorrer em outros sítios a exemplo da cavidade oral. O período de latência do vírus pode variar de meses a anos sem promover manifestações subclínicas ou clínicas e sua expressão ativa depende da permissividade celular, tipo de vírus e do sistema imunológico do hospedeiro. As lesões condilomatosas são polimórficas e pontiagudas, únicas ou múltiplas, apresentando superfície fosca, aveludada ou semelhante à da couve-flor. Nas mulheres há um acometimento maior de vulva, vagina e cérvix. **Objetivo:** Relatar um caso clínico envolvendo a associação de lesões condilomatosas, em sítios distintos, em uma paciente idosa. **Métodos:** Os dados foram obtidos por meio de consulta ginecológica, entrevista, registro dos métodos diagnósticos aos quais a paciente foi submetida e revisão de literatura. **Resultados:** Paciente do sexo feminino, 76 anos, compareceu ao ambulatório de ginecologia por apresentar lesões proliferárias na vulva e ventre da língua. Ao exame físico vulvar identificou-se hipotrofia, lesões espículas distribuídas unicamente por monte de Vênus e introito vaginal. As lesões foram biopsiadas sob visão colposcópica e foram compatíveis com condiloma acuminado. **Conclusão:** O papilomavírus humano é uma infecção de grande impacto social e para a saúde humana em razão do seu potencial maligno, portanto é imprescindível a realização de consultas preventivas ginecológicas independentemente da faixa etária em que a mulher se encontra, assim como a investigação em todos os sítios do organismo.

Palavras-chave: condiloma acuminado, cavidade oral, HPV, vulva, idoso.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133299>

P-299 – AVANÇOS NA TERAPÊUTICA DA COVID-19 PELO USO DE ANTIRRETROVIRAIS UTILIZADOS NO TRATAMENTO DE VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Isadora Bontorin de Souza¹, Bruna Arese Camara Silva Neto¹, Ingrid Oliveira Bosenbecker Bauer¹, Marina Mayumi Laranjeira Caldas Kamei¹, Gerson Fernandes Mendes Pereira¹

¹Centro Universitário de Brasília

Apresentador: Isadora Bontorin de Souza

E-mail: isabontorin@sempreecub.com

Introdução: A literatura demonstra que pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana coinfetadas pelo SARS-CoV-2 têm uma possibilidade de aproximadamente 66% de desenvolver quadros leves da COVID-19. Uma das hipóteses para esse fato é o efeito protetor da terapia antirretroviral nos pacientes coinfetados. **Objetivo:** Avaliar a eficácia dos tratamentos antirretrovirais no tratamento da COVID-19. **Métodos:** Foi realizada uma revisão sistemática de literatura com busca no PubMed utilizando a associação dos descritores “COVID-19” AND “HIV” AND “antiretroviral therapy”. Encontraram-se 264 artigos. Como critérios inclusivos, optou-se por ensaios clínicos, revisões sistemáticas, metanálises, estudos randomizados controlados, publicados na íntegra, no idioma inglês, entre os anos 2020 e 2021. Foram selecionados sete artigos. **Resultados:** Os estudos demonstram que a combinação de lopinavir/ritonavir com ribavirina e interferon B-1b tem retardado a progressão da COVID-19 e melhorado o prognóstico, sendo o lopinavir elencado como o mais potente inibidor de protease viral. O remdesivir, que já foi aprovado pelas agências de vigilância americana e europeia para o tratamento de pacientes hospitalizados pela COVID-19, tem demonstrado alto potencial terapêutico e redução das taxas de mortalidade. A combinação de tenofovir e emtricitabina tem sido favorável em pacientes com diagnóstico recente, evitando a hospitalização. Os biológicos parecem ser as drogas mais promissoras, pois possuem alta especificidade e sensibilidade, porém precisam ser mais bem estudados.

Darunavir apresentou resultado ineficaz contra o SARS-CoV-2. Oseltamivir não possui eficácia comprovada nem *in vivo* nem *in vitro*. Os peptídeos inibidores de receptores da enzima conversora de angiotensina apresentaram efeitos antivirais *in vivo* e *in vitro*, mas necessitam de maiores comprovações. **Conclusão:** As terapias antirretrovirais utilizadas no tratamento do vírus da imunodeficiência humana têm sido terapêuticas promissoras para COVID-19. As drogas com maior eficácia comprovada são o remdesivir e a combinação de lopinavir/ritonavir com ribavirina e interferon B-1b. Outros medicamentos demonstram benefícios, mas precisam de maiores estudos.

Palavras-chave: coronavírus, SARS-COV, HIV, coinfeção, terapia antirretroviral.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133300>

P-300 – ANTICONCEPCIONAL DE EMERGÊNCIA E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: BANALIZAÇÃO E RISCOS

Maria Rafaella Carvalho de Jesus¹, Maria de Lara Lucilla de Carvalho¹, Cleiton Mateus Santos Siqueira¹, Anne Hellen Brito Leite¹, Amanda Almeida Mendonça¹, Dayanne Cristina Barreto da Paixão¹, Flávia Luryane Ferreira Sandes¹, Lorena Santos Lima¹, Paula Rosane Sousa Andrade¹, Lígia Mara Dolce de Lemos¹

¹Universidade Federal de Sergipe

Apresentador: Maria Rafaella Carvalho de Jesus

E-mail: cleiton.mateus0206@gmail.com

Introdução: Contraceptivo emergencial é um método para prevenir gravidez, mas não as infecções sexualmente transmissíveis e, embora exista recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária de que o uso deva ser apenas com prescrição médica, a prática da automedicação, com destaque para a população jovem, é significativa. **Objetivo:** Identificar na literatura o conhecimento e a conduta de jovens acerca do uso de anticoncepcional pós-coito e o possível relaxamento de medidas preventivas às infecções sexualmente transmissíveis. **Métodos:** Revisão integrativa da literatura realizada na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde e Literatura Internacional em Ciências da Saúde entre março e abril de 2021. A busca foi realizada com os descritores agrupados em dois e três, utilizando o operador booleano “AND”. Foram incluídos artigos relacionados aos objetivos propostos, publicados entre 2011 e 2021, nos idiomas inglês, espanhol e português. A busca resultou em 45 publicações. Após leitura e seleção por três autores independentes, retiraram-se duplicidades, resultando em cinco artigos selecionados. **Resultados:** Os estudos corroboram que o conhecimento, entre os jovens, sobre o contraceptivo de emergência é insatisfatório em vários aspectos, como a eficácia, os efeitos adversos e o intervalo de uso. Muitos utilizam o medicamento orientados por colegas ou pela internet. A utilização descontrolada da pílula pós-coito é resultante do sexo desprotegido, do fácil acesso à compra nas farmácias e da dificuldade de aquisição nas unidades de saúde. Jovens que fazem uso da pílula desconsideram riscos de adquirir doenças mediante exposição, pois a preocupação principal é a gravidez indesejada. **Conclusão:** O conhecimento deficiente acerca da contracepção de emergência leva ao uso descontrolado do anticoncepcional pós-coito e a comportamentos que predisõem a riscos de adquirir infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: contraceptivos pós-coito, controle de infecções, sexualidade.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133301>

P-301 – QUEM, ONDE E QUANDO – UTILIZAÇÃO DO SOFTWARE VOSVIEWER NA REVISÃO SISTÊMICA DE ARTIGOS SOBRE SÍFILIS CONGÊNITA

Wilma Campos¹, Robisom Damasceno², Alessandre Beraldi³, Adriel Campos¹

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana

²Universidade Federal do Paraná

³Universidade Federal Fluminense

Apresentador: Wilma Campos

E-mail: wilma.arze@gmail.com

Objetivo: Levantamento bibliométrico de artigos sobre sífilis congênita classificando por idioma, área da pesquisa, tipo de documento, país, autores, nos anos 2010–2020. **Métodos:** Foram realizadas análises bibliométricas usando o programa Vosviewer (Versão 1.6.10). Dos artigos publicados entre 2010 e 2020 foram obtidos do banco de dados Web of Science (Web of Science Core Collection database mantido pela Clarivate Analytics. Scopus Data de acesso: 30 de abril 2021) e submetidos a análise usando métodos bibliométricos. A revisão da literatura foi conduzida usando o unitermo “congenitalsyphilis” na categoria Research Area — Área de Pesquisa na opção de busca avançada disponível no Web of Science (código: SU=(Infectious Diseases) Busca Avançada por: Document Types — Tipos de Documento: (Article — Artigo) Indexes — Índices Período=2010–2020). Teve como objetivo identificar um panorama sobre as publicações referentes sífilis congênita. **Resultados:** A etapa de coleta de dados resultou em uma amostra de 747 artigos, os anos que tiveram maior número de publicações foi 2018, com 90 publicações, 2019, com 98, e 2020, com 113 publicações

sobre esse tema. Segundo a área de pesquisa, foram 24 artigos na área de doenças infecciosas, 116 saúde pública, 84 pediatria e 69 na área de ginecologia obstetrícia, a maioria em inglês (678), seguido do português e espanhol (30 artigos). Quando analisado o país, encontramos 257 nos Estados Unidos, 137 no Brasil. Os autores que mais escrevem sobre o assunto são Taylor MM, com 15 artigos, Kamb ML, 14 artigos, seguidos de Araujo MAL, com 11 artigos. Já segundo o tipo de documento, foram 510 artigos e 60 revisões sistemáticas, o restante distribuídos em outros tipos de documentos. **Conclusão:** Os achados mostram que países com alto desenvolvimento e renda são efetivos no campo da pesquisa com o tema sífilis congênita, indicando uma forte associação entre produtividade e desenvolvimento econômico

Palavras-chave: bibliometria, sífilis congênita.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P302>

P-302 – USO DO TELEFONE CELULAR PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE DE MULHERES VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: REVISÃO INTEGRATIVA

Regina de Souza Alves¹, Flávia dos Santos Lima², Débora Mical de Almeida Calixto², Alice Nunes de Barros², Priscilla Souza dos Santos³, Beatriz Raquel Fonseca dos Santos Melo², Renata Karina Reis¹

¹Universidade de São Paulo

²Sociedade de Ensino Universitário do Nordeste

³Faculdade Maurício de Nassau de Maceió

Apresentador: Regina de Souza Alves

E-mail: reginaenfa2010@bol.com.br

Introdução: O número de casos de contaminação pelo vírus da imunodeficiência humana em mulheres em idade reprodutiva representa grande preocupação de forma global, em decorrência do risco da transmissão sexual e vertical da infecção. Faz-se necessário que a equipe multiprofissional disponha de ferramentas que potencializem o processo de educação e gestão da saúde dessa população. A utilização da tecnologia tipo dura pode proporcionar um suporte/apoio para a promoção da saúde de pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana. **Objetivo:** Buscar na literatura a utilização do telefone celular na promoção da saúde de mulheres vivendo com vírus da imunodeficiência humana. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura feita por levantamento bibliográfico nas bases de dados Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Banco de dados Scopus e US National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed). Os critérios de inclusão foram: estudos originais publicados na íntegra no período de 2010 a 2020, no idioma português, inglês e espanhol, que estivessem disponíveis. Foram excluídos artigos duplicados, monografias, dissertações, teses e outras revisões. **Resultados:** Foram identificados 2.947 artigos científicos, mas somente 6 atenderam aos critérios de inclusão e exclusão. Os seis artigos foram encontrados na base de dados Scopus. **Conclusão:** O presente estudo apontou uma lacuna em relação aos estudos brasileiros referentes ao uso da tecnologia voltados especificamente a mulheres vivendo com vírus da imunodeficiência humana. Entende-se que é relevante para enfermagem a utilização de aplicativos móveis no manejo do tratamento e no acompanhamento das mulheres que vivem com vírus da imunodeficiência humana, trazendo acessibilidade e praticidade para a transmissão de informações pertinentes a promoção da saúde desse grupo.

Palavras-chave: tecnologia, telefone celular, promoção da saúde, mulheres, HIV.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P303>

P-303 – ANÁLISE DA COBERTURA VACINAL DE HEPATITE B EM GOIÁS, SINAIS DE ALERTA

Igor de Oliveira Carvalho¹, Lara Cristina da Cunha Guimarães Silva¹

¹Universidade Federal de Goiás

Apresentador: Igor de Oliveira Carvalho

E-mail: igorolivcarvalho@gmail.com

Introdução: Quando se trata de hepatites virais, é imprescindível eleger a correlação entre políticas públicas coesas de imunização, uma ampla completude vacinal e a redução drástica dos casos de hepatite B, o mesmo com agentes imunogênicos disponíveis no mercado. No entanto, o enfraquecimento de políticas públicas de incentivo à imunização por ideologias neoliberais emergentes tem dificultado o acesso e a aquisição de imunobiológicos, principalmente em países em desenvolvimento. **Objetivo:** Realizar análise de tendência das taxas de cobertura vacinal contra hepatite B em dez anos no estado de Goiás. **Métodos:** Trata-se de um estudo ecológico de série temporal. A população do estudo foi composta de todos os imunizados por hepatites virais, residentes em Goiás, entre 2008 a 2018. Os dados foram extraídos do sistema de informação do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. Foi feita análise de tendência linear das taxas anuais de vacinação contra hepatite B segundo ano de vacinação. **Resultados:** Em 2014 houve a inclusão da vacina contra hepatite B em crianças até 30 dias. Mesmo com esse incremento, a cobertura vacinal

de hepatite B apresentou uma curva descendente, tanto em crianças até 30 dias quanto em adultos. **Conclusão:** A tendência de cobertura vacinal apresentou uma curva descendente no número de imunizados, representando um sinal de alarme para o enfraquecimento das políticas de imunização no país.

Palavras-chave: cobertura vacinal, vigilância sanitária, hepatite B.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P304>

P-304 – ACOMPANHAMENTO E MONITORAMENTO DA PESSOA DIAGNOSTICADA COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA NO CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO SÃO MIGUEL ATÉ SUA VINCULAÇÃO NA REDE ESPECIALIZADA

Jardel Macedo Soares¹, Esmeraldina Carlos de Fatima Peixoto Neri²

¹Prefeitura do Município de São Paulo

²Universidade Brasil

Apresentador: Jardel Macedo Soares Soares

E-mail: jardell.ms@gmail.com

Introdução: A adesão é um processo dinâmico e multifatorial que abrange aspectos físicos, psicológicos, sociais, culturais e comportamentais, que requer decisões compartilhadas e corresponsabilizadas entre a pessoa que vive com vírus da imunodeficiência humana e síndrome da imunodeficiência humana adquirida, a equipe de saúde e a rede social. **Objetivo:** Monitorar e acompanhar a pessoa diagnosticada com vírus da imunodeficiência humana/aids desse Centro de Testagem e Aconselhamento até sua inserção no Serviço Assistência Especializada por meio dos sistemas de informações disponíveis e de contatos telefônico com os pacientes. **Métodos:** Implantação de processos de trabalho, com a realização de monitoramento, acompanhamento e intervenções com os pacientes, utilizando os dados e informações disponíveis e o contato pactuado com o paciente partir da saída do paciente do Centro de Testagem e Aconselhamento até a chegada ao Serviço Assistência Especializada e seguimento da terapia antirretroviral. **Resultados:** Foram monitorados os (n=74) pacientes diagnosticados no ano de 2020, sendo 85,1% (n=63) vinculadas ao Serviço Assistência Especializada de 0 a 30 dias e 8,1% (n=6) vinculados entre 30 a 60 dias, e 6,7% (n=5) continuam sendo acompanhados, mas ainda não chegaram a nenhum serviço. **Conclusão:** Essa ação possibilitou a intervenção rápida com pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids diante das vulnerabilidades estruturais, individuais e sociais em relação às dificuldades de acesso aos serviços especializados, possibilitando o suporte necessário para a chegada desses pacientes ao Serviço Assistência Especializada e destacou que Centro de Testagem e Aconselhamento está posicionado estrategicamente no processo de facilitação e apoio para o processo de adesão ao tratamento da pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência humana/aids imediato ao diagnóstico.

Palavras-chave: monitoramento, HIV, aids, tratamento.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P305>

P-305 – DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM EM PUÉRPERA USUÁRIA DE COCAÍNA DIAGNOSTICADA COM SÍFILIS

Maisa Leitão de Queiroz¹, Livia Karoline Torres Brito², Raquel Silveira Mendes³, Edgley Carneiro Aguiar², Juliana Sampaio Santos², Morgana Boaventura Cunha², Luana Duarte Wanderley Cavalcante², Raquel Ferreira Gomes Brasil², Livia de Paulo Pereira³, Vanessa da Frota Santos³

¹Centro Universitário Ateneu

²Maternidade Escola Assis Chateaubriand

³Universidade Estadual do Ceará

Apresentador: Maisa Leitão de Queiroz

E-mail: q.l.maisa@gmail.com

Introdução: A sífilis caracteriza-se por ser estigmatizada culturalmente por estar associada a grupos como usuários de drogas. **Objetivo:** Identificar os diagnósticos de enfermagem em puérpera usuária de cocaína diagnosticada com sífilis. **Métodos:** Trata-se um estudo descritivo, do tipo estudo de caso, realizado em abril de 2021 em Fortaleza (CE). Utilizou-se o *North American Nursing Diagnosis Association* para constatar os diagnósticos de enfermagem, aprovado pelo comitê de ética, sob número 1.899.089. **Resultados:** N.J.B., 26 anos, sexo feminino, usuária de cocaína, não realizou pré-natal, G2P2NA0, no 5º dia pós parto vaginal, laceração grau II, hipertensão arterial sistêmica e/ou síndrome hipertensiva específica da gravidez interrogadas, inserção de dispositivo intrauterino de cobre, teste rápido reagente para sífilis, Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas 1:64. O parceiro não realizou tratamento para sífilis. Ao exame físico, paciente apresentou-se em bom estado geral, hidratada, normocorada e com puerpério fisiológico. Aceitou dieta via oral. Concluiu ciclo de sono-vigília. Mama ingurgitada à esquerda e flácida à direita. Ausculta pulmonar com murmúrios vesiculares presentes. Abdomen flácido, útero contraído a 3 cm acima da cicatriz umbilical, com loquiação fisiológica e boa cicatrização da laceração. Membros inferiores sem edema ou cianose, panturrilhas livres. Paciente evoluiu clinicamente estável, com melhora da pressão arterial após início de anlodipino. Negava sinais de iminência de eclâmpsia e

referiu ter realizado tratamento para sífilis há seis anos. Paciente segue sob os cuidados de enfermagem. A partir das informações, constataram-se os diagnósticos de enfermagem: comportamento de saúde propenso a risco, autonegligência relacionada a abuso de substância, risco de vínculo prejudicado, risco de infecção relacionado a alteração na integridade da pele e doença crônica, risco de pressão arterial instável. **Conclusão:** A maioria dos diagnósticos de enfermagem constatados classificam-se como de risco e estão relacionados com o abuso de substâncias. Ademais, percebe-se que o levantamento dos diagnósticos propicia o desenvolvimento de intervenções humanizadas e fidedignas.

Palavras-chave: período pós-parto, sífilis, diagnóstico de enfermagem.

<https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-202133P306>

P-306 – PROJETO DE PESQUISA: CONHECIMENTO DOS JOVENS DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DE MINAS GERAIS ACERCA DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Silas José Braz Filho¹, Jony Pimenta de Vasconcelos Neto¹, Larissa Beatriz Evangelista Santana¹, Arthur Henrique Resende Porto¹, Policardo Gonçalves da Silva²

¹Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Passos

²Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Apresentador: Silas José Braz Filho

E-mail: silas.2132358@discente.uemg.br

Introdução: A detecção e o manejo das infecções sexualmente transmissíveis, como sífilis, vírus da imunodeficiência humana, hepatites B e C, são, ainda hoje, um desafio para as instituições de saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde, tendo em vista a existência

de diversos agentes etiológicos, os quais podem causar desde danos mínimos até mais graves, como o óbito e as altas taxas de diagnóstico no país. Dentro desse contexto, tomando-se como base revisão bibliográfica, é importante destacar que os jovens brasileiros possuem conhecimento insuficiente sobre o tema, havendo ainda uma grande prevalência de infecções sexualmente transmissíveis entre eles. **Objetivo:** Objetiva-se, com este projeto, avaliar o conhecimento dos jovens do município em questão sobre educação sexual, possibilitando, a partir dos dados obtidos, o planejamento de ações futuras que visem à prevenção e à promoção de saúde no que tange à vida sexual do jovem. Tem-se como objetivo também complementar o conhecimento dos pesquisadores das áreas de epidemiologia, medicina preventiva e bioestatística, a fim de estruturarem discussões a respeito do tema com a elaboração de relatórios técnicos e científicos, despertando o interesse pela pesquisa. **Métodos:** O projeto será colocado em prática por meio de um estudo do tipo descritivo, transversal e de abordagem quantitativa, que será realizado em um município do interior de Minas Gerais, com população estimada de 114.679 habitantes pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com 9.037 estudantes do ensino médio. Destaca-se que, em razão da pandemia de COVID-19, optou-se por realizar a coleta de dados por meio de formulários *on-line*. **Resultados:** Ao término da pesquisa, espera-se traçar um perfil relacionado ao conhecimento que a população estudada possui acerca de infecções sexualmente transmissíveis a fim de conhecê-la melhor, direcionando estratégias de acordo com suas necessidades. **Conclusão:** Conhecer a população-alvo é a melhor forma de estabelecer medidas que aperfeiçoem a educação sexual, bem como planos de prevenção, diagnóstico e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: educação sexual, infectologia, planejamento social.